



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
DOUTORADO ACADÊMICO**

**NARRATIVAS SOBRE ENCONTROS AFETIVO-SEXUAIS ENTRE HOMENS
EM APLICATIVOS SOCIAIS MÓVEIS: DESEJOS, CORPOS, ENCRUZILHADAS E
ITINERÁRIOS**

José Gomes de Oliveira Neto
Orientador: Prof. Dr. Benedito Medrado

RECIFE/PE

2025

José Gomes de Oliveira Neto

NARRATIVAS SOBRE ENCONTROS AFETIVO-SEXUAIS ENTRE HOMENS EM
APLICATIVOS SOCIAIS MÓVEIS: DESEJOS, CORPOS, ENCRUZILHADAS E
ITINERÁRIOS

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Benedito Medrado.

RECIFE/PE

2025

.Catalogação de Publicação na Fonte. UFPE - Biblioteca Central

Oliveira Neto, José Gomes de.

Narrativas sobre encontros afetivo-sexuais entre homens em aplicativos sociais móveis: desejos, corpos, encruzilhadas e itinerários / José Gomes de Oliveira Neto. - Recife, 2025. 190f.: il.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2025.

Orientação: Benedito Medrado.

Inclui referências e apêndices.

1. Masculinidades; 2. Aplicativo de relacionamento; 3. Território. I. Medrado, Benedito. II. Título.

UFPE-Biblioteca Central

JOSÉ GOMES DE OLIVEIRA NETO

NARRATIVAS SOBRE ENCONTROS AFETIVO-SEXUAIS ENTRE HOMENS EM
APLICATIVOS SOCIAIS MÓVEIS: DESEJOS, CORPOS, ENCRUZILHADAS E ITINERÁRIOS

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Psicologia.

Aprovada em 14/03/2025

BANCA EXAMINADORA:

Prof^o. Dr. Benedito Medrado Dantas (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^o. Dra. Maria Lúcia Chaves Lima (Examinadora Externa)
Universidade Federal do Pará

Prof^o. Dr. Luís Augusto Vasconcelos da Silva (Examinador Externo)
Universidade Federal da Bahia

Prof^o. Dr. Jorge Luiz Cardoso Lyra da Fonseca (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a. Dra. Ana Karina Moutinho Lima (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Dedico esta tese a Zélia Possidônio, professora de artes mencionada na última seção deste trabalho e a quem devo minha eterna gratidão. Por sua coragem em romper o pacto de silêncio da homofobia, por sua inabalável defesa da diversidade e, sobretudo, por ter sido uma inspiração tão profunda – não apenas para criar, mas para existir plenamente. Que seja lembrada não apenas como a importante professora, poeta, escritora, atriz e diretora teatral que és, mas como alguém que tocou profundamente as vidas ao seu redor.

AGRADECIMENTOS

Esta tese não foi escrita só. Esta tese é fruto de um entrelaçar de encontros, afetações e reflexões, costurados ao longo de anos por tantas mãos. Embora conduzida formalmente por mim, ela é tecida pelas presenças que me atravessaram neste percurso.

Agradeço a Deus. Não àquela figura punitiva ou repressora, tampouco ao homem branco que, enquanto me criava à sua imagem, rechaçava quem eu sou. Refiro-me à força divina – que, ao mesmo tempo, são muitas – que habita em mim, me envolve e ilumina. Essa presença sutil, mas extremamente poderosa, me faz sentir amado, acalentado, guiado e fortalecido ao longo dos caminhos que se abriram diante de mim.

À minha família, de modo mais específico, minha mãe, minha avó e minha irmã, pelo entendimento – assim como pela falta dele – diante das minhas ausências e cansaços ao longo deste percurso. Também pela fonte inesgotável de amor e preces para que este processo fosse finalizado com o devido sucesso. Estendo, ainda, minha gratidão ao meu avô e ao meu tio (em lembrança e saudade), figuras tão fundamentais para quem eu sou.

Recordo-me com ternura de Indie, que agora vive em minha memória, e de Valentin, meus filhinhos felinos, que recarregam minha energia diariamente, acompanhando-me ininterruptamente durante todo o processo de escrita. O amor deles me arrebatava e faz-me sentir o ser humano mais especial que poderia existir.

Aos participantes da pesquisa, que foram gentis ao compartilhar histórias íntimas e extremamente difíceis de serem contadas. Por me apresentarem sua vulnerabilidade e, com isso, permitirem a construção de reflexões tão férteis. Tenho imenso orgulho desta tese, que só se tornou possível graças à bravura e à resistência de cada um deles.

Às minhas amigas e aos meus amigos, espalhados pela geografia ou próximos de mim, reconheço em cada um o papel muito importante para que a escrita desta tese fosse possível. Afinal, são a família que escolhi. Sinto-me amplamente abençoado ao constatar a admiração e o amor que temos reciprocamente. Diversas vezes, foi esse o sustento mais que necessário para persistir.

A Benedito Medrado, meu orientador, expressei meu reconhecimento pelas inquietações e deslocamentos tão necessários para que eu pudesse construir novos rumos e, ao mesmo tempo, sentir-me autônomo para criar, propor e desenvolver discussões.

À professora Mônica, ou carinhosamente Moli, agradeço pelo acolhimento afetuoso, pela escuta atenta e pela generosidade com que me recebeu no LEV e na UFBA. Conhecê-la mudou consideravelmente a forma como enxergo a pesquisa e o papel docente. Ela é, de fato, uma inspiração e uma referência importante.

À banca avaliadora, manifesto meu profundo agradecimento pela disposição em contribuir com este trabalho. A Jorge Lyra, por ter abraçado essa ideia desde o mestrado e possibilitado seu desenvolvimento; sua presença nesta banca é fundamental. A Guga, por ter atravessado toda a minha formação acadêmica (graduação, mestrado e doutorado), sendo, desde sempre, tão carinhoso e cuidadoso. À Lúcia Lima, por me permitir contar com sua avaliação; as reflexões que compartilhou nos espaços em que a assisti ou li sempre me mobilizaram profundamente. À Karina Moutinho, pela leitura atenta, pelas provocações necessárias e pelo evidente cuidado com esta tese.

Ao GEMA como um todo, por ter sido um importante esteio e refúgio acadêmico. Em especial, a Well, por quem tenho um profundo amor fraternal, que segura minha mão desde o mestrado e com quem consigo alinhar reflexões, possibilitando-me sustento, seja para a academia, seja para a vida. A Dan, que também um amigo muito importante desde o mestrado, tão doce e sensível em nossas trocas; sou grato pela lealdade, o seu incentivo é mais que especial. À Mona, pela fiel disposição em ajudar e por nossas fofocas paralelas; que bom contar com ela nesse percurso. À Moema, pela eterna gentileza, pelo cuidado, pelo incentivo e pela parceria que permeia nossa amizade, tão necessária nesse processo. À Jámille, pela confiança e pelo apoio sempre tão seguro e disposto. À Rai, pelos dilemas compartilhados, pelas risadas e pelo constante apoio.

Ao LEV/UFBA, pelas trocas fecundas que ressoam em minha prática acadêmica e na vida. Externo minha gratidão também pelo acolhimento terno e por terem permitido construir junto. Em especial, todo meu carinho e gratidão a Ruan, Daniel, Maria, Jordôa, Djean, Mary, Emilly e Tiago.

Ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFPE, destaco minha gratidão pelos espaços de escuta e construção coletiva com professoras e professores, que proporcionaram reflexões, inclusão e novas possibilidades de fazer ciência. Estendo também meu agradecimento a Werik pelo cuidado dispensado.

À FACEPE, pelo privilégio de receber bolsa durante todo o doutorado e pela possibilidade de mobilidade acadêmica na UFBA, tão necessária à manutenção da qualidade desta produção.

Por fim, mas não menos importante, a mim mesmo. Foram quatro anos intensos e difíceis, cheios de mudanças pessoais, profissionais e acadêmicas. Enfrentei perdas extremamente difíceis, mas também alcancei inúmeras conquistas. Orgulho-me, sobretudo, do que construí a partir – ou apesar – de tudo isso. Escrevo para que os agradecimentos fiquem documentados, mas também para que eu jamais esqueça os caminhos percorridos, o apoio recebido e a força que me atravessaram nesse contexto.

RESUMO

Esta tese tem como **objetivo** geral analisar a produção de sentidos sobre masculinidade entre homens que mantêm relações afetivo-sexuais com outros homens, via aplicativos social móvel, em cidade nordestina de médio porte. A **fundamentação teórica** se orienta a partir de reflexões feministas, pós-construcionistas, sobre performatividade de gênero, compreendida como tecnologia do sistema sexo-gênero, que tensiona normas culturais. A territorialidade e o ciberespaço são aqui definidos como espaços simbólicos que conformam práticas sociais e sexuais. O **método** empregado foi o da Metodologia de Produção de Narrativas (MPN), no qual se prioriza a coautoria entre pesquisador e interlocutores, na construção discursiva. Foram produzidas/analizadas quatro narrativas que foram desenvolvidas por meio de entrevistas dialogadas, seguidas por devolutivas que permitiram ajustes colaborativos. Este método possibilitou compreender tensões e negociações sobre gênero e sexualidade, enfatizando a interação entre contextos culturais, históricos e as dinâmicas específicas das experiências dos participantes. Os **resultados** sugerem como as narrativas e devolutivas propiciaram um espaço transformador para os interlocutores, destacando múltiplas formas de resistência e ressignificação das masculinidades dissidentes. O encontro dialógico sinalizou o impacto do território físico e digital na produção de subjetividades, destacando estratégias de visibilidade, ocultamento e agência frente às normatividades cisheteronormativas. A prática ética de devolutiva permitiu a coautoria dos participantes, reforçando a pluralidade de significados e o protagonismo na construção do conhecimento, em um contínuo de aprendizado e transformação.

Palavras-chave: masculinidades, aplicativo de relacionamento, território, ciberespaço.

ABSTRACT

This thesis has the **general objective** of analyzing the production of meanings around masculinity among men who engage in affective and sexual relationships with other men, mediated by mobile social applications, in a medium-sized city in Brazil's Northeast. The **theoretical framework** is guided by feminist and post-constructionist reflections on gender performativity, understood as a technology of the sex-gender system that challenges cultural norms. Territoriality and cyberspace are defined here as symbolic spaces shaping social and sexual practices. The **methodology** employed was the Narrative Production Methodology (NPM), which prioritizes co-authorship between the researcher and interlocutors in the discursive construction process. Four narratives were produced and analyzed through dialogical interviews, followed by collaborative feedback sessions that allowed for adjustments and shared reflections. This approach captured tensions and negotiations around gender and sexuality, emphasizing the interaction between cultural and historical contexts and the specific dynamics of the participants' experiences. The **results** highlight how the narratives and feedback processes created a transformative space for the interlocutors, revealing multiple forms of resistance and resignification of dissident masculinities. The dialogical encounter shed light on the impact of physical and digital territories on the production of subjectivities, emphasizing strategies of visibility, concealment, and agency in response to cisheteronormative. The ethical practice of feedback reinforced the plurality of meanings and the participants' protagonism in the knowledge construction process, fostering a continuous cycle of learning and transformation.

Keywords: masculinities, dating app, territory, cyberspace.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
1. MARCO REFERENCIAL	17
1.1 DIALOGANDO COM AS PRODUÇÕES IDENTIFICADAS	23
2. MARCO TEÓRICO.....	35
2.1 O TERRITÓRIO COMO MARCADOR DA IDENTIFICAÇÃO, MAS TAMBÉM DA DIFERENÇA.....	40
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	55
3.1 LENTES EM MOVIMENTO: CONSTRUINDO INTERPRETAÇÕES A PARTIR DO PÓS-CONSTRUCIONISMO SOCIAL.....	56
3.2 METODOLOGIA DE NARRATIVAS	58
3.3 A METODOLOGIA DE PRODUÇÃO DE NARRATIVAS	61
3.4 IDENTIFICANDO POSSÍVEIS PARTICIPANTES E FORMALIZANDO INTERLOCUTORES.....	63
4. A CONSTRUÇÃO DAS INFORMAÇÕES A PARTIR DAS NARRATIVAS	69
4.1 FRONTEIRAS DO PRAZER: DESEJOS, LIMITES E INTIMIDADES NA NARRATIVA DE LUCAS.....	74
4.2 ENTRE LUZES E SOMBRAS: A PELE, O MEDO E A DESCOBERTA DOS CORPOS PARA LEO.....	84
4.3 O PREÇO DA LEVEZA: MARCOS EM ENCRUZILHADAS	94
4.4 ENTRE CIDADES E DESEJOS: CONSTRUINDO ITINERÁRIOS COM FERREIRA	103
4.5 POSSÍVEIS APROXIMAÇÕES E CONTRASTES/DIFERENCIAÇÕES ENTRE AS NARRATIVAS	111
5. ALGUMAS ANÁLISES.....	115
5.1 Territórios de Ocultamento: A Regulação das Masculinidades Dissidentes na Cidade de Menor Porte e no Ciberespaço	117
5.2 MÚLTIPLOS USOS E SIGNIFICADOS: AS DIVERSAS DIMENSÕES DOS APLICATIVOS DE RELACIONAMENTO	130
5.3 NARRATIVAS COMPARTILHADAS: A DEVOLUTIVA COMO ESPAÇO DE PRODUÇÃO DE SIGNIFICADOS	140
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	157
6.1 A CARTA.....	163

7. REFERÊNCIAS	168
APÊNDICE A – LISTA DE PUBLICAÇÃO SELECIONADA NA REVISÃO DE LITERATURA	182
APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA	186

APRESENTAÇÃO

Esta tese se insere na linha de pesquisa “Processos Psicossociais, Poder e Práticas Coletivas” do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e foi desenvolvida na interface com outros estudos e pesquisas desenvolvidas no âmbito do Núcleo Feminista de Pesquisas em Gênero e Masculinidades (GEMA). Nossa produção se inscreve entre construções científicas alicerçadas em uma posição dialógica diante das questões político-sociais. Na contramão dos saberes hegemônicos construídos sob a égide da imparcialidade, propomos tecer diálogos historicamente situados e em trânsito com o debate político-científico contemporâneo. Esta tese é, assim, produto de uma pesquisa e se situa no **campo** dos estudos de gênero e sexualidade, tendo como **tema** os encontros sexuais entre homens, residentes em cidade nordestina de médio porte, mediados por tecnologias de comunicação, e como **objeto** de investigação as produções de sentidos sobre masculinidades.

Para delimitarmos nossa proposta, é necessário, inicialmente, explanar sobre o lugar de onde e por que falo¹, com base em um direcionamento pós-construcionista que possibilita situar minha posição dentro do campo-tema escolhido. Compreendemos o campo para além do lugar onde se “coletam dados”; trata-se daquilo que se localiza ao meu redor como pesquisador, bem como do meu desejo de investigar o problema e minhas escolhas e leituras teóricas, que resultam na configuração de um campo-tema, a partir do diálogo com Peter Spink (2003). Nesse sentido, nosso campo-tema emerge como potencial catalisador de mobilizações, reflexões e conhecimento acerca de sociabilidades, produção de subjetividades e, conseqüentemente, do repensar do fazer psicológico.

Soma-se a isso a aproximação com as epistemologias feministas, pelas quais discutimos os “saberes localizados” na construção do conhecimento como fruto de um processo de amadurecimento pessoal, profissional, político e científico, sem pretensões de segregá-los, mas, ao contrário, enaltecer sua imbricação, conforme Donna Haraway (1995).

¹ Aqui peço licença para flexionar a escrita deste texto entre o “eu” e o “nós”, pois, em contraponto a uma proposta de distanciamento, entendemos que esta produção é tecida por muitos atores e atrizes que atravessaram o campo discursivo, existencial e relacional do meu fazer desde a pesquisa da dissertação de mestrado. Isso não apenas pelas relações que estabeleço com meu orientador, com os colegas do GEMA, ou pelas referências que alicerçam meus argumentos teóricos, mas também, e sobretudo, pelas marcas e vozes que carrego em mim e que, invariavelmente, conduzem os caminhos metodológicos e suas reflexões subseqüentes.

Assim, apresento-me a partir de posições de sujeito relevantes ao campo-tema desta pesquisa: sou um homem cisgênero, branco, nascido em uma cidade de médio porte da Bahia, gay, que compreendeu e legitimou sua orientação não heterossexual no sertão pernambucano, onde residi por mais de uma década – parte desse tempo em Petrolina, outra parte em Serra Talhada, mas com constantes idas ao Recife, tanto para lazer como para estudo. Nesses territórios, envolvi-me com movimentos sociais LGBTQIAPN+², como estratégia para me aliar a iniciativas de luta contra opressão cultural e social.

Sou também psicólogo e professor de Psicologia, o que me possibilita debruçar sobre o entrelaçamento das práticas *psi* com as políticas públicas, buscando visibilizar demandas de grupos socialmente subalternizados. Além disso, essas atribuições também me permitiram importantes atravessamentos no estudo da Psicologia e suas teorias, metodologia científica, direitos humanos e discussões sobre diversidade sexual e de gênero.

Na dissertação de mestrado, problematizei os atravessamentos da heteronormatividade nos encontros entre homens mediados por aplicativos sociais móveis, refletindo sobre os conflitos inerentes à construção das masculinidades por meio de práticas sexuais socialmente marginalizadas. A imersão nesse campo-tema permitiu-me vislumbrar o território como questão relevante nas produções e reformulações de práticas sexuais e dos sentidos atribuídos aos homens usuários do aplicativo. Por conseguinte, esta tese de doutorado configura-se como desdobramento de questões que a pesquisa de mestrado suscitou e que, dada sua limitação temporal, provocou deslocamentos em relação ao objeto que agora começam a se assentar – ou talvez seja esta mais uma tentativa de algo que não se esgota em si mesmo, mas que instiga ainda mais. Nessa direção, trago, pois, duas circunstâncias que me auxiliam a apresentar nossas motivações e interesses para esta tese.

A primeira remete a um dos interlocutores iniciais com quem dialoguei durante a pesquisa de mestrado. Era um jovem de aproximadamente vinte e cinco anos que, há poucos meses, havia deixado uma cidade menor (dita como “interiorana”) para estabelecer-se no Recife. Inicialmente, mostrava-se bastante ressabiado quanto à possibilidade de se expor; contudo, gradualmente, permitiu-se compartilhar suas experiências de profunda transformação

² Convencionamos o uso da sigla LGBTQIAPN+ para nos referirmos ao grupo composto por pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, *queer*, intersexo, assexuais, pansexuais e não-binários, além de outras possíveis identidades de gênero e orientações sexuais representadas pelo sinal de adição (+).

na vivência de sua sexualidade, após começar a morar sozinho em uma capital e instalar o *Grindr*, aplicativo destinado a facilitar encontros entre homens.

Para comunicar-me essas mudanças (em diversos sentidos), enviou-me um meme que dizia: “O resumo da vida de um gay: nasce, cresce, sai do armário, vai morar em SP e morre”, salientando que, embora não tivesse ido para São Paulo, havia se mudado para Recife. Em um primeiro instante, minha reação foi de espanto, pois interpretei a mensagem como um retrato trágico dos alarmantes índices de violência homofóbica nos grandes centros urbanos. Entretanto, pouco depois, compreendi que o que ele sugeria era São Paulo – generalizada, naquele contexto, também para Recife por ser uma capital acessível a ele naquele momento – como um símbolo de desenvolvimento tecnológico e cultural, e assim, uma promessa de liberdade sexual para pessoas dissidentes às normas de gênero-sexualidade.

Foi então que comecei a refletir sobre algo que, embora tivesse vivenciado de maneira similar, não conseguia nomear: cidades de grande porte possibilitam a elaboração de estratégias de ocultamento de si em relação aos demais, em virtude de sua vastidão populacional e espacial. Além disso, possibilita, muitas vezes, um afastamento do núcleo familiar e social de origem, como forma de conquistar independência do jugo moral, ainda que residindo em mesma cidade. As distâncias entre bairros podem ser tão grandes como entre cidades. Assim, a dimensão cultural, o aspecto político, o espaço físico e a densidade populacional colocam as práticas de sexo casual dissidentes no horizonte do possível. Esse interlocutor me apresentou, portanto, a dificuldade em lidar com os mecanismos de controle social sobre seu corpo, sexualidade e gênero, impostos unicamente por ser percebido como homem.

A segunda circunstância diz respeito à trajetória de um amigo. Nossa amizade teve início no final da adolescência, quando reconhecemos, um no outro, a possibilidade de compartilhar descobertas e estranhamentos acerca de uma sexualidade homo-orientada, que se contrapunha aos modelos de masculinidades impostos. Esse amigo, único filho homem de uma família tradicionalmente cristã protestante, branco e pertencente à alta classe média, foi compelido a cursar uma graduação que favorecesse a continuidade dos empreendimentos paternos. Após formado, não apenas por seu empenho, mas sobretudo pelos privilégios sociais que lhe foram assegurados, ascendeu notavelmente em sua profissão, alcançando condições superiores às do negócio do pai, o que resultou em seu distanciamento do núcleo familiar – primeiramente ao fixar residência em Salvador e, posteriormente, em São Paulo.

Essas mudanças contribuíram significativamente para que ele rompesse as barreiras do jugo moral em relação a seus desejos – paralelamente a uma autonomia financeira e profissional – e, enfim, vivenciasse práticas homo-orientadas, sobretudo na última cidade. Recordo-me quanto ele discorria sobre as possibilidades (bem como os receios) que se lhe apresentavam no uso de aplicativos de encontros que mediarão essas experiências, assim como das dúvidas, incertezas e preconceitos enfrentados, desde o envolvimento com um homem de sorologia distinta até a relação com seu próprio corpo e imagem, hoje completamente reformulados.

Essas memórias que aqui evoco permitem-nos apontar uma questão relevante na introdução desta tese: as experiências de sexualidade e de gênero constituem-se de modos distintos em relação aos marcadores sociais de quem as experimenta, bem como em função do território em que se inserem. É importante compreender que, ao destacarmos esse ponto, nos referimos a dois aspectos desse território – a dimensão espacial e a esfera sociocultural – que, como será desenvolvido adiante, delineiam os modos de relação e os sentidos atribuídos a grupos e pessoas. Os agenciamentos culturais sobre ser homem orientam-se pelos significados construídos localmente acerca das masculinidades. Nesse contexto, o núcleo familiar destaca-se como agente de manutenção desse padrão que, dentro do modelo hétero-patriarcal, formaliza o masculino em oposição ao feminino e hierarquiza os diversos tipos de homens conforme o grau de distanciamento do modelo de macho viril (Rubin, 1986).

Portanto, propomos aqui dialogar sobre os enredamentos culturais das masculinidades, tangenciados pelos padrões normativos e agenciados tanto nas práticas sexuais quanto no contexto local em que se desdobram, sobretudo porque compreendemos que tais aspectos permeiam os modos de subjetivação dos homens, seu entendimento sobre masculinidades e as formas de lidar com seus anseios mais íntimos. Todavia, embora incidam sobre qualquer indivíduo, manifestam-se de modo distinto conforme os marcadores sociais da diferença. Nesse sentido, percebemos que as masculinidades transviadas, diante do modelo cisheteronormativo, organizam-se e afetam-se de maneiras singulares perante as estruturas reguladoras de sexualidade e gênero.

Por um longo período, os saberes médicos e jurídicos classificaram pessoas LGBTQIAPN+ como “invertidos”, por destoarem do padrão cisheterossexual. Tal denominação, além de estigmatizante, integrou um movimento que buscou controlar, punir e patologizar esses corpos, de modo que perspectivas eugenistas e a moral cristã sustentaram a marca da dissidência como obstáculo à diversidade sexual e de gênero (Green, 2022). Apesar

dos avanços conquistados pelos movimentos sociais – não sem árduo esforço –, tais argumentos ainda ressoam em grupos que se opõem a uma política equânime de corpos e prazeres.

Ao considerar esses aspectos, apontamos a dificuldade em se reconhecer como parte de um grupo profundamente subalternizado e socialmente rechaçado, o que torna ainda mais penosa a vivência autêntica. Nesse contexto, a autoaceitação de desejos e prazeres torna-se um processo delicado, uma vez que está situada no campo do abominável. Assim, o ocultamento dessas características e sua adaptação a modelos hegemônicos cisheteronormativos são denominados por Eve Sedgwick (2007) como o “armário”.

Quando tais questões referem-se à vivência dos homens homo-desejantes, percebemos que se organizam sobre alicerces machistas, misóginos, patriarcais e homofóbicos, o que faz, segundo Felipe Padilha (2015), emergir o elemento do segredo como estratégia para vivenciar sexualidades dissidentes e, ao mesmo tempo, sustentar um padrão cisheterossexual diante dos outros. Essas práticas sexuais, sigilosas e desprovidas de compromisso romântico-afetivo, denominadas “pegação” entre homens homo-eroticamente-orientados, são estudadas por diversos pesquisadores que traremos adiante; mas aqui vale considerar que se configuram de múltiplas formas na cena sexual gay. Na contemporaneidade, o uso das mídias sociais agrega-se às preliminares dessas práticas, potencializando o sigilo. Em cidades menores, pressupõe-se que, devido à sua dimensão, exista um ambiente recortado pelo sistema panóptico foucaultiano, o que acarreta nas dissidências um temor de ser descoberto e julgado (Padilha, 2015).

Em meio a tais reflexões, pondero sobre os fluxos que permeiam esse movimento, não apenas de saída do armário, mas da vivência contra-hegemônica. Isso porque as questões enfrentadas por pessoas LGBTQIAPN+ transcendem a simples afirmação diante de indivíduos cisgênero e heterossexuais; nossos desafios se manifestam cotidianamente, especialmente diante de uma cultura cisheteronormativa. Somadas a essas afetações, delineamos o percurso que almejamos materializar nesta tese, partindo inicialmente da seguinte problematização: Como os *apps* de encontro se insere nas estratégias e na construção dos modos de se relacionar com masculinidades por homens que praticam sexo casual em uma cidade de médio porte?

Para tanto, atravessados por essas discussões, empreendemos nossa pesquisa a partir do seguinte objetivo geral: Analisar narrativas sobre sexualidade e performances masculinas entre homens que mantém relações afetivo-sexuais com outros homens, via aplicativos sociais móveis, em uma cidade nordestina de médio porte. Para isso, temos como objetivos específicos:

1) Refletir como o desejo entre homens que utilizam aplicativos sociais móveis para encontros é territorializado, considerando as dinâmicas sociais em torno do gênero e da sexualidade em uma cidade nordestina de médio porte; 2) Compreender os usos e sentidos atribuídos por homens aos aplicativos sociais móveis para encontros, com foco nas práticas de sexo casual em uma cidade nordestina de médio porte; 3) Ponderar sobre as dinâmicas de poder e desejo a partir dos sentidos sobre masculinidades entre homens que usam *apps* social móvel para encontros em uma cidade nordestina de médio porte.

Como forma de organizar esta tese e expor o caminho que a construímos, dividimo-las nas seguintes sessões:

O primeiro capítulo constitui um marco referencial ao apresentar e reconhecer as bases epistemológicas e metodológicas que orientaram esta pesquisa, posicionando-a no contexto mais amplo das discussões contemporâneas sobre masculinidades, sexualidade e práticas de sexo casual entre homens. Em vez de adotar uma lógica rígida de replicação, este capítulo se propõe a um olhar dialógico, criativo e sensível às múltiplas produções e nuances que compõem o nosso campo-tema. Nesse aspecto foi possível identificar tensões e lacunas no conhecimento sobre o uso dos aplicativos de encontros entre homens, levando-nos a propor novas questões que não apenas ampliam o debate acadêmico, mas também têm implicações ético-políticas significativas para a compreensão das dinâmicas sociais e culturais. Assim, convidamos o leitor a uma reflexão sobre como a territorialidade, a cultura digital, e as práticas sexuais desafiam e reconfiguram as normas de gênero e as masculinidades hegemônicas.

No segundo capítulo, exploramos os fundamentos conceituais que sustentam esta tese, investigando como gênero, masculinidades e sexualidade são culturalmente construídos e desafiados em um contexto patriarcal e machista. Partindo de uma rica interlocução com teóricas/os como Judith Butler, Michel Foucault, Joan Scott, e Gayle Rubin, apresentamos as bases teóricas que nos permitem problematizar as noções tradicionais de masculinidade e suas performances. Além disso, trazemos à discussão o conceito de território, que é explorado para além de sua concepção física, sendo compreendido como um espaço social e simbólico que afeta e é afetado pelas interações humanas. Com base em autores como Milton Santos, Michel Foucault e Claude Raffestin, refletimos sobre a sobreposição entre o território físico e o digital, destacando como os territórios híbridos, mediados pela conectividade tecnológica e pelo ciberespaço, reconfiguram as práticas sociais e a produção de subjetividades. Assim, refletimos sobre as complexas dinâmicas de poder e resistência, que se entrelaçam na formação de

identidades de gênero em uma sociedade marcada por normatividades rígidas, mas também por possibilidades de subversão e ressignificação dos espaços e práticas.

No terceiro capítulo, apresentamos os caminhos percorridos e as estratégias adotadas para construir o conhecimento com nossos interlocutores de pesquisa. Partindo de um posicionamento pós-construcionista social, baseamo-nos em lentes móveis e dinâmicas que nos possibilitaram abraçar a complexidade e a incerteza do processo de investigação, reconhecendo tanto os acertos quanto os desacertos como parte da jornada. Este capítulo destaca como a interação nos espaços digitais e presenciais possibilitou uma aproximação mais profunda dos participantes e suas histórias, enfatizando a construção colaborativa e performativa das narrativas como uma metodologia que dá voz ativa aos interlocutores.

O capítulo seguinte, o quarto, há um aprofundamento na construção colaborativa do conhecimento a partir das narrativas dos interlocutores, destacando a valorização das múltiplas vozes na interanimação dialógica com o pesquisador. Este capítulo detalha a metodologia adotada, incluindo o desenvolvimento de narrativas que desvendam nuances das masculinidades e experiências íntimas de homens em aplicativos de encontros. A análise é apresentada como um processo ético relacional, ressaltando o diálogo, a devolutiva, além da participação ativa dos interlocutores. O texto desafia verdades absolutas, evitando generalizações ao investigar como as experiências se constroem, negociam e se contradizem nas relações sociais. Ao explorar essas narrativas, abrem-se possibilidades de novas compreensões sobre as tensões e dinâmicas nas vivências de masculinidades.

Já no quinto capítulo, a pessoa leitora encontrará uma imersão em ensaios teóricos que convida a refletir sobre os múltiplos significados das interações humanas, especificamente no contexto das masculinidades dissidentes e da construção de subjetividades tangenciadas pelas interação *online* e face-a-face. Este capítulo oferece um convite a um olhar sensível e ao envolvimento direto com as experiências dos interlocutores, explicitando como as narrativas podem ser co-construídas a partir de um processo de afetação e troca mútua intensa. O texto não busca dar respostas definitivas, mas sim abrir espaço para o diálogo, para a pluralidade de sentidos e para a reconfiguração do conhecimento como algo dinâmico e compartilhado. Aqui, o conhecimento não é mero produto de observação distante, mas sim o resultado de encontros transformadores, onde cada voz contribui para desvelar as sutilezas da resistência cotidiana diante das normas sociais.

Por fim, a última seção dedica-se às considerações finais, nas quais sintetizamos os principais resultados de nossa pesquisa, refletindo sobre suas implicações para o campo de estudo. Além de revisitar os objetivos e questões de pesquisa, avaliamos como os resultados obtidos se relacionam com as teorias e conceitos que embasaram o trabalho, destacando tanto as contribuições como os limites da nossa abordagem. As considerações finais são um ponto de encontro entre o que foi alcançado e os caminhos que se abrem a partir deste trabalho. Nesse sentido, nossa conclusão não se propõe a ser um ponto final, mas um convite à continuidade, reconhecendo que o processo de produção de conhecimento é dinâmico e sempre sujeito a revisões e ressignificações.

1. MARCO REFERENCIAL

Esta seção parte da necessidade de refletir sobre o objeto desta pesquisa, articulando-o com as discussões, estratégias e possibilidades indicadas por estudos anteriores. Aqui propomos a olhar para nosso tema e então formular questões que sejam propositivas e coerentes com as discussões que avançaram atualmente, reconhecendo e delimitando nosso objeto de estudo. Além disso, entendemos como um compromisso ético-político investir na problematização de questões contemporâneas e que produzem impacto significativo nas demandas sociais e no saber-fazer da Psicologia e áreas afins.

Assim, o que propomos aqui rompe com uma ideia de levantamento bibliográfico como caminho para levantar informações que permitem a contextualização e delineamento dos escritos científicos. Propomos um marco referencial que se constrói também a partir da inspiração sobre revisão – não a sistemática, mas a dialógica – dos escritos científicos, somados a outras produções discursivas disponíveis como notícias e acontecimentos que entendemos marcar (ao passo que também define) as formas como, contemporaneamente, os homens homossexuais se relacionam.

Entretanto, para compreender a travessia que fazemos, é necessário entender o ponto que partimos e as premissas que relativizamos. A revisão de literatura é indicada como um processo de levantamento da bibliografia publicada sobre a temática escolhida, possibilitando delimitar o problema de pesquisa, reconhecer/recriar caminhos, identificar principais ausências/brechas e localizar os relevantes impasses teórico-metodológicos (Galvão; Ricarte, 2019). Assim, a revisão se formularia por uma sistematização do conhecimento com objetivos e protocolos bem definidos, capaz de elucidar a questão central, bem como ser reproduzível por outras pessoas.

Helen Aveyard (2023) aponta três objetivos definidos para uma pesquisa bibliográfica: o primeiro seria a resposta a um problema de pesquisa a partir de publicações correlatas; o segundo, como um suporte para a construção de um projeto de pesquisa, de modo a levantar questões, dados e referências; já o terceiro seria uma perspectiva sistemática organizada em torno de uma busca exaustiva e uma análise objetiva. A revisão de literatura sistemática caracteriza-se por estruturar, localizar, analisar criticamente, aderir e integrar os resultados de estudos relevantes acerca de uma questão específica (Dresch; Lacerda; Antunes, 2015).

Durante a pesquisa da dissertação (Oliveira Neto, 2021), nos utilizamos desse modelo sistemático para alicerçar todo o debate teórico de forma que esse registro também será considerado por nós, mas para esse momento propomos novas formas de pensar esse levantamento. Atualizar essa revisão se faz necessário, não apenas para identificar as publicações que surgiram até então, mas, agora, propor novos caminhos de contextualização. Outro argumento importante que também nos fez repensar a rota dos métodos é a nossa posição epistemológica pós-construcionista de pensar uma pesquisa situada, dialógica e contrária a uma lógica positivista. A propósito, Sharon Walker (2015) classifica a revisão sistemática como “reprodutiva”, dada sua característica originalmente positivista de desvelar um saber a partir da replicação de ideias e referências. Além de que, a ideia de conseguir uma justificativa que garanta a anuência de pesquisar a partir dos resultados da revisão, reafirma esse paradigma positivista que, aqui, contrariamos.

Portanto, entendendo um modo de construir saber arregimentado a partir de muitas vozes, o estudo da perspectiva pós-construcionista nos faz repensar as direções. Retomamos, então, uma metáfora proposta por Benedito Medrado e Jorge Lyra (2015) para falar sobre o fazer da pesquisa “ao sabor do vento”, já que a partir desse nosso posicionamento, buscamos nos guiar não com uma bússola (que indica o norte de forma fixa/rígida), mas como uma biruta que aponta diversos caminhos, mudando quando muda o vento. O impacto dessa compreensão para nosso trabalho é de que, desde já, demarcamos que pretendemos experimentar diversas estradas para criar novas formas de pensar-fazer o trabalho e repensar o que nos guia, isso já se iniciou por este marco referencial³. Sendo assim, isso nos permite perspectivar as afetações vindas pelas discussões que se teceram até então, seja nas disciplinas do doutorado, seja nas leituras de outras pesquisas igualmente posicionadas epistemologicamente, seja em diversas produções discursivas veiculadas em outro meios (sobretudo *online*) que nos faz perceber as possibilidades ao nosso redor.

Nesse sentido, nos inspiramos nas propostas de Alfonso Montuori (2005), que parte do sócio-construcionismo – considerando que o sentido é produzido dialeticamente – para pensar o processo de revisão como um caminho criativo, tirando o pesquisador da posição de um

³ Importante considerar que essas reflexões têm início diante do trabalho com a dissertação de Túlio Souza (2022), a partir da dinâmica de anjos que parte de uma perspectiva de construção coletiva para co-orientarmos trabalhos com temáticas afins ao nosso, vinculados ao Núcleo Feminista de Pesquisas em Gênero e Masculinidades (GEMA – UFPE). Portanto, nesse processo de pensar a revisão da leitura de Túlio, me aproximo dos textos de Sharon Walker (2015) e Alfonso Montuori (2005), que também acabam enredando e inspirando a forma como foi pensado esse marco referencial.

espectador que reproduz o conhecimento relevante para realocá-lo na função de agente ativo no diálogo com as obras, com os autores e com a construção do conhecimento. Então, figura para nós o papel de possibilitar um diálogo respeitoso e harmônico com o campo para que a pessoa que nos lê possa continuar produzindo sentido a partir do que trazemos, assim, gerando um novo conhecimento.

A revisão dialógica se sustenta na possibilidade de tecer conexões entre as/os autoras/es, as/os participantes, temáticas e nas questões que não se encerram ou se formatam no texto publicado. Destarte, entendemos que assim poderemos produzir novos diálogos com as produções encontradas, reconhecendo novos marcos referenciais, como também ampliar o debate na interface com outras áreas de conhecimento; pois é na polissemia do que foi construído que se pode ir além, ressonando novas possibilidades, entendimentos e conhecimentos (Walker, 2015).

A partir dessas reflexões e inspirações, decidimos desenhar um caminho metodológico para o nosso marco referencial, privilegiando as discussões sobre masculinidades nas práticas de sexo casual entre homens. Nesse primeiro momento, buscamos entender essas práticas de forma mais ampla, sem restringi-las, necessariamente, ou uso de aplicativos para encontros, pois entendemos que essa delimitação poderia limitar os resultados. Ainda assim, incluímos todas as publicações que adentraram no tema mediado pelo contexto digital, em virtude das especificidades que ele traz para a prática. À vista disso, consideramos uma busca mais específica nas plataformas de indexação, somada a um modo sistemático com as publicações que encontramos ao acaso e por indicação.

Ademais, também consideramos as diversas produções discursivas (não-científica) e manifestações *online* como forma de demarcar o contexto sócio-político em que essas reflexões se fundam. Uma abertura para dialogar com o campo-tema desta tese a partir de distintos documentos de domínio público que o constituem. São textos produzidos de diferentes modos, com distintas abordagens com informações que tangenciam/compõe nosso objeto de estudo. Esse entendimento parte da posição de que se ficarmos fixados apenas na produção textual das bases de dados, estaremos ratificando a dinâmica colonial que é essa que estabelece conhecimento como circunscrito a determinados interlocutores. Em uma pesquisa que se propõe a utilizar o espaço digital como contexto, seria incoerente não considerar as possibilidades de produção de conhecimento a partir dela, além de que, sabemos que as mídias

digitais têm sido o ambiente atual em que as informações circulam/movimentam-se, inclusive adotadas pelos grandes jornais como principal canal de midiatização da informação.

Portanto, no levantamento de informação mais vivencial e assistemático, não utilizamos termos de busca ou bases de dados mais fechadas, ela, na verdade, foi feita de modo bem autônomo a partir daquilo que nos mobilizava, que remetia à pesquisa ou que nos foi indicada a leitura. Destacamos que a seleção incluiu diferentes tipos de fonte como livros, artigos científicos (não encontrados pelo caminho mais sistemático), reportagens jornalísticas e até publicações em aplicativos como *Instagram* e *X* (antigo *Twitter*). Esses materiais compõem o campo-tema do nosso estudo e foram integrados de maneira orgânica nesse levantamento, em virtude da minha inserção prévia na discussão, que já ocorria desde os estudos realizados na dissertação de mestrado. Como resultado desse processo, apresentamos a tabela a seguir.

TIPO DE PRODUÇÃO	QUANTITATIVO
Artigos	4
Livros	2
Reportagens e postagens em redes sociais	7
TOTAL	10

Tabela 1. Levantamento assistemático de textos sobre o campo-tema desta pesquisa

Paralelamente, na seleção do material de modo mais ordenado e sistemático nas plataformas de busca de publicações científicas, utilizamos os termos de busca que foram pensados a partir da familiarização com os conceitos utilizados na discussão sobre masculinidades e práticas sexuais entre homens. De modo a garantir a discussão sobre essa temática, convencionamos nossas buscas a partir dos termos “masculinidades”, “homoerotismo”, “pegação” e “grindr”. O termo “masculinidades” foi pensado buscando garantir a presença de trabalhos que aprofundem no debate de gênero, pensando as expectativas culturais e sociais na construção de sentidos sobre o masculino em homens. “Homoerotismo” foi utilizado estrategicamente, porque, apesar das críticas em torno do conceito, é um termo bastante utilizado nas pesquisas como uma categoria que unifica diferentes vertentes das práticas afetivas-sexuais-eróticas entre homens. “Pegação” foi escolhido por ser usado no Brasil como o equivalente ao *cruising*, termo em inglês que se refere às práticas de sexo casual entre homens. Na mesma direção pensamos “sexo casual” somado ao termo “gay”, como forma de alcançar as publicações que não usam o termo “pegação”. Por fim, também utilizamos “grindr” para vislumbrar as pesquisas que discutiram a pegação mediada pelo contexto digital, já que esse tem sido o principal *app* utilizado por homens homo-desejantes (Oliveira Neto, 2021).

De maneira preliminar e exploratória, e antes de nos aprofundarmos na discussão sobre território, como será realizado nos capítulos subsequentes, escolhemos destacar as produções acadêmicas oriundas do Nordeste brasileiro. Essa decisão visou não apenas sublinhar saberes que se originam das periferias em contraposição aos tradicionais centros hegemônicos de produção científica, mas também compreender as particularidades culturais que atravessam as noções de masculinidades e as práticas sexuais homo-desejantes nesse contexto regional. Para tanto, utilizamos o termo de busca "masculinidades AND nordeste," uma escolha metodológica estratégica que garantiu resultados mais precisos. A inclusão do operador *booleano* AND foi necessário para restringir os resultados às publicações que abordam simultaneamente ambos os termos, uma vez que a busca por "masculinidades" de forma isolada gerou um volume excessivo de resultados, dificultando o foco da análise.

Quanto às bases de dados, privilegiamos fontes que nos possibilitassem diferentes formas de publicações, conforme melhor explicitamos no quadro 1.

Tipo de produção	Fonte	Informações
Artigo	Scielo	Biblioteca eletrônica que abrange uma coleção selecionada de periódicos científicos brasileiros; é o resultado de um projeto de pesquisa da FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, em parceria com a BIREME – Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde. <i>Site:</i> www.scielo.br
Teses e dissertações	BDTD	A Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) integra e dissemina, em um só portal de busca, os textos completos das teses e dissertações defendidas nas instituições brasileiras de ensino e pesquisa. <i>Site:</i> bdtb.ibict.br
Teses e dissertações	Attena	O repositório institucional da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) foi implementado em 2014 com a missão de reunir, armazenar, preservar, divulgar e garantir acesso confiável e permanente à produção acadêmica e científica da Universidade, em um único ambiente digital. <i>Site:</i> repositorio.upe.br

Quadro 1. Base de dados

Com a intenção de dar mais consistência à revisão, estipulamos alguns critérios que nos facilitaram não só a busca, mas ajudaram a delinear os resultados que obtivemos:

Período: consideramos o surgimento do *app Grindr* como um marco temporal que atualiza as formas de fazer pegação, portanto estipulamos um recorte de tempo de 2009 até o presente ano.

Idioma: selecionamos os textos publicados em português como forma de restringir às pesquisas desenvolvidas no Brasil, já que entendemos que as questões culturais impactam nas performatividades de gênero e nas formas como as práticas sexuais são pensadas.

A partir disso, foi gerado a tabela 2, em que apresentamos o quantitativo de publicações em relação ao termo buscado.

TERMOS	SCIELO	BDTD
Masculinidades	158	6387
Homoerotismo	56	180
Pegação	1	7
Grindr	5	7
Masculinidades AND nordeste	2	370

Tabela 2. Termos de busca e resultados por fonte

Os textos que contabilizamos na tabela 2 foram analisados em um processo de refinamento, bastante inspirados pelo que faz Benedito Medrado *et al.* (2011), bem como o que fizemos anteriormente (Oliveira Neto, 2019): fizemos a leitura de todos os títulos e resumos para evitar publicações duplicadas, além de selecionar aquelas que melhor se encaixam no nosso campo, tema e objeto (expostos no primeiro parágrafo da primeira sessão), gerando então a tabela 3. Importante destacar que a ausência da base Attenu na tabela 2 aconteceu em virtude da dificuldade na busca discriminada por termos no site. Como foi possível fazer uma seleção olhando publicação por publicação, em virtude do quantitativo total de teses e dissertações da biblioteca, o resultado dessa busca que já aconteceu de modo mais específico, foi somado ao quantitativo da tabela 3.

TIPO DE PRODUÇÃO	QUANTITATIVO
Artigo	7
Dissertação de mestrado	16
Tese de doutorado	3
TOTAL	26

Tabela 3. Resultados após refinamento

Por fim, com o objetivo de consolidar as informações identificadas nos dois modos de levantamentos, elaboramos a Tabela 4, que apresenta quantitativamente o material selecionado para compor as discussões do nosso marco referencial. Ressaltamos ainda que esse material está referenciado separadamente no apêndice A, para facilitar sua análise e apreciação.

TIPO DE PRODUÇÃO	QUANTITATIVO
Artigo	11
Dissertação de mestrado	16

Tese de doutorado	3
Reportagens e postagens	7
Livro	2
TOTAL	39

Tabela 4. Resultado final do Marco Referencial

1.1 DIALOGANDO COM AS PRODUÇÕES IDENTIFICADAS

Adriel Christ (2021) desenvolve sua dissertação argumentando que a arquitetura do *Grindr* regula, de maneira sutil, as condutas de seus usuários. Embora essa leitura possa, à primeira vista, sugerir um determinismo excessivo, o autor deixa claro que seu foco não recai sobre a interação dos usuários, mas sobre o próprio aplicativo, analisado sob a ótica da racionalidade biopolítica neoliberal. Nesse contexto, Christ denuncia o *Grindr* como parte de uma rede mercadológica que, ao reconhecer o perfil de seu público – composto por indivíduos que buscam romper normas, mas ainda se alinham aos modelos hegemônicos impostos pelo neoliberalismo –, implementa mecanismos que formatam corpos, modos de ser e masculinidades entre homens homo-desejantes. Ao mesmo tempo, fomenta competições internas como forma de sustentar essa estrutura.

Expandindo esse debate, Adriel Christ e Inês Hennigen (2022) argumentam que o *Grindr* contribui para a “capitalização da pegação”, formatando perfis a partir de lógicas heteronormativas e homonormativas, nas quais o corpo é reduzido a seu principal capital. Em contraponto, Fábio Morelli (2017) observa que os aplicativos de pegação surgem como uma estratégia para lidar com o contexto heteronormativo que vulnerabiliza homens com práticas homo-desejantes, oferecendo uma sensação de segurança ao estabelecer relações mediadas pelo ambiente virtual. No entanto, Morelli adverte que esses aplicativos carregam características regulatórias e disciplinadoras comparáveis às de instituições tradicionais como a igreja, a família e a escola.

De maneira mais ampla, André Silva e José Oliveira Neto (2021) exploram as mídias sociais como dispositivos que facilitam o processo de saída do armário para homens gays. Diferentemente de Christ e Hennigen (2022), Silva e Oliveira Neto introduzem a noção de “armarização” e “desarmarização,” considerando um cenário estruturado por normas patriarcais, machistas e homofóbicas que infundem temor nas orientações não-heterossexuais. Em consonância com essa perspectiva, Felipe Padilha (2015) afirma que, em cidades de menor dimensão espacial, a internet – embora não seja considerada um espaço idealizado – permite empregar o “segredo” como estratégia para construir vivências e interações. Assim, o contexto

digital reflete e intensifica dinâmicas sociais, como a alta incidência de discursos de ódio e manifestações de intolerância, sendo simultaneamente produto e agente dessas relações (Silva; Oliveira Neto, 2021). Ainda assim, a *web* se apresenta como um espaço para criar redes de suporte, territorializar o cuidado e fortalecer a autoconfiança, oferecendo oportunidades para vivenciar interações e expressões não-heteronormativas (Silva; Oliveira Neto, 2021).

Epitácio Souza Neto (2009), ao investigar a prostituição masculina em Recife-PE, analisa os processos de dicotomização das práticas sexuais entre homens, destacando como elas são estruturadas em torno da distinção entre quem penetra e quem é penetrado. Souza Neto aponta que, ao centralizar a prática sexual anal, ocorre uma destituição simbólica da masculinidade para aqueles que assumem o papel passivo. Ele descreve uma hierarquização entre os “boys de programa”, onde a possibilidade de ser penetrado por um cliente transforma a identidade de “boy” para “frango”, nivelando-o aos clientes passivos. Esse fenômeno mobiliza a compreensão de como as construções de gênero são mediadas pelos significados atribuídos às práticas sexuais, reforçando os pressupostos do modelo hegemônico heterossexual como matriz normativa para o “fazer sexo” masculino.

Normando Viana (2010), ao abordar a prostituição masculina em Recife-PE, adota uma linha discursiva que dialoga de forma estreita com Epitácio, mas com um foco particular nos mecanismos de modelagem dos corpos e comportamentos para adaptação ao mercado sexual. O autor introduz conceitos como o “exercício mental” e a “modelagem dos corpos para o orgasmo”, apresentando-os como estratégias de sobrevivência no universo da michetagem. Além disso, a monetarização do sexo e as possibilidades de prazer corporal, entrelaçadas à noção de gênero – especialmente na compreensão de como um homem pode simultaneamente incorporar e produzir o prazer sexual –, fundamentam os significados atribuídos à performance dos boys de programa.

Nesse contexto, a performance sexual é cuidadosamente construída para atender às demandas do trabalho, como sinalizam os interlocutores citados pelo autor. Contudo, em nível individual, essa construção tende a relativizar os limites da sexualidade, provocando uma dissolução gradual – ainda que involuntária – entre as fronteiras binárias de heterossexualidade e homossexualidade. Esse processo, porém, não escapa à força reguladora das normas cisheteronormativas, que continuam a se impor como o paradigma dominante. Assim, papéis tradicionais de homem e mulher são reforçados na cena sexual, indicando a persistência de um imaginário conformado por convenções sociais rígidas.

Thiago Oliveira (2016) se dedica a uma cartografia da pegação em João Pessoa-PB, oferecendo, por meio de sua dissertação, um rico panorama antropológico para delimitar o conceito dessa prática. O autor explora os diversos tipos de pegação, incluindo aqueles mediados por aplicativos, embora sem aprofundar nesse aspecto, dado que não constitui o foco central de sua pesquisa. Seu objetivo principal está claramente definido: compreender as mobilidades em rede que emergem da pegação, concebida como um conceito abrangente que engloba múltiplas práticas sexuais entre homens socialmente percebidos como dissidentes.

Sob essa perspectiva, Thiago Oliveira (2016) permite pensar tanto nas aproximações quanto nas diferenças relacionadas à pegação, com especial atenção ao espaço-lugar (comercial, público ou digital) onde essas interações se desenvolvem – uma abordagem coerente com o propósito cartográfico de seu estudo. Elementos específicos dos jogos de sedução presentes na pegação também são destacados, como o papel do olhar, a disposição estratégica de roupas que amplificam o desejo corporal, e a hegemonia de corpos brancos, altos e musculosos como padrão dominante (Oliveira, 2016; Oliveira; Nascimento, 2015; Medeiros, 2022; Reis; Ferro; Rodrigues, 2022).

Quando a análise avança para questões de raça e renda associadas às práticas sexuais, emergem normativas específicas que frequentemente marginalizam homens negros. Estes são preteridos quando não possuem o estereótipo do pênis avantajado ou ocupam posições passivas nos encontros sexuais, além de serem discriminados por residirem em bairros periféricos (Pinho, 2015; Baydoun, 2017; Lima, 2017). No contexto falocêntrico das interações no *Grindr*, o estudo de Ruann Ruani, Dilton Couto Júnior e Leandro Brito (2021) sobre o uso do *emoji*⁴ de berinjala nos perfis destaca como essa referência ao pênis grande e ereto reforça “a força das normas regulatórias quando o tamanho do falo é associado a uma masculinidade viril e desejada, que (super)valoriza o sujeito-gay-ativo em relação ao sujeito-gay-passivo” (p. 16).

Para estabelecer um paralelo com os privilégios sociais mediados pelos marcadores da diferença, trazemos à tona o episódio do “punhetaço de Ipanema”. Para contextualizar, em meio à escalada dos casos de contaminação e morte por COVID-19 no Brasil, muito se discutiu sobre as aglomerações nas praias, reflexo da ausência de um decreto nacional que instituisse o *lockdown*. No final de 2020, no *X (Twitter)* – uma plataforma conhecida por sua maior

⁴ Figurinhas disponíveis no teclado dos *smartphones* que carregam sentido a depender do *app* ou contexto discursivo utilizado. No caso da berinjala, dado o seu formato é geralmente associado ao pênis no *Grindr* ou em situações de paquera/flerte.

flexibilidade em relação a conteúdos sexualmente explícitos –, vídeos registrando o “punhetaço de Ipanema” movimentaram as redes *online*. Mesmo sob as diretrizes de distanciamento social recomendadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS), um grupo de homens reuniu-se em uma roda de masturbação coletiva, sendo filmado pelas pessoas presentes no local (Miller, 2020).

Ipanema, um bairro icônico da zona sul do Rio de Janeiro, historicamente associado ao turismo e frequentado pela elite carioca, serve como pano de fundo simbólico para esse evento. Nos debates que emergiram nas redes, alguns interpretaram o ato como uma forma de “homoterrorismo” direcionado contra o governo Bolsonaro, conhecido por suas posições abertamente hostis às diversidades sexuais e de gênero. Contudo, o questionamento que propomos é: quais privilégios corpos brancos e burgueses, mesmo quando gays, ocupam na esfera social? Seria concebível algo semelhante ocorrer em bairros periféricos e envolvendo corpos negros?

Essa reflexão nos leva a considerar que o gay cisgênero branco, residente em Ipanema, não apenas desfruta de um contexto territorial que possibilita vivências de transgressão moral, mas também ocupa um lugar privilegiado na dinâmica da pegação. Nos espaços dos aplicativos de encontros eróticos, essas relações se tornam ainda mais complexas, uma vez que a construção de corporalidades, performances e masculinidades é mediada por informações mínimas fornecidas nos perfis e pelos interesses subjetivos dos usuários. Isso abre margem para a performance de características consideradas mais desejáveis (Oliveira, 2016), reforçando hierarquias e normas estéticas que atravessam a sexualidade no meio digital.

Sob outro ângulo, a prática do “banheirão”,⁵ investigada por Francisco Costa Neto (2009) nos banheiros públicos da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), possibilita discutir a transgressão das fronteiras entre os espaços público e privado. Dotada de uma linguagem própria, essa prática inclui desde inscrições nas portas das cabines até gestos que sinalizam disposição para o ato. Em consonância com Thiago Oliveira (2016), reafirma-se a importância de considerar os marcadores sociais de diferença ao estudar as práticas homoeróticas, pois são esses marcadores que realocam corpos em papéis específicos dentro do

⁵ O termo “banheirão” é utilizado para se referir a banheiros públicos e afins (cinemas, parques e outros espaços públicos) onde ocorrem encontros sexuais casuais entre homens, muitas vezes de forma clandestina.

contexto de trocas e parcerias sexuais entre homens (Costa Neto, 2009; Saraiva; Santos; Pereira, 2020; Santos, 2018; Medeiros, 2022).

Já a produção de sentido em textos jornalísticos sobre os “sujeitos-gays” e suas práticas de pegação mediadas por aplicativos foi o tema central da tese de Gustavo Bastos (2018). O autor argumenta que, embora os avanços sociais e a “valorização do sujeito-gay” tenham reformulado sua construção midiática, essas mudanças frequentemente servem para legitimar discursos homofóbicos em um novo formato. Nas matérias analisadas, especialmente aquelas voltadas ao uso de mídias digitais (e não exclusivamente de aplicativos de pegação), há uma narrativa que apresenta os homens gays como indivíduos hipersexualizados, utilizando tais plataformas para sexo casual ou realização de fetiches. Bastos (2018) problematiza essa hipersexualização, destacando como ela orienta o entendimento sobre suas relações e reforça estereótipos.

Além disso, o autor relaciona o uso de aplicativos ao aumento de comportamentos de risco associados às infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), devido à facilidade de ampliar a quantidade de parceiros sexuais. Essa reflexão dialoga com a orientação recente da Organização Mundial da Saúde (OMS), que recomendou a homens gays, bissexuais e trabalhadores do sexo a redução do número de parceiros como forma de diminuir o risco de exposição à varíola dos macacos (*monkeypox*), conforme apontado pelo G1 (2022). No entanto, essa recomendação levanta questionamentos importantes: ao direcionar medidas de prevenção a um grupo específico, perpetuam-se estigmas semelhantes aos enfrentados por pessoas que vivem com o HIV por estabelecer a noção sectarista de “grupo de risco”. Assim como no caso do HIV, a varíola dos macacos é um vírus que pode afetar qualquer pessoa, independentemente de orientação sexual ou práticas específicas, o que reforça a necessidade de estratégias de saúde pública menos estigmatizantes e mais inclusivas.

A dissertação de mestrado de Felipe Padilha (2015) propõe uma reflexão aprofundada sobre o uso das mídias digitais móveis como dispositivos de mediação para a prática da pegação entre homens na cidade de São Carlos - SP. Padilha destaca que, nos aplicativos, os usuários desenvolvem mecanismos de seleção baseados em um repertório de possibilidades, em que atributos como “virilidade”, “jeito de homem”, “discrição” e “masculinidade” emergem como estratégias para se distanciar de associações ao efeminamento. Este distanciamento pode ocorrer tanto no sentido de rejeitar a efeminação em si quanto de evitar interações com homens percebidos como efeminados.

A centralidade do segredo é um dos aspectos mais relevantes da pesquisa de Padilha, que descreve práticas como a recusa em enviar fotos de rosto como uma forma de proteger o *status* heterossexual em um ambiente cultural que não oferece condições adequadas de reconhecimento para aqueles que se afirmam publicamente como homossexuais. Como sintetiza o autor: "O segredo é a alma do negócio em um contexto que não oferece condições culturais e políticas de reconhecimento recíproco para as pessoas que se afirmam publicamente como 'homossexuais'" (Padilha, 2015, p. 118).

Ampliando esse debate, a tese de doutorado de Mario Fellipe Vasconcelos (2023) explora as interações mediadas por aplicativos de relacionamento, especialmente em um contexto neoliberal que mercantiliza relações e subjetividades sob uma lógica de performance. Vasconcelos identifica que essas plataformas não apenas facilitam conexões, mas transformam a maneira como os usuários gerenciam suas relações pessoais, promovendo uma dinâmica de competição. Nesse cenário, a exibição de um "eu ideal" torna-se crucial, enquanto a "performance de masculinidade" é reforçada por atributos como virilidade e disposição para relações casuais desvinculadas de compromissos afetivos.

No contexto brasileiro, a construção das masculinidades encontra no futebol um dos seus marcadores mais emblemáticos. Esse esporte, frequentemente associado à nacionalidade devido ao orgulho nas vitórias em Copas do Mundo, cultua "heróis nacionais" como Pelé, Ronaldo "Fenômeno" e Neymar. Esses atletas, de forma coletiva ou individual, forjam padrões de masculinidade, influenciando os comportamentos e expectativas direcionados aos homens brasileiros.

Em um contraponto, a entrevista de Richarlyson ao *podcast* "Nos Armários do Vestiário", em que o ex-jogador se declarou bissexual, oferece uma perspectiva complexa sobre a questão. Richarlyson refletiu sobre os custos de assumir sua sexualidade, observando que, em seu caso, isso provavelmente o tornaria alvo de memes, enquanto o debate sobre homofobia seria negligenciado (Assis, 2022). Confesso que inicialmente essa declaração me causou desconforto, pois parecia contrariar o movimento crescente de esportistas não-heterossexuais e/ou não-cisgêneros que buscam afirmar sua presença e direitos em um meio historicamente cisheteronormativo. Contudo, ao revisitar a trajetória de Richarlyson e considerar os comentários sobre a reportagem nos perfis de jornais nas redes sociais, sua avaliação mostrou-se coerente. Ela reflete uma resistência cultural que persiste, mesmo em um cenário onde avanços pontuais parecem apontar para maior inclusão e reconhecimento.

O discurso de Richarlyson emerge, sobretudo, de sua vivência como alvo constante de ridicularização ao longo de sua carreira profissional, motivada pela suposição – anterior a qualquer declaração sua – de que seria dissidente do padrão do jogador macho, hétero e mulherengo. Nesse contexto, assumir publicamente sua orientação bissexual tornou-se, inevitavelmente, uma extensão dos ataques que, agora, se manifestam sob a forma de bifobia. Ao articular essas reflexões com as dinâmicas de discrição e segredo nos aplicativos de relacionamento, compreendemos que, nas interações presenciais, a sexualidade de um homem é presumida com base em comportamentos alinhados às expectativas de gênero socialmente estabelecidas. Já nas relações digitais, os signos da masculinidade hegemônica são instrumentalizados para conferir atratividade aos homens que participam da pegação.

Ao explorar o corpo gay afeminado no aplicativo *Scruff* em Salvador-BA, Danilo Lima (2017) argumenta que as narrativas sociais em torno da figura do macho não apenas sustentam, mas também reforçam a valorização, entre homens homoeróticos, do modelo heterossexual como estratégia para preservar sua masculinidade. Essa dinâmica, como observado por Lima, Ettore Medeiros (2018) e Venan Alencar (2017), é tanto uma causa quanto uma consequência da perpetuação de padrões hegemônicos que limitam a naturalização das práticas sexuais entre homens. Esses autores sugerem uma revolução na subjetividade, defendendo o rompimento com tais padrões como forma de libertação, tanto para aqueles que vivem essas práticas quanto para o imaginário coletivo.

Há, ainda, uma produção discursiva significativa que aponta a efeminofobia como produto de uma cultura profundamente machista e misógina. Essa cultura não apenas organiza as relações entre homens, mas também funciona como mecanismo de afirmação da masculinidade desejável, na medida em que rejeita qualquer associação com o feminino (Saraiva; Santos; Pereira, 2020; Maracci *et al.*, 2019; Queiroz *et al.*, 2019; Santos, 2018; Alencar, 2017; Baydoun, 2017; Lima, 2017). Nesse sentido, Victor Hugo Barreto (2017) propõe que a pegação seja pensada a partir de três princípios norteadores: masculinidade, discrição e putaria.

No contexto paulista, João Paulo Ferreira e Richard Miskolci (2020) analisam a busca por relacionamentos entre homens como marcada por uma necessidade de aprovação social. Tal perspectiva sugere que esses homens procuram parceiros que compartilhem de uma conformidade com normas homo/heteronormativas de aceitação. Em outras palavras, nem todos os casais formados por homens recebem reconhecimento social; para isso, é preciso

atender aos critérios de uma masculinidade moral conservadora. Segundo os autores, essa lógica ganhou força após o aumento das relações mediadas por aplicativos. Nesse cenário, há uma maior valorização de perfis que incorporam atributos como o “sarado”, “discreto” e “fora do meio”, reforçando ideais estéticos e comportamentais alinhados a uma masculinidade hegemônica.

Em junho de 2024, um caso de grande repercussão nacional mobilizou tanto a mídia jornalística quanto as redes sociais *online*, especialmente os usuários do X (*Twitter*). Leonardo Rodrigues, um jovem de 24 anos, marcou um encontro por meio do aplicativo *Hornet*, na zona sul de São Paulo. Preocupado com sua segurança, ele compartilhou sua localização em tempo real com amigos, pedindo que acionassem as autoridades caso não retornasse até o horário combinado (Martins *et al.*, 2024).

Leonardo, natural de Minas Gerais e residente na capital paulista, foi encontrado morto com sinais de disparo de arma de fogo, após seus amigos denunciarem seu desaparecimento e iniciarem buscas. A repercussão do caso incentivou outros homens a contarem, também no X (*Twitter*), experiências de vulnerabilidade vividas em encontros marcados na mesma região, o que ajudou a traçar um perfil do suspeito e identificar padrões nas circunstâncias apontadas (Porto; Molina, 2024).

Frente à comoção gerada, o portal G1 tentou contato com representantes comerciais do aplicativo *Hornet* para obter uma posição oficial, mas não obteve retorno. No site oficial da plataforma, há diretrizes de segurança para os usuários e um endereço de *e-mail* para denúncias. Contudo, faltam informações específicas sobre mecanismos de verificação de perfis, indicando lacunas nas medidas de proteção oferecidas pela plataforma (Martins *et al.*, 2024).

Uma tentativa semelhante de esclarecimento foi feita ao *Grindr*, buscando informações sobre os processos de verificação de usuários, mas também não houve resposta. Em seu *site* oficial, declara expressamente que “não controla nada do que nossos usuários fazem ou dizem. Você é o único responsável pelo uso dos serviços da *Grindr* e pelas suas interações com outros usuários (dentro ou fora dos serviços da *Grindr*)”. Além disso, afirma que “a *Grindr* não faz declarações ou fornece garantias quanto à conduta, identidade, intenções, legitimidade ou veracidade de qualquer usuário”.

Essa postura assinala para a ausência de um compromisso mais proativo em assegurar a segurança dos usuários, transferindo a responsabilidade integral das interações e riscos para os

participantes. Tal abordagem levanta questões importantes sobre a responsabilidade das plataformas de relacionamento em contextos de vulnerabilidade, especialmente quando essas interações resultam em situações de violência ou fatalidade.

Mário Fellipe Vasconcelos (2023) observa que os aplicativos de relacionamento se configuram como microcosmos da sociedade neoliberal contemporânea, nos quais a competição e a individualização encontram expressão nas interações digitais. Nesse ambiente, as subjetividades são atravessadas por exigências de performance e autocontrole, enquanto as relações se mantêm marcadamente superficiais e utilitárias, refletindo a racionalidade de mercado que permeia todas as esferas da vida social.

A dissertação de mestrado de Daniel Stack (2022) aprofunda-se nas experiências de homens com desejos homoeróticos que utilizam o aplicativo *Grindr* na cidade de Santa Maria - RS. A partir de uma etnografia digital conduzida junto a estudantes, Stack explora as dificuldades desses homens, provenientes de cidades menores e áreas rurais, ao se reconhecerem como homossexuais em um contexto ainda dominado por normas rígidas de masculinidades e intensa vigilância social. O autor destaca que muitos participantes utilizam o *Grindr* como uma ferramenta tanto de exploração quanto de controle. Essa ambivalência se reflete na predominância de perfis sem fotos e descrições limitadas, sobretudo nas regiões centrais da cidade, indicando estratégias de invisibilidade para evitar a exposição em um ambiente que privilegia a heterossexualidade e rejeita comportamentos associados ao feminino.

Para os interlocutores da pesquisa de Daniel Stack (2022), a cidade de médio porte, onde residem temporariamente para estudar, atua como um refúgio em relação ao ambiente ainda mais conservador de suas cidades de origem. A migração oferece uma liberdade relativa para experimentar desejos homoeróticos, embora de maneira cautelosa. Essa sensação de segurança, contudo, é percebida como transitória e condicionada, já que as raízes familiares e comunitárias continuam exercendo influência. Ao retornarem às suas cidades menores, esses homens sentem-se obrigados a ocultar sua sexualidade, conformando-se às expectativas locais. Stack conclui que essa vigilância moral impõe um controle indireto, levando à construção de subjetividades fragmentadas, divididas entre o espaço urbano e seus contextos rurais.

Ettore Medeiros (2018) ilustra essas dinâmicas ao citar a expressão “gosto de homem, mas sou macho, então tá ok,” usada por um de seus interlocutores para descrever como a masculinidade hegemônica é mobilizada como sinônimo de “ser homem” entre os usuários do

Grindr. Essa concepção estabelece um sistema moral que valoriza os homens na medida em que se aproximam do ideal de macho. Por outro lado, ela gera impactos negativos na autoestima daqueles que não se enquadram nesse modelo, presentificando os atravessamentos subjetivos que marcam as relações nesses espaços digitais (Medeiros, 2018).

José Oliveira Neto (2021) explora o conceito de homo(hetero)normatividade nas produções de masculinidades no *Grindr*, destacando como as normas hetero(homo)normativas são profundamente incorporadas pelos usuários da plataforma, a ponto de se tornarem parâmetros inquestionáveis no desejo homo-orientado. Oliveira Neto observa que as interações no aplicativo não apenas reproduzem essas normas, mas também servem para reformular, manter e corrigir os modelos de masculinidade, com efeitos que transcendem o contexto digital e se manifestam nas expressões de gênero no mundo *offline*. Esse processo de adaptação aos padrões machistas, segundo o autor, apresenta-se como adoecedor, afastando esses homens não apenas de características femininas, mas também de aspectos intrinsecamente humanos.

Nesse cenário em que as dinâmicas digitais refletem e amplificam normas sociais, a parceria estabelecida entre o Governo Lula e o aplicativo *Grindr* – conforme descrito por Felipe Sousa no site Pheeno (2024) – emerge como um contraponto necessário. Ela demonstra como o mesmo ciberespaço pode ser utilizado para promover ações de cuidado e inclusão, ao invés de perpetuar exclusões normativas. Ao incorporar ferramentas como a geolocalização para localizar serviços de saúde e orientações sobre casas de acolhimento, a iniciativa expressa um compromisso em reduzir barreiras e ampliar o acesso ao cuidado. A inclusão de um canal de denúncias pelo Disque 100 reforça a preocupação em proteger os direitos dessa comunidade, reafirmando estratégias para possibilitar que o espaço digital também seja um local de segurança e dignidade.

Jorge Alves (2023), em sua dissertação de mestrado, analisa criticamente o conceito de homonormatividade e seus impactos sobre as subjetividades LGBTQIAPN+. O autor identifica a homonormatividade como um regulador da diversidade, permitindo reconhecimento social apenas para aqueles que se alinham a performances específicas de gênero e sexualidade. Ele descreve essa estrutura como uma “prótese” da heteronormatividade, que atua para manter as manifestações homoeróticas dentro dos limites de aceitabilidade social neoliberal. Essa dinâmica exige constante vigilância e autogerenciamento dos desejos, excluindo expressões de feminilidades e de masculinidades não conformes.

Maria Honório (2012) e Aline Brilhante *et al.* (2018) examinam as produções de masculinidades hegemônicas através das letras e narrativas das músicas de forró do Nordeste brasileiro. Essas autoras destacam que, nesse contexto cultural, “ser homem” é medido pela dominação sobre mulheres e pela rejeição de padrões associados a homens femininos ou marginalizados. Em termos de sexualidade, essa masculinidade se caracteriza pela ausência de envolvimento afetivo e pela multiplicidade de parceiras sexuais sem compromisso. Esse padrão também permeia as práticas de pegação, levando-nos a questionar: trata-se de uma afirmação de autonomia sexual, desvinculada de pressupostos morais cristãos? Ou seria a reafirmação de um padrão macho-heterossexual que dita os modos e usos do prazer e do corpo?

Victor Hugo Barreto (2017), em seu estudo sobre o mercado de festas de orgias masculinas, aborda as facetas econômicas da pegação, incluindo a organização de festas, saunas e cinemas específicos para homens. Contudo, Barreto não encontrou eventos semelhantes voltados para mulheres, exceto em contextos ligados à prostituição, que seguem uma dinâmica distinta. Uma festa de orgias para mulheres identificada pelo autor foi cancelada por falta de público. Essas constatações não buscam essencializar diferenças entre gêneros, mas sim refletir sobre os marcadores e padrões de masculinidade que sustentam essa cultura entre homens.

Diferente das discussões de Maria Honório (2012) e Aline Brilhante *et al.* (2018) citadas anteriormente, João Alcantara (2017) analisa a obra de artistas nordestinos como Daniel Peixoto e Johnny Hooker, que desafiam as normas de gênero em suas produções musicais. Alcantara argumenta que os cliques desses cantores tensionam os limites das masculinidades hegemônicas, historicamente exaltadas no imaginário regional como símbolos do “cabra-macho” nordestino. Seja por meio de suas vestimentas ou pela introdução de narrativas homoafetivas em ritmos tradicionalmente cisheteronormativos, como o brega, esses artistas subvertem valores culturais locais e reconfiguram os papéis de gênero.

Levantamento do *Google Trends* – conforme publicação da GayBlog (site e página no Instagram), escrita por Vinícius Yamada (2022) – mostra um aumento de 30% nas buscas por “como saber se sou gay” no Brasil no último ano. Essa tendência reflete o estranhamento em relação à sexualidade em um contexto em que a heterossexualidade é amplamente naturalizada e ratificada por instituições familiares, biomédicas, escolares e morais. Desejos e comportamentos que se desviam dessa norma geram um estranhamento que, frequentemente, é silenciado, relegando as descobertas individuais ao anonimato de uma busca *online* – muitas vezes permeada por estigmas. Esse cenário indica não apenas o desconforto de se posicionar

fora dos moldes cisheteronormativos, mas também a vulnerabilidade dos corpos LGBTQIAPN+ devido à escassez de espaços seguros para a compreensão de suas performatividades de gênero e sexualidade.

Em nossa análise, propomos uma categoria relevante para os estudos que abordam aplicativos de encontros eróticos como ferramentas para compreender as práticas sexuais dissidentes entre homens. Notavelmente, embora o *Grindr* (primeiro aplicativo amplamente conhecido) tenha sido lançado em 2009, as primeiras menções acadêmicas à plataforma nas pesquisas selecionadas datam de 2015. Observa-se um aumento significativo na produção acadêmica sobre o tema em 2018, com expressividade também nos anos de 2017, 2019 e 2020.

Outro ponto digno de menção é a distribuição geográfica dessas pesquisas. Apenas três estudos foram realizados no Nordeste – na Bahia, no Ceará e em Pernambuco (este último correspondente à minha dissertação de mestrado) –, todos concentrados nas capitais estaduais. Em contrapartida, a maior parte das pesquisas ocorre no Sudeste, com destaque para São Paulo, que concentra a maior quantidade de estudos sobre aplicativos de relacionamento. A maioria dessas investigações centra-se nos aplicativos e seus perfis como objeto de análise, explorando as produções dialógicas entre pesquisadores e participantes.

É importante ressaltar que os resultados apresentados nesta revisão refletem o recorte metodológico que adotamos, reconhecendo tanto suas potencialidades quanto suas limitações. Não pretendemos, de forma alguma, generalizar ou estabelecer verdades absolutas sobre todas as pesquisas visibilizadas ou não. O material completo selecionado encontra-se listado no apêndice A.

2. MARCO TEÓRICO

Nesta seção, apresentamos o marco teórico que nos orientou na organização desta tese, refletindo sobre os encontros e afetações produzidos no diálogo com as/os autoras/es. Assim, elaboramos os argumentos teórico-epistemológicos que sustentam nossos objetivos e que também deslindam nosso pacto ético-político em uma pesquisa das ciências humanas e sociais, conduzida a partir da Psicologia. Ademais, este escrito se sustenta em enodamentos teóricos que já são caros para as ciências sociais como a questão do gênero (mais especificamente a discussão das masculinidades) e a sexualidade, de modo que é importante iniciar demarcando como entendemos e nos posicionamos frente a essa discussão.

As discussões sobre gênero foram encabeçadas por mulheres após lutas sociais libertárias (dentre elas a própria ditadura no Brasil), como indica Miriam Grossi (1998). Apesar desses movimentos lutarem por direitos igualitários de modo geral, na sua organização, as mulheres acabavam tendo um papel secundário em relação aos homens, levando-as, então, a problematizar as questões de gênero. Nessa via, os feminismos, não apenas como movimento social, mas também como epistemologia, ganha espaço importante e profícuo nos modos de se fazer ciência, criando assim um campo de estudo sobre gênero e sexualidade⁶ em diversas ciências sociais, como a Antropologia, Sociologia e Psicologia.

O livro “Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade”, da autora Judith Butler (2013), publicado inicialmente em 1990, é um importante marco teórico feminista na conceituação de gênero e delineamento da cultura como agente indispensável nessa discussão. Nitidamente influenciada pelas provocações foucaultianas, a autora questiona o sexo (não o ato sexual, mas o órgão biológico) como algo formatado, livre de problematizações em virtude da sua materialidade física. Nesse entremeio, Butler convida-nos a pensar corpo e sexo através da sua historicização, conseqüentemente relativizando a relação dicotômica/dual no sistema sexo-gênero, de modo a desintegrar o argumento de que a “natureza biológica” seria uma condição para se pensar o que e ser homem e mulher (inicialmente de forma mais binária).

⁶ Além do movimento feminista, o “movimento gay” também foi bastante importante para fazer efervescer os debates sobre gênero e sexualidade nas universidades, uma vez que esses movimentos refletiam sobre as relações afetivo-sexuais (Grossi, 1998). Então os espaços acadêmicos (lugar de produção de conhecimento) começam a tentar lidar com as demandas e reflexões dos movimentos sociais.

Gayle Rubin (1986) trabalha na compreensão do sistema sexo-gênero, preliminarmente conceituando-o como “o conjunto de arranjos pelos quais uma sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana, em que estas necessidades humanas transformadas são satisfeitas” (p. 97). A autora também busca construir uma argumentação teórica a partir do debate antropológico e psicanalítico do século 20, como forma de refletir sobre a interface entre a sexualidade na construção dos aspectos sociais; segundo Rubin, uma questão ainda incipiente ao feminismo marxista. Assim, sustenta a ideia de que os sentidos sobre gênero se constituem no reflexo da assimetria das práticas sociais da sexualidade, refutando as explicações centradas em posições essencialistas e biológicas.

Seguindo nessa perspectiva, o gênero se organiza a partir das performatividades, que são incorporadas pelas pessoas em decorrência da sua história social, sendo inseridas em uma rede de sentidos repetidos, disseminados e controlados a partir de uma imposta ligação com o seu sexo biológico, a partir das discussões de Judith Butler (2013). Os papéis de gênero associados aos aparatos biológicos (macho/fêmea) se constituem de modo diferente a depender da cultura em que se localiza; A propósito, no ocidente, somos ideologicamente impelidos a entendê-los de modo unificado (Grossi, 1998). Coube então aos estudos feministas, a problematização do gênero como identidade, que, apesar de manter relação com a sexualidade e objeto de desejo, são categorias distintas.

As construções sociais sobre o gênero operam nos corpos, nessa relação, compreendendo-se como um real biológico neutro e anterior ao discurso, segundo assinalado por Gayle Rubin (1986). A autora demarca que o gênero (desde sua concepção até os seus efeitos) se assegura na linguagem como mecanismo cultural de controle e manutenção dos modelos de masculinidades/feminilidades, incidindo e produzindo diversos sentidos sobre os corpos como uma verdade imutável. Essas compreensões, portanto, nos permitem apontar que temos então o gênero como categoria analítica. Ou seja, ao esvaziá-lo dessa noção essencialista, temos a possibilidade de problematizar o que é ser mulher e o que é ser homem, investigando os sentidos construídos sobre feminilidades e masculinidades, não como um conceito posto, mas datado e culturalmente determinado. Nessa égide, outro ponto que merece ser problematizado é a sexualidade, uma vez que, nessas amarrações simbólicas, culturalmente o desejo é pedagogicamente cultivado a partir de uma tentativa de correlação linear com o sexo biológico e o gênero (Butler, 2013).

As verdades socialmente construídas sobre sexualidade, baseadas em padrões morais que regem como ela deve ser entendida e manifesta, bem como a negação e o silenciamento das que dissidem desses modelos, são aspectos abordados por Michel Foucault (1987), referência importante para as autoras citadas anteriormente. Com isso, não seria possível falar de sexualidade sem pensar nas implicações do pensamento ocidental que visa padronizá-la. Faz-se, portanto, importante vislumbrar no seu contexto histórico a questão do desejo e o sujeito do desejo; só assim torna-se possível analisar os eixos que implicam nas formações de saberes, bem como compreender os sistemas que regulam as práticas sexuais com relação à forma como esses indivíduos se reconhecem (Foucault, 1987).

Destarte, o que vemos aqui é uma força reguladora que direciona os corpos para uma linearidade que, através dela, forçadamente relaciona sexo-gênero-sexualidade, legitimando padrões naturais a qualquer pessoa, enquanto subalternizam outros modos de ser (Rubin, 2003). A antropóloga Gayle Rubin (1986) se afina a Levi-Strauss e Sigmund Freud para discutir que a diferença sexual se arregimenta pela desintegração das semelhanças, assim, circunscrevendo tanto os sentidos sobre masculino como sobre o feminino. A autora, então, destaca que as masculinidades se constituem por uma identificação com o sexo (o pênis), como também pelo desejo sexual direcionado ao feminino, portanto através de uma cisgeneridade-heterossexualidade compulsória. Nesse ponto, olhar para as práticas e modos de ser que tensionam essa hegemonia, até então inquestionável, nos serve de antítese para problematizar aquilo que as normas de sexualidade/gênero buscam assegurar: a sua normalidade como condição imanente de ser/existir (Fígari; Díaz-Benítez, 2009).

No campo das masculinidades, o padrão hegemônico se define a partir do distanciamento de tudo aquilo que é entendido como feminino, reafirmando um padrão binário de que: quem não é homem, é mulher (Seidler, 2006). Consideramos, portanto, que as discussões feministas são necessárias para problematizar os modelos hegemônicos de masculinidades, que se asseguram no machismo para ditar modos de expressão e padronizações de gênero e sexualidades, conforme destacado por Benedito Medrado e Jorge Lyra (2008).

Retomamos a definição de gênero para analisar como os padrões nela contidos se incorporam à masculinidade, articulando quatro dimensões: simbólica, normativa, política e subjetiva (Scott, 1995). Assim, busca-se na cultura figuras simbólicas que legitimem padrões de gênero tidos como dominantes (dimensão normativa) e aceitos pelo consenso social, tornando-os inquestionáveis. Esses pressupostos ultrapassam as relações parentais e o âmbito

privado, pois também se manifestam na esfera pública (dimensão política), influenciando a concepção de si pelos indivíduos (dimensão subjetiva).

Essas dinâmicas de legitimação dos padrões de gênero reforçam o patriarcado, que se espalhou pelos diversos âmbitos sociais impondo a dominação masculina e selecionando um grupo restrito de beneficiários (Connell, 1995). Nas relações de poder, define-se o “masculino” tanto pela supressão dos direitos das mulheres quanto pelo uso de marcadores como raça e sexualidade para hierarquizar posições mesmo entre os homens. Esse modelo privilegia corpos brancos, cisgêneros, heterossexuais, sem deficiência, de aspecto atlético e com maior renda, cristalizando-se na figura do macho ideal (Rubin, 2003; Kimmel, 2016; Oliveira Neto, 2021).

Nessa via, a partir das premissas postas em relação ao contexto social que enreda as relações sexuais entre homens – sejam elas chanceladas, matizadas ou subalternizadas pela moral –, que nos adensamos nos debates da Ciências Sociais para questionar as produções de subjetivação atravessadas pelos sentidos sobre masculinidades nas práticas homo-orientadas.

Um dos precursores nos estudos sobre a homossexualidade brasileira (mais precisamente pesquisando no Rio de Janeiro e São Paulo), James Green (2022) aponta a necessidade de uma aproximação da temática com outras questões sociais como a discussão racial e de classe. Em sua terceira edição do livro “Além do Carnaval”, além de formalizar um potente retrato da história da homossexualidade brasileira, o autor pensa sobre o desenvolvimento do movimento LGBTQIAPN+, partindo dos anos 80 à sua relevância nas mudanças políticas e sociais no Brasil atualmente.

O autor debate o contexto do carnaval como ponto de socialização e passe livre para transcender as fronteiras de gênero demarcadas por modelos hegemônicos, mas também como possibilidade de exercer práticas sexuais dissidentes à moral. Green nos convida a pensar o quanto esse passe livre para brincar com papéis de gênero, expressão das corporalidades e ter práticas sexuais contra-hegemônicas (até então historicamente restrita ao carnaval) passa a acontecer em outros momentos, como conquista das lutas sociais. Entretanto, é de se considerar essa suposta liberdade em torno dos modelos de gênero e sexualidade que coexistem às lógicas de segregação do racismo e das desigualdades econômica, reafirmadas a todo tempo nesses locais.

O esquema de hierarquização que já discutimos anteriormente também se enreda nas relações afetivo-sexuais entre homens, de modo que o modelo heterossexual também é um norte

para eles, como assinala Gayle Rubin (2003). Nesse sentido, algumas práticas sexuais passam a acontecer sob condição de sigilo, como forma de preservar um ideário heterossexual para esses homens socialmente. A pegação, modalidade brasileira para o *cruising*, se configura como uma nova “economia do prazer”, que burla os padrões morais romântico-cristãos para compreender-se como práticas sexuais casuais entre homens, estas têm como característica: ser uma relação pressuposta pelo descompromisso ou vinculação com o companheiro, além de acontecer por uma certa fugacidade (Miskolci, 2015). Nesse contexto, marcado pela repressão à diversidade, pelo machismo e pelo patriarcado, o temor em vivenciar práticas consideradas marginais se intensifica. Prova disso é que foi justamente esse cenário que historicamente territorializou as práticas afetivo-sexuais entre homens em espaços como boates, cinemas, bares, saunas e banheiros públicos (Morelli; Souza, 2016).

Nesse sentido, compreende-se que o estudo da ditadura militar frequentemente negligenciou os impactos do regime sobre as questões comportamentais, sexuais e de gênero, priorizando o debate em torno do combate à luta armada, da perseguição à oposição e da ausência de diversidade política, em consonância com Renan Quinalha (2021). O golpe de 64 instaurou uma série de políticas sexuais que perpassa vários vértices do aparato repressivo do estado ditatorial no Brasil, como nos sistemas de informação, das polícias políticas, do esquema de censura, que se forja a partir de um conservadorismo em torno de um ideal cidadão – formalizado na figura da família patriarcal e no modelo cisheteronormativo para pensar suas relações sexuais e de gênero. O que o autor discute é que a ditadura no Brasil é para além de um regime político de governo que durou pouco mais de 20 anos, mas também uma espécie de laboratório de subjetividade que produziu ideologias autoritárias na violência do estado, na naturalização da violência contra a diversidade sexual e de gênero.

Em seu escrito, Renan Quinalha (2021) tensiona o debate que fica entre nomear a ditadura como militar ou civil militar, classificando-a como um regime hétero-militar. Nesse sentido, a partir dos documentos históricos levantados em sua pesquisa, o autor coloca o modelo heterossexual como parte nuclear do regime político sustentado por políticas sexuais para preservar uma moral conservadora religiosa muito influente ainda hoje. “Houve políticas sexuais oficializadas e institucionalizadas na ditadura para gerenciar e governar manifestações tidas como perversões ou desvios contra a moral conversadora da família patriarcal e heteronormativa” (Quinalha, 2021, p. 314). A essas políticas sexuais, refere-se o montante de normas, de atos administrativos, prisão policial, episódios de censura, as mais diversas perseguições que convergiam no enquadre das sexualidades consideradas desviantes. Portanto,

compreender o esquema que legitima essas políticas sexuais e de gênero implementadas pela ditadura permite vislumbrar não apenas as noções proibicionistas ou daqueles que eram interditos, mas principalmente entender como esse regime legitimou discursos, modelos e práticas como moralmente aceitas quanto à sexualidade e às performatividades de gênero.

Na ditadura, ao contrário do que houve com os integrantes da luta armada, não havia uma tentativa direta de extermínio físico dos homossexuais, por outro lado houve uma sucessão de estratégias (como os rondões, que durante a noite perseguiram gays, transexuais/travestis e prostitutas) para marginalizá-los, deixando-os no armário (Quinalha, 2021). A discussão que se segue é como esse aparato histórico se sustenta ao longo do tempo, mesmo com a constante luta dos movimentos sociais e a democratização do estado brasileiro. Contemporaneamente, ainda vemos suas raízes/ideais sendo promulgados, sobretudo após a ascensão de governos da direita não só no Brasil, mas em grande parte da América Latina. Nesses países, o levante da extrema direita se orienta em uma contrarrevolução aos direitos humanos, trazendo desmonte de direitos e interpondo obstáculos aos direitos cidadãos das pessoas que não se encaixam em um padrão cisheteronormativo cristão.

Diante desse legado de opressão, a descoberta dos desejos homo-orientados – envolvendo experiências em cidades de menor dimensão e desafios na convivência familiar e nos bairros de residência – requer a articulação com figurações que atuem como rede de suporte no processo de afirmação da dissidência, como traz James Green (2022). O autor retoma o momento histórico dos anos dourados (anos de 1950 e 1960), depois do estado novo, que, apesar de ser um período de controle social em que se promulgava questões como “valor familiar” e patriotismo, também se caracterizou por uma efervescência da cultura gay que se territorializou nos/os grandes centros urbanos como o Rio de Janeiro, uma capital de prestígio e possibilidade de vivência/existência não-hetero. O que o autor discute é que se tornou lugares de visibilidade gay e, conseqüentemente, também de repressão porque à medida que as pessoas iam expressando um modo de ser que destoava do padrão cisheteronormativo, atraía também reações contrárias.

2.1 O TERRITÓRIO COMO MARCADOR DA IDENTIFICAÇÃO, MAS TAMBÉM DA DIFERENÇA

Danilo Santos e Marcos Souza (2019) nos convidam a refletir sobre o processo de migração por meio da narrativa de Tieta: uma travesti expulsa de casa em decorrência da transfobia, que encontra na mudança de cidade a oportunidade de reconstruir sua história em

busca de liberdade e pleno exercício da cidadania. Os autores destacam como as rotas e mudanças de trajetória configuram-se como elementos constitutivos da experiência contemporânea. Compreendemos que essa dinâmica se estende, ainda que de maneiras variadas, a toda a população LGBTQIAPN+, funcionando como uma estratégia de sobrevivência frente à LGBTQIAPN+fobia estrutural e como tentativa de alcançar ascensão social, a partir da interlocução com James Green (2022).

Nesse contexto, o ato de migrar provoca um processo de desterritorialização, que é seguido por uma reterritorialização. Esse movimento permite a construção de um território próprio, que responde às necessidades e interesses individuais, ao mesmo tempo em que possibilita o estabelecimento de novas relações. A reconfiguração territorial emerge, portanto, como uma forma de mitigar os desencontros impostos pelas desigualdades, buscando garantir condições de bem-estar e pertencimento, como aponta Maria Antônia Adrião (2017).

Não só a sexualidade em um nível individual, mas cidadão: ao mover-se de uma cidade para outra, indivíduos e comunidades sexuais são conformadas e inseridas no contexto urbano de diversas maneiras. Neste processo de conformação e inserção, não apenas sexualidade e gênero, mas também outras categorias identitárias e classificatórias estariam envolvidas: classe, raça, religião, etnia, ideologia. Assim, a migração proporciona diversas (às vezes concorrentes e também coincidentes) perspectivas para entender por que indivíduos deixam suas cidades em direção a outras, em movimentos de múltiplos resultados (Teixeira, 2015, p. 25).

Percebe-se, portanto, que as demarcações territoriais não apenas delimitam espaços físicos, mas também operam como mecanismos de imposição de modelos hegemônicos. Esses modelos, por meio de regras normativas, atribuem às pessoas dissidentes os estigmas de ilegalidade ou transgressão moral. Nesse cenário, a migração surge como uma alternativa frequentemente cogitada, seja por conta de privilégios cisgêneros ou pela passabilidade trans. Ainda assim, os homens homo-desejantes ressignificam os espaços em que habitam como uma estratégia para coexistir em uma cultura profundamente marcada pela transfobia e homofobia. No entanto, esse processo não os isenta dos impactos dessas violências, especialmente no que diz respeito aos sentidos produzidos sobre masculinidades.

Nesse contexto, entram em ação os mecanismos de controle e sanção que tornam o território impróprio ou inóspito, afastando indivíduos dissidentes do convívio social mais amplo. Contudo, as experiências de migração – embora não sejam o foco central desta análise – nos provocam a repensar o território como algo que transcende sua dimensão física. Mais do que um espaço delimitado por fronteiras, limites e apropriações decorrentes de processos de dominação colonial, o território também é um espaço culturalmente codificado, regido por

normas e regras simbólicas. Assim, o território não se restringe a uma concepção meramente dimensional ou quantitativa, mas se apresenta como um espaço compartilhado, impregnado de significados sociais e culturais.

Um ponto interessante a ser considerado nesse contexto é a etimologia das palavras, como uma via para compreender as origens das noções de território e espaço. De acordo com o dicionário etimológico Michaelis, “território” provém do latim *territorium*, termo formado pela junção de *terra* e o sufixo *torium*, que denota “lugar associado a um substantivo.” Assim, território significa literalmente “lugar da terra” ou “âmbito terrestre localizado”. Por outro lado, “espaço” deriva do latim *spatium*, que carrega o sentido de “extensão tridimensional ilimitada” ou “infinitamente grande”.

Dessa forma, pode-se compreender que a ideia de território remete mais às divisões e fronteiras, associando-se a limites e delimitações. Em contraste, o conceito de espaço evoca uma noção mais ampla de extensão e magnitude, referindo-se à dimensão ilimitada que abarca tudo que existe. Territórios delimitam e diferenciam, com fronteiras, quem está dentro e quem está fora. Os espaços são porosos, híbridos e sincréticos, não prescindem, mas interagem com os territórios. Essa diferenciação semântica amplia nosso entendimento sobre as relações e significados atribuídos a esses termos, especialmente no que diz respeito às dinâmicas culturais e sociais que os atravessam.

O conceito de comum se define por sua consistência experiencial e concreta e constitui um desafio a ser permanentemente enfrentado, não sendo jamais conquistado de modo definitivo. Não sendo algo que se possa supor já dado, o comum se produz por procedimentos que vão à jusante da experiência, acompanhando as práticas concretas que comunalizam, uma vez que realizam partilha de um bem comum e, conseqüentemente, criam o efeito de pertencimento (Kastrup; Passos, 2013, p. 267).

O comum é, simultaneamente, local de partilha/troca e de pertencimento, que se dá em função da forma como habitamos o território conjuntamente. Embora o conceito de território seja amplamente valorizado em disciplinas como a Geografia, ele também desempenha um papel significativo nas Ciências Sociais e na Psicologia, sendo utilizado para discutir as intersecções nas relações sociais e na produção de subjetividades. Os modos de verdade que sustentam as produções subjetivas, permitindo o autoconhecimento, são construídos de maneira contingente a fatores locais, como questões políticas, históricas e econômicas, como destaca Michel Foucault (2006). Nessa linha de pensamento, recorreremos à revisão de Juarez Furtado, Wagner Oda, Igor Borysow e Silke Kapp (2016), que analisam o conceito de território no contexto da saúde mental a partir de quatro acepções. A primeira refere-se à área de abrangência

dos serviços de saúde (especialmente hospitalares) onde o território é entendido como o espaço externo e adjacente, de acesso aos usuários. A segunda concepção trata do território como uma materialização de uma rede de instâncias (como vizinhanças e associações) que podem ser mobilizadas pela equipe de saúde como recursos terapêuticos. Os autores apontam que essas concepções do território são construídas a partir de aspectos funcionais, sendo utilizadas tanto pelas/os profissionais quanto pelos equipamentos que compõem os serviços de saúde.

A terceira concepção possui um caráter “existencial”, sendo estruturada pelas histórias de vida daqueles que compõem o território, pelo senso de pertencimento e pelo simbólico. Essa perspectiva reflete uma discussão mais sociológica, etológica, geográfica e subjetiva. Já na quarta e última concepção, o território é definido por sua materialidade e seus usos históricos, abrangendo aspectos como fronteiras – de escala global a local – e a relação entre o político e o cultural. Além disso, o território é visto como um sistema de objetos e ações. Essa última concepção, que mais se aproxima da abordagem adotada neste trabalho, é denominada “polo de dominância simbólica”, refletindo as variadas relações de poder, tanto material quanto imaterial. Ela também abrange questões de pertencimento, fluxos espaciais, fronteiras afetivas, potencialidades, demandas, entre outros aspectos (Furtado; Oda; Borysow; Kapp, 2016).

Nesse sentido, o território e a sociedade desenvolvem ações recíprocas de afetação, pois ele não apenas delimita espaços com fronteiras e possibilidades, mas também carrega a marca das pessoas que o habitam. A essas pessoas cabem, além dos rastros históricos, as dinâmicas de inter-relações que emergem do processo indissociável entre a estrutura do espaço geográfico e a função do grupo social (Souza, 2015). Da mesma forma, o território não é um espaço “vazio de relação, tampouco um lugar fixo e delimitado pelas fronteiras de uma subjetividade. Lugar e espaço são instâncias de relação, constituídas pela forma como as pessoas interagem, existindo apenas enquanto relação” (Oliveira, 2016, p.157). A visão do território sob uma perspectiva fisiográfica, proposta pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), não consegue abarcar adequadamente as práticas culturais das pessoas que o habitam. É necessário considerar também os arranjos e conexões que se formam entre limites e fronteiras (Adrião, 2017). Assim como os territórios físicos são ressignificados pelas subjetividades que neles habitam, o contexto das interações digitais no ciberespaço segue uma lógica semelhante, onde as fronteiras não são rígidas, mas modeladas por interações e conexões contínuas.

O ciberespaço, em sua contínua expansão, evoca uma sensação de imersão profunda, como se estivéssemos sendo absorvidos por sua vastidão. Paralelamente, o consumismo,

intensificado em ritmo e frequência, demarca um processo contemporâneo social que se desenha na globalização digital das sociedades contemporâneas. A internet tem sido formatada de maneira inextricável por algoritmos, que se configuram como mecanismos centrais na personalização das experiências *online* dos usuários; ajustando o conteúdo de acordo com os interesses específicos e as aspirações individuais de cada pessoa na rede, como destacado por Suely Deslandes e Tiago Coutinho (2020). Estes sistemas algorítmicos são meticulosos em sua função de mapear e interpretar o comportamento – marcado por interações como curtidas, cliques e incursões em buscas – para, então, curar e distribuir conteúdo de maneira estrategicamente alinhada ao que é percebido como relevante para o perfil do usuário.

Ademais, esses algoritmos desempenham um papel vital no estabelecimento de conexões sociais digitais, ao sugerirem potenciais amigos/seguidores com base na intersecção de redes de contatos, fomentando assim uma comunidade *online* mais integrada. No domínio comercial, há a disseminação de material publicitário, calibrada segundo o perfil de consumo do usuário, potencializando a eficácia das estratégias de *marketing* (Rocha; Oliveira, 2021).

De forma muito significativa, os algoritmos gradualmente exercem influência sobre o discurso ideológico e político dos usuários, orientando-se pelo histórico de buscas e interações, entre outras ações. Atualmente, as eleições nos Estados Unidos da América foram marcadas pela aliança política entre o candidato de extrema-direita, agora eleito presidente, e os *CEOs* dos principais aplicativos de relacionamento contemporâneos. Essa aliança tem resultado em novas diretrizes dentro dessas plataformas, permitindo o uso de termos racistas e LGBTQIAPN+fóbicos que antes eram vetados (El País, 2025). Além disso, diversos usuários apontaram que, compulsoriamente, passaram a seguir o perfil de Donald Trump (G1, 2025b).

Pessoalmente, experimentei os desdobramentos dessa mudança logo após a posse do governo Trump. Em meu perfil privado no *Instagram* – restrito a seguidores aprovados e com um número reduzido de contatos – tive uma publicação sinalizada como sensível pela plataforma. A razão? Apenas compartilhei a fotografia de uma arte de rua, em um estilo que remete às obras de Banksy, na qual uma criança urina na cabeça de Elon Musk, enquanto ele faz um gesto que muitos associam a uma saudação nazista durante a cerimônia de posse do atual presidente dos Estados Unidos da América.

Esses episódios ilustram de forma contundente como os aplicativos sociais vêm desempenhando um papel ativo na construção de sentidos e na disseminação de narrativas

convenientes a determinados interesses. Longe de serem meros espaços de sociabilidade, essas plataformas consolidam-se cada vez mais como agentes na disputa pelo controle informacional, intervindo nas dinâmicas políticas e sociais, redefinindo os limites da liberdade de expressão e da visibilidade pública.

Essa capacidade de direcionar sutilmente posicionamentos e as inclinações ideológicas sublinha o poder e a influência crescentes dos algoritmos sobre o tecido social e cultural contemporâneo (Deslandes; Coutinho, 2020). Assim, os algoritmos servem como controle de um ambiente pré-fabricado (porém nunca acabado) que organizam o montante de informação necessária (e suas conexões) para alimentar o interesse dos usuários, possibilitando uma experiência exclusiva como forma de garantir um padrão de qualidade (Rocha; Oliveira, 2021).

Nesse sentido, pensar o algoritmo como uma tecnologia que se molda a partir do movimento de quem o utiliza nos permite a seguinte reflexão: lança-se mão do vigiar e punir foucaultiano para oferecer uma experiência mais agradável e acessível às pessoas ou para enredá-las cada vez mais em seu uso? É importante lembrar não apenas que a internet (e seus mecanismos) faz parte do contexto social – não como uma realidade paralela, mas como uma construção social –, como também que ela se fundamenta na lógica da máquina capitalista. “Do ponto de vista comercial, quanto mais confortáveis e categorizáveis os usuários se estabelecem, mais previsíveis se tornam suas vontades e inclinações de consumo, elevando a precisão da publicidade a um patamar altamente lucrativo” (Rocha; Oliveira, 2021, p. 2).

Entretanto, além do viés mercadológico indissociado, nos interessa também pensar que se a tecnologia vislumbra um recorte subjetivo dos seus usuários, ela também é agente nesse processo. Avista disso, quais possibilidades de existência, a hiperconectividade nos lança no ciberespaço? Que território é esse que é construído ao passo que se constrói o caminho?

Com uma estimativa de 5,3 bilhões de usuários de internet em todo o mundo (União Internacional de Telecomunicações, 2023), a rede digital consolidou-se como uma dimensão da vida cotidiana, permeando inclusive a esfera da sexualidade (Johansson, 2016). Nesse contexto, o ambiente *online* desafia e reconfigura duas noções fundamentais da modernidade: o tempo e o espaço. A ideia de tempo como linear e sucessivo é tensionada pela simultaneidade das interações digitais, enquanto a concepção de espaço como algo fixo e fronteiro é ressignificada pela conectividade global. Essas concepções modernas, profundamente enraizadas na lógica colonial, foram historicamente construídas pelas grandes navegações, que

estabeleceram fronteiras territoriais e definiram propriedade, inclusive sobre corpos humanos, como pilares de exploração e dominação. O espaço delimitado, com suas fronteiras rígidas, sustentou disputas territoriais e conflitos geopolíticos, servindo também como fundamento para a produção de subjetividades e ideias de pertencimento.

No entanto, a hibridização tecnológica contemporânea desafia essas noções ao questionar a suposta transcendência do espaço digital. Longe de criar um ciberespaço dissociado das geografias físicas, essa hibridização promove uma sobreposição entre os mundos material e virtual, gerando contextos híbridos em que as realidades física e digital se entrelaçam (Barns *et al.*, 2017). Assim, o território não é apenas um espaço delimitado, mas também uma arquitetura que incorpora dimensões humanas e tecnológicas, redefinindo as formas de interação e vivência na contemporaneidade. Para uma parcela significativa da população LGBTQIAPN+, a integração da internet móvel nas práticas diárias tornou-se central para a vivência da sexualidade, especialmente por meio de aplicativos de encontros (Miles, 2021).

O ciberespaço, apesar de intangível, carrega as marcas de suas próprias relações e configurações, especialmente mediadas por algoritmos que, tal como os limites-fronteiras territoriais, orientam e transformam as experiências e interações dos usuários. Dessa forma, o espaço físico e o digital tornam-se, ambos, territórios dinâmicos que refletem as práticas e os desejos dos homens que utilizam *apps* de encontro. Aqui, a vivência pessoal se reconfigura, tecendo novas possibilidades de encontro e pertencimento. Compreende-se, portanto, que é nesse território imaterial que a busca por afetos e relações encontra outras formas de expressão, mais sutis e ao mesmo tempo vastas, ampliando o que entendemos como lugar e espaço.

A grande atração de aplicativos como *Grindr*, *Scruff* e *Hornet*, que prevalecem na socialização *online* para encontros entre homens, reside em sua sofisticada função de mapeamento por GPS. Essa característica habilidosa localiza as coordenadas físicas do usuário, permitindo filtrar possíveis conexões pela proximidade, com o intuito de facilitar encontros concretos que surgem de interações *online*. Ao apresentar uma grade visual de potenciais *matches* para sexo, relacionamentos e namoro, dispostos de acordo com a distância, essas plataformas transformam o desejo em realidade palpável, tecendo encontros que se entrelaçam na trama cotidiana.

É importante ressaltar que os *apps* supracitados, inicialmente, sugere possíveis contatos com base na localização geográfica, e não por meio de algoritmos. A chamada mídia locativa,

que abrange produtos que utilizam tecnologias de GPS disponíveis nos *smartphones* atuais, inclui também aplicativos sociais baseados na proximidade geográfica, como os *apps* de “pessoas próximas” ou redes sociais baseadas em localização (Miles, 2021). Entre essas plataformas, o *Grindr* se destaca como líder global no nicho de encontros entre homens, com presença em 234 países, conforme o próprio *app* (Grindr, 2020). O uso desses aplicativos, no entanto, vai muito além dos centros urbanos ricos do globo terrestre, conquistando popularidade em regiões frequentemente associadas a normas sexuais conservadoras e em áreas economicamente vulneráveis (Birnholtz *et al.*, 2020; Miao; Chan, 2020).

À vista disso, essas tecnologias inauguram possibilidades de flerte mesmo em contextos marcadamente cisheteronormativos, onde as normas dominantes são fissuradas de maneiras inéditas e revigorantes, por se manifestarem além dos territórios tradicionalmente associados à comunidade LGBTQIAPN+. Nesse cenário, o encontro pode acontecer em qualquer casa ou hotel, que se transfiguram em palco de um encontro sexual. Mesmo em locais fora do circuito de sociabilidade LGBTQIAPN+, não é mais necessário decifrar o interesse mútuo, já que esse obstáculo é superado pelo filtro do ambiente digital, que antecipa e conecta as partes interessadas (Visser, 2013).

Sam Miles (2021) parte da reflexão sobre a hibridização do território (sobreposição, síntese ou colapso de realidades digitais e físicas) para investigar o impacto das tecnologias digitais, especialmente aplicativos de geolocalização como o *Grindr*, na hibridização dos “espaços *queer*”, explorando como esses *apps* reconfiguram as interações sociais e sexuais na cidade. O objetivo central é compreender como esses aplicativos não apenas ampliam as possibilidades de encontro para minorias sexuais, mas também desafiam as noções tradicionais de territorialidade, outrora enraizadas em bairros e espaços físicos para encontros entre homens. A relevância da discussão está no fato de que, atualmente, 65% dos casais do mesmo gênero se conhecem *online*, contra 39% dos heterossexuais, demonstrando a relevância e onipresença dessas plataformas na formação de conexões (Rosenfeld; Thomas; Hausen, 2019). Com um mercado de aplicativos de encontros nos EUA avaliado em quase US\$ 1 bilhão, a crítica do autor é sobre como essas tecnologias podem estar transformando as noções de comunidade e pertencimento do público sexualidade-gênero dissidente.

Contudo, embora a inserção desses encontros em locais predominantemente heterossexuais seja celebrada por expandir horizontes e legitimar novas formas de sociabilidade não cisheteronormativa, ela inevitavelmente dilui a centralidade dos antigos pontos de encontro

LGBTQIAPN+ (Miles, 2021). Locais que outrora desempenhavam um papel fundamental na construção de redes de pertencimento e apoio veem sua importância diminuir, sendo progressivamente substituídos por encontros mediados por aplicativos. Nesse sentido, é pertinente refletir sobre as vivências dos homens gays em relação à divisão entre os aplicativos de namoro e outros contextos *online* voltados para a comunidade, além das distinções que se formam entre diferentes grupos de usuários conforme as plataformas utilizadas (Wu; Ward, 2018).

Igualmente relevante é ponderar sobre os atravessamentos nas subjetividades que permeiam essas experiências. Marcadores sociais como raça, classe e masculinidade configuram de maneira desigual as interações nesses ambientes digitais, replicando dinâmicas de exclusão já observadas nos espaços físicos tradicionais. Sob o imperativo normativo da masculinidade cisheteronormativa, muitos homens continuam a enfrentar desafios semelhantes tanto nas interações face-a-face, como nas plataformas digitais (Alves, 2023; Vasconcelos, 2023; Stack, 2022; Oliveira Neto, 2021).

Como destacado anteriormente, nos referidos aplicativos é possível utilizar filtros⁷ de seleção para encontrar perfis mais atraentes, de acordo com o gosto do usuário. Contudo, é relevante frisar que esses filtros dependem das informações fornecidas ao configurar o seu perfil, respondendo às perguntas do aplicativo, ou seja, autodeclaração não obrigatória. No Brasil, particularmente em cidades menores ou em contextos mais íntimos, como bairros residenciais, os homens homo-desejantes tendem a empregar esforços para garantir sua privacidade/discricção (Green, 2022). Apesar dessas observações, também reconhecemos que os aplicativos estão, de certa forma, interconectados entre si, compartilhando os dados de navegação de seus usuários, configurando assim uma forma de existência no ciberespaço.

Apesar dessa aparente transcendência, os aplicativos dialogam com a noção de território, ainda que a modifiquem em certos aspectos. A possibilidade de reposicionar-se no mapa, redefinir localizações ou até ocultar informações geográficas demonstra como os aplicativos reconfiguram a relação entre espaço físico e digital. Alguns *apps*, como o *Grindr*, adotam medidas para não exibir a localização exata dos usuários, em resposta a preocupações com segurança e episódios de violência. Nesse sentido, o território é redimensionado, mas não completamente rompido, mantendo uma conexão simbólica com os espaços culturais e sociais

⁷ Dentre eles temos algumas opções como: “*online agora*”, “idade”, “posição sexual”, “local de encontro”, entre outros.

em que os indivíduos se inserem.

Essa dinâmica torna-se ainda mais evidente ao considerarmos as construções culturais dos territórios. As diferenças entre grandes centros urbanos e localidades menores, por exemplo, acentuam como os aplicativos refletem e amplificam as distinções entre visibilidade e anonimato. A tensão entre cidade grande e cidade pequena se expressa tanto nas estratégias de exposição quanto nas possibilidades de ser reconhecido ou invisibilizado no espaço digital. Assim, os aplicativos não apenas redimensionam o território, mas também operam como mediadores de suas narrativas culturais, refletindo as nuances que atravessam os espaços físicos e digitais.

Nesse íterim, para ajudar a entender e complementar o conceito de território, apresentamos também as concepções de lugar e espaço, fundamentais para a Geografia. Isso se torna especialmente relevante quando se observa que o principal aspecto desses *apps* consiste em utilizar a geolocalização como um método para apresentar/dispor possíveis contatos.

Na obra “Por uma Geografia do Poder”, Claude Raffestin (1993) reafirma a importância de pensar o espaço, como um conceito anterior e que pavimenta a discussão sobre território. Essa abordagem teórica compreende o espaço como uma entidade primordial, intrinsecamente anterior a qualquer forma de intervenção humana ou social; algo inerentemente “dado”, assemelhando-se a uma matéria-prima fundamental, existente de forma autônoma, alheio a quaisquer atos ou práticas preexistentes. Ele se configura como um âmbito repleto de potencialidades, uma dimensão material que precede tanto o conhecimento quanto a prática, e que se converte em objeto de interesse/apropriação no momento em que alguém manifesta a intenção de se engajar e interagir com ele.

Importante ressaltar, que, apesar de o território encontrar seu fundamento no conceito de espaço, não se deve confundir os dois termos, pois possuem conotações distintas (Raffestin, 1993). O conceito de espaço deve ser compreendido em estreita associação com o conceito de território, reconhecendo que o território é um produto das interações e relações sociais que ocorrem dentro do espaço. Dessa forma, a análise do território deve incorporar uma compreensão das dinâmicas sociais que contribuem para a sua formação e transformação ao longo do tempo.

O lugar, na concepção do geógrafo brasileiro Milton Santos (2023), emerge como a tessitura mais íntima e cotidiana da vida social, onde as relações de vizinhança e proximidade

tecem o cenário das interações humanas. Nesse território do cotidiano, a materialidade do ambiente entrelaça-se com as subjetividades, fazendo do lugar um palco de resistências, contradições e afetos que surgem das vivências diárias. É no lugar que se desenrola o encontro entre o global e o local, em uma dialética constante entre as forças verticais – as influências externas do mercado e do Estado – e as horizontalidades – as relações internas e próximas, sustentadas pelo convívio e pela partilha.

O lugar como o espaço das experiências sensíveis, onde o cotidiano não apenas guia as condutas, mas também reflete as dinâmicas das pessoas, é discutido por Milton Santos (2008). Este é o solo fértil da resistência à globalização hegemônica, que, embora apresentada como fábula – uma narrativa encantadora e dominante –, encontra no lugar a força para confrontar sua face mais perversa. Assim, o lugar transforma-se em um ponto de convergência entre os agentes locais e os fluxos globais, capaz de gestar novas possibilidades. Nesse sentido, o lugar pode ser compreendido como o espaço onde o futuro é forjado a partir da resiliência das relações cotidianas e da criatividade daqueles que o habitam, contrapondo-se à narrativa única e dominante do poder global (Santos, 2008).

Por outro lado, o território abrange uma escala mais ampla e institucional. É uma categoria geográfica vinculada ao uso do espaço por diversos agentes, incluindo o Estado, empresas e instituições. O território envolve o controle e a apropriação de um espaço definido, articulando poder e relações econômicas. Ele se forma através da organização e uso de infraestruturas e recursos, sendo o palco de conflitos entre agentes internos e externos. Assim, o território é tanto um espaço político quanto econômico, onde se manifestam as relações de poder, produção e circulação de bens, e é fundamental para a organização do espaço geográfico como um todo (Santos, 1994).

Dentro dessa discussão, surge então a premência de pensar as noções de território a partir da experiência *online*, a partir de Lúcio Mello (2022) compreendemos duas características principais que introduzem essa discussão. A primeira é de que existência da *internet*, a partir das redes de fibra ótica, submarinos e satélites, possibilita uma cobertura de maneira quase⁸ uniforme, de modo integral, dando às Tecnologia de Informação e Comunicação (TICs) uma onipresença incontestável. A outra característica é que, contemporaneamente, a experiência

⁸ Ressalvamos o “quase” porque entendemos que apesar de um aprimoramento tecnológico, a cobertura e, sobretudo, o acesso às TICs é permeado por desigualdades socioeconômicas e do racismo ambiental; haja vista os contextos em que a cobertura não é tão eficaz, além da possibilidade de acesso a equipamentos e operadoras que permitem uma melhor experiência *online*.

online se consolidou de tal forma que seu uso estabelece padrões morais e de linguagem, e estudá-la permite vislumbrar os processos semiológicos, simbólicos e interativos.

Nesse contexto, é inevitável invocar Michel Foucault (2008) para o debate, pois a abrangência que as TICs alcançam, através de um processo de *mediatização*⁹, gera uma sensação de conexão sem barreiras ou distâncias. Essa aparente coesão, contudo, pode ser vista como uma expressão do controle neoliberal, que utiliza dispositivos para produzir governamentalidade, associando o poder à ideia de algo positivo. Não à toa, Foucault (2008) vai tratar o conceito de dispositivo como aquilo que regula relações de poder de forma difusa: matizado como algo cotidiano, mas que age diretamente nas relações influenciando em hábitos.

Para refletir sobre o neoliberalismo, nos apropriamos das discussões de Pierre Dardot e Christian Laval (2016), que contribuem para compreendê-lo como uma nova razão que impulsiona as pessoas a adotar uma ideia de autonomia marcada pela autorresponsabilização, autculpabilização e pela crença de que todos têm as mesmas condições iniciais para alcançar seus objetivos individuais. Ademais, o que se segue é um isolamento social que fragiliza os processos grupais (por questionar a coesão), além de ampliar os interesses individuais, incitando disputas de poder-saber.

O neoliberalismo político, tal como se desenvolveu, teve consequências importantes nas condutas efetivas dos indivíduos, incitando-os a “cuidar deles mesmos”, a não contar mais com a solidariedade coletiva e a calcular e maximizar seus interesses, perseguindo lógicas mais individuais num contexto de concorrência mais radical entre eles. Em outras palavras, a estratégia neoliberal consistiu e ainda consiste em orientar sistematicamente a conduta dos indivíduos como se estes estivessem sempre e em toda parte comprometidos com relações de transação e concorrência do mercado (Dardot; Laval, 2016, p. 243).

Nessa reflexão, consideramos o quanto se espera que figuras socialmente apontadas como dissidentes – em uma estrutura que não apenas orienta práticas, mas também dita padrões pessoais de existência – fetichizem a figura do mártir como símbolo ideal, mesmo dentro de um meio que as violenta. É urgente perceber que essa é uma concepção cristã colonial que torna heroica a resistência individual, mas nada produz contra o sistema opressor; pelo contrário, reafirma-o. As heroínas e os heróis da resistência são louváveis, mas as lutas coletivas,

⁹ Como este termo não é um consenso nos estudos da área, aqui compreendemos *mediatização* como os atravessamentos e processos na sociedade a partir da inserção das mídias de comunicação, no caso deste estudo as mídias digitais, nas relações individuais e coletivas.

originárias dos povos colonizados, são suplantadas em favor de esquemas como o pacto narcísico da branquitude e os privilégios macho, cisgênero, heterossexual, etc.

O superestimado poder individual radicalmente leva o sujeito neoliberal a direcionar suas ações individualizadas do coletivo para um egoísmo – disfarçado de autocuidado por se alicerçar no pressuposto do “sucesso como valor supremo, sejam quais forem os meios para consegui-lo” (Dardot; Laval, 2016, p.361). Os autores alertam ainda que, apesar do neoliberalismo ser uma ordem que aparentemente versa sobre a esfera do trabalho capitalista, ela se constitui não apenas como uma razão que dita vieses econômicos-políticos, mas engendra-se nas formulações subjetivas que forjam o sujeito neoliberal competitivo, isolado, egoísta, “empreendedor de si, é feito para ganhar” (p.353). Dito de outro modo, epistemologicamente essa nova razão se estrutura de tal modo que se entrelaça nas questões ontológicas, de modo que a maximização da potência da ação individual impõe uma ideia de que os desalinhos sociais são atribuídos a um fazer uno, gerando modos sectaristas de ser/existir em sociedade.

Nesse sentido, ao refletirmos sobre esses aspectos nas interações entre homens nos *apps*, buscamos compreender as relações que se constroem na contemporaneidade, sem distinção entre o *on* e o *off*, uma vez que reconhecemos o entrelaçamento indissociável entre ambos. O neoliberalismo, ao fomentar a primazia do sucesso individual a qualquer custo, desfigura as relações sociais ao transformá-las em instrumentos para objetivos utilitaristas. Nesse cenário, as interações interpessoais, em vez de serem baseadas em laços genuínos ou solidários, tornam-se degraus para a conquista do êxito pessoal (Dardot; Laval, 2016; Han, 2018; Bauman, 2008; Sennett, 2006). Nessa “ambienciência” relacional – termo que remete à atmosfera de superficialidade nas relações – prevalece o que é imediato, volátil e expresso em função de interesses práticos e transitórios. A busca incessante por eficácia, prosperidade e competição pressiona as pessoas a se adequarem aos padrões de produtividade e sucesso, desconsiderando as complexidades e contradições do viver coletivo. Assim, a profundidade e autenticidade das relações sociais se diluem, favorecendo uma cultura marcada pelo efêmero e pela instrumentalização do outro.

Esse contexto de instrumentalização não se limita às relações interpessoais, mas também atravessa a esfera do conhecimento. Entendemos aqui o saber como poder, algo que se torna objeto de disputa. Essa visão se insere em uma era onde a informação, o capital imaterial, assume o protagonismo como a nova base da economia mundial, característica de uma

sociedade pós-industrial que substitui o industrialismo material (Masi, 2003). Nessa lógica, a sociedade da informação se estrutura por meio das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), formando redes que, em teoria, ampliam as conexões sociais, mas que, na prática, podem também perpetuar formas de exclusão (Castells, 2005). Ademais, a *internet* não apenas transforma as formas de comunicação, mas também possibilita que cada indivíduo seja remetente e destinatário de mensagens, escolha suas comunidades e formule perfis próprios nesse espaço digital (Loveluck, 2018).

Milton Santos (2008) explora como a midiatização, dentro do contexto neoliberal, influencia a construção do ideal de “sujeito global”. Ele destaca que os vieses gerencial e psicológico se incorporam nas pessoas através da massiva presença midiática, promovendo uma conformidade ao modelo globalizado. Este fenômeno toma forma pela subordinação da esfera privada, onde a retenção de informações pessoais é cada vez mais controlada por ferramentas do cotidiano digital, como aplicativos e plataformas de busca.

O autor aprofunda sua análise ao sugerir que essa dinâmica se sustenta não apenas pela absorção dos vieses gerencial e psicológico, mas também pelo constante desenvolvimento das tecnologias de comunicação. Essas inovações reconfiguram as relações sociais e reordenam as hierarquias espaciais, transformando o panorama da interação humana e a distribuição de poder no espaço contemporâneo. Dessa forma, Milton Santos (2008) nos provoca a repensar criticamente as implicações dessas transformações tecnológicas na vida cotidiana e nas estruturas sociais.

A expressão da masculinidade aponta para uma intrincada teia de expectativas sociais e culturais que orientam o papel de gênero, sobretudo quando não invisibilizamos as marcas territorialidade. Na esteira das reflexões a partir da leitura de Milton Santos (2008), vislumbra-se como a midiatização global, ao impor agenciamentos específicos, reforça essas concepções neoliberais nos sentidos sobre masculinidade que, em uma curiosa dialética, emergem como simultaneamente locais e universais. No entanto, com o ininterrupto avanço das tecnologias, a crescente globalização da informação e o seguir da trajetória da história e das relações sociais, tais performances rígidas de gênero são postas à prova, oferecendo novos modos de ser e existir.

Nesse cenário, as fronteiras do que é “ser homem” se veem compelidas a expandir-se, especialmente diante da aceitação da diversidade e do desnudamento das vulnerabilidades outrora silenciadas. A midiatização contemporânea e suas interconexões, paralelamente,

amplifica discursos normativos, mas também abre fendas por onde as existências dissidentes ganham visibilidade, distanciando-se dos rígidos paradigmas cisheteronormativo. Embora o avanço tecnológico desafie essas normas, frequentemente o faz ancorado em estruturas do passado, criando uma simbiose entre o que foi e o que está por vir. Nesse contexto, o homem, situado em um entrelaçamento de territorialidades, influências globais e o seu próprio desejo, é convocado a participar de um constante processo coletivo de produção de sentidos sobre gênero e sexualidade.

Ademais, diante do que foi construído até aqui, no diálogo entre autoras/es, direcionamo-nos a pensar como essas verdades socialmente construídas sobre sexualidade-gênero se engendram nas práticas de sexo casual entre homens em uma cidade de médio porte. Esses atravessamentos também permitem uma diversificação das práticas sexuais entre homens na contemporaneidade que, a partir do advento da internet, possibilita aplicativos de encontro como dispositivo de agenciamento de gênero e sexualidade (Miskolci, 2017). Desse modo, discutir as práticas de pegação entre homens sem considerar a mediação por aplicativos, que atualmente dissolvem os limites entre uma vida *off* e *online*, estaria aquém às dinâmicas e discussões desse campo-tema.

A relação entre gênero, sexualidade e territorialidade apresenta desafios significativos para a compreensão das dinâmicas que atravessam os sujeitos em seus contextos específicos. Nesse sentido, levantamos questões que nos permitem aprofundar essa análise: de que maneiras homens que desejam sexualmente outros homens agenciam suas masculinidades frente à cisheteronormatividade presente em seus contextos de vida? Como, por meio de seus encontros eróticos, elaboram formas de nomear seu gênero, sua sexualidade e suas práticas sexuais, criando rupturas ou reafirmações em relação à masculinidade hegemônica? Quais as fissuras – compreendidas tanto como fragmentações quanto como desejos intensos – que essas negociações produzem nas normatividades de gênero e masculinidade?

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, objetivamos situar os caminhos metodológicos adotados para a construção do conhecimento com os interlocutores da pesquisa. Dado o contexto abordado, este percurso foi marcado por intensas negociações em torno das histórias dos participantes, permeados involuntariamente por sentimentos profundamente íntimos. De pronto, já é importante sinalizar que as incursões nesses espaços digitais foram pautadas em diversas estratégias que, por vezes, trouxeram a necessidade de rever as escolhas previamente formuladas, na constante reflexão frente às situações que nos interpelaram.

A minha experiência na pesquisa do mestrado, que também utilizou os aplicativos de encontro como caminho e ponto de questionamento, me fez acreditar numa pretensa segurança ao lidar com as expectativas para o fazer metodológico. Como esse escrito se propõe a romper com um espectro colonial – aqueles em que os erros são suplantados enquanto se enaltece o sucesso com todo garbo –, acreditamos que os desacertos também dizem dos possíveis caminhos que construíram o conhecimento aqui explanado. Destaco, então, que de algum modo me embebeci dessa ideia de que estes eram caminhos já conhecidos e, portanto, distante de intercorrências que pudessem desestabilizar o processo.

Entretanto, foi no trato cotidiano da pesquisa que relembrei e constatei que assim como as relações não estão postas, o espaço onde elas acontecem também não. A pretensão da segurança é diluída quando se tem abertura para encontrar o novo que os “velhos” caminhos encontram nas curvas, esquinas e encruzilhadas. Sem falar que, por não estarem postos, nunca serão velhos.

Dito de outro modo, esta tese se forja na desconstrução de certezas postas e na possibilidade de pensar o devir, não apenas meu/por mim, mas também e principalmente com/no/dos participantes. Outro ponto relevante é que, entre a pesquisa de mestrado e a de doutorado, tanto o aplicativo quanto minha posição e uso passaram por transformações significativas. Os aplicativos, por natureza, estão em constante atualização, refletindo as mudanças tecnológicas e sociais. Paralelamente, minha própria relação com a plataforma evoluiu: me tornei mais aberto para problematizar questões variadas sobre as experiências de homens na pegação e me permiti ser afetado pelas interações de uma maneira mais despreziosa e como usuário; que apesar de não ter sido algo pensado para a tese, nesses 4 anos em que ela foi construída, invariavelmente, a compôs.

3.1 LENTES EM MOVIMENTO: CONSTRUINDO INTERPRETAÇÕES A PARTIR DO PÓS-CONSTRUCIONISMO SOCIAL

As lentes em movimento do pós-construcionismo social orientaram e delinearam o processo de pesquisa que organizou esta tese. Retornando à intrigante metáfora proposta por Edna Granja (2015) para a escolha do objeto e problema de pesquisa: é como colocar óculos, ajustando o foco com o qual o/a pesquisador/a percebe teorias, conceitos e o próprio ato de investigar. O pós-construcionismo social emerge como uma resposta vibrante e crítica ao risco de hegemonia no construcionismo social, conforme discutido no livro de Mariana Cordeiro *et al.* (2023). Entretanto, o “pós” no termo não marca uma superação ou evolução do construcionismo, mas sim uma simples sequência temporal que alerta para a necessidade de expandir o campo crítico, evitando uma ortodoxia sufocante, como reflete Lupicínio Íñiguez-Rueda na supracitada obra.

Este movimento ressoa com uma diversidade de vozes e influências, abrangendo desde a teoria da performatividade de Judith Butler até a Teoria Ator-Rede de Bruno Latour, passando por debates sobre reflexividade e estudos feministas. Lupicínio Íñiguez-Rueda observa que essas correntes convergem para um panorama analítico mais rico e dinâmico, onde se reexaminam questões fundamentais como processos de subjetivação, poder e ciência. O pós-construcionismo, portanto, se caracteriza pela abertura e pela pluralidade, rejeitando a ideia de uma nova escola de pensamento (Íñiguez-Rueda; Brigagão, 2023).

Mary Jane Spink, também presente no livro, ilumina dois caminhos principais dentro do pós-construcionismo. O primeiro é o das reflexões feministas críticas, que dialogam com conceitos de performatividade, interseccionalidade e a decolonialidade do ser/saber/poder. O segundo é o das contribuições da Teoria Ator-Rede, que propõe uma simetria radical entre humanos e não humanos nas tramas complexas da existência (Spink; Cordeiro, 2023).

Essas trilhas, embora distintas, se interconectam entre si, enriquecendo o cenário pós-construcionista com um conjunto de ideias que, por premissa, rejeitam a cristalização de dogmas. Assim, essa abertura não se limita às teorias, mas também se estende à prática de estabelecer diálogos com pesquisadores de diversas regiões do mundo, evitando que as posturas construcionistas se tornem “novas ortodoxias” (Íñiguez-Rueda; Brigagão, 2023). Portanto, a proposição pós-construcionista é um convite à ampliação dos diálogos, mantendo um questionamento contínuo dos modos de produção de conhecimento.

Ademais, nos aproximamos do debate construído por Lupicínio Íñiguez (2005) para entender essa definição a partir de algumas chaves do construcionismo, as quais, portanto, podem ser encontradas na paisagem pós-construcionista. A primeira dessas chaves é o anti-essencialismo, que nos permite perspectivar as pessoas e todo o contexto sociocultural como reflexos de processos sociais específicos, de modo que não há nada que possa ser considerado como uma essência ou uma pré-determinação. A segunda é o relativismo, que considera o tempo/história como agente de mudança, entendendo que a realidade é construída socialmente e, por isso, é relativa e baseada em uma dialogia. A terceira é o construcionismo como movimento, que nos leva a refletir constantemente sobre a maneira como aprendemos a olhar o mundo e a nós mesmos, questionando verdades aceitas. A quarta é a compreensão de que o conhecimento é localizado, datado e parcial; nesse sentido, reconhece as marcas históricas, culturais e o posicionamento através da linguagem. Na quinta, partimos de Kennet Gergen (1994) para entender o papel da linguagem na construção das realidades ao nomear as coisas. O autor aponta que, ao nomear o mundo ao nosso redor, não o reconhecemos como um significado prévio, mas sim o construímos, já que as palavras carregam valores em si.

O construcionismo social não se confina a uma definição rígida nem a uma origem histórica específica, conforme argumentam Emerson Rasera e Marisa Japur (2005). Surge, ao contrário, como uma postura crítica ao saber científico tradicional, questionando suas premissas e métodos. É uma abordagem que emerge em três frentes distintas, conforme apontam Mary Jane Spink e Rose Mary Frezza (2013): na filosofia, como uma contestação ao representacionismo; na sociologia do conhecimento, como um contrapeso à retórica da verdade absoluta; e, na política, como uma crítica às estruturas sociais dominantes.

A crítica ao representacionismo, por exemplo, desafia a visão de que o conhecimento é um espelho fiel da realidade. O conhecimento é, na verdade, um produto das interações humanas – um artefato social constituído por disputas, negociações e consensos, como argumentam Spink e Frezza (2013). Essa visão co-construída e historicamente situada de conhecimento desafia a ideia de uma verdade universal e inquestionável.

A reflexão construcionista social interpela a naturalização dos fenômenos, desafiando a ideia de verdades absolutas e promovendo a desconstrução de conceitos profundamente arraigados em cada cultura (Íñiguez, 2005). Nesse sentido, ela nos convoca a expandir a imaginação e a nos envolver, de forma ativa, nos processos de transformação social. Tal engajamento requer não apenas que nos posicionemos, mas que o façamos de maneira

consciente e deliberada, fundamentando nossas escolhas em reflexões políticas e éticas, em vez de aceitá-las como meras opções equivalentes (Spink; Freeza, 2013).

Emilly Gomes e Mônica Lima (2020) destacam a maleabilidade como necessária ao rigor científico na pesquisa qualitativa em psicologia social de base construcionista, especialmente pela adaptação constante dos métodos para dar visibilidade às escolhas teóricas e metodológicas. Tal abordagem desafia a rigidez tradicional, ao invés disso, foca na explicitação do processo analítico como forma de transparência e comunicação científica. As autoras discutem a “prática discursiva” como um processo dialógico, onde o pesquisador e os participantes constroem significados juntos, sublinhando a ética relacional e a co-construção de sentidos.

À vista disso, esses pressupostos se inserem nesta tese como uma possibilidade de problematizar os padrões morais cisheteronormativos em torno das masculinidades. Kennet Gergen (1994) sugere que é possível criar realidades dialógicas e colaborativas; se isso é possível, então por que criar realidades de aniquilamento de corpos/subjetividades?

3.2 METODOLOGIA DE NARRATIVAS

As narrativas são como fios intangíveis que entrelaçam a trama das existências, fluindo sutilmente entre a interação social e os momentos de introspecção. No cotidiano, contamos histórias que se fincam nas memórias, constroem significados e estabelecem laços invisíveis. É por meio dessas narrativas que criamos pontes entre o que foi vivido no passado ao que se constata presentemente, unindo o individual ao coletivo, mas, acima de tudo, constituindo uma forma de nos posicionarmos e construirmos sentido.

Na Psicologia, as histórias e a arte de narrá-las encontram uma ressonância íntima com a técnica, adquirindo uma dimensão ainda mais singular no exercício profissional. Desde suas raízes históricas (tanto como profissão, assim como ciência) a Psicologia tem sido fortemente influenciada por uma tradição clínica analítica, na qual a escuta atenta das histórias pessoais emerge como o fundamento do cuidado terapêutico. A *anamnese*, um dos instrumentos mais básicos da profissão, exemplifica essa abordagem, ao objetivar iluminar as nuances da experiência pessoal. Cada história contada, segundo esse entendimento, permite entrever camadas de subjetividade, oferecendo a/ao psicóloga/o não apenas dados, mas um intenso

repertório de significados e vivências, que transcende o mero relato, constituindo-se como um mosaico complexo da condição humana.

Entretanto, antes de qualificarmos as narrativas a partir do campo teórico da Metodologia de Produções de Narrativas (MPN), é necessário contextualizar o marco do giro linguístico como a matriz de pensamento que fundamenta o desenvolvimento desta proposta. Esse marcador compreende uma mudança paradigmática nas ciências humanas e sociais, rompendo com a tradição cartesiana que predominava até então, segundo Mariana Cordeiro *et al.* (2023). Esse novo paradigma desloca a ênfase da interioridade do sujeito, que compreendia o conhecimento como um processo mental refletindo uma realidade externa. A linguagem, sob essa nova perspectiva, não é apenas uma ferramenta de comunicação, mas a própria condição para o pensamento. Ou seja, a linguagem é intrínseca à formação das ideias, subjetividades, práticas e relações sociais.

Segundo Tomás Ibáñez (2012), a linguagem desempenha um papel ativo na produção da realidade, sendo um agente transformador e constitutivo do mundo social. Essa nova abordagem sugere que certos enunciados são “atos de fala”, significando que sua enunciação está intrinsecamente ligada à criação ou modificação de estados de coisas que não poderiam existir independentemente da linguagem (Cordeiro *et al.*, 2023).

Ao deslocar o foco da filosofia e do conhecimento para a análise do uso da linguagem em contextos específicos, o giro linguístico nos permite analisar como a linguagem tangencia nossa experiência do mundo. Assim, ampliam-se as fronteiras das ciências humanas e um vasto campo teórico-metodológico é aberto para explorar as interações entre linguagem e sociedade, demonstrando como elas se constituem mutuamente em um processo contínuo de transformação e criação.

Quando a linguagem é analisada a partir do uso pelos seus agentes nas dinâmicas cotidianas das práticas sociais, a MPN adquire um espaço significativo e se posiciona entre um conjunto de metodologias alinhadas com o pós-construcionismo social. Ademais, a linguagem é compreendida por meio da dialogia, permitindo observar a produção de sua materialidade e das relações sociais (Martínez-Guzmán; Montenegro, 2014).

Nesse sentido, a metodologia de narrativas apareceu como uma estratégia coerente para a pesquisa que desenvolveu esta tese de doutorado. A preciosidade das narrativas reside em sua

natureza performativa, uma característica que resplandece com particular brilho no estudo sobre gênero e sexualidade. A premissa que se parte é que: quando as pessoas compartilham suas histórias, elas não estão apenas transmitindo informações. Portanto, essa performatividade não é apenas uma expressão, é um ato ativo de criação artesanal a partir da interação interlocutora, portanto co-construídas.

Nesse aspecto, a tese de Tiago Corrêa (2020) nos inspira diante da sua abordagem colaborativa da produção narrativa, onde o foco está em uma coautoria entre o pesquisador e os participantes, rompendo com os moldes tradicionais de assimetria entre pesquisador e pesquisado. O autor se propõe a construir, junto aos participantes, narrativas que destacam múltiplas nuances e se recusam a serem reduzidos a insumos para análise empírica. Assim, a narrativa é tecida de maneira que o pesquisador também se vê deslocado em suas próprias posições, e o resultado é um conhecimento que se constitui pela participação ativa e pela negociação constante de sentido entre todas as partes envolvidas

Através de Antar Martínez-Guzmán e Marisela Montenegro (2010), vislumbramos como as narrativas, entrelaçadas com as questões de gênero, podem tanto reafirmar padrões sociais como fissurá-los. As histórias de homens que rompem com o pacto cisheteronormativo, por exemplo, não são apenas relatos de experiências pessoais, mas também atos de desafio e afirmação, que contestam e redefinem as noções convencionais de masculinidade (aqui propositalmente entendida no singular por indicar uma norma) e sexualidade.

A narrativa atua como um esquema em que indivíduos e comunidades organizem suas experiências, atribuindo significado aos objetos e sujeitos ao seu redor, como sugere Nicolas Grollmus (2015). Nesse processo, o esquema narrativo e a experiência se encontram intrinsecamente conectados, inter-relacionando-se. Esta análise nos convida a refletir sobre as narrativas como molduras que não apenas recortam a experiência pessoal, mas também conferem profundidade e significado aos elementos que compõem o mundo ao nosso redor. Em outras palavras, a narrativa transcende o relato; ela é um mecanismo profundo de compreensão, onde o esquema narrativo e a vivência se entrelaçam em um ciclo contínuo de troca recíproca.

Ao narrar nossas histórias, estamos simultaneamente tecendo o próprio sentido de nossa existência e dos contextos nos quais estamos inseridos, numa dinâmica incessante entre o contar e o viver. No contexto específico dos nossos participantes, essa dinâmica se mostra ainda mais delineada, tendo as experiências de gênero como um importante marcador.

3.3 A METODOLOGIA DE PRODUÇÃO DE NARRATIVAS

A Metodologia de Produção Narrativa (MPN) centraliza sua análise na geração e construção de narrativas, conforme indicado pelo próprio termo que a denomina. Essa ênfase emerge da premissa de que as relações sociais não só atravessam, mas também ganham vida e se reinventam através das histórias que contamos. Histórias que, mais do que simples relatos, tecem e são tecidas no próprio ato de narrar, dando forma a sujeitos, laços e à própria realidade social que habitamos. Em outras palavras, na MPN, as narrativas não são simples reflexos do passado, mas potentes ferramentas que produzem significado e contribuem para a constituição do tecido social compartilhado (Cabruja; Iñiguez; Vazques, 2000).

Embora compartilhe esse entendimento básico com outras abordagens que valorizam as narrativas, a MPN se distingue ao rejeitar a concepção da narração como um processo cognitivo individual ou apenas um meio de comunicação. Diverge, assim, da ênfase dada à posição do narrador, onde a narrativa é vista como mero resultado da organização da experiência pessoal. Críticas a essa visão personalista, como as formuladas por Itziar Goikoetxea e Nagore Fernández (2014), ressaltam a narrativa como um artefato cultural, um dispositivo que constrói significados abrangendo as condições de sua produção, as interações entre os agentes envolvidos e os processos dinâmicos em constante transformação.

Nesse sentido, a MPN utiliza a narrativa como um dispositivo metodológico que permite a criação de textos híbridos, resultado da colaboração entre pesquisador e participantes (Balasch; Montenegro, 2003). Esse processo de co-escritura não enseja simplesmente reorganizar as experiências dos interlocutores, mas promover uma teorização dessas experiências, enfatizando as conexões, tensões e jogos de poder que emergem nas interações (Martínez-Guzmán; Montenegro, 2010).

No caminho metodológico de sua tese, Tiago Corrêa (2020) aposta no uso da própria posição híbrida, já que atuava simultaneamente como pesquisador e membro da equipe de profissionais que compôs o quadro de participantes da sua pesquisa. Essa característica permitiu um acesso mais profundo e a criação de um ambiente de confiança para a construção das narrativas, que não se limitavam ao campo formal da técnica, mas incluíam elementos de afeto e informalidade.

É importante considerar, nesse sentido, a tentativa de diluir as fronteiras entre participante e pesquisador no método adotado. Essa imprecisão ocorre não apenas porque o pesquisador também é atravessado pelas mesmas questões que afetam os participantes –

histórias entrelaçadas com o uso do aplicativo e dificuldades em posicionar-se diante das perversas verdades socialmente construídas sobre seu corpo (gênero/sexualidade) –, mas também devido à própria natureza da construção das narrativas. Estas emergem como frutos de uma dialogia viva entre pesquisador e participante, uma escrita contingenciada pelas sutilezas dos encontros e submetida a um processo de devolutiva, em que o participante não apenas consente, mas também escreve junto.

Dessa forma, o texto híbrido não deve ser visto como um produto final do processo, nem como uma relação verticalizada-colonial, em que o pesquisador “coleta” as informações dos participantes e, com seu saber cientificamente validado, lapida aquela pedra bruta em algo precioso. Não. A construção do texto híbrido surge de construção conjunta, de muitas mãos, das inspirações decorrentes do diálogo e é demarcada pelos sentidos negociados no desenvolver da conversa. Após a escrita desse texto, um novo diálogo se abre: a partir da devolutiva, o participante tem a oportunidade de revisar, expandir ou modificar o conteúdo, assegurando que o produto final reflita não apenas a interpretação do pesquisador, mas também os seus próprios posicionamentos. Essa postura facilitou a inclusão de vozes que normalmente estariam silenciadas e fomentou a produção de narrativas politicamente responsáveis, que valorizam a agência dos participantes ao possibilitar a revisão e modificação do texto conforme seus posicionamentos pessoais.

Nesta pesquisa, não concebemos a ideia de uma “coleta de dados” como algo passivo; não existe uma verdade formatada esperando ser identificada ou coletada. Pelo contrário, tratamos de uma coprodução de sentidos, em que as vozes se entrelaçam e ressoam na narrativa, deixando entrever a complexidade das experiências compartilhadas. Vale destacar que entendemos que essas narrativas só puderam ser construídas dessa maneira devido à possibilidade de uma compreensão dialógica, especialmente frente ao marcador social da não-heterossexualidade¹⁰ expressamente demarcada junto aos interlocutores. Entendemos que, ao me posicionar dessa forma, isso permitiu uma abertura ao diálogo, diluindo as tensões impostas pelo peso do julgamento moral, sob a égide da experiência compartilhada, além da minha posição como pesquisador-psicólogo.

¹⁰ Destacamos que a não-heterossexualidade não deve ser vista como um bloco homogêneo, pois ela abriga uma pluralidade de existências, reconhecendo que a orientação sexual é apenas um dos muitos marcadores sociais que definem uma pessoa. No entanto, é preciso reconhecer que, apesar das variações de experiência devido à intersecção com outros marcadores sociais, a cisheteronormatividade exerce uma influência pervasiva na trajetória de vida dessas pessoas. Essa norma imposta dita contextos e narrativas, atravessando as experiências individuais de maneiras complexas e, muitas vezes, sutis – é esta a nossa premissa.

Ao fim, não se tem um relato como em um inquérito, mas a narrativa como produto mediado entre o que foi vivido e os sentidos construídos enquanto se conta. Assim, permite-se que cada voz contribua para a tessitura do saber, criando uma colcha de retalho onde cada parte é indispensável, dada a sua singularidade.

3.4 IDENTIFICANDO POSSÍVEIS PARTICIPANTES E FORMALIZANDO INTERLOCUTORES

Nesta seção, exploramos o desenvolvimento das interações com os interlocutores, destacando como a pesquisa, orientada pela instrumentalização do desejo ao masculino, buscou, acima de tudo, nomear as masculinidades em diálogo com as marcas culturais em que está inserida. De fato, o trajeto que nos conduziu até este ponto foi construído a partir de contínuas trocas que conduziram as reflexões apresentadas até agora, resultando em uma das muitas versões possíveis dessa leitura. Esse processo envolve não apenas a construção de informações junto aos interlocutores, mas também os conhecimentos desenvolvidos em parceria com meu orientador-banca avaliadora, além das variadas instâncias que me enredam. Há afetações, e elas foram fundamentais para a realização da pesquisa e para a escrita desta tese.

Apoiados nas reflexões de Benedito Medrado e Jorge Lyra (2014), propomos uma pedagogia feminista que possibilite a compreensão das construções culturais em torno das masculinidades, ao mesmo tempo em que explora as frestas nos padrões normativos. Assim, utilizamo-nos das premissas pós-estruturalistas para, através da reflexão feminista, questionar a generificação dos corpos, sobretudo o processo de tornar-se homem. Complementar a esse propósito, Luís Augusto Silva (2010) assinala para a criatividade do pós-construcionismo na garantia da escuta das histórias dos interlocutores. O autor propõe que o caminho viável é considerar os atravessamentos sociais, culturais, políticos e históricos que tangenciam as experiências dessas pessoas, em vez de reduzi-las a aspectos biológicos ou linguísticos.

Com efeito, voltamo-nos a compartilhar os processos interativos vivenciados com os participantes da pesquisa, o que nos permitiu reconhecê-los formalmente como interlocutores. Desde o início, foi necessário considerar que, após a conclusão da dissertação (Oliveira Neto, 2021), decidimos explorar novas formas de contato com esses interlocutores, partindo do entendimento de que as narrativas se constroem a partir da interação. Assim, buscamos nos afastar das sutilezas de distanciamento que o ambiente digital tende a impor, priorizando encontros face a face. Isso nos permitiu não apenas nos afetar de maneiras mais profundas pelas

histórias compartilhadas, mas também enriquecer os textos híbridos com os detalhes que o contato direto proporcionou.

É interessante notar que nessa jornada não houve uma entrada em campo como um ponto de partida definido com o início do doutorado; pelo contrário, foi o trabalho de mestrado que lançou as bases para o percurso desta tese, alimentado também pelas experiências pessoais que direcionaram meu olhar sobre esta proposta. Nesse novo momento, porém, algo significativo ocorreu: senti-me mais à vontade para explorar o *Grindr* de uma maneira que transcendeu os limites da pesquisa. Se, durante o mestrado, meu retorno ao *app* foi movido pela investigação e pelas limitações de um relacionamento monogâmico, o doutorado, em contraste, me ofereceu uma nova perspectiva. Sem as restrições anteriores, pude explorar o *Grindr* com um olhar diferente, abrindo-me a novas compreensões. Assim, as impressões desse momento me atravessaram pelos marcadores que me constituem: um homem gay que pesquisa gênero a partir das relações de pegação entre homens; afinal, essas facetas não apenas se entrelaçam, mas se complementam/justificam mutuamente.

Apesar de reconhecer que, ao estar no *Grindr*, haveria maior contato com interações/investidas voltadas para sexo casual, é importante destacar que nossas discussões não se limitam nem refletem exclusivamente as experiências dos interlocutores em um único aplicativo. Embora seja inegável que o *Grindr* se destaque como o principal e mais conhecido aplicativo para encontros casuais entre homens, nossa opção por abordar “aplicativos” no plural parte do entendimento de que a experiência *online* é composta pela convergência de várias plataformas que complementam e ampliam o uso do *Grindr*. Seja no uso de aplicativos similares, como *Scruff*, *Hornet* ou *Tinder*, ou de *apps* como *Instagram* e *WhatsApp*, que exercem papéis fundamentais nesse universo ao oferecer canais paralelos de comunicação, visibilidade e interação, enriquecendo e complexificando a vivência digital. Dessa forma, ao abordar esse tema, reconhecemos que a experiência de socialização e de construção de redes entre esses usuários não é segmentada, manifestando-se em um contexto de interdependência entre diversas ferramentas digitais.

Mergulhei no *Grindr* não apenas para construir informações, mas também como uma forma de habitar e conhecer a cidade através das relações entre homens. Foi nesse cenário que iniciei um contato frequente com Zé¹¹, desafiando a superficialidade típica das interações no

¹¹ Nome fictício escolhido pelo próprio participante. Durante nossas conversas, solicitei que cada um escolhesse o nome pelo qual gostaria de ser referido, caso fosse mencionado na pesquisa.

app. O trivial “o que procura?” que ele me enviou, foi respondido com um simples “estou no tédio, querendo conversar”, e assim, nosso diálogo foi se transformando em uma troca constante de mensagens.

Embora morássemos próximos, nosso primeiro encontro presencial só aconteceu meses depois. O mais surpreendente, ao menos para mim, foi a intensidade com que nossa conexão evoluiu após esse encontro, culminando em uma amizade genuína. Foi nítida a profundidade que essa relação ganhou e não se desviou para outro caminho, ainda que inicialmente a conversa *online* tenha sido bordeada por um tom sexual; o que surgiu foi algo inesperado, um vínculo que desviou das expectativas comuns em um espaço onde o efêmero parece ser natural. A minha interação com Zé sinalizava que há outros caminhos no *app*, outras formas de se relacionar, fazendo-me problematizar se o *Grindr* seria mesmo um *app* de pegação (de forma encerrada). Ao formalizar em mim essas questões, somadas às inquietações que a pesquisa efervescia, propus que Zé fosse o início de uma bola de neve na constituição do meu grupo de participantes.

Para compreender essa proposta, é importante considerar que a pesquisa em ambientes comunitários emerge como uma investigação sociocultural que demanda um conjunto rigoroso de procedimentos para organizar/produzir conhecimento (Velasco; Díaz de Rada, 2006). Nesse cenário, a técnica da *snowball*, ou amostragem em bola de neve, constitui-se como uma abordagem não probabilística singular, onde o ponto de partida é uma semente – um indivíduo com profundo enraizamento no contexto local. Essa semente, conhecedora dos caminhos e segredos da comunidade, indica novos participantes, que, por sua vez, fazem o mesmo, tecendo uma rede de relações que se expande naturalmente até alcançar seu propósito.

Essa metodologia, que se alicerça nas dinâmicas sociais, permite que a própria comunidade conduza o processo, sendo mais eficaz do que a busca direta empreendida pelos pesquisadores, especialmente em territórios complexos ou em populações ocultas (Goodman, 1961; Albuquerque, 2009). A semente, ao lançar suas raízes, gera “filhos”, e essa linhagem de indicações se desenvolve como um organismo vivo, crescendo em direção às interações sociais mais íntimas e difíceis de acessar, o que torna o método especialmente valioso para investigações que buscam compreender situações sociais específicas (Albuquerque, 2009).

Nessa direção, Zé figurou como uma potencial semente para esse processo. Ele era alguém que tinha uma confiança estabelecida em mim, tinha uma frequência alta no *app*, sempre morou na cidade em que realizamos a pesquisa e, conseqüentemente, conhecia muitas pessoas que faziam uso. Portanto, Zé foi o primeiro interlocutor da pesquisa.

Confesso que encontrar Zé teve um peso bem mais leve para mim do que em relação aos outros participantes. O meu encontro com ele não carregou receios sobre como nos entrosaríamos ou sobre a abertura possível para um diálogo; nós já nos conhecíamos, já havia uma intimidade naquele momento. Porém, nem tudo estava posto entre nós; as surpresas, ou melhor, o desconhecido, estavam reservados no conteúdo que produzimos ali a partir das histórias de Zé – além de, obviamente, a minha constante autoavaliação do método.

Entretanto, senti que havia nele uma certa tensão em relação ao conteúdo das minhas perguntas e, conseqüentemente, uma certa polidez ao responder. Zé me parecia tenso com o fato de ser gravado; às vezes, ele falava diretamente com o celular (instrumento que utilizei para gravar o áudio do diálogo, previamente autorizado por Zé e por todos os interlocutores). Também é importante destacar que, na minha posição de amigo, eu já conhecia alguns dos assuntos discutidos na conversa com Zé. No entanto, perguntar-lhe fez parte do posicionamento de permitir que ele não apenas seja o narrador de sua história, mas também construa novos sentidos a partir do nosso diálogo.

Zé tinha 33 anos, nasceu e cresceu na cidade escolhida para desenvolver nossa pesquisa e, presentemente, reside em um bairro bem central. Ele se identifica como um homem preto, cisgênero e gay, possui ensino superior completo e trabalha atualmente como professor de inglês. Zé é um homem de estatura média, aparência jovem, com tranças afro no cabelo, corpo com músculos torneados e algumas tatuagens aparentes. Apesar de nossa conversa ter me ajudado bastante no processo de me situar e entender a dinâmica implícita da configuração desenhada, senti que a tensão atrapalhou sua implicação¹² nessa nossa interação.

De modo geral, apesar de a narrativa de Zé não fazer diretamente (ou integralmente) parte desta tese, ela se constituiu como ponto de partida e como um elemento sensível para a minha apropriação do método, para a relação com os interlocutores e para a escrita do texto híbrido. Além disso, como imaginado, sua participação como semente foi importante. A propósito, recorri a ele quando algum participante não tinha quem indicar ou indicava pessoas que não consentiam com a proposta da pesquisa (isso aconteceu em duas ocasiões).

¹² Um fato curioso sobre Zé é que ele foi o único participante que não me deu retorno sobre o texto híbrido. Ele me disse que tinha vergonha de ler, autorizou a publicação, mas preferiu não ler. Após alguma insistência, ele afirmou que leria, mas nunca me retornou, então entendi que não deveria insistir mais.

Assim, nosso grupo de interlocutores foi composto por dez homens, todos maiores de 18 anos e usuários¹³ de *apps* para encontros casuais (apenas um deles não estava com perfil ativo na ocasião. Embora tenhamos entrevistado dez pessoas, optamos por nos concentrar em quatro narrativas para a construção de reflexões mais aprofundadas nesta tese; acreditamos que essa escolha nos permite desenvolver um texto que esteja em consonância com as exigências de uma tese de doutorado. Portanto, os resultados apresentados no próximo capítulo refletem as narrativas de quatro participantes, sem desconsiderar a inegável contribuição – ainda que não explicitada diretamente aqui – dos demais interlocutores. Ignorar esses efeitos seria subestimar os significados construídos a partir das nossas interações.

O contexto da cidade de menor dimensão é central nessa discussão, partindo das articulações teóricas realizadas nos capítulos anteriores, que nos permitem problematizar os aspectos morais envolvidos nas produções de masculinidades no contexto da pegação entre homens. Ademais, como já mencionado, focaremos em usuários de aplicativos sociais baseados na proximidade geográfica. Em outras palavras, os usuários disponíveis para interações são aqueles que se encontram nas proximidades, conforme as informações de GPS do dispositivo que acessa o *app*.

Para a realização desta pesquisa, escolhemos uma cidade de médio porte, com aproximadamente 213 mil habitantes, localizada na região Nordeste. Embora a cidade não seja mencionada explicitamente esta foi um contexto relevante para o estudo das reformulações das pegações em uma cidade com menor possibilidade de espaços e pessoas, o que oferece um cenário interessante para refletir sobre como as interações sexuais não-hétero e as masculinidades são construídas e negociadas em um contexto com poucas possibilidades de matizar práticas de sexo casual; em um jogo entre o desejo e a moral cisheteronormativa. O fato de ser a cidade em que resido atualmente e por isso transitar e estar imerso nos lugares e cultura, também foi um fator determinante na escolha do local de estudo.

Inicialmente, nossa intenção era concentrar a análise nas características específicas da cidade ou região em que a pesquisa foi conduzida. Contudo, à medida que aprofundamos nosso entendimento sobre as noções de território, espaço e lugar, bem como revisamos nossas posições epistemológicas, percebemos que isso poderia nos levar a reproduzir uma perspectiva colonial de fronteira-território-delimitação. Tal abordagem não coadunava com os objetivos da

¹³ Apenas um dos interlocutores, Marcos, não estava com o perfil ativo no momento da pesquisa, pois estava em uma relação monogâmica. No entanto, sua experiência com o *app* e a forma como construímos a conversa se fez de forma tão significativa que foi um dos participantes escolhidos para compor esta tese.

pesquisa, como também contrariava a nossa postura de evitar generalizações. Além disso, reconhecemos que nossos interlocutores não vivem isolados; suas vivências e interações transcendem limites geográficos, conectando-se com outras pessoas, cidades e territórios.

Se o próprio contexto dos aplicativos de encontros rompe com a ideia rígida de fronteira, por que imporíamos uma ordem ou paradigma restritivo a nossos participantes? Limitar nossa análise apenas às pessoas que nasceram e sempre viveram na cidade em questão seria desconsiderar as experiências significativas vividas em viagens ou distantes do ambiente familiar – experiências frequentemente centrais para os homens homo-desejantes. Tal restrição não apenas silenciaria essas narrativas, mas também geraria resultados generalistas e, por extensão, essencialistas, comprometendo a complexidade e a riqueza dos dados.

Optamos, portanto, por adotar uma abordagem que, assim como o contexto *online* e das mídias locativas, valoriza a porosidade das relações entre os espaços e a possibilidade de reterritorialização. Essa escolha reflete uma compreensão mais dinâmica e fluida do território, permitindo que as experiências pessoais se manifestem sem os limites impostos por fronteiras fixas.

Além disso, a decisão de manter o anonimato da cidade reforça nosso compromisso ético com a confidencialidade dos participantes. Essa medida sustenta a confiança construída ao longo do processo de construção de informações, garantindo que as narrativas e experiências compartilhadas sejam tratadas com o devido respeito e proteção. Assim, buscamos analisar as masculinidades homo-desejantes em um contexto urbano de menor dimensão, porém dinâmico, assegurando que a pesquisa permaneça fiel às vozes e vivências dos interlocutores.

4. A CONSTRUÇÃO DAS INFORMAÇÕES A PARTIR DAS NARRATIVAS

A MPN destaca-se por sua rejeição à noção de uma voz única e definitiva, propondo, ao contrário, uma abordagem colaborativa que reconhece a incompletude e a multiplicidade inerentes ao processo de construção de conhecimento. Tal perspectiva não apenas enriquece a pesquisa, mas também desafia a tradicional relação de poder entre pesquisador-pesquisado, abrindo espaço para uma produção de conhecimento mais democrática e inclusiva.

Para compreender de forma mais objetiva como a construção das informações foi feita, sinalizamos que nossos passos contaram com algumas paradas: 1) contato inicial com o interlocutor através de troca de mensagens pelo *WhatsApp*, para dialogar sobre a proposta da pesquisa e como se daria a participação nesse processo; 2) após a concordância e o estabelecimento do dia/horário de encontro, conversa com o interlocutor; 3) escuta da gravação da conversa; 4) escrita inicial do texto narrativo, por parte do pesquisador; 5) devolutiva do texto narrativo para avaliação do interlocutor; 6) diálogo com o interlocutor sobre o texto narrativo.

Tendo em vista os diversos marcadores sociais que compõem as experiências de nossos interlocutores, compreendemos as nuances implícitas e, por isso, optamos por elaborar um roteiro¹⁴ (disponível no apêndice B) para a conversa. Esse instrumento se organiza “em torno de um conjunto de questões abertas pré-determinadas, com outras questões emergindo a partir do diálogo entre entrevistador e entrevistado” (DiCicco-Bloom; Crabtree, 2006, p. 315). As perguntas que vão surgindo como complementares ao roteiro objetivam tanto explicar alguns pontos, como levantar e detalhar informações sobre questões/temáticas evocadas pelo interlocutor (Mcgrath; Palmgren; Liljedahl, 2019). Assim, o conjunto de questões foi criado para incorporar uma diversidade de temas nas narrativas, principalmente considerando que, por se tratar de um assunto da esfera íntima, alguns receios pessoais poderiam invisibilizar tópicos importantes para a discussão. Nesse sentido, buscamos garantir temas como: os possíveis usos do aplicativo, as normas de gênero implicadas nas interações, as estratégias e tensões próprias das interações *online*, e as características do uso local.

¹⁴ O uso do roteiro não foi uma imposição ou uma sequência rígida a ser seguida durante a entrevista; em vez disso, serviu como um guia flexível para garantir que certos temas relevantes fossem abordados, sem limitar a liberdade dos participantes em compartilhar suas histórias e questões. Assim, o roteiro funcionou como um apoio adicional, assegurando que alguns pontos fossem problematizados caso não fossem naturalmente trazidos à tona pelos interlocutores, complementando, desse modo, as narrativas dos participantes.

Após Zé indicar o primeiro interlocutor, os demais participantes também passaram a fazer novas indicações. No decorrer desse percurso, percebemos o quão significativo foi contar com a recomendação de alguém que já havia vivenciado a experiência. Muitos apontaram que essa indicação foi basilar para superar o medo, seja de se sentirem avaliados/pesquisados, seja de contarem experiências sexuais moralmente vistas como sujas. Para atenuar possíveis tensões, também oferecemos total liberdade aos interlocutores para escolherem o local, o horário e o dia das conversas.

Desde os primeiros contatos via *WhatsApp*, apresentei-me e introduzi brevemente a proposta da pesquisa, procurando, porém, mediar esse primeiro contato com informações que pudessem subsidiar a participação dos interlocutores. A partir dos procedimentos realizados com cada participante, que incluíram a condução de entrevistas, a criação de textos híbridos e o diálogo subsequente sobre o conteúdo, surgiram narrativas que exploram o fenômeno estudado a partir de diferentes ângulos. Essas narrativas formam um mosaico de saberes localizados e parciais, fornecendo um caminho importante para uma reflexão teórica mais aprofundada. Entendeu-se que a análise se desenvolveu em três fases principais: 1) a construção da interlocução, momento em que foram formuladas questões e construções conjuntas (pesquisador-participante); 2) a elaboração das narrativas, que acolhem as diversas compreensões sobre o fenômeno; 3) o diálogo entre as narrativas e o interlocutor, etapa em que se teceu uma conexão entre os objetivos da pesquisa, os pontos de convergência e de divergência nas narrativas, e uma discussão teórica. Esse processo analítico, iniciado desde o primeiro contato com os participantes, culmina na interseção entre as diferentes compreensões, permitindo um aprofundamento na reflexão teórica sobre o tema investigado.

É imprescindível destacar que a devolutiva constituiu um momento crucial para a construção e aprofundamento das reflexões aqui expostas. Embora a devolutiva tenha ocorrido meses após o primeiro contato, o vínculo com os participantes não foi limitado; todos possuíam meu contato no *WhatsApp*, e alguns enviaram solicitação para seguir meu perfil no *Instagram*. De modo geral, estabeleceu-se uma conexão significativa.

Abordaremos a devolutiva de forma mais detalhada no terceiro ensaio que integra o próximo capítulo. Porém, é importante salientar que, por meio dela, pudemos trabalhar os efeitos das reflexões produzidas no primeiro contato, bem como as novidades relativas a cada participante ocorridas no intervalo de tempo entre o primeiro encontro e o envio do texto da narrativa, o que durou pouco menos que um ano. Além disso, asseguramos a autonomia dos participantes em decidir se algo deveria ser suprimido ou reformulado. Essa atenção às

individualidades e ao respeito pelas perspectivas singulares de cada participante reflete diretamente nossa postura teórica na condução da pesquisa.

Dessa forma, nesta tese, não nos propomos a encontrar uma verdade única ou produzir um conhecimento amplo ou generalizável sobre a experiência dos homens usuários de aplicativos para encontros. Em princípio, questionamos a própria noção de verdade absoluta. Ademais, acreditamos que tentar compreender essa experiência como algo unívoco levaria à essencialização, congelando sua plasticidade e dinâmica diversificada. Nosso objetivo, ao longo desta produção, foi explorar, a partir das narrativas dos nossos interlocutores – um tipo específico de prática discursiva, cuja relevância é central para esta pesquisa –, as tensões, negociações, disputas e contradições que emergem na construção de sentidos sobre masculinidades e pegação.

Se considerarmos o conhecimento como um processo forjado nas interações sociais, a noção de uma “verdade absoluta” se invalida frente a essa ótica. A verdade, então, emerge não como algo inabalável, mas como um reflexo das nossas convenções e dos critérios que, coletivamente, estabelecemos (Spink; Frezza, 2013). Esses regimes de verdade funcionam como alicerces que sustentam certas tradições e instituições, ditando as maneiras de viver e agir no mundo (Rasera; Japur, 2005). Não são verdades pré-discursivas, mas verdades que se manifestam como efeitos dessas interações. A posição construcionista reivindica que o lugar da verdade seja remetido à esfera ética, destacando sua legitimidade não como lei em si, mas como algo relativo a nós mesmos (Spink; Freeza, 2013).

Dessa forma, é por meio da análise dos repertórios que se torna possível perceber as permanências e contradições nos sentidos produzidos, bem como as múltiplas versões de realidade elaboradas pelos participantes. Entre as diversas finalidades que uma pesquisa pode almejar ao utilizar repertórios como ferramenta, destaca-se, nesta tese, o propósito de compreender os posicionamentos e as relações de poder que permeiam um tema ou campo específico, sejam eles científicos ou não, além das controvérsias que emergem nesse contexto (Aragaki; Piani; Spink, 2014).

A análise que propomos desafia as fronteiras tradicionais da pesquisa ao se afastar da ideia de descrição empírica dos fenômenos, evitando a imposição de categorias prévias que poderiam reduzir a complexidade das histórias. Nesse sentido, as narrativas aqui apresentadas não foram tratadas como objetos passivos de análise, mas como produções ativas e situadas, que abrem espaço para múltiplas leituras e nos permitiram ampliar a compreensão do

fenômeno estudado. Assim, os textos produzidos emergiram formas de conhecimento que não apenas refletem a realidade, mas também a constroem e reconfiguram paralelamente, em uma relação de isomorfismo com os demais textos e contextos que permeiam a pesquisa (Balasch; Montenegro, 2003).

Nesse horizonte, entendemos a análise narrativa como central para o estudo, tratando-as como o lugar privilegiado onde as pessoas constroem sentidos (Bamberg, 2012). Ultrapassam-se os limites dos fatos biográficos ao envolver a imaginação e a projeção de futuros possíveis, criando histórias que ressoam tanto para o narrador quanto para a audiência. A análise, então, se pauta na compreensão da narrativa não como um simples relato de experiências, mas como uma performance e uma construção interacional, na qual a audiência participa ativamente, colaborando na criação de sentidos. Como já discutido, a característica performativa destaca a dinâmica pesquisador-participante, onde ambos tecem juntos os fios dos sentidos em constante elaboração (Riessman, 2005).

O ato de contar uma história, nesse entendimento, emerge como uma forma de agir no mundo, uma maneira de se posicionar diante das normas, valores e ideologias socioculturais. A narrativa pessoal torna-se, então, um espaço de negociação, onde as narrativas sociais dominantes são tanto reproduzidas quanto desafiadas à medida que são recontextualizadas nas relações sociais (Moutinho; De Conti, 2016).

Ao trabalhar com narrativas, buscamos não nos posicionar acima dos nossos interlocutores, mas ao lado deles, compartilhando a tarefa de construção de sentido. A análise que propomos, portanto, não busca encaixá-las em teorias preestabelecidas, mas sim explorar as possibilidades que emergem dessas histórias, permitindo que novas formas de entendimento se desenvolvam. De modo mais prático, após trazer os textos narrativos, apresentamos três ensaios teóricos que se fundam na imersão e afetação do que foi coproduzido. Ademais, os textos se estruturam a partir de três eixos de análise, que emergiram das conversas durante o processo de devolutiva das narrativas, ressaltando aspectos que nos convidam a propor novas construções teóricas. São eles: a vivência em contextos urbanos de médio porte, que funciona como prisma para as experiências nos *apps*; a pluralidade de usos do aplicativo; a interanimação dialógica na construção de sentidos sobre essas experiências. Esses elementos se destacaram como pontos nas narrativas, vislumbrando novas possibilidades de compreensão.

Nesse contexto, as narrativas se entrelaçam com múltiplas experiências e histórias, tecendo um percurso íntimo e coletivo. Escrevo em primeira pessoa, buscando partilhar como

minhas itinerâncias e vivências no cenário de uma cidade de médio porte me atravessaram, marcando minha trajetória como homem-cisgênero-gay. Minhas narrativas autobiográficas se conectam com as daqueles que comigo construíram esta tese – sujeitos da pesquisa para alguns, interlocutores para outros – e essas histórias, por sua vez, dialogam com as produções teóricas de muitas e muitos que nos precederam. Ao falar das “memórias do invisível”, Suely Rolnik (1993) reflete sobre as marcas que se inscrevem em nossos corpos a partir das composições que emergem no encontro entre os fluxos de nossas vidas e os fluxos dos outros.

À luz dessas reflexões, evocamos a reflexividade como um caminho fértil para que eu me torne visível dentro dessa interação, sendo também um ponto central na construção de uma paisagem pós-construcionista na pesquisa, conforme nos sugere Lupicínio Íñiguez (2005). O autor argumenta que o ato de pesquisar é, em si, uma maneira de retratar o mundo ao nosso redor, fazendo da pesquisa social não apenas um espelho da realidade, mas uma criadora de novos retratos. Nesse sentido, torna-se importante considerar os marcadores sociais do pesquisador, para que se compreendam os diferentes contornos, atravessamentos e desafios que se desdobram nos fluxos discursivos que permeiam a investigação.

Sob a lente metodológica adotada, que compreende as narrativas como coproduções (ou textos híbridos), nossos interlocutores também são autores desses textos, e coube a cada um decidir como desejariam ser nomeados. Assim, os nomes mencionados ao longo deste escrito são pseudônimos escolhidos por eles. Outro ponto relevante é que optamos por não vincular as narrativas a datas específicas (como a data da conversa), pois entendemos que essas construções ocorreram ao longo de todo o processo de escrita desta tese. Elas foram constantemente revistas, relidas e mantidas em diálogo com os interlocutores, que, como coautores, continuaram a contribuir após o momento da conversa-entrevista. Dessa forma, apesar de expressarem um recorte – uma fotografia de um filme em andamento –, as narrativas são datadas conforme a tese, pois refletem as reverberações que ocorreram durante a sua produção.

A relação com os interlocutores foi guiada por três princípios fundamentais que mediaram essa interação: o consentimento informado, a proteção do anonimato e a prevenção do uso abusivo do poder (Spink; Menegon, 2013). Sob a premissa de que “ética é método e método é ética” (Markham, 2006), é imprescindível considerar a ética como um eixo central, relacional e horizontal no processo de pesquisa.

Um pesquisador ético, on ou off-line, é aquele que é preparado, reflexivo, flexível, adaptativo e honesto. Métodos não são aplicados simplesmente por hábito, mas derivam da reflexão constante, crítica, sobre os objetivos da pesquisa e questões da

investigação, com sensibilidade, adaptados às especificidades do contexto (Markham, 2006, p. 39).

Outrossim, como já enfatizamos, esta pesquisa se ancorou em um compromisso ético-político com a transformação social, aliado a uma postura reflexiva sobre a construção do conhecimento. Cada fase do processo foi cuidadosamente planejada para proteger os interlocutores, assegurando que os benefícios da investigação superassem quaisquer riscos potenciais. Portanto, convém destacar que os interlocutores assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, em consonância com o compromisso ético assumido e a aprovação deste estudo pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFPE. Esse procedimento segue rigorosamente as Diretrizes e Normas Regulamentadoras do Conselho Nacional de Saúde (Resolução CNS N° 466/2012) e a Resolução CNS N° 510/2016, que orienta as especificidades éticas de pesquisas nas ciências humanas e sociais, bem como de outras áreas afins que utilizam metodologias próprias dessas ciências.

Por fim, os textos apresentados a seguir buscam compreender como essas narrativas foram construídas, performadas e recebidas, considerando as trocas simbólicas e as relações de poder implicadas nesses processos. O conhecimento produzido neste escrito, portanto, se forja a partir da minha interação com o interlocutor, que, ao contar suas experiências, constrói sentidos sobre elas através da nossa conversa, valorizando a multiplicidade de vozes e perspectivas como elementos centrais na produção do conhecimento. Ademais, as seções a seguir, contam com as narrativas de Lucas, Leo, Marcos e Ferreira, como forma de visibilizar o que foi produzido hibridamente neste percurso.

4.1 FRONTEIRAS DO PRAZER: DESEJOS, LIMITES E INTIMIDADES NA NARRATIVA DE LUCAS

O contato com Lucas foi amplamente facilitado pela influência da recomendação que o trouxe à pesquisa, como um fio que discretamente tece laços de confiança. A experiência positiva de seu conhecido pareceu despertar nele uma receptividade serena e expectativas em relação ao desenrolar de nossa conversa, somadas à minha explicação sobre a pesquisa. Desde os primeiros momentos, essa predisposição se fez notar na abertura genuína e na confiança que ele generosamente ofereceu. A espontaneidade e o vínculo criado durante nossa conversa ressoaram em mim como uma troca genuína e enriquecedora. Lucas me fez refletir sobre a maneira como a intimidade e o respeito aos próprios limites se equilibram com a busca por satisfação e autenticidade nas interações sexuais.

A conversa teve lugar em sua casa, onde reside com um amigo, que, segundo Lucas, não inibiria sua disposição para falar de suas experiências, embora, naquela ocasião, estivesse ausente. Realizamos nosso diálogo na sala, sob a companhia do seu cão, cuja busca incessante por afeto trouxe leveza e conforto ao ambiente.

Lucas se apresentou como um homem de 36 anos, cisgênero, negro e homossexual. De estatura mediana, pele negra clara, cabelo alto e barba raspada, ele trazia consigo uma leveza no modo de falar, sempre com um sorriso aberto e um toque de descontração. A maneira como se comunica é desarmante, envolvendo o outro em uma conversa fluida, sem espaço para silêncios constrangedores. Sua facilidade em interagir é evidente, e seu jeito comunicativo pareceu ser alguém aberto e destemido, que não hesita em falar sobre si com desenvoltura. Articulado, Lucas demonstra ter convicções sólidas, denotando, em alguns momentos, uma certa inflexibilidade em relação às suas ideias e posições. Reside em um bairro periférico, em uma área afastada do centro, onde divide seu tempo entre o trabalho como motorista de aplicativos e com a cultura local. Embora formado em psicologia, confidenciou que, apesar dos anos desde sua graduação, não exerce a profissão.

O participante explica que não se recorda com precisão de quando iniciou o uso do *Grindr*, embora suspeite que tenha sido motivado pela influência de amigos. Como muitos outros, ele atravessou períodos de adesão e abandono dos aplicativos, guiado pelas nuances de seus relacionamentos ao longo do tempo. Ele rememora que sua primeira incursão no espaço *online* com outros homens aconteceu no bate-papo UOL, seguida pelo MSN, até que, gradualmente, migrou para os aplicativos de relacionamento contemporâneos. Hoje, mantém o *Grindr* instalado, mas admite usá-lo esporadicamente. Quando questionado sobre o uso de outros aplicativos, ele confessa que utiliza o X (*Twitter*) para compartilhar conteúdos mais explícitos, criados por ele próprio.

Ele então descreveu em detalhes como conduz suas interações no *Grindr*, destacando a importância da objetividade nas suas conexões online. Fez questão de enfatizar que, para ele, o *Grindr* se apresenta sobretudo como um veículo para encontros fugazes e descomplicados, dispensando conversas prolongadas ou planejamentos antecipados. Ademais, Lucas refletiu sobre a influência do avançar da idade sobre suas disposições e predileções. Ele fala que após passar dos 30 anos, percebeu uma certa relutância, uma languidez em se envolver em processos extensos para marcar uma foda. Diz sentir preguiça, apesar de ter uma posição sexual como ativo; o que demanda menor preparação e se alinha com uma prática mais pragmática.

Ele trouxe uma vivência recente no aplicativo, na qual travou diálogos com múltiplos usuários, porém optou por não concretizar nenhum encontro. Contou também que um deles havia convidado para tecar (cheirar cocaína) e que, apesar de curtir fazer uso, tinha consciência que posteriormente teria que transar com esse cara, situação que o fez desistir. Lucas enfatizou a primordialidade da atração física e da afinidade, contando que não se sentia à vontade em fazer sexo com alguém que não despertasse um genuíno tesão. Ele preconizava a sinceridade nas interações, preferindo a franqueza e a honestidade ao invés de prosseguir com algo que lhe parecesse desprovido de veracidade – a propósito, destacou isso para este usuário em específico. Frisou que o importante é gozar com quem se identifique, com quem é causa de tesão, não apenas gozar por gozar.

Ele mencionou que, em ocasiões anteriores, se deixava levar pelo fluxo das conversas, aceitando convites para tomar uma cerveja ou um vinho, motivado pelo teor agradável do diálogo prévio. No entanto, ao chegar ao local combinado, Lucas frequentemente se via em um dilema, ponderando entre o propósito inicial do encontro e as expectativas não verbalizadas que poderiam surgir. Com o tempo, foi possível adotar uma postura mais assertiva. Ele começou a explicar suas intenções antes mesmo de aceitar convites, assegurando que, se o objetivo fosse apenas tomar uma cerveja e conversar, seria exatamente isso que aconteceria – sem desvios ou expectativas outras. Conta que essa objetividade do diálogo prévio servia para estabelecer limites e evitar mal-entendidos ou desconfortos. Essa abordagem, segundo ele, às vezes funcionava bem, mas em outras ocasiões encontrava resistência, com a outra parte tentando ultrapassar os limites acordados.

Na sequência da conversa, Lucas desenvolveu uma faceta interessante de sua relação com o aplicativo *Grindr*: uma estratégia inusitada de monetização, na qual alterou o nome de seu perfil para "Seu Uber", despertando um interesse notável entre os usuários. Lucas ficou surpreso com a quantidade de mensagens recebidas e a descoberta de um fetiche comum por motoristas de aplicativo. Essa mudança de perfil coincidiu com seu retorno à cidade atual, onde percebeu que, inicialmente, estava se envolvendo em atividades sexuais com uma frequência; o que julgou necessário moderar – fato que ele associa tanto ao fetiche por motorista de aplicativos, como por ser um usuário recente na cidade.

Quanto à questão de ganhar dinheiro pelo aplicativo, Lucas contou que, às vezes, ao recusar um encontro, as pessoas presumiam que ele era garoto de programa – ao verem suas fotos no X (*Twitter*), que consta link no perfil do *Grindr*. Com muita sinceridade, Lucas conta

que nega fazer programa quando acontece essa suposição, mas não recusava receber pagamentos para certos encontros. Ele enfatizava que não é esse seu foco no *app*, mas ocasionalmente acontecia. Além disso, tocou em outro uso alternativo do *Grindr*, relacionado à venda de cuecas tipo *jock straps*. Essa ideia surgiu durante uma estadia em Salvador, onde ele conheceu alguém que usava o aplicativo para fins comerciais. Ao trazer a proposta para sua atual cidade, as primeiras tentativas resultaram na exclusão compulsória do seu perfil; há uma política do *app* que não permite comercialização nos perfis. Além disso, ele percebeu que a mentalidade local era mais conservadora, dificultando a comercialização desses produtos, questão que o fez abandonar essa ideia.

A seguir, ele compartilha uma experiência de encontro desagradável que teve com uma pessoa que conheceu no aplicativo. Inicialmente, houve uma relutância por parte do outro indivíduo em enviar fotos, algo que Lucas observou ser mais comum em sua cidade atual do que na capital, onde ele teve menos encontros com pessoas que mantinham um alto nível de sigilo.

Após insistir, o contato enviou uma foto de visualização única e eles decidiram se encontrar. No motel, a conversa girou em torno de fetiches e práticas de dominação, um tema do interesse de Lucas, que se sente atraído pela prática de BDSM. Contudo, nessa ocasião, ele, que geralmente assumia um papel dominante, mostrou abertura para experimentar o inverso – mas enfatiza que, nessas práticas, é necessário estabelecer uma palavra de segurança para garantir que os limites sejam respeitados. A questão central dessa história é que, quando a situação começou a ultrapassar o conforto de Lucas e ele usou a palavra de segurança, o parceiro demonstrou irritação. O homem alegou que a interrupção contínua com a palavra de segurança estava quebrando o clima que ele havia criado em seu papel de dominador. Lucas, por outro lado, manteve-se firme, reiterando que essa era uma condição prévia acordada para a segurança e conforto de ambos. Ele destaca que o desrespeito às regras acordadas transformou o que poderia ter sido uma experiência prazerosa, em desconforto – ele se explica que na trama do BDSM a peça principal é o submisso, o dominador vai trazer as munições e conduzir a prática, a partir da ideia de garantir ao submisso a posição de dominado. Sinto que o interlocutor busca sinalizar para ideia de que, ainda que haja comportamentos entendidos como violentos, naquela relação ele é para o prazer, se foge disso, deixa de ser BDSM.

Lucas também falou sobre um rapaz por quem se sentiu atraído no passado, mas com quem nunca conseguiu se relacionar de fato. Anos depois, quando se reencontraram por meio

do aplicativo, houve uma troca de fotos, mas o rapaz agiu como se eles nunca tivessem se conhecido. Decidindo levar a conversa para o *WhatsApp*, Lucas abordou sobre sua máxima de que: uma vez que a comunicação migra do *Grindr* para o *WhatsApp*, as chances de um encontro real diminuem significativamente. Ele explicou que, nesse último *app*, as conversas tendem a se misturar com a rotina diária, tornando-se menos imediatas e mais propensas a serem adiadas ou esquecidas. Enquanto no *Grindr*, as interações são mais diretas e focadas, no *WhatsApp*, as mensagens podem ser enviadas a qualquer hora, e muitas vezes ficam sem resposta devido às demandas do dia a dia. Segundo Lucas, essa diferença na dinâmica de comunicação muitas vezes leva a uma perda de interesse ou a um desencontro de agendas.

No caso específico desse rapaz, Lucas contou que tentaram marcar um encontro várias vezes, mas sempre havia algum impedimento. Ele refletiu sobre a possibilidade de desinteresse mútuo ou de uma abordagem similar à sua, onde se valoriza a disponibilidade imediata. Lucas mencionou que, em algumas ocasiões, o rapaz entrava em contato tarde da noite, buscando um encontro casual, mas as circunstâncias não permitiam que eles se encontrassem.

O participante prosseguiu explicando os critérios que utiliza para escolher alguém no aplicativo. Ele começou destacando a preferência por pessoas de tom de pele retinta, enfatizando que a cor era um fator primordial para ele. Peço para que ele explique mais sobre isso e de forma muito direta, ele diz que gosta muito de cheirar e chupar rola, mas que geralmente o cheiro de pessoas brancas não o agrada. Além da raça/cor, a rapidez na resposta era crucial; Lucas perdia o interesse por pessoas que demoravam muito para responder, independentemente de quão atraentes elas fossem. Ele também mencionou que não busca por corpos perfeitos, mas tem suas restrições com pessoas gordas. Apesar de afirmar que não se considerava gordofóbico, ele admitiu que raramente se sentia atraído por esse tipo físico.

Outro aspecto importante para Lucas era a questão dos pelos corporais. Ele próprio se depilava com frequência e preferia parceiros com poucos ou sem pelos. No entanto, ele ressaltava que a química também importava, e não era algo que ele descartava completamente. Quanto à posição sexual, Lucas explicava que costumava utilizar filtros do aplicativo para selecionar passivos ou versáteis-passivos. Ele incluía versáteis-passivos para ampliar suas opções porque nota que a maioria desses tendia a ser mais passiva do que ativa. O interlocutor contou que já chegou a assinar o aplicativo uma vez (a versão por assinatura promete vantagens que a versão gratuita não tem), mas não achou que valesse a pena pelo custo-benefício. Lucas também indicou que a distância era um critério decisivo para ele. Ele não estava disposto a

viajar longas distâncias por um encontro, mencionando que só faria um esforço assim por alguém extremamente especial, como o ator Cauã Reymond ou o ator pornô Igor Baianinho (por quem tem especial desejo). Para ele, a conveniência e a praticidade eram fundamentais em suas escolhas no aplicativo.

Lucas, então, aprofundou a discussão sobre as nuances de suas experiências sexuais pagas, destacando uma distinção significativa entre "transar" e "comer". Ele explicou que algumas pessoas que pagam por encontros estão à procura de uma experiência que se assemelha mais a um romance, incluindo momentos de intimidade como ficar de conchinha, abraços e carícias. No entanto, frisou que geralmente não permite tais interações, pois elas não se alinham com o tipo de experiência que ele prefere.

O interlocutor descreveu que, para ele, "transar" envolve uma dinâmica mais emocional e íntima, enquanto "comer" é uma ação mais direta, focada exclusivamente no ato sexual sem envolvimento romântico ou afetivo. Ele compartilhou um exemplo específico de um encontro com um cliente que não era da região e estava disposto a pagar por seus serviços. Nesse caso, mesmo quando o cliente tentou criar um clima mais íntimo, chamando-o de "amor" e buscando uma aproximação de cunho afetivo, Lucas manteve-se emocionalmente distante, sinalizando que sua presença ali se restringia à satisfação de um desejo físico, sem a necessidade de fingir envolvimento emocional.

Lucas também mencionou um amigo que trabalha de maneira semelhante, mas com uma abordagem diferente. Seu amigo se considera mais um acompanhante do que um garoto de programa e enfatiza a importância da troca sentimental em seus encontros. Para ele, "transar" envolve muito mais do que apenas o ato sexual; é uma experiência que inclui conversa, proximidade, carinho e até a criação de fotos e vídeos.

Na continuidade da entrevista, o interlocutor desenvolveu sua compreensão sobre o fetiche envolvendo sua posição profissional como motorista de aplicativo. Ele refletiu que, antes de assumir essa função, já havia experimentado essa fantasia em Salvador, onde chegou a pagar uma corrida com um ato sexual – experiência que recordou com satisfação. Após começar a trabalhar como motorista de aplicativo, ele não havia se dado conta do fetiche até alterar o nome de seu perfil no aplicativo de relacionamentos para "Seu Uber". Foi então que percebeu a extensão desse interesse, com muitas pessoas destacando o desejo de ter um encontro sexual com alguém nessa função.

Lucas compartilhou um episódio específico que ilustrou bem essa dinâmica. Durante uma corrida, um passageiro começou uma conversa sugestiva, mencionando seu estresse e a necessidade de uma relação sexual. O passageiro associou o fato de o motorista oferecer uma bala durante a corrida a um possível convite para um pagamento sexual alternativo, mas o interlocutor respondeu que o valor de um serviço sexual seria mais alto do que uma simples bala; há um consenso entre os homens homorientados sexualmente, que ter Halls preto ofertado em corrida de aplicativo, é uma espécie de código para sinalizar disponibilidade para pegação por parte do motorista.

A conversa entre eles evoluiu para a troca de contatos, e o passageiro apontou interesse em ver o pênis de Lucas, mesmo não ereto. O participante, mantendo seus limites, permitiu que o passageiro visse, mas não possibilitou toque. Posteriormente, eles marcaram um encontro no motel, onde ocorreu apenas sexo oral, e o passageiro pagou pelo serviço. Lucas sustenta essa posição de não ultrapassar limites e distinguir suas relações sexuais dos serviços como garoto de programa, me parece, que tudo surge de um amadurecimento e até mesmo uma certa impaciência (e até esgotamento mesmo) sobre o modo em que ele se dispõe ao ato sexual, seja se afetando pessoalmente ou compreendendo como fonte de renda. Ele fala de uma posição, como se atualmente tivesse passado o afã juvenil do sexo pelo sexo.

Durante a nossa conversa, Lucas prosseguiu detalhando uma experiência que teve com um homem na cidade que mora. Esse encontro não se originou diretamente do aplicativo, mas através da recomendação de um conhecido, que destacou a semelhança de preferências entre eles, como se fosse um par ideal. Interessado, ele concordou em receber o contato. Mas logo de início, buscando entender se havia semelhanças, o interlocutor pediu ao homem que enviasse um vídeo do X-Vídeos (plataforma de *streaming* de conteúdo pornográfico) que refletisse suas preferências sexuais. A surpresa se deu, segundo ele, pelo perfeito alinhamento do modo como eles entendem prazer no sexo, de forma que logo combinaram um encontro. Embora tenham tido alguns encontros, sempre intensos e satisfatórios, as circunstâncias não permitiram que continuassem se vendo.

O motivo do término de seus encontros, explicou o interlocutor, era a dinâmica unilateral de seu relacionamento. Ele sempre tinha que buscar o parceiro em casa e trazê-lo para sua própria residência para os encontros. Cansado dessa rotina, ele até sugeriu mudanças, como ir a um motel ou experimentar novas fantasias, incluindo o uso de lingerie, que ele comprou especialmente para o companheiro. No entanto, o parceiro estava relutante em mudar a

dinâmica de seus encontros, preocupado com a possibilidade de ser reconhecido em público devido à sua fama local e ao medo de prejudicar sua reputação. Até as lingerie eram necessariamente guardadas na casa do interlocutor e não na do parceiro.

Lucas observou que esse parceiro era bastante conhecido na cidade, com uma presença significativa nas redes sociais e envolvimento em eventos e publicidade. Apesar de ser facilmente identificado como viado, como aponta, ele não era publicamente assumido, mantendo sua sexualidade oculta devido a pressões familiares e sociais. Mas frisa “não é assumido, mas é mais mulher que a Xuxa”, usando uma referência de feminilidade para conotar que esse homem era afeminado. Essa situação levou o interlocutor a refletir sobre sua própria maturidade e as escolhas que fazia em relação a seus parceiros. Ele mencionou a falta de interesse em manter relacionamentos secretos, preferindo a honestidade e a abertura em suas interações.

Ao explorar suas interações com pessoas mais jovens, o interlocutor declarou uma atração pelos chamados "novinhos", apesar de reconhecer as complicações que às vezes surgiam com essa preferência. Ele contrastou suas experiências com parceiros mais jovens com aquelas de sua faixa etária, descrevendo os últimos como frequentemente mais problemáticos, egocêntricos e mal resolvidos. Para ele, a comunicação com pessoas mais jovens parecia mais descomplicada, embora não estivesse isenta de questões.

Um episódio em particular ilustrou essas complexidades: um relacionamento com um jovem também recomendado por um conhecido. Nas histórias de Lucas, fica visível que ele possui uma ampla rede de contatos na cidade, incluindo possíveis parceiros e amigos com quem troca informações, muitas vezes sendo as mesmas pessoas que ocupam ambas as posições. Este jovem, descrito como extremamente controlador, tinha hábitos que iam desde ditar onde o interlocutor deveria sentar-se até especificar utensílios domésticos para uso exclusivo do visitante. Essa necessidade de controle se estendia a todos os aspectos da interação, uma característica que o participante da pesquisa entendia como excessiva e alarmante, minando a possibilidade de um relacionamento mais profundo.

O interlocutor compartilhou reflexões sobre suas interações com parceiros mais jovens, especialmente focando em um amigo de 24 anos que trabalha como acompanhante de luxo. Este jovem, descrito como imaturo e profundamente imerso na cultura das redes sociais *online*, frequentemente se vangloriava de presentes e favores oferecidos por clientes, uma atitude vista

por Lucas como superficial e desinteressante. A ênfase constante em transações materiais e sexuais fazia com que a conversa parecesse fútil e até mesmo desanimadora, afetando negativamente o desejo sexual do interlocutor.

Além disso, ele contou sobre outra experiência com um parceiro mais jovem, que tinha o hábito de tentar estimulá-lo sexualmente de forma incessante e não solicitada. Essa constante objetificação sexual, embora talvez intencionada como um sinal de desejo, acabava por criar um ambiente desconfortável. Lucas falou como essa atitude invasiva o fazia se sentir reduzido a um objeto de prazer, ignorando a necessidade de consentimento nas interações íntimas. Ele valorizava a intimidade e a conexão sexual, mas desejava que esses momentos surgissem naturalmente, sem a pressão de ser constantemente tocado.

O participante da pesquisa enfatizou a importância de encontrar um equilíbrio, no qual o desejo sexual não sobrepujasse o respeito pelos limites do outro. Ele conta, inclusive, que lesionou o pênis quando era mais jovem e, desde então, adquiriu sensibilidade aumentada e maior cautela durante o sexo oral. Nesse sentido, Lucas conta que esse toque excessivo também o deixava tenso, com medo de novamente se lesionar por conta dos excessos desse parceiro.

Em contrapartida, ao contar sobre uma experiência peculiar que se desenvolveu em uma grata surpresa, Lucas traz uma história que aconteceu enquanto ele trabalhava como cantor de barzinho. Conta que um rapaz se aproximou do palco para pedir uma música. Apesar de inicialmente não ter dado muita atenção, conforme a noite avançava, ele começou a notar o rapaz, desenvolvendo uma interação sutil através da música e do olhar.

Contra todas as expectativas, após a apresentação, esse rapaz esperou para falar com ele, apreciando a música e, implicitamente, o próprio cantor. O que começou como uma simples troca profissional evoluiu para uma conversa mais íntima e, eventualmente, levou a um encontro sexual espontâneo. O interlocutor enfatizou como essa experiência foi inesperada, especialmente porque não havia qualquer premeditação ou esforço de sua parte para seduzir ou impressionar alguém naquela noite.

Além dessa história, ele compartilhou outro episódio que também subverteu suas expectativas. Conversando com um jovem no aplicativo, a ideia de organizar uma suruba surgiu casualmente. Sem grandes expectativas, ele concordou, imaginando que seria apenas mais uma experiência sexual comum. O diferencial desse momento – o que o tornou excepcionalmente prazeroso e harmonioso – foi o fato de Lucas ter encontrado dois homens nus na cama

esperando por ele, algo que constitui um de seus fetiches. Além disso, ele destaca que ambos eram negros, uma visão que descreveu como sua “realização”. Ele conta também que o dinamismo e a desenvoltura de um dos parceiros, em particular, impressionaram o interlocutor. A sinergia entre os três foi tão intensa que deixou uma marca memorável. O interlocutor ressaltou como, em ambos os casos, o inesperado desencadeou experiências memoráveis, destacando o quanto o fator da causalidade tornou a foda mais interessante.

Quando questiono a Lucas o que ele acreditava que mais se destacava no seu perfil, ele traz o caráter fetichista que estava demarcado ali. Segundo ele, isso estava exposto não apenas no *nickname* que ele já havia falado (“Seu Uber”), mas também na descrição do seu perfil que dizia: “Está na hora de apimentar as coisas e realizar fantasias. Fique de joelhos, coloque as duas mãos para trás, abra a boca, olha nos meus olhos, agora engole minha pica. Quero sexo duro.” O interlocutor explicou que quis sublinhar sua preferência por um comportamento mais bruto durante o ato sexual. Ele enfatizou, que a brutalidade de que falava estava intrinsecamente ligada ao consentimento e ao prazer mútuo. Quanto mais a outra pessoa consentia e se entregava, mais ele intensificava sua abordagem, sempre atento às reações e a receptividade do parceiro.

Lucas destacou uma diferença marcante no uso do aplicativo entre a cidade onde reside e a capital. Ele apontou que, em sua cidade atual, a demanda por sigilo é muito mais intensa, refletida na quantidade de perfis sem foto ou informações básicas, uma realidade bem distinta da capital, onde as pessoas tendem a ser mais abertas em seus perfis. Além disso, ele observou que sua cidade possui um número significativo de estudantes e pessoas de fora, o que contribui para a diversidade no aplicativo. Contudo, mesmo entre esse público mais jovem e forasteiro, a tendência ao anonimato e à retenção de informações pessoais se mantém (além da identificação por foto, omitem idade e localização), sugerindo uma cultura local balizada por normas sociais e medo do julgamento.

Quando peço que Lucas aconselhe alguém recém-chegado à cidade e interessado em usar o Grindr, ele prontamente responde que, se for bonito, deve dar para ele primeiro, antes de qualquer outro usuário. Ele falou sobre a importância da segurança, especialmente ao considerar encontros noturnos em bairros desconhecidos. Recomendou que novos usuários se familiarizem com a cidade antes de se aventurarem em áreas distantes ou desconhecidas, sublinhando a importância de estar atento e assegurar que a outra pessoa seja transparente com suas intenções.

O interlocutor sugeriu que, para se destacar no aplicativo na cidade, seria vantajoso apresentar um físico atlético. Ele observou que, embora essa preferência não seja exclusiva da cidade, ela se torna mais pronunciada em um ambiente com menos diversidade de gostos. A tendência local, segundo ele, inclina-se fortemente para indivíduos que exibem características associadas a um corpo musculoso. Ele admitiu que essa não é sua realidade, mas reconheceu que aderir a esses padrões estéticos tende a aumentar a visibilidade e o interesse no contexto do aplicativo.

A respeito dos métodos de prevenção de ISTs, Lucas conta que todas as suas relações sexuais acontecem necessariamente com camisinha, uma questão importante depois de duas situações vividas. A primeira diz respeito a um episódio em que foi traído por seu companheiro e acabou contraindo gonorreia. A segunda situação foi quando se relacionou com um rapaz que vivia com HIV, contexto em que aprendeu bastante sobre prevenção. Também conversamos sobre PrEP, a partir da minha experiência. Lucas falou que tinha receio de sobrecarga de medicação no organismo, entretanto, após a minha fala, o interlocutor se interessou tanto que me ofereceu uma carona de volta, mas antes me pediu para que eu mostrasse o equipamento público em que poderia ter acesso à PrEP.

A conversa com Lucas foi profundamente enriquecedora, fluiu de forma leve e direta. Ele aparentava estar completamente à vontade, contando suas experiências com transparência, especialmente ao perceber que, da minha parte, não havia qualquer limitação quanto aos temas ou à forma como ele narrava. Ao final, Lucas me convidou a conhecer seu trabalho como músico, mencionando sua agenda de apresentações para aquela semana. Demonstrou-se extremamente acessível e receptivo, deixando claro que estaria disponível para futuras conversas, caso fosse necessário.

4.2 ENTRE LUZES E SOMBRAS: A PELE, O MEDO E A DESCOBERTA DOS CORPOS PARA LEO

O encontro com Leo teve um ar despretensioso, inicialmente ele estava muito tímido/nervoso/rígido, mas aos poucos mais confortável/tranquilo/leve, sobretudo aberto às reflexões que construímos ali. Além disso, e agora falo especificamente sobre mim, as linhas que seguem intentam registrar o que entendi como um encontro especular, em que você se vê no outro a partir de uma conjugação temporal distante. Leo evocou em mim vários sentidos

sobre furar a bolha da cisheteronormatividade compulsória, me fez pensar nos processos que eu mesmo tive que atravessar até hoje. Mas, antes disso, também foi preciso ultrapassar a ansiedade de escrever e refletir sobre essa narrativa diante de todos esses reflexos.

Inicialmente, no nosso primeiro contato, durante a apresentação da minha proposta pelo *WhatsApp*, Leo foi muito prático e pareceu não ter dúvidas. Marcamos um horário de acordo com sua disponibilidade, no início da noite, durante a semana, em uma praça da cidade. Há em mim um compromisso, inegociável, de ser pontual nos meus acertos. Nesse dia, tentando dar conta dessa minha demanda de pontualidade, andei depressa ao encontro do interlocutor. No caminho, passei por outra praça e vi um rapaz sentado. Entre as outras pessoas que também estavam na praça, aquele rapaz sentado chamou minha atenção. Não consegui vê-lo nitidamente devido à penumbra em meio aos postes que tinham uma iluminação mediana, mas de imediato pensei que ali seria um bom lugar para conversar com um interlocutor. Não sei o motivo (de fato, não vi quase nada dele), mas algo também me dizia que ele poderia ser um interlocutor. Era Leo. Nosso combinado gerou um certo ruído de comunicação sobre a praça onde nos encontraríamos, que só percebemos no percurso. Rapidamente voltei o caminho (as duas praças são próximas, ligadas por uma ponte), afinal, ele já estava lá. Pelo visto, esse compromisso pontualíssimo com o horário não era somente meu.

Ao chegar, contei a surpresa do acaso ao tê-lo identificado como interlocutor, antes mesmo de (re)conhecê-lo de fato. Nesse momento, também entendi que esse fato em si, gerou uma abertura para que pudéssemos nos conhecer. Apresentei-me como pessoa-pesquisador, trazendo as marcas dessa imbricação que me atravessa e explicando o motivo pelo qual pesquiso o que pesquiso. Discuti sobre os aspectos éticos, bem como expliquei de que forma seria a sua participação na pesquisa.

Leo se apresentou apontando seu reconhecimento como um homem cisgênero, pardo, de 26 anos de idade, graduado em administração e residente no centro da cidade; por sinal, o mesmo bairro em que estávamos mantendo nossa conversa. Juvenil, com feições de menino, corpo magro e esguio, Leo aparentava ser um adolescente. Contudo, o que mais me chamou atenção nele – não necessariamente um aspecto físico, mas também relacionado à sua linguagem corporal – foi o temor. Além disso, ele me parecia muito reservado. Naquele momento, eu o via curvado em si/prá si, o via como quem enxerga alguém na penumbra: o vê, mas não o vê. Seu semblante denotava cansaço, assemelhando-se à expressão de quem se dedicou todo o dia ao trabalho. Não obstante, apesar de todas as circunstâncias, ele irradiava

uma disposição de quem se permite vivenciar tais experiências; o que considerei extremamente generoso de sua parte.

Durante sua apresentação, indaguei-o a respeito de sua compreensão em relação à sua orientação sexual. Ele explanou que, atualmente, identifica-se como gay, porém, pondera uma certa fluidez nesse aspecto. Tal exposição aguçou meu interesse, constituindo-se no ponto de partida para o desenvolvimento de sua narrativa. O interlocutor mencionou que, anteriormente, concebia-se como bissexual, uma perspectiva que mantinha há aproximadamente cinco anos, embora não tivesse certeza se isso era fruto de uma ilusão.

Leo originou-se de uma cidade muito pequena e saiu de lá aos 18 anos para ingressar no ensino superior. O primeiro contato com aplicativos de relacionamento aconteceu por volta dos 21 anos, após um hiato de três anos desde que chegara à cidade. Ele atribuiu esse “atraso” ao fato de ter uma mentalidade inicialmente restrita. A mudança de postura só foi possível quando ele compreendeu que os aplicativos poderiam ser considerados um meio viável de conhecer pessoas em um contexto no qual ainda não havia estabelecido vínculos, mais especificamente uma sociabilidade entre homens.

É igualmente relevante contextualizar que, à semelhança de Leo, é possível identificar nos aplicativos (não me restringindo apenas ao *Grindr*, mas também incluindo o *Tinder* e o *Instagram*) muitas pessoas que migraram de cidades circunvizinhas para prosseguir seus estudos. Durante o período da pesquisa, os algoritmos das minhas redes intensificaram as sugestões de amizades com essas características. Nesse sentido, é importante também caracterizar o território dos encontros, também, como universitário. A mudança de cidade para estudar, legitima-se ainda como possibilidade de se descolar/distanciar dos pressupostos morais familiar/local, assim como da manutenção dos protótipos morais sobre masculinidade.

Diante desse cenário, Leo optou por residir com uma tia que já estabelecera moradia na cidade. Vale ressaltar que havia, portanto, uma referência familiar presente, e os prováveis encontros com outro homem inevitavelmente se configurariam pela territorialização no espaço público ou na residência (espaço privado) do potencial parceiro, haja vista que ele não reside sozinho. Leo menciona que, atualmente, mantém perfis no *Grindr* e no *Tinder*, utilizando-os com o objetivo principal de conhecer pessoas. Ele fundamenta seu argumento sobre a criação de novos laços sociais, destacando que não estabelece preferências ao interagir nos aplicativos, diversificando os perfis de contato para, assim, ampliar ao máximo seu círculo de conhecidos.

Diante desse cenário, conjecturo a extensão dessa abertura e como ela potencialmente o expõe a encontros desfavoráveis, contudo, percebo uma resposta mais superficial do interlocutor. Nesse instante, os protocolos éticos da pesquisa e a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) parecem inconsistentes se eu não proporcionar uma abordagem mais próxima e segura ao meu interlocutor. Além disso, recordo-me de que esta é, ou pelo menos deveria ser, uma conversa informal.

Num átimo, ouço a voz do construcionismo convocando-me a pertencer a esse diálogo e, nesse ínterim, opto por me apresentar de maneira vulnerável. Talvez a ideia de ser pesquisador-doutorando-psicólogo tenha matizado isso para o interlocutor. Assim, interrompo o diálogo, já ligeiramente superficializado, para me apresentar a Leo a partir da minha orientação sexual e da minha relação com o *Grindr*, indo além do escopo da pesquisa. Além disso, lembro-o de que não se trata de um padrão de uso ou de uma régua que avalie o que ele diz, mas sim sobre a história e experiência dele. Entretanto, compreendo que essa confiança e segurança serão estabelecidas gradualmente. Naquele momento, sentia, mesmo que de forma não explícita, como se eu e Leo estivéssemos ali de mãos dadas, proporcionando segurança mútua, como quem diz: “Você não está sozinho, eu sei o que é isso”.

Essa situação foi fundamental para que eu pudesse abordar a timidez que Leo identifica em si mesmo, especialmente no impacto que ela tem nas interações tanto pelo aplicativo quanto pessoalmente. A questão do medo permeia todo o diálogo com Leo; ele fala do receio de filmes de terror (e daqueles que gostam deles) e tem limites bem demarcados sobre ir para a casa de pessoas desconhecidas. Prefere criar uma certa intimidade pelo aplicativo para explorar um repertório de diálogo possível.

Ao questionar como Leo constrói intimidade, ele afirma que não segue um roteiro, mas baseia a aproximação a partir de expectativas e preferências, como música e gênero de filme. Leo se diz desanimado ao ser tratado como objeto, comparando a sensação a ser avaliado como carne em um açougue. Essa percepção intensificou-se com o aumento recente no uso do *Grindr*. Ele disse que sua última relação, assim como as outras, começou por meio de aplicativos, sendo uma pelo *Tinder* e três pelo *Grindr*.

Essa informação chama minha atenção em dois aspectos: primeiro, as relações mais profundas e duradouras de Leo foram unicamente formadas em contextos de aplicativos de relacionamento, destacando a familiaridade desse espaço para pessoas socialmente ameaçadas

pelos julgamentos morais relacionados à sexualidade e gênero; segundo, surpreende-me a frequência com que ele estabeleceu relações estáveis desde que começou a se relacionar com homens, o que pressupõe pouca diversidade de experiências.

Leo afirma possuir uma inclinação para relacionamentos estáveis e uma propensão a se apegar facilmente, rejeitando a ideia de apenas “ficar”. Neste ponto, consideramos as estigmatizações que os usuários de aplicativos carregam, frequentemente sendo presumidos como não confiáveis e propensos à promiscuidade. Leo destaca a relevância das conversas preliminares antes dos encontros, ressaltando que nelas são alinhadas questões sobre afinidades e intenções para a relação com o outro usuário, embora frequentemente ocorram apenas encontros casuais. Diante disso, retomamos a reflexão sobre as experiências negativas em encontros, indagando como Leo lida com essas situações. Ele explica uma estratégia: configura um alarme no celular para simular uma ligação de urgência ou demanda familiar, permitindo encerrar o encontro.

O interlocutor também compartilha uma situação ocorrida na mesma praça em que conversávamos, onde havia encontrado um rapaz sem afinidade, mas este insistia em um encontro íntimo em sua casa. Leo, desconfiado, recusou, mesmo após receber fotos e conhecer o rapaz pessoalmente. Seu argumento foi de que não conhecia verdadeiramente a pessoa. Ele pondera que, se fosse em um motel, seria “menos problemático”, pois haveria a possibilidade de pedir ajuda, caso necessário.

A impressão que permanece é que Leo leva tempo para se sentir seguro diante de outra pessoa e, antes disso, sente-se em perigo em qualquer ambiente. Indago se ele ou alguém próximo já vivenciou alguma situação que o tenha colocado em alerta, encontrando alguém com perfil falso ou semelhante, mas ele nega. Pergunto, então, o que faltou no rapaz para que ele estivesse mais receptivo ao encontro, e ele aponta enfaticamente a ausência de respeito. Narra que o rapaz insistia em uma conversa sexual quando ele ainda não estava aberto para tal, o que o fez sentir-se invadido, como se fosse apenas um objeto para satisfazer desejos. Essa situação impactou tanto Leo que ele chegou a pausar o uso do aplicativo por um período, devido ao desconforto gerado pelas conversas. Leo fala do aplicativo a partir de uma outra perspectiva, o que me deixa bastante surpreso porque geralmente as conversas no *app* caminham para certa praticidade de encontro, um contato mais direto e com menos meandros que um flerte/paquera comum.

Leo fala da conquista como se precisasse sentir-se afetado em outros níveis, para além do sexual, a fim de se disponibilizar ao contato. Inclusive, conta que não sabe por que ainda insiste no *app*. Nesse ponto, lança uma reflexão sobre o *Grindr* e o *Tinder*, que, inicialmente, pressupõem o contato por meio da paquera. Os perfis do *Tinder* em geral são compostos por foto de rosto e no espaço de mensagens privadas não é possível o envio de outras fotos ou nudes. A propósito, visando estabelecer uma política de respeito e de reciprocidade nas conversas no que diz respeito a conversas com conteúdo sexual explícito, o *app*, através do uso de inteligência artificial para detectar palavras-chave, tem enviado mensagens aos usuários para consultar sua anuência sobre o assunto. No *Grindr*, os usuários podem declarar em seus perfis se aceitam ou não nudes, mas o aplicativo não possui mecanismos diretos para garantir o respeito às escolhas dos usuários. Nesse caso, a responsabilidade recai sobre o próprio usuário, que pode bloquear o perfil ou denunciá-lo ao *app*.

Leo comenta que o *Tinder* é mais interessante para relacionamentos, citando motivos já destacados e observando que todos os seus relacionamentos iniciados no *Grindr* terminaram por infidelidade do parceiro. Ele pondera que, apesar de perder sua “credibilidade”, o *Grindr* oferece uma geolocalização mais precisa, enquanto no *Tinder* o contato está condicionado ao *match*.

Sobre as infidelidade nas relações, questiono se elas aconteceram também pelo aplicativo, a partir de uma ideia de sempre retorno ao *Grindr*. Ele disse não saber precisar se houve uso do aplicativo, mas intuiu que algo estava acontecendo e, a despeito das negativas do companheiro, descobriu a infidelidade ao examinar os registros de mensagens no *WhatsApp*. Diante disso, ainda tentou dialogar para dar continuidade à relação, mas, após a traição, a figura em quem depositava imensa confiança e afeto transmutou-se em alguém desconhecido, o que acarretou o desvanecimento do carinho anteriormente nutrido.

Quanto a sua rede de contatos, Leo mencionou ser notavelmente limitada, circunscrita primariamente aos colegas universitários, cuja frequência declinou drasticamente após a conclusão dos estudos. Ao inquirir mais detalhadamente sobre amigos com quem compartilha aspectos da vida gay ele alude a um primo e a alguns amigos, embora a proximidade com estes últimos seja moderada. Leo confessa a dificuldade em estabelecer vínculos profundos com essas pessoas, ele acredita que as relações que começam pelo aplicativo não se desenvolvem em confiança, sempre tem algo escondido. Ademais, sugere que essa dinâmica de segredos pode estar intrinsecamente ligada ao processo de armário. Em virtude de não ter alcançado

plena autonomia frente à sua família, de tal modo, ocultar certos aspectos de sua vida é o ônus para resguardar “o segredo de ser gay”.

Leo conta que conviver com isso tem sido deprimente porque entende que viver a consequência de algo que não escolheu ser, não deveria ser um peso a ser carregado. Acrescenta que a falta de independência financeira, somada à rigorosa base religiosa de sua família, deixa-o receoso. Este temor, que a princípio poderia parecer desmedido, ganha contornos de realidade caso um encontro malsucedido ou uma revolta de alguma de suas amigas venha a expô-lo a situações indesejadas.

O interlocutor aponta que mora com a tia e a avó. Conta que sua sexualidade já foi questionada diretamente por seu pai na adolescência em duas situações. Em uma ocasião foi indagado acerca do porquê colecionava embalagens de cueca, mas pormenorizou respondendo colecionar objetos sem propósito aparente. Em outra ocasião, Leo brigou com colegas meninas que o assediavam, levando a uma situação que precisou da intervenção da escola. Ele justificou ao pai que recusou o assédio feminino porque este foi muito agressivo.

Ao abordar a dinâmica do assédio no *Grindr*, Leo observa sua discrepância em relação ao ideal físico prevalente na plataforma, marcado pela preferência por corpos atléticos, enquanto se caracteriza como magro. Quanto às qualidades que observa, ressalta que as fotos no perfil não desempenham um papel de peso, dada a proliferação de perfis falsos; por outro lado, valoriza enormemente as descrições. A maneira como alguém se apresenta e utiliza esse espaço é fundamental para ele, que se encanta com o singular e evita o trivial, argumentando que conhecer a posição sexual do interlocutor pouco acrescenta. Em relação ao conteúdo das descrições, embora reconheça exceções, Leo prefere perfis de pessoas mais altas que ele, algo não tão comum de encontrar. Observa também as expectativas do outro, sentindo-se atraído por aqueles que mencionam interesse em conversas, encontros, amizades, contatos e, ocasionalmente, relacionamentos. Além disso, presta atenção nas menções a outros aplicativos de relacionamento como *Instagram* ou *X (Twitter)*, pois isso lhe permite avaliar o comportamento da pessoa em diferentes redes sociais e acessar perfis comuns. Contudo, descarta de imediato perfis que iniciam a interação com o envio de nudes. Enquanto reconhece o papel intrigante das nudes na atração mútua, e admite enviá-las em contextos de conversas mais íntimas e desenvolvidas, frisa que isso não é um fator decisivo para o desejo de um encontro pessoal

Leo menciona que, ao preparar-se para enviar nudes, indaga se a outra pessoa possui algum fetiche, pois aprecia imensamente satisfazer o parceiro. Contudo, conclui que essa postura de focar constantemente na satisfação alheia acaba por relegá-lo a um segundo plano. Reconhece que essa tendência de priorizar o outro está profundamente enraizada nele, sendo uma premissa em suas relações, inclusive as familiares.

Para ilustrar essa característica marcante, fala que, após sua avó sofrer um acidente vascular cerebral (AVC), dedicou dois anos de sua vida exclusivamente a cuidar dela e a frequentar a faculdade. Durante esse período, anulou-se completamente, não dispondo de momentos de lazer. Inclusive, chegou ao ponto de pedir demissão para se dedicar integralmente à avó. Leo reflete que essa mesma dinâmica se manifesta em suas relações sexuais e afetivas. Começamos, então, a ponderar se o fato de não viver plenamente aquilo que gosta ou deseja não seria um reflexo de como ele tem se posicionado em suas relações. Leo chega ao entendimento de que precisa ter amor próprio, além da necessidade de amadurecer essa reflexão em outros espaços.

Ao refletir sobre como sua história pessoal repercute na própria compreensão de si, o participante aponta ter sido criado sob rigorosos preceitos católicos. Embora reconheça que a sexualidade não seja uma escolha, carrega a marca de sentir-se uma “abominação” perante a Igreja e, por isso, predestinado ao inferno. Atualmente, encontra refúgio no espiritismo, que sugere que pessoas homo-orientadas possuem experiências de vidas passadas em gêneros opostos. Desse modo, perceber-se como não-heterossexual desperta em Leo indagações metafísicas profundas, levando-o a buscar explicações que o apazigue – ainda que essas permaneçam subordinadas ao pressuposto da heterossexualidade como fundamento primário das relações.

À vista disso, tensiono a discussão, questionando a relação entre anular-se para cuidar da avó com AVC (friso que ele não era o único possível cuidador) e a questão de viver uma sexualidade dissidente do código moral em que foi criado. Ele fala sobre sentir culpa por não estar dentro das expectativas que criaram sobre ele, além de que, desde os seus onze anos, assumiu um papel de cuidador dos irmãos que nem o próprio pai desempenhava. Seu pai o colocou nesse lugar de modelo que deveria ser para os irmãos, inclusive fazendo com que qualquer fissura nesse paradigma fosse motivo de culpa. Portanto, Leo explica que esse é um dos motivos para não assumir sua orientação sexual, questionando-se: como que o exemplo da casa vai se assumir gay?

Ele narra que até sua formação profissional foi escolhida pelo pai, levando-o a cursar Administração devido à pressão familiar, o que suprimiu seu sonho de estudar Psicologia. Apesar de ter desenvolvido afinidade pela área, ainda sente o peso de não ter seguido seu desejo, sufocado pelas expectativas alheias (principalmente familiares) sobre suas aspirações. Naquele momento, refletimos sobre a importância da psicoterapia e de uma rede de apoio para pessoas LGBTQIAPN+, necessário para ele compreender e se reposicionar diante do emaranhado de paradigmas impostos sobre seu corpo. Leo reconhece que sempre há desculpas para adiar o necessário, mas também compreende a dificuldade em romper com um regime tão bem orquestrado desde antes da sua existência. Essa conversa atinge contornos importantes para a minha relação com ele porque me posiciono não apenas como pesquisador-psicólogo, mas também como alguém que viveu questões semelhantes. Isso nos permite refletir sobre possíveis caminhos que o reposicione nessa trama, sem empurrá-lo (assim como as distopias sobre ser homem) para mais uma verdade, mas ao contrário, sinalizar para outras possibilidades.

Nesse contexto, Leo refere que seu último relacionamento se iniciou de maneira inusitada. Ele conheceu o rapaz no *Grindr* e marcou um encontro em uma praça, mas uma saída imprevista de sua tia o impediu de sair na hora marcada, postergando o encontro das 18h para as 22h. Quando finalmente se encontraram, Leo destaca que o ritmo da interação foi diferente: foram jantar, a conversa fluiu naturalmente e ele ficou encantado pela compreensão e paciência do outro, elementos que tornaram o encontro memorável. Por outro lado, Leo observa que alguns encontros se limitam ao interesse sexual, o que para ele é um impeditivo para a continuidade do contato.

Confesso a Leo que me intriga o fato de que, apesar das diversas perguntas que fiz em distintos pontos da nossa conversa, em nenhum momento ele mencionou características físicas como um critério para estabelecer contato em uma rede notoriamente marcada pelos aspectos visuais. Ao contrário, o interlocutor referiu (diversas vezes) interagir com as mais variadas pessoas. Ele então formaliza que é uma consequência, o físico é algo que dá muito prazer, mas que conversar, conhecer a pessoa, dá mais. Porém há característica que acha mais bonita/atraente como pessoas altas e com tons de pele de mais retintos. Fala que não se sente atraído por pessoas gordas, mas que é algo que tenta se policiar por ser algo que a sociedade impõe como padrão de beleza. Conta que já se relacionou com homens afeminados, também se reconhecendo como um.

Entretanto, quando é alguém assumido, torna-se um problema porque é como se outro voltasse para o armário, já que não pode expor a relação. Exemplificou com um episódio que aconteceu em um de seus aniversários: recebeu uma ligação do seu namorado e não pode corresponder ao afeto na mesma medida porque estava ao lado dos pais. Leo conta que ambos se sentiram negligenciados, tanto o namorado por não ser correspondido, quanto ele por sentir-se oprimido naquele contexto, criando assim um ponto de inflexão entre o casal que acabou terminando.

Questionado sobre o uso de aplicativos de relacionamento em outras cidades, Leo inicialmente menciona não ter muita experiência. Em sua cidade natal, consideravelmente pequena, o uso desses aplicativos é inviável devido à falta de privacidade. Nas raras ocasiões em que viajou para centros urbanos maiores, esteve sempre acompanhado pela família ou em compromissos religiosos. Recorda, por exemplo, sua participação na Jornada Mundial da Juventude no Rio de Janeiro (evento da igreja católica que reúne jovens de vários lugares), mas não fez uso do *app* nesse momento. Compartilho com ele a informação que, nessa época, foi noticiado um aumento na frequência do *Grindr*, como também no fluxo de pessoas no circuito de festas LGBTQIAPN+ da cidade; apontando as contradições e fissuras nos elementos de fé de religiões cisheteronormativas.

Contudo, conta uma experiência durante o carnaval em uma cidade¹⁵ de menor porte, onde, na companhia da única amiga que conhece sua orientação sexual e influenciado pelo ambiente festivo, utilizou o aplicativo de maneira mais fugaz. Nessa ocasião, Leo percebeu um desconforto com as relações mais casuais, preferindo construir intimidade. Admite que sua disposição para pegação varia, mas que na maioria das vezes, sente-se usado/objetificado.

Retornando ao seu contexto habitual, Leo analisa os perfis no aplicativo em sua cidade atual, observando uma predominância de usuários que valorizam o sigilo, muitas vezes sem incluir fotos nos perfis. Além disso, diz que os critérios para interação dessas pessoas são atravessados pelo modelo “padrãozinho” – que diz dos homens entendidos como socialmente belos, ou seja, aqueles que são cisgêneros, brancos, corpo atlético, jovens e com características que se aproximam da estética heterossexual.

¹⁵ Uma cidade turística e bastante conhecida na região por ser um lugar onde as pessoas/turistas (geralmente do exterior e de outros estados) têm liberdade quanto a sexualidade e ao uso de psicoativos, reforçando a ideia de liberdade a partir dos distanciamento dos vínculos familiares, como ressaltou o próprio interlocutor.

Pergunto a Leo qual dica ele daria para alguém que começou a fazer o uso recente do *app* na cidade que mora. A princípio, em tom jocoso, diz para fugir que é uma cilada. Aponta que precisa ter cuidado com quem se envolve, entretanto pondera dizendo também haver pessoas boas no *Grindr*. Aconselha que se tiver um corpo mais musculoso que coloque foto no perfil, assim receberá muitas mensagens. Além disso, estar imediatamente disponível para encontros sexuais é um atrativo adicional, já que, segundo ele, o imediatismo para o encontro é uma característica local.

Ao final da nossa conversa, me despeço de Leo, agradecendo-o por ter compartilhado tantas questões importantes para a pesquisa. Também enfatizo a importância de garantir espaços onde ele possa se expressar livremente. Após nossa conversa, Leo me enviou uma mensagem, seguindo o protocolo para indicar um participante. Ele também demonstrou gratidão por ter se sentido confortável o suficiente para se abrir comigo, compartilhando aspectos pessoais que nunca havia falado a ninguém antes.

4.3 O PREÇO DA LEVEZA: MARCOS EM ENCRUZILHADAS

Os primeiros contatos com Marcos, pelo *WhatsApp*, foram tranquilos. Nesse momento, pude apresentar a proposta da pesquisa e sondar sua disponibilidade para participar. Marcos foi muito solícito e demonstrou-se genuinamente aberto a contribuir; como também era pesquisador, houve uma identificação imediata que o motivou a colaborar de maneira gentil e engajada. Assim, sem grandes dificuldades, conseguimos encontrar um horário em comum para nosso encontro, que aconteceu poucos dias depois, em uma praça da cidade, conforme sua preferência.

Gostaria de destacar que, para mim, esse encontro significou uma experiência crua, honesta e sem entraves. Ao contar sua história, Marcos me levou a refletir, de modo contundente, sobre os privilégios que me atravessam e, assim, a pensar nas diferentes camadas que o compõem, no atravessamento das expectativas sociais sobre o sentido que atribui a si mesmo e na forma como isso repercute em sua disposição para os relacionamentos.

Após me apresentar, pedi para que Marcos se apresentasse de forma livre, inicialmente me trazendo aspectos pessoais que ele acredita que seria interessante naquele momento. É importante dizer que ele tem uma presença muito marcante, em decorrência da sua

inquestionável beleza. Ele é muito bonito e, inicialmente, isso foi impactante para mim. Não necessariamente por seu aspecto físico de modo isolado, afinal já havia reparado isso pela sua foto no perfil do *Whatsapp*. Entretanto, a sua foto havia gerado a impressão de que ele fosse alguém mais sério e até mesmo pouco aberto a interações; inclusive durante nossa conversa, ele falou que geralmente assume mesmo essa postura mais séria. A surpresa (e motivo do impacto) veio ao constatar que sua presença foi completamente oposta. Marcos é doce, extremamente gentil, passa leveza na fala e no jeito que interage. Em diversos momentos percebi que ele estava confortável em trazer suas histórias, seja nos múltiplos exemplos que trazia, seja no modo mais descontraído em contar.

Marcos, é um jovem professor de 26 anos, nascido e criado na cidade em que a pesquisa foi desenvolvida. Atualmente, ele está cursando mestrado em Linguística Aplicada em uma universidade estadual da região e trabalha como professor (ensino fundamental e médio) em duas cidades. Se denomina como uma pessoa de múltiplos interesses, incluindo leitura, música, explorar a internet e escrever. Ele destaca que em seu tempo livre tem se dedicado à natação e musculação, atividades que pratica regularmente para manter a saúde e o bem-estar. Se reconhece como um homem preto, cisgênero e bissexual.

Após sua apresentação, a conversa se direcionou para as questões mais próprias que a pesquisa evoca, de modo que começamos a pensar na inserção de Marcos no *Grindr*. Ele explicou que a decisão de baixar o aplicativo surgiu em um momento de mudança em sua vida, logo após um término de relacionamento, quando tinha ainda 20 anos. Foi uma época de transição, marcada por conselhos de amigos que viam no aplicativo uma oportunidade para Marcos superar essa fase. Marcos ressaltou que, antes da recomendação de seus amigos, ele pouco sabia sobre o aplicativo. Não era um usuário frequente de redes sociais *online*, e a ideia de usar um aplicativo de relacionamento parecia distante de seu interesse. No entanto, incentivado pela rede de apoio que seus amigos proporcionavam, ele decidiu dar uma chance.

Interessante notar que, apesar de estar inserido em um contexto fortemente marcado pelo uso da internet, Marcos não havia explorado outras plataformas *online* para relacionamentos antes de sua experiência com o aplicativo. Ele conta que redes sociais como *Instagram* ou *Facebook* não haviam sido parte de sua jornada de flerte até então, marcando o *Grindr* como seu primeiro passo significativo no contexto das conexões digitais. Contudo, o papel de seus amigos nessa jornada era de importância única; todos os encontros planejados

pelo aplicativo eram compartilhados com eles, como uma espécie de sistema de segurança e apoio emocional nessa experiência.

Na nossa conversa, Marcos detalhou sobre sua experiência com o aplicativo *Grindr* e como o utilizava para conhecer pessoas. Ele encontrou pessoas que se tornaram amigos e outras com quem teve boas experiências sexuais, além de algumas que não deixaram uma impressão duradoura. Explicou também que deixou de usar o aplicativo em 2021, após utilizá-lo por dois dias em Salvador. Desde então, não tem mais usado o *Grindr*, pois iniciou um relacionamento com compromissos monogâmicos.

Marcos destacou que tinha uma política pessoal de usar o aplicativo somente quando estava fora de sua cidade. Ele assumiu que essa decisão estava ligada a uma preocupação em preservar sua imagem, especialmente considerando sua profissão como professor, que o colocava em contato frequente com um público jovem, variando de pré-adolescentes a quase adultos. Apesar dessa política, Marcos admitiu que já havia usado o *Grindr* na cidade. Essas experiências estiveram alinhadas com a abordagem mais restrita que ele assumiu para si no uso do aplicativo, equilibrando sua vida pessoal com as considerações profissionais e de imagem. De modo muito prático, ele fala da utilidade que deu para o *app* nos momentos em que usou: apenas para sexo casual. O interlocutor refere que não vê sentido em manter um perfil no *Grindr*, ele baixava apenas quando estava a fim de satisfazer momentaneamente o seu desejo e após encontrar alguém disponível, salvava o contato e apagava sua conta.

Na conversa, Marcos trouxe os detalhes de sua jornada pessoal em reconhecer-se como uma pessoa bissexual, um caminho que ele descreveu como um tanto conturbado. Ele recordou que, até o final do terceiro ano do ensino médio, a questão de sua orientação sexual não era uma preocupação central em sua vida, pois estava mais focado em seus estudos e no objetivo de ingressar na universidade. Esta realização surgiu numa fase da vida em que muitas pessoas próximas já estavam explorando suas vidas amorosas e sexuais, enquanto ele, por sua vez, teve seu primeiro beijo e suas primeiras experiências sexuais aos 19 anos, uma idade que ele considerava relativamente tardia. Marcos compartilhou que sentiu-se inicialmente confuso ao perceber-se atraído por ambos os gêneros, mas com uma inclinação mais forte por homens. Diante dessa situação, ele buscou apoio em amigos próximos, já que não tinha acesso a terapia ou psicologia na época. Ele mencionou ter tido experiências tanto com mulheres quanto com homens, mas se sentia mais confortável e à vontade com homens, embora as experiências com mulheres também tenham sido positivas.

Marcos, vivendo atualmente com sua família, conta que sua orientação sexual e seu relacionamento familiar coexistem sem confronto direto, mas também sem completa transparência. Destaca que tem uma incerteza sobre a necessidade de ter essa conversa com eles, ponderando sobre a dinâmica familiar e sua própria independência, mesmo residindo com os familiares. Marcos indicou que não sabe se seus familiares têm alguma suspeita sobre sua orientação sexual, mas notou que também nunca foi questionado diretamente sobre isso. Ele mencionou que em conversas anteriores, quando indagado sobre amigas, chegou a comentar sobre ter ficado com uma amiga, o que talvez tenha contribuído para a ausência de desconfiança ou questionamentos por parte de sua família a respeito de sua sexualidade.

Ao prosseguir, aprofundamos na compreensão das experiências de Marcos no aplicativo de relacionamento. Ele abriu-se sobre as vezes em que se sentiu fortemente atraído por alguém no aplicativo, mas as interações não progrediram. Marcos atribuiu isso à natureza seletiva dos usuários do aplicativo, um ambiente repleto de possibilidades que, por vezes, conduz à escolha de pessoas que parecem mais atraentes em um dado momento.

Quando adentramos na discussão sobre as expectativas em torno das interações, Marcos aponta critérios específicos para o que buscava no *app*. Ele se sente atraído por homem de estatura semelhante à sua ou mais alto, não necessariamente musculoso, mas com um físico levemente robusto. Ele fez a ressalva que, apesar de praticar musculação, não se sente particularmente atraído por homens extremamente musculosos, embora tivesse experimentado relacionamentos com alguns. Entretanto, diz não sentir tesão em corpos gordos.

A barba é um detalhe que chamava sua atenção, assim como homens peludos. Lábios carnudos também o atraí, embora não seja um requisito indispensável. Uma característica física específica que o interessa é a bunda avantajada, ou pelo menos algo que seja distintamente atraente. Ele reconhece que na relação entre homens é latente o preconceito relacionado a homens afeminados, mas não tem problemas quanto isso. Reconhece que tem uma postura mais rígida/séria e talvez isso crie receios em pessoas rechaçadas no aplicativo, porém, após ultrapassar essa barreira, suas experiências com pessoas afeminadas geralmente fluem naturalmente e se tornam agradáveis. No que compete à posição sexual, Marcos se disse aberto e flexível. Ele não tem preferências rígidas quanto a ser ativo, passivo ou versátil, enfatizando que isso não era um fator decisivo em suas escolhas.

Ainda sobre seus critérios, ele se distancia de perfis que mencionam o uso de drogas (geralmente sinalizado com emoji de raio, diamante ou de folha no perfil), um indicativo que ele rapidamente reconhece e que se torna um critério para descartar um contato. Igualmente, ele não tolera usuários excessivamente insistentes, aqueles que inundam sua caixa de mensagens exigindo respostas e fotos rápidas. Para Marcos, essa insistência é um sinal direto de falta de respeito, levando-o a bloquear esses contatos.

Além disso, Marcos traz uma outra questão do racismo que atrela aos corpos masculinos negros como objetos de desejo físico. Inclusive, destaca que na sua posição como professor, discute com seus alunos as questões em torno da marginalização dos corpos negros que não se encaixam dentro desses padrões.

Ele explica que, inicialmente, ignorava ou bloqueava essas abordagens, mas com o tempo começou a confrontá-las. Dando o exemplo sobre uma interação em que uma pessoa já o abordou dizendo que, pelas suas fotos, ele deveria ter uns 22 centímetros de pau, ele então respondeu que o rapaz deveria ter o mesmo tamanho de canal anal; e foi bloqueado em seguida. Nessa direção, Marcos comenta a constante insegurança em postar fotos de sunga, uma prática comum e esperada no aplicativo, com receio de hipersexualização e julgamento. Ademais, destaca sobre a contradição entre procurar encontros casuais e, ao mesmo tempo, desejar que esses encontros tenham um contexto mais amplo e respeitoso, além da mera satisfação física.

O participante reflete que nos momentos em que isso aconteceu de forma mais incisiva, gerou nele uma sensação de que não deve estar nesses espaços. Além de se fechar para possíveis relações, ficando um longo tempo sozinho. Ele traz que preferia se masturbar a pagar o preço de sofrer racismo nas interações com outro homem, apontando que, no aplicativo, tornava-se (era resumido a) uma boca carnuda e um pau grande.

Em um episódio inesperado, Marcos fala de um encontro que o surpreendeu positivamente, narrando uma história que mistura elementos do acaso e distintas nuances da pegação propriamente dita. A situação aconteceu em uma noite casual com amigos em um bar universitário. Nesse cenário, um amigo, que inicialmente tinha interesse em Marcos, apresentou uma proposta: um encontro a três, incluindo um jovem que ele conheceu no Tinder.

A noite se desenrola de maneira inesperada, culminando em uma experiência entre os três, mas com uma aproximação maior entre Marcos e o rapaz do Tinder. Essa experiência abriu portas para uma intimidade inesperada entre os dois (e aqui não estou falando sobre sexo

propriamente dito), de modo que uma ida ao cinema (sem investidas sexuais) faz Marcos compreender a potencialidade que havia entre eles. Esse novo vínculo ganha profundidade à medida que eles começam a se encontrar regularmente, coincidindo com seus horários na universidade.

No entanto, o relacionamento tomou um rumo inesperado quando Marcos descobriu que estava sendo usado como uma maneira de o rapaz provocar ciúmes em seu ex. Apesar de terem se envolvido emocionalmente, Marcos começou a se distanciar, percebendo que a dinâmica entre eles estava complicada e confusa, sobretudo, por sentir-se mais uma vez na posição de objeto para alguém. Com o tempo, os encontros entre eles se tornaram menos frequentes, e a relação desvaneceu lentamente. Marcos narrou essa história de forma a salientar os desdobramentos que surgiram após um encontro casual. De maneira intrincada, é importante também destacar a posição em que ele se encontrou nessa trama. Apesar do descompromisso da relação e da ênfase de Marcos na prioridade dos deveres profissionais/estudantis em detrimento das questões afetivas/sexuais, a relação acabou sendo pouco honesta, considerando o interesse subjacente aos encontros. Não por acaso, esses encontros conferiram um tom mais romântico à relação. Por fim, Marcos compreendeu que prefere relacionamentos mais diretos, sem se envolver em jogos de ciúmes e manipulação.

Nesse aspecto ele também confronta as nuances do racismo em suas experiências amorosas, apontando como isso resvala na forma como se relaciona consigo e com o outro. Ele notou como era frequentemente elogiado por sua aparência física, mas raramente por suas qualidades mais profundas, percebendo que, frequentemente, homens negros são relegados a papéis de parceiros casuais ao invés de companheiros estáveis. Essa dinâmica racial, permeada de preconceitos e discriminação, influenciou significativamente suas escolhas e comportamentos em relacionamentos.

Essa conscientização se aprofundou no dia dos namorados, quando Marcos observou que vários indivíduos com quem ele se relacionou, e que anteriormente mostravam desinteresse em relacionamentos sérios, estavam em relacionamentos assumidos nas redes digitais. Esse contraste o levou a questionar sua própria desejabilidade e valor, ponderando sobre o que lhe faltava que impedia o mesmo reconhecimento em seus relacionamentos passados. Ele fala que sentir essa rejeição, impactou diretamente na sua disposição em desenvolver conexões emocionalmente e fisicamente com os outros.

Marcos menciona que tinha uma resistência inicial em abraçar pessoas ou demonstrar afeição, uma barreira que se manifestava até mesmo em suas interações com os alunos. Contudo, uma mudança significativa ocorre quando ele percebe o enredamento do racismo em todo esse processo. Esse foi um ponto de virada para Marcos, uma mudança de perspectiva que o leva a reconhecer que nem todas as pessoas o veem apenas como um objeto de desejo passageiro. Ele começou a entender que pode formar conexões mais profundas e significativas, independentemente das experiências passadas.

Um aspecto que me chamou a atenção na conversa com Marcos foi como ele, repetidas vezes, enfatizou que comunica às pessoas sobre sua limitada disponibilidade de tempo, indicando a necessidade de enviar mensagens e agendar encontros explicitamente. O questiono sobre essa posição em estar sempre se resguardando de mostrar interesse/disponibilidade. Marcos se apresenta como alguém metódico, que vê nos estudos/trabalho seu principal foco; uma oportunidade de transformar uma realidade marcante que o atravessou durante parte de sua vida. Ele destaca ter noção do quanto esse ritmo de produtividade o adoece, mas também sente que há um julgamento pessoal quando foge dessa regra.

Marcos recorda sua infância, marcada pela necessidade de autossuficiência: aprendeu cedo a se virar sozinho, cuidando de si e de seu irmão com a supervisão da avó, enquanto sua mãe trabalhava. Essa experiência reverbera na fase adulta, dada a importância que atribui à organização e à priorização do emprego como meio de transformar sua realidade socioeconômica. Nesse processo, ele também aborda a dificuldade de conciliar múltiplos empregos para manter um padrão de vida mínimo. Quando fala da sua carreira profissional, enfatiza o cansaço e as exigências de sua posição atual na educação básica, destacando o desejo de transição para o ensino superior. Ele aspira a uma realidade em que possa se dedicar a apenas um trabalho, alcançando conforto e estabilidade financeira.

Marcos também se abre sobre a dinâmica com seu irmão, uma relação que se fortaleceu intensamente depois que ele se assumiu como bissexual e o irmão, como gay. Ele descreve como se tornaram mais próximos, compartilhando viagens e experiências, e como sua preocupação com o bem-estar e a segurança do irmão é constante. A afirmação da sexualidade do irmão gerou diversos desafios no âmbito familiar, em virtude da homofobia. Marcos menciona embates com outros membros da família, destacando uma conversa franca com a mãe e um confronto com a avó.

Marcos admira a maturidade e assertividade de seu irmão ao lidar com a situação, enfatizando a independência e contribuição financeira deles para o lar. Ele pondera sobre a ideia de se assumir de forma mais explícita, tendo o irmão como exemplo. Fala com bastante admiração da forma como seu irmão se posicionou diante da sua relação atual, embora perceba que o preconceito ainda está presente em comentários e atitudes ao seu redor. Marcos explica que, embora ele e o irmão fossem as crianças da família que nunca deram “trabalho”, o fato de se afirmarem não-héteros na idade adulta causou um choque nos familiares, apontando as tensões presentes nesse contexto familiar.

Na conversa, ele seguiu abordando com franqueza às questões do grupo familiar, recordou a intensa pressão para ser um “bom menino”, uma expectativa ainda mais acentuada por ser uma criança não-hétero. Essa necessidade de excelência foi enfatizada pela mãe, que exigia dele as melhores notas e um desempenho escolar impecável. Marcos conta que, ao tirar notas baixas, sentia-se devastado, chorando copiosamente. Com o tempo, porém, ele se fechou emocionalmente, uma mudança que atribui em parte aos comentários machistas sobre demonstrar emoções, já que constantemente ouvia que chorar é coisa de mulher.

Em paralelo a isso, descreve situações de extrema pobreza, incluindo períodos de fome, que marcaram profundamente sua infância. Ele fala de episódios como procurar comida em casa e só encontrar um pirão de farinha com óleo da carne frita dos dias anteriores. Outro aspecto marcante de sua narrativa é a relação com seu pai, que não encontra desde quando tinha 10 anos. Marcos descreve seu pai como uma pessoa “muito perversa”, mencionando episódios de violência doméstica contra sua mãe. Ele menciona lembranças vagas, mas significativas, de preocupações sobre a segurança dele e de seu irmão em relação ao pai, como um vizinho que o viu cavando um buraco no quintal, levantando suspeitas graves. Essa realidade o levou a assumir desde cedo um papel de protetor de sua mãe, acompanhando-a em suas aulas à noite (nessa época ela cursava o ensino médio) como uma forma de garantir sua segurança. Marcos descreve sua rotina infantil como exaustiva, porque além das suas obrigações estudantis, desde sempre intuiu que se estivesse com sua mãe, ela estaria protegida de algumas situações. Nesse sentido, o participante destaca o quanto o senso de responsabilidade é algo muito familiar e por perceber as dificuldades já enfrentadas (tanto em relação à violência doméstica como quanto às questões financeiras), entendia que não poderia dar trabalho. Aqui, percebe-se que dar trabalho refere-se a dois aspectos: ser bem sucedido nos estudos e não quebrar com as expectativas criadas sobre ele a partir do seu gênero.

Na continuação da conversa, Marcos aponta a importância do cuidado em relação à saúde sexual e prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs). Para ele, o preservativo é indispensável em qualquer relação sexual, mesmo em relacionamentos de longo prazo, e que o teste regular é crucial para a saúde sexual. Ele compartilha que sua curiosidade e acesso à informação, facilitado pelo acesso à internet, o ajudaram a se educar sobre saúde sexual. Marcos descreve situações em que recusou relações sexuais sem proteção, também menciona a paranoia e a preocupação que sentiu após ter relações sexuais casuais, mesmo usando proteção. Ele transparece uma consciência profunda e compromisso inegociável com sua saúde, explicando também sobre a necessidade da espera pela janela imunológica para fazer testes de ISTs, uma etapa importante para sua paz de espírito.

Quando questionado a respeito das possíveis orientações a alguém que chegou recentemente na cidade e que usar o *Grindr*, em tom cômico, Marcos sugere que a pessoa desinstale o aplicativo e, em vez disso, use o *Instagram*, onde pode ter experiências melhores. No entanto, ele reconhece que os aplicativos podem ser um meio de encontrar conexões interessantes, desde que se use com cautela. Marcos enfatiza a importância de se sentir confortável e seguro, aconselhando escolher locais conhecidos e tranquilos para encontros. Ele lembra a necessidade do uso de preservativos, reforçando a mensagem sobre a importância da saúde sexual. Além disso, Marcos alerta para ser cuidadoso com pertences pessoais e sugere bom senso como dividir a conta (em caso de ida ao motel), para evitar surpresas desagradáveis.

Por fim, quanto à atração no aplicativo, Marcos reflete que não é necessário ter um corpo musculoso, mas um físico bem cuidado pode ser um atrativo. Ele destaca a importância da simpatia e educação na comunicação, mencionando que muitas vezes recebe elogios por sua cordialidade nas respostas. Na escolha de fotos para o perfil, menciona várias opções, desde mostrar o rosto inteiro até apenas partes do corpo, como braços ou ombros, dependendo do grau de privacidade que a pessoa deseja manter.

Minha interação com Marcos desdobrou-se de maneira extraordinariamente fluída, uma característica que me pareceu ser intrínseca a ele e que foi realçada pela notável harmonia estabelecida entre nós. A entrevista com ele foi a mais extensa, estendendo-se por dois encontros que, juntos, somaram duas horas de gravação. Após a entrevista, desenvolveu-se um vínculo espontâneo e aberto entre nós, no qual ele notavelmente me viu como um confiável interlocutor.

Nossas conversas abrangeram diversos temas, desde os desafios da vida acadêmica – ele em seu mestrado e eu no doutorado – até aspectos mais pessoais de sua vida. Em um desses diálogos, Marcos compartilhou comigo o término de seu relacionamento, que já enfrentava dificuldades, e confidenciou o impacto significativo que a entrevista teve em sua autoavaliação. Ele explicou como o processo o ajudou a perceber a necessidade de mudanças em sua vida, em particular sua excessiva dedicação ao trabalho em detrimento de momentos de qualidade para si mesmo. Essas informações não apenas enriqueceram nossa comunicação, mas também demonstraram a profundidade e a sinceridade do vínculo que havíamos formado.

4.4 ENTRE CIDADES E DESEJOS: CONSTRUINDO ITINERÁRIOS COM FERREIRA

O encontro com Ferreira, que aconteceu após os primeiros contatos pelo *WhatsApp*, foi marcado por sua abertura e disponibilidade ao diálogo, motivados pelo interesse na temática da pesquisa. A marcação de um dia e horário em comum ocorreu com facilidade, e sua prontidão se expressou na realização do encontro já no dia seguinte ao primeiro contato. O local escolhido foi uma praça no centro da cidade, um ambiente já familiar a mim devido a conversas anteriores com outros interlocutores da pesquisa. A experiência positiva com estes participantes sinalizou que aquele seria um lugar confortável e adequado para mais diálogos.

Ferreira compartilhou suas experiências de maneira muito sincera, sem receio de expor questões íntimas e sensíveis. Conhecer as nuances e atravessamentos de sua história permitiu-me refletir sobre as diversas facetas de seu processo de construção subjetiva, marcado pelas tensões em torno da sexualidade e do gênero, que produzem modos de subjetivação subalternos. Nesse contexto, a Psicologia emerge como um importante caminho para reflexão e elaboração em torno dessa/s problemática/s.

Iniciei a conversa pedindo para que se apresentasse e ele se colocou como um jovem de 21 anos, estudante de uma universidade estadual, morando na cidade em questão há cerca de um ano e alguns meses. Percebo uma jovialidade quase inocente no olhar Ferreira, uma energia de ninfeto, mas com jeito articulado e desinibido. Pessoalmente ele usa de elementos estéticos

que mescla signos do mavambo¹⁶ com o feminino, o que te confere um visual que borra as fronteiras normativas de gênero.

Ferreira é natural de uma cidade bem menor (em aspecto de dimensão territorial e populacional), sua escolha pela graduação em curso se dá em virtude da sua afeição às artes e ao teatro. Apesar de já frequentar a atual cidade antes da mudança de fato, ter a experiência de residir em uma cidade maior é um novo capítulo em sua vida. Aqui, as suas experiências estudantis acabam sendo secundárias, vide a jornada que tem estabelecido, marcada por descobertas sobre si mesmo, sobre os outros e sobre o mundo ao seu redor. Vivendo no centro da cidade, Ferreira compartilha uma casa com dois amigos. Essa escolha de moradia não é apenas uma questão de conveniência, mas também a possibilidade da livre expressão de si. Como um homem negro, bissexual e cis, ele encontrou conforto em seus colegas de casa, que compartilham aspectos de sua orientação sexual.

Um aspecto importante nessa jornada de atribuir sentido à sua sexualidade e ao seu desejo, foi a sua introdução aos aplicativos de relacionamento. Apresentado a ele por um amigo (entre 2017-2018), os aplicativos apareceram como um novo contexto a ser explorado. Ferreira foi atraído pela ideia de que o *Grindr* oferece uma “cartela de homens”, um conceito novo e excitante para ele que não se configurou apenas como uma curiosidade casual, mas uma etapa significativa na apropriação sobre seus desejos.

Ele conta que no seu início no *Grindr* tinha em média 16 anos, já havia tido experiências sexuais (principalmente com homens), mas não tinha uma vida sexual ativa. Ele descreve que o uso do aplicativo em sua cidade natal é um reflexo da própria quietude do local, uma cena em que as interações são escassas, mas não inexistentes. Contudo, em virtude da proximidade com a família, usar o *app* lá te propõe desafios. A necessidade de manter uma certa discrição inicialmente o levou a ocultar parte de seu rosto nas fotos de perfil, uma estratégia para manter um tenso equilíbrio entre o seu desejo e a preservação de sua privacidade em um ambiente que para ele se apresentou de modo mais conservador.

¹⁶ No intrincado léxico do pajubá, o termo "mavambo" emerge como uma sofisticada variação do conceito de “cafucu”. Enquanto o “cafucu” é envolto na ideia de um homem rústico, cujo físico e estilística refletem uma experiência pessoal/profissional mais rústica, o “mavambo” reside sob o mesmo espectro, contudo, inclinando-se mais para a figuração de um homem do gueto-marginal. Esta figura é distintamente marcada por elementos que transcendem o rústico, abraçando uma estética urbana. Figurada por roupas mais largas, uso de *piercings*, bonés de aba reta e desenhos específicos nas sobrancelhas (o risquinho) e estilos de cabelo singulares, todos simbolizando uma manifestação direta da estética urbana e marginal.

Na cidade atual, Ferreira se imerge na experiência urbana que costura a noção de territorialidade com suas experiências afetivo-sexuais a partir do *Grindr*, que para ele serve como um meio de conexão-interação, ampliando seu círculo social e oferecendo uma janela para as dinâmicas da vida na cidade. Ele aponta que o seu uso do aplicativo tem como finalidade primeira o sexo casual, entretanto já ocorreu de, a partir disso, constituir amigos. Mas frisa, que a princípio se destinaria à pegação. Ao longo da nossa conversa, Ferreira trouxe histórias de como o *Grindr* serve como uma ferramenta tanto para a exploração de relacionamentos (ainda que fugazes) quanto para a compreensão mais ampla de si mesmo e do seu lugar no espaço que habita.

A relação de Ferreira com sua família em relação à sua sexualidade é complexa. Desde muito jovem, sua família está ciente de sua orientação sexual, mas o assunto permanece intocado, uma espécie de silêncio consensual que envolve a questão. Ele cita que há dois anos tentou uma trégua com seu pai, por ele ser o lado mais inflexível da família em relação a essa situação. A afirmação da sua sexualidade não foi um processo tranquilo; ele descreve ter sido "tirado do armário", uma experiência que não foi particularmente positiva e que trouxe marcas ainda muito presentes. A propósito, esse foi um assunto muito delicado de ter sido tocado na conversa, acredito que isso se deu sobretudo porque foi um dos primeiros tópicos – enquanto falávamos do uso do aplicativo na sua cidade de origem.

Com a devida cautela e respeitando os limites por ele estabelecidos ao abordar o tema, durante nossa interação Ferreira compartilhou que, aos 12 anos, foi surpreendido por sua mãe enquanto realizava uma chamada de vídeo se masturbando com outro menino. No entanto, ele destacou que, antes desse episódio, havia vivenciado uma situação ainda mais violenta, contando ter sido vítima de violência sexual aos 10 anos de idade. Ele ressalva que, como uma espécie de proteção, não se lembra de muitos detalhes. Além disso, entende que esse tema deveria ser abordado em terapia, embora ainda não tenha sido. Ele narra que alguns meninos da sua rua, de idade muito superior à dele, o levaram para a escada da casa de um deles e o abusaram sexualmente. Refere que não houve violência física, mas assevera que ele era um criança e que aquilo implicou no modo como ele entende e vive sua sexualidade. Ferreira conta essa história com uma carga visível de consternação, além de certa dificuldade em trazer detalhes. Sinto que, para ele, entrar em contato com essa história, é bastante angustiante. Me parece que enquanto falava, ficava sem ar, sua respiração ficou ofegante e constantemente olhava para os lados, muito diferente de como ele estava anteriormente. Ele mencionou isso como uma confissão, inclusive para ele mesmo, já que foi algo que quando percebeu já estava

contando. Tentei deixá-lo o mais confortável possível, inclusive para não pressioná-lo a contar. A sensação que tive é que, apesar da fala muitas vezes cortada (completada quando eu fazia alguma intervenção), Ferreira parecia perceber que precisava falar sobre aquilo nesse contexto.

A abertura dele possibilitou uma discussão mais profunda sobre sua experiência como um homem bissexual, vivida entre duas cidades que se apresentam de modo bastante distinto para ele. Na cidade de origem, com seus 20 mil habitantes, ele enfrentava uma realidade dualista: um “eu” que existia dentro de casa, protegido e resguardado, e outro “eu” que existia fora de casa, onde precisava se adaptar às expectativas sociais locais. Em contraste, na cidade maior, com 200 mil habitantes, ele encontrava maior liberdade para explorar e expressar-se, embora condicionado, fora do ambiente familiar.

Ferreira comenta que, na sua cidade natal, não sentiu estigmas significativos em relação à sua sexualidade. Esta interpretação, entretanto, não se traduz necessariamente em uma experiência plena. Em suas próprias palavras, fora de casa, ele se sentia mais livre, mas essa liberdade tinha suas limitações, especialmente em termos de manifestar sua sexualidade abertamente nesse contexto.

Comparando suas experiências, Ferreira nota uma diferença gritante. Na cidade atual, ele encontra um acesso mais fácil e uma maior liberdade em viver sua sexualidade. Não à toa, aqui, o seu perfil no *Grindr* é composto por fotos de rosto. Para ele, a cidade maior oferece uma diversidade e uma quantidade de possibilidades que a menor não possui. Quando está com sua família, ele descreve esses períodos como seus "períodos sabáticos", onde sua vida sexual se torna praticamente inexistente. A falta de opções e o desinteresse pelas pessoas disponíveis, marcam nítida distinção entre suas experiências nas duas cidades.

Sobre as experiências no aplicativo que o deixaram desapontado, Ferreira aponta que isso ocorre ao interagir com perfis falsos. De forma prática, assim que percebe a discrepância entre a imagem pessoal e o perfil *online*, ele bloqueia o usuário no aplicativo, encerrando qualquer comunicação futura. Além desse incidente, ele menciona situações em que se envolveu com pessoas que normalmente não o atrairiam, sendo impulsionado mais pelo desejo do momento do que por uma atração genuína. Segundo ele, esses momentos são uma espécie de “topa tudo”. Esses encontros, embora inicialmente parecessem tentadores, frequentemente culminavam em insatisfação e reflexão crítica sobre suas próprias escolhas, restando os sentimentos de arrependimento e autoquestionamento.

Ferreira, ao discutir seus critérios para escolher parceiros em aplicativos de relacionamento, diz que a atração física é fundamental, mas não é o único fator. A interação verbal desempenha um papel importante em seu processo de avaliação, mas os encontros imediatos também têm seu valor. O interlocutor ainda menciona, sobre as posições sexuais, que tende a preferir homens que são versáteis com uma inclinação mais ativa. Já teve experiência com caras que eram totalmente passivos, mas não alinhou completamente com suas preferências.

A estética, segundo Ferreira, não segue uma fórmula rígida de beleza. Ele se sente atraído por pessoas que considera bonitas, mas essa percepção é bastante subjetiva e varia. Ele diz não possuir critérios estritos em relação à altura ou raça/cor, mas recentemente tem se sentido mais atraído por homens brancos, apesar de não ser uma regra. Em termos de peso corporal, prefere parceiros que não sejam nem muito gordos, nem muito magros. Ele menciona também que não se sente particularmente atraído sexualmente por homens afeminados, especialmente aqueles que usam roupas mais femininas. O participante é direto ao dizer ter uma preferência por homens que se alinham mais estreitamente com as normas de masculinidade cisheteronormativa, mas não consegue aprofundar muito na reflexão sobre isso, diz entender que se trata de uma questão cultural.

O interlocutor deixa claro em seu perfil que não interage com pessoas que não compartilham fotos de si mesmas. Para ele, a transparência visual é fundamental, e a ausência de uma imagem é um impedimento para o prosseguimento da conversa. Sobre os perfis que não interagem, é direto: ele ignora perfis de pessoas que considera esteticamente desagradáveis segundo seu próprio julgamento. Sua abordagem é pragmática, centrada em uma busca predominantemente sexual; assim, se não há atração física, ele opta por não iniciar ou continuar a conversa.

Entretanto, Ferreira recorda um encontro que, inicialmente, não despertava grandes expectativas, mas acabou sendo uma grata surpresa. O que inicialmente chamou a atenção foi a maneira como o homem se comunicava, trazendo um diálogo que fugia do padrão “*fast foda*”. Ele prometeu beijar todo o corpo de Ferreira e relaxar juntos após fumarem maconha, criando uma expectativa de uma interação mais envolvente. O participante diz que o que fez esse encontro se destacar foi a concretização dessas promessas, criando um ambiente que possibilitou uma experiência mais cuidadosa.

Imerso em suas histórias, Ferreira compartilha uma de suas experiências mais frustrantes relacionada à encontros a partir do *Grindr*, esta história envolve um rapaz que ele já conhecia de interações anteriores no aplicativo. O plano inicial era se encontrarem para ir a um bar, mas o rapaz apareceu na casa do interlocutor com uma mudança inesperada de planos: precisava buscar um amigo na rodoviária para levá-lo à casa de um parente. Ferreira, compreensivo, concordou em esperar.

Quando o rapaz voltou e Ferreira entrou no carro, ele notou, para sua surpresa, que a situação era parecida com uma experiência anterior: havia uma terceira pessoa desconhecida no banco do carona. Logo, Ferreira começou a suspeitar das verdadeiras intenções do rapaz quando este começou a fazer comentários sobre a aparência da terceira figura. Parecia que ele estava tentando fomentar uma situação sexual a três, porém sem qualquer tipo de aviso prévio ou consulta aos envolvidos.

Nesse processo, eles seguiram para um bar, onde, durante uma ida ao banheiro, Ferreira e o desconhecido começaram a conversar. Foi então que descobriram que ambos haviam sido convidados pelo *Grindr*, sem saber que a intenção era um encontro a três. Apesar da situação desconfortável e da falta de comunicação objetiva por parte do rapaz que organizou o encontro, Ferreira decidiu seguir com o plano, parcialmente motivado por uma atração pelo desconhecido. Eles acabaram indo para um motel, onde a noite prosseguiu, mas ficou com uma sensação de desconforto pela maneira como o encontro foi manipulado. A experiência levou o interlocutor a refletir sobre a ética nos encontros casuais, ressaltando a importância da honestidade e do respeito pelas expectativas e limites dos outros.

Quando falamos sobre envio de nudes, com franqueza, ele traz que há um propósito direto: criar desejo e antecipar o que pode esperar de um parceiro sexual, especialmente em termos de atributos físicos. Ele considera importante saber o tamanho do pau, especialmente se for assumir o papel passivo no encontro sexual. Ferreira menciona que um pau feio não é atrativo, enfatizando também sobre a importância da estética genital no seu desejo.

Quando questionado sobre o que define um pau feio, Ferreira reflete sobre as várias formas e tamanhos que ele já encontrou. Ele não consegue descrever exatamente o que faz um pau ser esteticamente desagradável para ele, mas sugere que a simetria e a proporção desempenham um papel em sua percepção de beleza genital. Ele brinca com a ideia de um pau

"instagramável", indicando uma preferência por genitais que pareçam agradáveis visualmente a partir de um padrão simétrico em relação à sua forma.

Ferreira aborda preocupações não apenas estéticas, mas também práticas, preocupa-se com o desconforto que pode sentir enquanto passivo, dependendo do tamanho do pau. Ele chega a apontar que já transou com um homem que tinha 23 centímetros, entretanto destaca que essa não foi uma situação confortável. Nesse sentido, a troca de nudes também tem a função de avaliar a compatibilidade física antes de um encontro, já que esse aspecto prático influencia a fluidez do ato sexual do interlocutor.

Neste momento, foi possível abordar uma questão delicada ao perguntar sobre a relação entre o uso de substâncias psicoativas e a prática de pegação. Ferreira explicou que sua experiência se limita ao consumo de *cannabis* e álcool, especialmente vinho, enfatizando que não experimentou outras drogas ilícitas nesse contexto específico. Ele reconheceu, no entanto, que já teve experiências com parceiros que consumiram outras substâncias nesses encontros.

Ao direcionar a conversa para a esfera da saúde sexual, Ferreira destacou um firme compromisso com o uso de preservativos, motivado pelo temor de infecções sexualmente transmissíveis. Ao ser perguntado sobre a possibilidade de ter tido relações sem a devida proteção, ele admitiu tal ocorrência, porém, sublinhou que foram episódios isolados, impulsionados por um estado de alteração leve devido ao consumo de álcool. Ele foi categórico ao afirmar que, mesmo nessas situações, sua percepção da realidade não estava completamente ofuscada. Apesar de admitir lapsos ocasionais influenciados pelo estado etílico do momento, o interlocutor reflete uma consciência nuançada dos riscos e as complexidades das práticas sexuais na manutenção da saúde.

Ao discutir a profilaxia pré-exposição, conhecida como PrEP, uma estratégia preventiva contra a infecção pelo HIV, Ferreira contou não ter experiência com o método. Ele compreende a necessidade de se aprofundar no assunto, sugerindo que essa falta de informação não é exclusiva dele, mas sim uma lacuna comum no conhecimento público. Aproveitei esse momento interessante para compartilhar minha experiência com a PrEP e, sobretudo, informá-lo sobre onde poderia obter orientações profissionais e iniciar o acompanhamento adequado.

Na mesma linha de indagações, abordei o uso de aplicativos de relacionamento por Ferreira em diferentes localidades, mencionando algumas cidades de menor porte e Salvador. Curioso, questionei sobre as diferenças percebidas por ele no uso do aplicativo nesses lugares.

Ferreira observou que, em Salvador, as pessoas tendem a usar mais fotos de rosto em seus perfis, uma diferença que ele atribui à maior população e a uma maior disposição para se expor. Aqui, na cidade, ao contrário, notou uma predominância de perfis sem foto e uma busca por discrição.

Pedi então que ele me contasse como aconselharia alguém que acabara de baixar o aplicativo, Ferreira enfatizou a importância de filtrar bem as interações e sugeriu a troca de informações pessoais, como *WhatsApp* ou *Instagram*, para um bom ponto de partida. Ele foi categórico ao sublinhar a importância da autenticidade e da honestidade. Por fim, ao discutir como criar um perfil atrativo, indicou que a inclusão de fotos do corpo, especialmente para indivíduos com uma estética magra ou musculosa, tende a aumentar o sucesso no aplicativo.

Para concluir a conversa, perguntei a Ferreira se havia algum aspecto adicional que ele considerasse relevante discutir. Ele destacou como o uso desses aplicativos pode afetar psicologicamente seus usuários, lidando com uma variedade de pessoas e situações, nem sempre agradáveis. Ele compartilhou uma experiência pessoal de confronto: após rejeitar gentilmente alguém no aplicativo, essa pessoa o insultou de forma muito dura. Essa situação tomou um rumo inesperado quando, tempos depois, Ferreira descobriu que essa mesma pessoa iria atendê-lo em uma consulta odontológica, mas, aparentemente não houve reconhecimento ou consequências negativas.

Ferreira concluiu refletindo sobre a natureza dupla do *Grindr*. Por um lado, ele oferece uma plataforma para conexões e interações imediatas; por outro, pode ser um ambiente adoecedor. Ele enfatizou a importância do autocuidado em todas as suas dimensões, tanto físicas quanto psicológicas, especialmente ao navegar por esse ou qualquer outro aplicativo de encontro.

A minha conversa com Ferreira desenrolou-se num clima de liberdade e sinceridade. Ao longo do diálogo, contudo, percebi momentos em que ele parecia atingir um estado de exaustão. Era perceptível sua fadiga, quase como se lhe faltasse energia para articular plenamente suas vivências em palavras. Percebi que essa sensação de esgotamento não resultava apenas do cansaço rotineiro, mas também da profundidade de nossa conversa, que abordou aspectos íntimos; os quais ele reconheceu como temas para reflexão em terapia.

Na minha abordagem, esforcei-me para criar um ambiente acolhedor, manejando com sensibilidade esses temas mais delicados e respeitando seus limites pessoais. Esta postura,

acredito, não só facilitou que ele continuasse a compartilhar suas experiências, mas também contribuiu para que ele se sentisse grato e receptivo a futuras interações. Como prova dessa abertura, Ferreira me adicionou no *Instagram*, gesto que valorizei como um sinal de confiança e conexão estabelecida entre nós.

4.5 POSSÍVEIS APROXIMAÇÕES E CONTRASTES/DIFERENCIAÇÕES ENTRE AS NARRATIVAS

Interlocutor	Autodefinições de sexualidade e gênero	Performances de masculinidade	Legitimação e/ou produção de rupturas
Lucas	Se define como homem negro, cisgênero e homossexual, desafiando normas cisheteronormativas. Explora fantasias em aplicativos, conectando profissão e sexualidade ("Seu Uber"), valoriza corpos negros e rejeita padrões eurocêtricos	Sua performance de masculinidade incorpora força e controle, refletidos no papel dominante no BDSM, onde prioriza consentimento, respeito mútuo e segurança. Define limites claros, recusando interações fora de suas preferências, reafirmando sua visão de masculinidade nas dinâmicas sexuais.	Legitima hierarquias estéticas ao valorizar corpos "padrão", mas subverte hegemonias afirmando sua sexualidade abertamente e explorando interações grupais. Usa os apps para experimentação sexual e monetização, subvertendo normas e explorando fetiches a seu modo pessoal.
Leo	Dinâmica autodescoberta sexual, inicialmente como bissexual e, depois, como gay. Sua expressão como homem cisgênero gay, reflete negociações influenciadas por sua criação religiosa, mudança de cidade e novas experiências.	Tensões com normas que valorizam corpos musculosos e confiança assertiva. Sentindo-se excluído por sua magreza e timidez, percebe um conflito entre o desejo por conexões emocionais e a expectativa social de encontros casuais, sugerindo uma ruptura com modelos	Critica o imediatismo e a objetificação nos aplicativos, destacando os efeitos disso. Reflete sobre padrões corporais e estigmas, propondo relações baseadas em respeito mútuo e autenticidade, rejeitando superficialidades e buscando desconstruir normas

		hegemônicos de masculinidade.	internalizadas de forma gradual.
Marcos	Como homem cis bissexual, fala da descoberta tardia da orientação sexual, reforçada por autonomia e diálogos. Tem maior afinidade emocional e sexual com homens, rejeitando essencialismos em relação às expectativas criadas sobre ser um homem negro em <i>apps</i> de encontros.	Desafia a hipersexualização do corpo negro masculino e os papéis limitantes. Reflete sobre pressões de masculinidade ideal, propondo uma abordagem fluida, com diálogo emocional, conforto e segurança nas interações, valorizando autenticidade e vulnerabilidade nas conexões.	Equilibra discrição social e afirmação da bissexualidade em práticas cotidianas. Subverte expectativas em aplicativos, buscando conexões significativas. Reflete criticamente sobre racismo, hipersexualização e solidão do homem negro, inserindo essas questões em estratégias de ruptura e transformação pessoal e coletiva.
Ferreira	Sua estética une signos do mavambo e elementos femininos, resistindo a padrões binários. Nos aplicativos, afirma sua sexualidade, adaptando-se aos contextos: na cidade natal conservadora, ocultava o rosto; no ambiente urbano maior, adotava maior visibilidade.	Reconhece a pressão por ideais de masculinidade cisheteronormativa, alinhando-se parcialmente a esses padrões em preferências pessoais. Reflete sobre a influência social nos desejos, explorando a complexa relação entre conformidade e resistência em seus comportamentos e interações.	Na cidade maior, ele se expressa com mais segurança. Prefere parceiros alinhados à estética cisheteronormativa, considerando normas internalizadas. Contudo, sua performance subverte padrões, borrando fronteiras de gênero e compartilhando vulnerabilidades.

Quadro 2. Dinâmicas Subjetivas e Performativas: Aproximações e Rupturas

As narrativas analisadas a partir do quadro, oferecem uma rica tessitura de reflexões sobre a intersecção entre sexualidade, performances de masculinidade e dinâmicas de poder. Esses elementos são mediadores na relação dos indivíduos nos contextos sociais em que estão inseridos, inclusive as plataformas digitais para encontros casuais. Com base nesses dados, propomos uma reflexão genereficada que explore as articulações entre os campos da subjetividade, sociabilidade e resistência.

A narrativa de Leo nos apresenta um processo de construção de sentidos sobre si marcado pela influência do deslocamento geográfico, das dinâmicas religiosas de sua criação e da interação com o ciberespaço. Nos meandros do seu percurso, percebe-se as tensões entre um contexto de normatividade restritiva e a possibilidade de autonomia em contextos mais urbanos. A experiência de Leo ressoa com a de Ferreira, que também utiliza a mudança territorial como catalisadora de novas formas de expressão, adaptando-se às normas locais de discricção em sua cidade natal e ampliando sua visibilidade no espaço urbano.

Essas abordagens destacam como o digital funciona como um espaço de experimentação subjetiva. Nos aplicativos, há um terreno de negociações que combina tanto a afirmação da sexualidade quanto a adequação às expectativas sociais. Essa dupla dinâmica cria um ambiente que simultaneamente liberta e constrange, permitindo a invenção de novas possibilidades de ser, mas também reafirmando padrões normativos que delimitam o que é socialmente legível.

As masculinidades apresentadas nas narrativas são marcadas por uma plasticidade que desafia interpretações hegemônicas. Marcos, ao enfrentar a hipersexualização do corpo negro, adota uma postura reflexiva que integra a crítica ao racismo com a valorização da vulnerabilidade. Ferreira, por sua vez, desafia a binaridade de gênero ao adotar signos estéticos híbridos, embora mantenha preferências pessoais que refletem normas cisheteronormativas. Já Lucas posiciona sua performance de masculinidade em contextos de poder e consentimento, explorando dinâmicas dominantes no BDSM e utilizando aplicativos para experimentar e monetizar aspectos de sua sexualidade.

Esses casos demonstram que a masculinidade é um campo em constante disputa, onde normas internalizadas podem ser tanto reproduzidas quanto desconstruídas. O exemplo de Ferreira é emblemático nesse sentido: ao mesmo tempo em que incorpora elementos da masculinidade padrão, também subverte expectativas ao borrar fronteiras de gênero. A crítica de Marcos à hipersexualização de corpos negros é igualmente poderosa, ao desafiar a redução de si a um objeto de desejo e propor conexões mais adensadas.

As narrativas analisadas também iluminam diferentes estratégias de ruptura com normas hegemônicas. Leo, por exemplo, resiste ao imediatismo e à objetificação promovidos nos aplicativos, enquanto Marcos reflete sobre as dinâmicas de solidão e racismo que permeiam sua experiência. Ferreira, em sua liberdade de expressão na cidade maior, e Lucas, ao explorar o

potencial dos aplicativos para monetização e experimentação, exemplificam a subversão ativa dos limites impostos por normas eurocêntricas e cisheteronormativas.

É importante considerar que essas rupturas não são lineares nem homogêneas. O processo de subversão ocorre em um campo de tensões, onde os interlocutores negociam continuamente entre as demandas externas e suas próprias aspirações. A dialética desse processo assinala para a complexidade das trajetórias de resistência e adaptação, destacando a necessidade de compreender os diversos atravessamentos sociais, culturais e tecnológicos na análise narrativa.

5. ALGUMAS ANÁLISES

Com a proposta de compartilhar o exercício de produção de sentidos dos textos narrativos, este capítulo se dedica a examinar a pluralidade de reflexões que permeiam os escritos, legitimando e incentivando o surgimento de novos significados a partir desse processo. Sob essa ótica, reunimos três ensaios teórico-analíticos, concebidos a partir das afetações suscitadas pelo contato com meus interlocutores e pela coprodução das narrativas. Cada ensaio reflete não apenas uma construção intelectual, mas um retrato sensível da interação entre pesquisador-participante, onde os sentidos são constantemente renovados e reconfigurados. Assim, este capítulo não busca oferecer uma interpretação absoluta, mas, através da afetação, compreender o potencial transformador do encontro dialógico na construção compartilhada do conhecimento.

A noção de afetação é apresentada como uma crítica incisiva à abordagem antropológica tradicional, que frequentemente valoriza a racionalidade e o distanciamento do pesquisador como garantias de rigor metodológico, tal como desenvolvida por Jeanne Favret-Saada (1990). Para a autora, essa perspectiva excessivamente racionalista limita a capacidade do investigador de acessar as complexas camadas de significados presentes nas experiências humanas. Outrossim, propõe a afetação como uma estratégia metodológica alternativa, na qual o pesquisador se permite ser influenciado, ou "afetado", pelas dinâmicas sociais e simbólicas do campo de estudo, abrindo-se a uma compreensão mais profunda e autêntica do fenômeno investigado (Favret-Saada, 1990).

A afetação é mais do que uma mera inclinação empática; é uma entrega que envolve uma disposição genuína para vivenciar o outro de forma intensa, permitindo que o pesquisador suspenda temporariamente sua própria racionalidade e se aproxime da realidade do outro, segundo Jeanne Favret-Saada (1977). Esse movimento implica uma abertura subjetiva que, em última análise, busca transcender os limites das práticas metodológicas tradicionais, as quais, para a autora, tendem a reforçar uma distância que pode comprometer a profundidade interpretativa. A afetação, portanto, não é uma simples simpatia ou compreensão distante, mas uma imersão cuidadosa que leva o pesquisador a interagir de maneira mais fluida e flexível com o objeto de estudo, afastando-se das barreiras artificiais impostas pela lógica puramente científica (Favret-Saada, 1977).

A estratégia de se deixar afetar permite ao pesquisador compreender nuances e significados que estariam ocultos em uma abordagem que privilegiasse exclusivamente a observação racional, como sugere Jeanne Favret-Saada (1990). A autora propõe que o processo de afetação exige que o pesquisador transcenda o simples exercício de empatia, entendendo o outro não apenas como um objeto de análise, mas uma pessoa com o qual se estabelece uma troca intensa e, muitas vezes, emocional. Jeanne Favret-Saada nos provoca a questionar a objetividade excessiva da antropologia tradicional e a considerar que a subjetividade pode enriquecer o processo interpretativo, sem que o investigador abdique completamente de seu papel crítico. Em última análise, a afetação torna-se um recurso metodológico valioso para se aproximar da realidade do outro de forma densa e significativa, mas exige do pesquisador uma constante autorreflexão sobre sua experiência e suas interpretações (Peirano, 1993).

Nesse sentido, este capítulo se abre como um convite ao olhar sensível, à disposição para o encontro – não para a imposição de conclusões, mas para a abertura ao que o diálogo pode oferecer em sua capacidade de afetar e transformar. Cada ensaio traz uma oportunidade de reimaginar o conhecimento como troca vital, onde afeto e alteridade ampliam horizontes e desvelam camadas de experiências compartilhadas.

Nas reflexões que seguem, espaços – físicos e digitais – deixam de ser meros cenários, para se tornarem forças que configuram e são configuradas pelas subjetividades. Trata-se de um trânsito entre a descoberta de si e o confronto com normas que vigiam/restringem, um percurso onde subjetividades resistem, se reinventam. Essas narrativas, ainda que situadas em contextos específicos, tocam em dilemas que ecoam pelas histórias de diversos homens homo-desejantes.

Assim, em vez de respostas, o texto oferece encontros. Histórias que, à primeira vista, podem parecer distantes, aproximam-se à medida que compreendemos a profundidade de cada voz aqui presente. Que este capítulo seja lido como um chamado ao diálogo, uma travessia poética pelo modo de ser dos sujeitos, pela resistência cotidiana e pelas sutilezas dos processos de subjetivação; um mosaico onde cada peça acrescenta ao vasto e mutável todo que este trabalho se propõe a construir.

5.1 TERRITÓRIOS DE OCULTAMENTO: A REGULAÇÃO DAS MASCULINIDADES DISSIDENTES NA CIDADE DE MENOR PORTE E NO CIBERESPAÇO

A leitura das narrativas e a tentativa de colocá-las em diálogo nos fez refletir, a partir dessas histórias e de como foram escritas/vividas até aqui, sobre o modo como o contexto da cidade – entendido pelos interlocutores, mais do que em um sentido unívoco – opera de maneira quase invisível como um campo de controle. Esse campo regula não apenas os corpos, mas também os enredos que esses corpos podem ou não viver. A cidade se torna palco de encontros e desencontros, mas também de silenciamentos. Nesse processo, o espaço deixa de ser uma entidade meramente geográfica e se transforma em um campo de disputas, onde as subjetividades são atravessadas, restringidas, mas também resistem e se reinventam dentro de seu próprio contexto.

No caso de Leo, a experiência de ser um homem gay, residente em um ambiente marcado por códigos sociais conservadores, intensificados pela proximidade invasiva dos familiares, nos faz considerar como o território condiciona tanto a vivência de si quanto as formas de se relacionar com o outro. Não se trata apenas de barreiras externas, mas de uma configuração espacial que se infiltra na própria existência do interlocutor, governada à sombra da invisibilidade e do medo. Ao utilizar aplicativos de relacionamento, Leo navega por uma geografia digital que, ao menos em tese, oferece a promessa de liberdade, onde pode expressar suas afetividades e desejos. No entanto, a cidade, em sua materialidade, não se dissocia do digital. Pelo contrário, as interações no ambiente digital são impregnadas pelas dinâmicas do contexto urbano de médio porte, em que o medo de ser reconhecido transforma o potencial de liberdade em um exercício contínuo de ocultamento.

A experiência de Marcos, como homem negro, bissexual e professor em uma cidade de médio porte, torna-se emblemática dessa relação, expondo as tensões entre o desejo de pertencimento e as limitações impostas pela coletividade que o cerca. Para Marcos, essa regulação não é apenas uma imposição externa, mas algo que tangencia sua própria vivência, atravessando suas decisões e relações. Ele carrega uma preocupação constante com a visibilidade de sua sexualidade, especialmente por exercer o papel de professor – uma posição de autoridade que, em um contexto conservador, exige uma imagem pública alinhada a expectativas normativas. Esse controle territorial e social impõe a ele uma invisibilidade estratégica: para garantir aceitação no espaço público, Marcos precisa ocultar aspectos de sua vida. O uso dos *apps*, nesse contexto, não é apenas uma forma de se conectar com outros

homens, mas uma ferramenta de negociação entre o *offline* e o *online*. Ao limitar o uso do aplicativo quando está fora de sua cidade, Marcos cria uma territorialidade paralela, na qual pode, temporariamente, subverter as normas impostas pelo território que o vigia.

De modo distinto, Ferreira vê a cidade não apenas como lugar de vivência, mas como um prisma capaz de refratar e redefinir sua autoimagem e suas relações interpessoais. Ele transita entre dois territórios: sua cidade natal, onde o ambiente familiar e as normas cisheteronormativas o obrigam a modular seu modo de ser; e sua localidade atual, mais urbana, na qual se sente mais livre nesse aspecto. Apesar de ambas serem cidades de menor porte em relação às grandes metrópoles, elas se distinguem significativamente. Na cidade natal, Ferreira adota uma invisibilidade estratégica, recorrendo ao anonimato em aplicativos como forma de sobrevivência em um território que disciplina o desejo.

Já na nova cidade, o ambiente urbano, mais plural e menos marcado pelo controle familiar, oferece-lhe uma margem maior para experimentar e expressar-se plenamente. Essa passagem entre os dois contextos – o conservador e o espaço urbano mais dinâmico – ilustra uma transição territorial que também transforma sua subjetividade. Assim, Ferreira percebe que esses territórios, longe de serem neutros, têm um papel profundo na produção de subjetividades, influenciando tanto quem ele é quanto como vive suas relações.

Nesse paralelo, Lucas destaca como, na cidade onde vive, a demanda por sigilo e anonimato é mais intensa do que em outros contextos, como a capital, onde as pessoas são mais abertas em suas interações *online*. Isso sugere que, mesmo no território digital, as pressões e os medos associados à vigilância social nas relações face-a-face se fazem sentir, reforçando a necessidade de ocultamento de aspectos centrais de si mesmo. No entanto, é importante considerar que, embora a plataforma digital amplie a visibilidade, ela não oferece a Lucas uma liberdade plena. Embora ele consiga manifestar desejos e fantasias reprimidos em suas relações *offline*, o ciberespaço impõe suas próprias dinâmicas de poder e controle. Um exemplo disso é a narrativa de Lucas sobre a mudança de seu nome de perfil para "Seu Uber", que explora o fetiche associado à profissão. Ao mesmo tempo, ele aponta uma preocupação em conciliar a esfera profissional com sua imagem como artista local. Nesse sentido, a referência ao aplicativo não está relacionada apenas ao seu trabalho como motorista, mas à forma como isso pode impactar sua figura pública e atuação artística.

Essa tensão entre visibilidade e ocultamento, controle e agência, é central na maneira como o território e a subjetividade se entrelaçam na experiência de Lucas. Ao se mudar para cidades maiores ou ao utilizar os *apps* de encontros casuais em contextos mais anônimos, ele amplia sua liberdade de expressar. No entanto, a questão que se coloca é até que ponto essa liberdade é real, ou se o ciberespaço apenas substitui um tipo de controle por outro. Lucas percebe que, mesmo em um ambiente mais plural, onde as interações podem ser mais abertas, a superficialidade das relações e as expectativas de performance sexual (como a objetificação racial ou a exigência por um corpo ideal) continuam a limitar sua expressão.

Para Leo, esse ocultamento, no entanto, não é apenas uma tática de proteção contra a vigilância social; é uma internalização das normas que regem aquele território. Ele aponta que precisa se movimentar cuidadosamente na cidade, regulando suas aparições, suas conversas, seus gestos. A cidade pequena não permite que ele simplesmente seja, mas obriga-o a performar uma versão controlada de si mesmo. A subjetividade que emerge desse contexto é forjada pela tensão entre desejo e contenção, entre visibilidade e anonimato. Nesse sentido, a cidade de médio porte não é apenas o lugar onde Leo vive, mas uma presença ativa que co-produz a sua experiência de ser/existir. Aqui, surge uma reflexão importante sobre como os contextos configuram os modos de ser. Não se pode dissociar a subjetividade de Leo do local que ele habita. A cidade, com suas normas e vigilâncias, é, em si, uma tecnologia de poder que regula as masculinidades e as formas de manifestação sexual.

A cidade, enquanto território normativo desde a sua ideia mais primitiva enquanto colônia/colonizada¹⁷, se inscreve em Leo a partir da imposição de uma relação com o próprio corpo e com o desejo que é mediada pelo medo da exposição. Ao frequentar os aplicativos de relacionamento, Leo experimenta uma tentativa de romper com as limitações físicas da cidade, de explorar uma nova forma de sociabilidade que transcenda as normas locais. No entanto, essa experiência digital não é desvinculada do contexto em que vive; ao contrário, se forja nessa cultura. O medo de ser reconhecido, as regras não ditas sobre onde e como encontrar alguém, e a constante vigilância dos outros acabam por se refletir também nas escolhas feitas nas interações *online*.

¹⁷ A colonialidade do poder diz respeito ao modo como as relações de dominação e subordinação foram consolidadas e perpetuadas por meio de hierarquias raciais, de gênero e de classe (Nascimento, 2021). Essas estruturas hierárquicas ditam não apenas a distribuição espacial, mas também a organização das cidades, frequentemente relegando as comunidades não europeias à marginalização e, assim, perpetuando dinâmicas de desigualdade.

Essa dinâmica permite ponderar sobre a complexidade do território enquanto produtor de subjetividades, operando como uma força que regula e, em muitos momentos, cerceia o desejo. Não é apenas o medo de ser exposto que move, mas a própria internalização de um sistema normativo que o impede de vivenciar plenamente sua sexualidade e afetividade. Assim, o território atua como uma lente que distorce e limita as formas de expressão, produzindo processos de subjetivação que precisam constantemente se ajustar, se esconder e se adaptar. Ao mesmo tempo, os aplicativos de relacionamento, que poderiam oferecer uma saída para essas limitações, são também contextos em que as dinâmicas da cidade se reproduzem, forçando-o a viver em um estado de constante alerta.

O sujeito não preexiste às relações de poder, é constantemente produzido por elas (Foucault, 1987); no caso de Leo, essa produção ocorre pelas normas tácitas da cidade, que se estendem aos aplicativos de relacionamento. O medo da exposição e a vigilância constante, elementos centrais nas reflexões de João Ferreira Neto (2004), reiteram processos de subjetivação atravessados pela autorregulação e pela segregação. O ambiente urbano, longe de ser um cenário neutro, atua como agente ativo na formação de práticas discursivas que limitam a manifestação plena de afetos e sexualidades dissidentes, como aponta Silvia Tedesco (2006). Assim, tanto os aplicativos quanto a cidade reforçam processos de subjetivação normativos, nos quais o desejo é atraído e reorganizado por dinâmicas de controle que restringem a autonomia.

A promessa de liberdade no ciberespaço mostra-se ilusória, pois reforça os mesmos processos de subjetivação que estruturam o ambiente concreto, conforme indicam Gilles Deleuze (1988) e João Ferreira Neto (2004). A tentativa de Leo de escapar das limitações impostas pela cidade de menor porte, ao recorrer aos aplicativos de relacionamento, esbarra na reprodução das dinâmicas urbanas de vigilância e controle. Deleuze (1988) propõe a invenção de novos modos de existência como forma de resistir a processos de subjetivação homogeneizantes; no entanto, como observa Silvia Tedesco (2006), tais práticas normativas frequentemente reduzem as possibilidades de criação de novas formas de sociabilidade. No caso de Leo, as forças que regulam o ambiente material transferem-se para o virtual, transformando a promessa de inovação em continuidade, perpetuando processos de subjetivação baseados na vigilância, impedindo-o de experimentar plenamente a liberdade e novos modos de ser.

O que emerge da experiência de Marcos são processos de ser/estar que se constroem nas brechas do território, alguém que precisa constantemente negociar sua subjetividade com o local que o cerca. Ele vive em um território que, por um lado, o acolhe como professor, mas, por outro, o rejeita ou limita na manifestação de sua afetividade e sexualidade. Essa fragmentação da subjetividade não é, no entanto, sinônimo de passividade. Marcos encontra, ainda que de maneira sutil, formas de resistência, criando para si territórios alternativos onde pode, ainda que momentaneamente, existir de maneira mais plena.

A perspectiva de Annemarie Mol (2002) em *“The Body Multiple”* oferece uma compreensão aprofundada sobre a natureza da realidade como algo performado e não essencial. Nessa direção, entendemos que em vez de ver o espaço como um mero cenário para os sujeitos e suas histórias, os territórios – em nosso caso, uma cidade de médio porte – são em si agentes constitutivos das subjetividades. As realidades não são fixas, mas múltiplas e coordenadas pelas práticas e interações cotidianas, segundo Annemarie Mol (2002). Assim, o campo de controle que regula os corpos e enredos dos interlocutores, como descrito neste contexto urbano de médio porte, pode ser entendido não como um controle estático, mas como uma prática ativa e fluida de multiplicidade ontológica. As expressões de si, portanto, não se conformam a uma única versão, mas são performatizadas e reconfiguradas, em constante negociação, de acordo com as interações/tensões locais, sugerindo que as masculinidades dissidentes surgem de modos dinâmicos de ser que não se encerram em definições rígidas.

Os frequentes deslocamentos de Ferreira indicam que, na cidade de menor porte, sua masculinidade bissexual fica invisível, enquanto na cidade maior, em comparação à anterior, ele acessa níveis de visibilidade antes impensáveis. Esse cenário, porém, não é isento de tensões: Ferreira ainda enfrenta superficialidade e estigmas. Ainda assim, o espaço ampliado permite-lhe um exercício mais amplo de expressão pessoal, o que redesenha sua relação tanto com o aplicativo quanto com o próprio corpo.

O mais inovador na análise da narrativa de Ferreira é perceber como a digitalização das relações não se dissocia completamente da materialidade do campo material. Enquanto na cidade menor o uso do *app* implicava ocultamento e estratégias para evitar exposição, na cidade maior o aplicativo se transforma em um local de exploração mais autêntica da sexualidade. No entanto, essa liberdade recém-conquistada ainda carrega as marcas de uma subjetividade controlada pelo contexto anterior, o familiar, deixando entrever a dificuldade de se desvincular da referência produzida por essas dinâmicas; sem deixar de considerar que o fluxo entre essas

cidades não é exclusivo do interlocutor, mas envolve outros atores/atrizes que também coexistem na cidade.

É preciso refletir sobre como os aplicativos de relacionamento reconfiguram a geografia afetiva e sexual do contexto urbano de menor porte. A cidade, antes delimitada por sua extensão física e por suas ruas familiares, agora se expande para incluir não apenas seus habitantes, mas também aqueles que estão próximos digitalmente. Assim, a cidade é redesenhada não apenas pelo mapa físico, mas por uma proximidade virtual que conecta outros homens dentro do mesmo ambiente digital. Esse novo “mapa do desejo” é definido pela proximidade digital, que, embora transcenda as ruas e praças, continua a reproduzir as dinâmicas territoriais e normas sociais da cidade.

As dinâmicas de visibilidade/anonimato emergem como tensões centrais, nas quais esses homens precisam negociar seu lugar entre o desejo de pertencimento e a necessidade de ocultamento. A questão que permanece é até que ponto essas geografias – físicas ou digitais – oferecem realmente a possibilidade de agência, ou se elas apenas substituem um conjunto de limites por outro, impondo novas formas de controle e vigilância sobre as experiências de gênero e sexualidade.

O que significa, afinal, ser homem em um contexto marcado pela cisheteronormatividade compulsória, onde a masculinidade se associa à virilidade, à força e à invisibilidade de afetos que não se conformam a esse ideal? Essa masculinidade hegemônica, no entanto, não se sustenta sem tensões. Ela se afirma por meio de uma lógica de dominação que relega outras masculinidades – como a de Ferreira, mais fluida e aberta à experimentação afetiva – à margem. Nesse movimento, torna-se possível perceber como essa afirmação constante do que significa “ser homem” aponta para a instabilidade de fronteiras que, longe de serem naturais, são socialmente construídas e, por isso, frágeis.

Nesse ínterim é importante pensar na narrativa de Leo, que destaca ter, desde muito cedo, referências morais cristãs a partir do catolicismo. Esse contexto implica em uma visível dificuldade em lidar com sua sexualidade, que apesar de atualmente compreender não ser algo sobre qual tenha poder de escolha, ainda sente o peso de ser considerado uma abominação pela Igreja, destinado à condenação eterna.

Leo descreve sua experiência sob o jugo homofóbico como profundamente deprimente, um adjetivo que empregou repetidamente ao abordar essa temática. Ele narra como, por muito

tempo, se viu reprimido dentro de um molde rígido do que significa ser homem, o que o levou a monitorar constantemente seus modos de andar, falar e agir. Ao ouvi-lo, a imagem que se formou foi a de alguém asfixiado pela impossibilidade de exercer autonomia sobre sua própria vida, destituído da liberdade de escolher seu próprio trajeto. Por outro lado, me parecia que a posição sempre disponível-passivo aos outros era como uma chancela de ser/sentir-se incapaz de fazer escolhas próprias; assim, ao deixar que outros decidissem por ele, minimizaria potenciais frustrações.

Neste ponto, algo que me afeta profundamente é perceber o quanto este papel do "bom menino", como um sistema de compensação para crianças reprimidas desde cedo pelo estigma homofóbico, intersecta-se em um aspecto muito genuíno: a sua idiossincrasia. O "bom menino" – obediente ao esquema de valores e moral, incapaz de confrontar as predeterminações impostas ao seu corpo – emerge como consequência, ou paralelamente ao cerceamento e à regulação de corpos infantis, além da imposição de uma norma sexual machista-homofóbica. Não por acaso, isso se assemelha à maneira como a Igreja Católica lidou com a discussão sobre as homossexualidades até o momento, promovendo o serviço à Igreja como uma forma de viver o celibato para, assim, compensar o "pecado da carne".

Neste contexto, se impregna em Leo o papel função de subserviência, mas também do cuidado. O questioneei se ele conseguia atribuir relação entre anular-se para cuidar da avó com AVC (friso que ele não era o único possível cuidador) e a questão de viver uma sexualidade dissidente do código moral em que foi criado. Ele conta sentir culpa por não estar dentro das expectativas que criaram sobre ele, além de que, desde os seus onze anos, assumiu um papel de cuidador dos irmãos que nem o próprio pai desempenhava. Seu pai o colocou nesse lugar de modelo que deveria ser para os irmãos, inclusive fazendo com que qualquer fissura nesse paradigma fosse motivo culpa. Portanto, Leo explica que esse é um dos motivos para não assumir sua orientação sexual, questionando-se: como que o exemplo da casa vai se assumir gay?

Esse dilema mostra a fratura entre a masculinidade hegemônica que lhe é imposta e a masculinidade que ele começa a construir a partir de suas próprias experiências e desejos. Ele se sente prisioneiro dessa expectativa, responsável por matizar uma imagem de força e normalidade, enquanto luta internamente com as pressões e a culpa. Fico pensando nesse sistema de compensação que ocorre nas figuras socialmente abjetas, como forma de dar sentido à sua existência a partir do desejo do outro, já que o seu próprio desejo deve ser rechaçado. Sua

reflexão sobre como o cuidado com a avó e os irmãos pode estar relacionado à forma como ele se coloca em segundo plano nas relações amorosas e sexuais é uma pista importante para entender essa reconfiguração. A responsabilidade constante e o autocancelamento, que ele experimenta tanto no contexto familiar quanto nos encontros românticos, são características de uma masculinidade que ele deseja reconfigurar, buscando mais espaço para seu próprio desejo e autonomia. Além disso, me questiono: quais sentidos se constituem sobre si, quando somos ensinados a negar até aquilo que é mais natural e latente?

A experiência de Leo permite pensar como as masculinidades podem ser construídas/reconstruídas em meio a processos de resistência e negociação. Seus gestos de cuidado, suas reflexões sobre o amor próprio e sua busca por relações mais autênticas são, ao mesmo tempo, atos de resistência e estratégias de reconfiguração das consequências da noção de gênero que lhe foi imposta.

Na experiência de Marcos, essa realidade se manifesta em interações racistas e expectativas hipersexualizadas, o que nos mostra que, embora o ambiente digital amplie as possibilidades de encontros, as dinâmicas de opressão permanecem em vigor. Ele reflete que frequentemente recebe elogios direcionados à sua aparência física, sempre em um tom sexualizado, enquanto suas qualidades pessoais parecem passar despercebidas. Esse padrão sugere uma dinâmica racista que enxerga homens negros como objetos para sexo casual, mas não como parceiros para relacionamentos estáveis. A reflexão de Marcos nos permite refletir como o racismo, nas relações entre homens, se imbrica nos significados que esses indivíduos produzem sobre si mesmos. Em seu caso, isso se apresenta tanto nas ponderações sobre sua própria desejabilidade e valor quanto na dificuldade em estabelecer conexões físicas e emocionais com outras pessoas.

O racismo se escancara quando entendemos que a atração dos corpos pretos e pardos está necessariamente vinculada a um padrão e performance sexual muito mais restrito do que em relação aos outros corpos. É como se fosse necessária uma condição/motivo para se sentir atraído pelo corpo negro – até então abjeto, mas que passa a ser interessante se, e somente se, figurar um padrão. No caso dos homens negros, a condição é ser o macho ativo, dominador, sempre disposto ao sexo, “pauzudo” e com um corpo definido por músculos. Entretanto, esses paradigmas não se desenrolam de maneira tão simples assim, como um monobloco. Há capilaridades na intersecção entre raça, gênero e sexualidade ao perspectivar os homens negros e isso desencadeia também diferentes modos de prestígio social, afeto e tesão.

A partir do construcionismo social, argumentamos que raça, corpo e subjetividade são mutuamente construídos, ou seja, são forjados pelas experiências e pressões culturais vivenciadas no corpo, conforme Márcio de Abreu e Mônica Lima (2020). Esta abordagem oferece uma análise crítica das “subjetividades racializadas”, sugerindo que os modos de subjetivação não são dados naturais, mas sim produzidos em contextos históricos-sociais. Márcio de Abreu e Mônica Lima (2020) concluem que a Psicologia, ao abordar as relações raciais, precisa considerar a normatividade branca como uma estrutura de poder que afeta profundamente as experiências de grupos racializados, reforçando a necessidade de uma epistemologia que reconheça a racialização nas produções de subjetividade.

A partir da leitura de Rolf Ribeiro de Souza (2009), antropólogo brasileiro, ponderamos a respeito dos sentidos criados em torno da imagem do “negão” e do “neguinho”. Para o autor, essas figuras emergem de um contexto histórico de escravidão e colonização, onde as imagens do homem negro foram construídas por visões eurocêtricas e racistas. O “negão” é visto frequentemente como uma figura de força física e sexualidade exacerbada que se associa, paralelamente, à virilidade e periculosidade. Já o “neguinho” é retratado como submisso e infantilizado, uma imagem que serve para diminuir a ameaça percebida e manter estruturas de poder. Ambos são forjados nesse contexto como contrapontos dentro de um espectro de desqualificação das masculinidades negras. Importante destacar que a dualidade do fascínio e medo em torno do negão vem da relação colonial imposta pelos europeus, que vislumbravam o corpo do negro, ao mesmo tempo, como perigoso e objeto de desejo “exótico” (Souza, 2009).

O autor também destaca que ao “neguinho” é relegado um lugar servil, sendo um dependente intelectual das decisões dos brancos; infantilizado, ele mantém certa relação com o álcool, é assexuado e serve como moleque de recado da mulher branca. Vale lembrar que na cultura brasileira o termo “neguinho” é usado para colocar alguém em questão ou inferiorizar. Enquanto o “negão” serve como uma espécie de elogio para indicar alguém forte, signo de virilidade, apetite sexual, mas também indica uma espécie de temor, por ser mais rude, bruto.

Esteticamente, a imagem de Marcos faz com que ele seja visto como o “negão”. Ele próprio denuncia a hipersexualização presente nos *apps*, expondo o desconforto que sente diante da expectativa recorrente de que homens negros sejam sempre parceiros ativos nas relações sexuais. Tal pressuposto racista o reduz a um objeto de utilidade limitante e limitada, cerceando-lhe a liberdade de conduzir suas experiências de modo espontâneo.

Ao apresentar outra vertente do racismo, Marcos conta que ao sair do Nordeste para visitar cidades da região Sul, percebe mudanças significativas. Lá, ele vivencia as capilaridades do racismo no aplicativo, ocasionando um sentimento desconfortável de estar sendo “exotizado”, além de uma falta notável de pessoas negras nos aplicativos. Nesse sentido, fica bem visível o objetivo higienista do racismo, nesse contexto, extirpando completamente a figura do homem negro nos espaços de interação digital.

Um episódio em Florianópolis vivido pelo interlocutor, ilustra bem essa experiência. Enquanto conversava com um rapaz no aplicativo, este o aconselhou a não mencionar que é turista, especialmente vindo do Nordeste, devido a preconceitos regionais. Dentre as coisas listadas por esse usuário, estavam: são pessoas que falam alto demais e são espalhafatasas.

É importante destacar o quanto a xenofobia sofrida por diversos nordestinos em cidades do Sul e Sudeste está diretamente enredada em premissas racistas, como destacado por situações retratadas em notícias do G1 e da Folha de S. Paulo. Durante as eleições de 2022, houve um aumento significativo nas denúncias de xenofobia contra nordestinos, com um crescimento de 874% em relação ao ano anterior. Esses ataques são frequentemente carregados de preconceitos raciais e de classe, refletindo uma hierarquização cultural que coloca o Nordeste em uma posição inferior em relação a outras regiões do país (G1, 2023). Essa desvalorização cultural é um reflexo do racismo estrutural que permeia a sociedade brasileira, onde a discriminação contra nordestinos é frequentemente justificada por estereótipos raciais e de classe (Folha de S. Paulo, 2022).

Além disso, a decisão do Superior Tribunal de Justiça (STJ) de equiparar a xenofobia contra nordestinos ao crime de racismo reforça a conexão entre esses dois tipos de discriminação. O STJ reconheceu que a discriminação contra nordestinos pode ser enquadrada como crime de racismo, conforme a Lei Nº 9.459/97, destacando que tais atos são prejudiciais à coletividade e violam princípios fundamentais de igualdade e dignidade humana (Defensoria Pública do Estado do Ceará, 2022). Essa decisão é um passo importante para combater a xenofobia e o racismo, pois reconhece a gravidade e a interseccionalidade dessas formas de preconceito.

A perspectiva de Annemarie Mol (2002) nos convida a ver como esses ambientes, físico e digital, performam diferentes versões das masculinidades dos interlocutores, transformando a vigilância em uma prática que também cria novas realidades. Assim, as interações no

ciberespaço, ainda que condicionadas pela vigilância da cidade, apontam modos de ser que vão além da imposição de controle, mostrando como essas masculinidades resistem e se reconfiguram em uma multiplicidade situada e concreta.

A cena de abuso sexual evocada na narrativa de Ferreira nos convocou a pensar esse lugar da masculinidade, forjado na associação entre a noção de virilidade e a cultura do estupro, como um complexo emaranhado de poder, violência e gênero. Essa compreensão sobre o masculino impõe expectativas rígidas de força, dominação e cisheterossexualidade, que não apenas silenciam homens vítimas de violência sexual, como também perpetuam uma lógica de poder baseada na submissão de corpos mais frágeis, sejam mulheres, crianças ou homens vulneráveis (Campos, 2016).

A cultura de estupro age como um método perverso de dominação, em que o estupro, além de um ato de violência, se configura como uma prática que reafirma a hierarquia entre o “forte” e o “fraco”, conforme apresenta Andreia Campos (2016). Nas relações entre homens, isso se manifesta em agressões sexuais que muitas vezes são invisibilizadas ou interpretadas como “rituais de iniciação” ou “brincadeiras”. Nesse cenário, a virilidade assume um papel central, onde o controle sexual do outro – geralmente um homem considerado mais frágil ou feminilizado – reforça a posição dominante daquele que perpetua a violência (Campos, 2016). O estupro, então, é usado para desumanizar e submeter, um ato de imposição do poder fálico.

Nesse sentido, revisitar essa cena nos instiga a refletir sobre como homens forjados no ideário da masculinidade hegemônica compreendem e lidam com a sexualidade. O próprio Ferreira relata que ter sido vítima de abuso o inseriu em uma relação com o ato sexual que ele descreve como compulsiva, evidenciada pela recorrente sensação de arrependimento ao perceber-se aceitando relações sexuais – inclusive com homens que não lhe despertam interesse – apenas pelo impulso de “topar tudo” por sexo.

Nesse aspecto, também é importante complementar essa discussão a partir da compreensão de Lucas sobre esse aspecto da rotina de sexo casual. Necessário frisar que, Lucas e Ferreira têm contextos e experiências distintas. O lugar que Lucas fala é de alguém que se forja sexualmente e socialmente em uma capital (ressalvamos que a maior capital do Nordeste e a terceira mais populosa), tendo em vista que ele tem 36 anos, morou cerca de 30 anos nessa capital e há 6 na cidade que realizamos pesquisa. Enquanto Ferreira tem 21 anos e há pouco

mais de três anos saiu da cidade onde nasceu e morava com sua família para mudar-se para cidade atual onde divide casa com amigos.

A experiência de Lucas com o sexo reflete uma relação marcada pela fluidez entre desejo e limites, na qual, segundo ele, houve um amadurecimento na capacidade de se distanciar de convenções imediatistas sem, contudo, rejeitar o prazer como componente natural de sua vivência. Ele atravessa diferentes formas de envolvimento sexual, desde encontros espontâneos mediados por aplicativos até interações que misturam trocas afetivas e econômicas. A profissão como motorista de aplicativo introduz uma camada de fetichização, que ele aborda com pragmatismo, transformando a fantasia em um espaço de negociação. Essa posição, ao mesmo tempo em que reforça uma liberdade sobre o corpo e o sexo, também impõe a necessidade de criar fronteiras. Lucas demonstra uma habilidade particular de transitar entre o desejo pelo outro e a preservação da própria agência, impondo regras bem definidas ao que se espera de uma interação sexual.

Lucas vincula essas questões ao avanço da idade, percebendo-se menos disposto a ceder às expectativas externas que possam desviar seu foco do que considera uma interação legítima. Essa legitimidade, segundo seu discurso, envolve uma sinceridade que exige compatibilidade entre o desejo sexual e a afinidade emocional. Tal postura sugere um desdobramento de suas experiências pregressas, nas quais os encontros eram, por vezes, regidos por uma aceitação automática do que o outro oferecia, sem uma reflexão prévia sobre seus próprios desejos e limites. Ao introduzir a ideia de franqueza nas interações sexuais, Lucas redefine o significado de envolvimento. A prática sexual deixa de ser apenas um exercício de liberação do desejo e passa a ser um processo em que o prazer está intimamente ligado à autenticidade e ao respeito pelo desejo. Nesse sentido, a maturidade sexual que ele descreve parece estar diretamente associada à sua habilidade de discernir entre a busca pelo prazer e a integridade da experiência.

Entretanto, é preciso considerar também um recorte de gênero, já que, socialmente, o homem é incentivado a ter essa independência sexual e a decidir como e onde pode exercer sua sexualidade, ainda que sob os limites da cisheteronormatividade. A relação entre controle e vulnerabilidade torna-se central em sua narrativa, ao situar a prática sexual não como uma entrega ao desejo do outro, mas como um posicionamento em busca de um ponto de equilíbrio, no qual o poder se manifesta tanto no ato de consentir quanto no de recusar aquilo que não corresponde ao seu próprio desejo.

As experiências narradas por Leo, Marcos, Ferreira e Lucas sinalizam como o contexto citadino transcende sua dimensão geográfica para se afirmar como um dispositivo de controle que disciplina corpos, particularmente no campo das sexualidades dissidentes. O território urbano, carregado de códigos normativos conservadores, atua como um campo de forças que não apenas regula as formas de existência, mas também impõe um contínuo processo de invisibilidade e autorregulação. Em contextos urbanos de menor porte, onde o tamanho e a população são reduzidos, essa dinâmica se desenrola de forma ainda mais incisiva. Embora os aplicativos de relacionamento pareçam oferecer uma rota de escape para a opressão presente no ambiente físico, eles acabam por reproduzir as mesmas dinâmicas de controle e vigilância que caracterizam as interações presenciais. Assim, a promessa de liberdade da plataforma de interação digital se dissolve à medida que as barreiras impostas pelo ambiente urbano permeiam o ciberespaço, restringindo o exercício pleno dos modos de subjetivar.

Diante desse cenário de opressão urbana e digital, a ontologia prática de Annemarie Mol (2002) oferece uma perspectiva valiosa para compreender os modos dissidentes de ser. Ela propõe uma visão não essencialista, sugerindo que resistir não consiste em buscar uma verdade única, mas na capacidade de performar múltiplas versões de si de maneira coordenada e ética. As masculinidades dissidentes dos interlocutores manifestam-se, então, como um processo ativo de resistência/reinvenção, em que seus modos de subjetivar não buscam uma definição fixa, mas uma expressão maleável. A multiplicidade ontológica é não apenas prática, mas também ética, pois reconhece a complexidade sem se render ao essencialismo ou à fragmentação, conforme propõe Annemarie Mol. Essa prática de resistência, vivenciada por Leo, Marcos, Ferreira e Lucas, permite o surgimento de uma “totalidade múltipla”, na qual cada pessoa se expressa com estratégica autenticidade, desafiando as norma-controles sem perder a coesão. Ao performarem de modo coordenado essas dissidências, eles não apenas reconfiguram a si mesmos, mas também contestam as estruturas normativas, indicando suas pluralidades constitutivas.

A masculinidade, nesse contexto, surge como um campo de disputa, onde os sujeitos se veem forçados a negociar constantemente entre a aceitação de normas sociais rígidas e a busca por formas mais autênticas de existência. A cidade, ao disciplinar o desejo e ditar os modos de interação, exacerba as tensões entre ser/parecer, impondo o medo da exposição como um mecanismo central de controle. As narrativas de Leo, Marcos, Ferreira e Lucas demonstram como essa multiplicidade ontológica acontece na prática. Eles utilizam estratégias de

resistência, como o uso tático dos aplicativos de relacionamento na criação de territórios paralelos, que indicam a plasticidade das expressões pessoais. Embora constrangidos pelas limitações e contradições das geografias físicas e digitais – onde a agência e a liberdade são submetidas a sistemas de poder que perpetuam a hegemonia cisheteronormativa – eles continuam a reinventar-se, subvertendo as normas impostas pelo espaço social. Assim, suas práticas diárias exemplificam a integração entre teoria-prática proposta por Annemarie Mol (2002), demonstrando que a resistência é uma performance coordenada que reconfigura as estruturas normativas.

Portanto, ao reconhecerem essa multiplicidade ontológica, os interlocutores desafiam as estruturas normativas impostas pelo ambiente social, afirmando o potencial transformador das dissidências. Suas experiências mostram que, mesmo sob sistemas opressivos, é possível desenvolver modos autênticos de ser que subvertem as normas hegemônicas, permitindo vislumbrar a pluralidade constitutiva e abrindo novos caminhos para formas mais livres de existência.

5.2 MÚLTIPLOS USOS E SIGNIFICADOS: AS DIVERSAS DIMENSÕES DOS APLICATIVOS DE RELACIONAMENTO

A pluralidade de intenções e expectativas ao utilizar aplicativos de relacionamento aponta para uma complexidade interessante de significados, especialmente quando analisamos as narrativas dos nossos interlocutores. O que se nota de imediato é que as diversas possibilidades de interação expostas no ciberespaço ultrapassam a mera busca por encontros sexuais. Essas nuances de uso não se manifestam de forma isolada ou excludente; ao contrário, elas se interseccionam e caracterizam a relação com o aplicativo, refletindo as formas contemporâneas em que o corpo e a sexualidade são negociados no ambiente digital.

A primeira grande expectativa de Marcos é ter controle sobre sua própria visibilidade. O uso do aplicativo, portanto, torna-se para ele uma ferramenta de transitoriedade, tanto pelas relações efêmeras que busca quanto pelo controle de sua exposição. A escolha de utilizar os *apps* em outros locais, fora de seu contexto imediato, reflete uma estratégia de proteção e, ao mesmo tempo, o desejo de explorar sua sexualidade com mais liberdade, sem as pressões do cotidiano profissional.

No entanto, mesmo em ambientes que considera mais seguros, Marcos percebe que as expectativas em torno do aplicativo muitas vezes colidem com seus próprios desejos. A busca por encontros casuais, de certa forma, atende à sua necessidade de proximidade física, mas ele também enfrenta o racismo e seus atravessamentos de gênero e sexualidade (como discutido no ensaio anterior). Essas questões o levam a questionar a qualidade dessas interações. Nesse sentido, o aplicativo apresenta-se de forma ambígua: é, ao mesmo tempo, uma ferramenta de exploração do desejo e um local de confronto com as normatividades de raça, gênero e corpo.

Ao mencionar as abordagens sexuais e as tentativas de comunicação que acabam sendo superficiais e sexualizadas, o interlocutor expõe o grande impasse entre ele e o uso desses *apps*: a dificuldade de ir além da mera transação corporal. Isso não significa que Marcos rejeite o prazer ou os encontros físicos; pelo contrário, ele os busca. O que surge, no entanto, é a questão de como esses encontros podem ser mediados de forma respeitosa, sem que o prazer físico se transforme em uma experiência degradante. Essa é, talvez, uma das maiores expectativas de Marcos: que o aplicativo facilite encontros casuais que não desconsidere o respeito e a dignidade.

Outrossim, Leo destaca, de forma sutil, uma recusa ao imediatismo que permeia essas interações. Para ele, o aplicativo deveria permitir uma construção lenta nas interações, em que o conhecimento do outro se desenvolva de maneira gradual. Essa postura, que parece desalinhada com a lógica dominante no *app* – marcada pela pressa inerente à “disponibilidade” dos corpos –, indica uma crítica subjacente à forma como a plataforma de encontros *online* dita as relações. Ele se sente pressionado por uma expectativa social de que as interações no aplicativo sejam rápidas, físicas e desprovidas de entremeios.

Mais do que buscar o contato físico imediato, como muitos usuários, Leo utiliza o contexto digital para procurar conexões intelectuais, trocas de experiências que permitam conhecer verdadeiramente o outro e a si mesmo. O uso repetido dos *apps* o coloca em um ciclo de expectativas frustradas, à medida que se depara constantemente com a busca por sexo casual por parte dos demais usuários.

A escolha de Leo por não colocar fotos em seu perfil, por exemplo, não pode ser reduzida a uma mera preocupação com a segurança. Ela firma uma negociação cuidadosa entre a exposição e a privacidade, refletindo o contexto social em que vive. Nas cidades menores, onde a anonimidade é uma moeda valiosa, o anonimato no aplicativo é mais que uma questão

prática: é uma estratégia de sobrevivência emocional e social. Inclusive, isso é tão meticulosamente controlado que até a forma como se expõe e sua disponibilidade para criar laços de amizade é cautelosa. Segundo ele, o risco de contarem à sua família sobre suas práticas sexuais/afetivas o atormenta a ponto de preferir estar só.

Aqui, já percebemos uma tensão fundamental: o anonimato protege, mas também distancia. No aplicativo, ao evitar mostrar quem ele é visualmente, Leo participa de um jogo ambíguo. Por um lado, ele protege o que lhe é íntimo; por outro, corre o risco de ser ignorado ou mal interpretado em um ambiente onde a imagem frequentemente dita o ritmo das interações. Esse equilíbrio aponta para uma dinâmica mais ampla de controle e vulnerabilidade, onde as decisões estratégicas de Leo são movidas tanto pelo desejo de evitar a exposição excessiva quanto pela busca por interações que respeitem sua integridade.

Diante dessas questões, retomamos um ponto específico da conversa com Leo, quando ponderamos as diferenças entre os *apps* *Tinder* e *Grindr*. A comparação entre esses *apps* indica nuances profundas nas formas de autoapresentação, dos estigmas e da normatividade sexual que permeiam esses espaços digitais. O *Grindr*, amplamente reconhecido por sua ênfase em encontros entre homens, carrega o peso dos tabus que envolvem tanto a transfobia e homofobia quanto a moralidade em torno do sexo casual. Nesse cenário, a ausência de rostos nos perfis não é apenas uma escolha estética, mas também uma forma de proteção simbólica diante da vulnerabilidade imposta pelo olhar social. Já o *Tinder*, por sua vez, não tem um público específico e é amplamente usado por pessoas heterossexuais, por isso não é tão atravessado por esses estigmas, permitindo, assim, uma apresentação mais desinibida, na qual o rosto se torna uma janela mais aberta à visibilidade. A discrepância entre esses espaços, portanto, não reside apenas em suas funcionalidades, mas nos significados que evocam: o *Grindr*, onde o ocultamento parece ser uma resposta ao risco de marginalização, e o *Tinder*, onde a normatividade suaviza as pressões sobre a autoexposição. Essa comparação nos leva a refletir sobre como os mundos digitais impõem dinâmicas de poder e vulnerabilidade. Nesses espaços, a presença ou ausência de um rosto pode ser compreendida não apenas como uma escolha individual, mas também como expressão da forma como corpos e desejos se inscrevem ou se ocultam nas paisagens do reconhecimento social.

Entretanto, o que o interlocutor explica é que, apesar da estigmatização moral em torno dos usuários do *Grindr*, no *Tinder*, o contato só acontece após o match (mútua sinalização de interesse entre perfis). Ele traz uma reflexão sobre a qual ainda não havíamos considerado: o

Tinder é mais sectarista! Não há espaço para conversa ou outra forma de conquista se a pessoa não se interessar pela imagem ou pelas informações do perfil. A estrutura do *Tinder* segue uma lógica diferente de flerte, pois, embora nas relações face a face a beleza física seja geralmente um fator de atração, não é o único critério. Nas interações presenciais, há outras maneiras de despertar o interesse do outro. Nesse sentido, percebo que as relações no *Tinder* são baseadas em um ideal mais distante das trocas, e parece-me que se baseiam na ideia romântica de "amor à primeira vista".

Em contrapartida, no *Grindr*, mesmo que as fotos ou o perfil não despertem interesse de imediato, a possibilidade de diálogo permanece. Nesse ponto, considerando o grupo de homens homo-desejantes, nos perguntamos: quais perfis são viáveis no *Tinder*? Não falamos de perfis mais atraentes, mas da própria possibilidade de existir no aplicativo, já que é o match, o interesse pelas fotos expostas, que permite construir contatos e iniciar o flerte. Em outras palavras, questiona-se: quais corpos/perfis são para namorar (*Tinder*) e quais são para uma *fast foda* (*Grindr*)? Quais implicações a cultura do match no *Tinder* traz para as relações de modo geral?

É importante destacar que, de maneira geral, todos os interlocutores da pesquisa falaram sobre uma expressiva incidência de perfis sem fotos tanto na cidade onde residem quanto em outras cidades de médio e pequeno porte, em contraste com suas experiências em grandes centros urbanos ou capitais. Além disso, mencionaram um aumento notável de perfis *fakes*, cuja principal função parece ser a de expor os indivíduos que utilizam os *apps*, bloqueando-os imediatamente após o envio de uma foto de rosto.

Diante desse cenário, observa-se uma intensificação da vigilância social e um sentimento exacerbado de temor nessas localidades. Essa dinâmica decorre da proximidade com o núcleo familiar e, conseqüentemente, das convenções sociais relacionadas a gênero e sexualidade, como ressalta Paulo Alan Fragoso (2018). Esse processo envolve também uma espécie de mapeamento social, na tentativa de “tirar do armário” novos usuários, tanto no aplicativo quanto no espaço urbano. A lógica subjacente é que, quanto menor o território físico e o número de habitantes, mais frequentes se tornam os encontros e o reconhecimento entre os indivíduos (Fragoso, 2018).

O anonimato, portanto, surge como um recurso valioso em cidades de menor dimensão, onde a vigilância social é muito mais intensa do que em grandes centros urbanos. A

possibilidade de rastrear e identificar moradores (Quem é? De que família? O que faz para viver?) é significativamente maior. Os aplicativos geossociais, ao mediar essas interações, reforçam as dinâmicas de controle social, perpetuando normas cisheteronormativas que impõem invisibilidades (Fragoso, 2018). Nesse sentido, a "máquina abstrata de rostidade" – que indica o uso da face como principal elemento de identificação e controle – expande-se para os espaços digitais, ampliando os mecanismos de identificação presentes nas sociedades de controle, onde as normas de gênero continuam a tangenciar as subjetividades (Foucault, 2004; Deleuze; Guattari, 1996).

O jogo entre visibilidade e ocultamento que se desenrola nas interações *online/offline* reflete as tensões e negociações entre o desejo e o medo da vigilância constante. Ademais, ao analisarmos o aumento de perfis sem rosto em cidades menores, observamos a complexa relação entre gênero-sexualidade e território, já que a tentativa de mascarar a sexualidade dissidente aparece como uma estratégia defensiva. O “gerenciamento de impressões” proposto por Erving Goffman (1983) se aplica aqui, uma vez que os usuários ajustam suas autoapresentações nos aplicativos para minimizar o risco de estigmatização. O temor de ser identificado e as normas locais mais rígidas tornam o perfil sem rosto uma ferramenta para preservar a intimidade e, ao mesmo tempo, controlar como – e por quem – os indivíduos são vistos.

Nesse contexto de vigilância e controle, a experiência de Lucas ilustra como os usos estratégicos dos *apps* podem ir além do desejo sexual, englobando também a capacidade de instrumentalizar a plataforma para atender suas necessidades pessoais e financeiras. Ele adapta o uso do aplicativo de acordo com o contexto social e as oportunidades que surgem. Embora Lucas afirme que seu objetivo principal seja a busca por sexo casual, sua abordagem transcende a satisfação sexual imediata. Ele é seletivo, estabelecendo critérios claros para garantir que suas interações respeitem seus limites emocionais e físicos. Essa seleção é feita com base em fatores como atração física e honestidade no diálogo. Dessa forma, ele mantém controle sobre suas interações, escolhendo cuidadosamente com quem e de que maneira deseja se envolver, evitando situações que o desagradem.

Outro aspecto importante de sua estratégia envolve a monetização do perfil no aplicativo. Em um movimento que desafia o uso convencional da plataforma, Lucas conta que já adotou uma postura comercial, vendendo produtos como cuecas. Além disso, ele desenvolve uma forma de trabalho sexual, aceitando dinheiro por encontros sexuais esporádicos, embora

não se identifique como garoto de programa. Ao expor suas práticas sexuais, Lucas aborda a ideia de que o corpo, quando compartilhado nas plataformas digitais, torna-se não apenas objeto de desejo, mas também uma fonte de lucro. Essa ambiguidade entre o uso do aplicativo para prazer pessoal e trabalho demonstra como as fronteiras entre sexo e economia são porosas no território digital. Para ele, o pagamento por encontros ocorre de maneira pontual, sem que isso defina sua prática no aplicativo. Esse uso estratégico dos *apps* para fins econômicos expande as possibilidades de utilização do corpo e do desejo, ilustrando como a sexualidade pode ser negociada e convertida em capital.

Por outro lado, o movimento transitório de Ferreira entre duas cidades, uma menor e outra maior, reflete um ajuste no modo como ele entende e usa as plataformas nesse contexto. Na cidade menor (com cerca de 22 mil habitantes), ele se apresenta de forma mais conservadora, por ser também o local onde vivem seus familiares. Ferreira desenvolve uma série de estratégias para manter sua privacidade, como o uso de fotos que ocultam seu rosto. Aqui, já se percebe uma tensão entre o desejo por interação e a necessidade de autopreservação.

Na cidade maior (com cerca de 200 mil habitantes), onde reside com amigos (distante da família), o uso dos *apps* tornam-se mais livres e menos comprometidos com a necessidade de anonimato. Ele passa a mostrar o rosto em seu perfil, indicando que o espaço urbano oferece maior liberdade para apresentar-se de forma mais aberta. Ao ouvi-lo, percebemos que, embora o principal objetivo de Ferreira seja o sexo casual, algumas interações evoluem para amizades, indicando que o aplicativo também lhe oferece a possibilidade de outras conexões. Assim, os *apps* atuam como uma ponte entre o desejo sexual e a construção de uma rede de interações sociais que vai além da simples busca pelo prazer físico.

Ao falar sobre experiências frustrantes, o interlocutor reflete criticamente sobre momentos em que suas escolhas foram movidas por impulsos, levando a encontros insatisfatórios. Esses episódios parecem ter a função de fazê-lo recalibrar suas expectativas e abordagens, permitindo vislumbrar um processo contínuo de aprendizado. Ferreira reconhece que o desejo pode ser enganoso, e sua estratégia é evitar repetir experiências que tragam arrependimento ou desconforto. Essa autocrítica constante faz parte de uma estratégia maior de autoproteção, em que ele busca minimizar os danos e maximizar o prazer e a satisfação em suas interações.

Os interlocutores, de modo geral, reconhecem que o aplicativo pode, em muitos momentos, ser um espaço danoso à saúde mental, onde as interações nem sempre são positivas ou respeitadas. Ao refletir sobre os atravessamentos psicológicos dessas interações, Ferreira busca estabelecer limites claros quanto ao tempo que passa na plataforma e às conexões que escolhe engajar. Ele reconhece que, embora a ferramenta ofereça muitas oportunidades, também pode gerar frustração pessoal. Essa autoavaliação e imposição de limites demonstram uma abordagem sofisticada em seu uso estratégico dessas plataformas.

Ao construir um diálogo entre as perspectivas de Marcos, Lucas, Ferreira e Leo, notamos que as dicas oferecidas por cada um articulam diferentes estratégias de proteção e controle, balizadas por suas próprias experiências. Embora cada interlocutor traga contribuições únicas, há uma interseção clara em seus discursos sobre a importância de manter o bem-estar psicológico e físico, além da necessidade de resistir à superficialidade inerente a essas interações *online*.

Marcos e Ferreira compartilham uma visão alinhada quanto à necessidade de preservar a integridade pessoal no ambiente dos aplicativos. Marcos enfatiza a relevância de estabelecer limites diretos desde o princípio, evitando interações com indivíduos que demonstram desrespeito ou insistem em obter nudes. Ferreira, por outro lado, salienta a hipocrisia presente em muitas dessas trocas, defendendo que a honestidade e a seletividade são fundamentais para resguardar a saúde mental. Ambos concordam que os aplicativos podem fomentar a superficialidade e a objetificação, e argumentam que a autenticidade, aliada à imposição de barreiras, é imprescindível para que o usuário mantenha sua dignidade emocional diante dessas interações.

Lucas e Leo também convergem na importância de adotar uma postura lúcida nas interações nos *apps*. Lucas recomenda que os usuários sejam francos quanto às suas intenções, evitando mal-entendidos, o que considera imprescindível para garantir uma experiência prazerosa nas plataformas. De forma complementar, Leo sugere que o indivíduo seja honesto sobre seus objetivos – seja um encontro casual ou algo mais duradouro –, de modo a alinhar expectativas e, assim, evitar frustrações.

Os participantes também convergem na preocupação com a preservação da segurança física, recomendando que os primeiros encontros ocorram em locais públicos. Essa medida é vista como uma estratégia fundamental para resguardar-se, especialmente em um contexto em

que os encontros podem ocorrer de maneira precipitada e envolver riscos. Em síntese, apesar das diferentes nuances e abordagens individuais, há um consenso entre os interlocutores quanto à necessidade de utilizar as plataformas de forma estratégica e consciente. Todos reconhecem que a segurança, tanto física quanto psicológica, deve ser priorizada e que os aplicativos podem proporcionar encontros interessantes, desde que o usuário mantenha pleno controle sobre suas interações.

Ao refletir sobre a digitalização das relações e a maneira como os aplicativos de encontros se entrelaçaram com a cultura LGBTQIAPN+, torna-se evidente sua presença nas produções culturais, nas narrativas contemporâneas e no reconhecimento generalizado, mesmo entre aqueles que não os utilizam diretamente. Além disso, as notícias relacionadas à comunidade reforçam essa conexão. Compreendemos, assim, o quanto a plataforma de rede social *online* redefiniu as formas de sociabilidade entre pessoas dissidentes da cisheteronormatividade. Esses aplicativos criam uma nova territorialidade para a expressão e o encontro de desejos que, em muitos contextos sociais, permanecem invisibilizados na esfera pública. Contudo, a forma como essas ferramentas são utilizadas e interpretadas varia significativamente em função dos contextos geográficos e socioculturais nos quais os indivíduos estão inseridos.

É importante destacar que essas reflexões também se constroem como produto desta tese, que me colocou em contato com essas plataformas de um modo diferente, não apenas para o seu uso comum, mas com uma reflexão possível pelas compreensões sobre pesquisa/pesquisar, além do marco teórico identificado para essa tese. Outro fator que também demarca essas reflexões são os lugares que habitei e as territorialidades construídas em seu percurso. O início desta pesquisa ocorreu simultaneamente ao meu retorno à cidade onde residem os interlocutores, que, após um período vivendo fora, voltou a ser meu local de residência e também a cidade de onde sou natural.

Após construir as informações com os interlocutores, realizando conversas individuais e iniciando a produção dos textos híbridos, mudei-me para Salvador, onde vivi um período de mobilidade acadêmica acompanhado por reflexões sobre os usos do aplicativo em uma cidade muito maior, tanto em termos de espaço físico quanto populacional, e com uma diferente compreensão sobre a territorialização das sexualidades dissidentes. Entendemos a territorialização como um processo contínuo e dinâmico, que pode envolver múltiplos territórios coexistindo e se sobrepondo, especialmente na contemporaneidade, onde as redes de

comunicação e os fluxos globais tornam os territórios menos fixos e mais interconectados, a partir do diálogo com Rogério Haesbaert (2004). Para o autor, esse processo abrange tanto a materialização das práticas sociais no espaço quanto a produção de sentidos e significados associados a ele.

Chamamos de territorialização das sexualidades dissidentes o processo de produção de significados, práticas e relações de poder que emergem do circuito¹⁸ de sociabilidade LGBTQIAPN+ de determinado lugar ou cidade, configurado pelo marcador de gênero e sexualidade dissidente. Com base em minha experiência (socialmente privilegiada) em Salvador e no diálogo constante com os interlocutores, passamos a considerar que, em grandes centros urbanos com circuitos LGBTQIAPN+ bem estabelecidos, os aplicativos perdem parte de sua relevância – quando comparados com cidades menores – e passam a funcionar como um complemento à sociabilidade presencial. Esses ambientes proporcionam uma rede robusta onde as pessoas podem vivenciar suas sexualidades de forma mais fluida, sem o temor constante da vigilância social que regula os corpos dissidentes em contextos fora desse circuito (Foucault, 1993). Por outro lado, em cidades de menor dimensão, onde o acesso a esses espaços é limitado ou inexistente, as plataformas digitais se mostram quase indispensáveis para a sobrevivência social e afetiva de pessoas LGBTQIAPN+. Essa dualidade, marcada pelo contexto social, nos convida a refletir sobre o papel que essas ferramentas desempenham na sociabilidade contemporânea de homens homo-desejantes.

Essa comparação entre as duas cidades ilustra não apenas as diferenças em termos de oportunidades e experiências disponíveis, mas também reflete as complexidades de viver uma sexualidade não-hétero em diferentes contextos sociais e culturais. Nesse sentido, entra em jogo algo que ficou muito perceptível: não se trata apenas de uma dicotomia entre cidades grandes e pequenas, mas principalmente de como isso se relaciona com a proximidade do núcleo familiar e com a cultura local. Além disso, há cidades menores, de proporção similar, onde o apelo turístico, decorrente do constante trânsito de pessoas, tende a diluir essas questões.

Em cidades como Salvador, o uso dos aplicativos torna-se uma ferramenta opcional, algo que complementa a sociabilidade física, mas que, na maioria das situações, não ocupa um papel de protagonismo. O circuito estabelecido oferece tantas oportunidades de interação face

¹⁸ Adotamos o termo circuito por compartilharmos do entendimento de Luiz Braúna (2016) sobre a crescente concentração de estabelecimentos e serviços no espaço urbano para a população LGBTQIAPN+, agrupando as pessoas a partir de uma sofisticação que visa reconhecer sua orientação sexual, poder de consumo e práticas sexuais.

a face que o uso dos aplicativos é visto como um meio secundário de conexão, muitas vezes utilizado apenas para localizar pessoas que residem nas proximidades ou para orientar turistas sobre essa territorialização. A sensação de liberdade proporcionada por esses espaços físicos permite que o desejo seja vivido de maneira mais espontânea, sem a necessidade de recorrer a mediações tecnológicas. Esses ambientes de sociabilidade pública funcionam como verdadeiros refúgios, onde as normas cishetero são subvertidas e os corpos dissidentes podem florescer, como sublinha Didier Eribon (2008).

Apesar disso, os aplicativos de encontro não perderam completamente sua utilidade nesse contexto urbano. Eles são utilizados em áreas desconhecidas pelos usuários e oferecem uma sensação maior de anonimato para aqueles que têm receios de se expor. No entanto, o anonimato proporcionado pelos aplicativos também envolve riscos, como a criação de perfis falsos e a possibilidade de encontros potencialmente perigosos (Miskolci, 2015). Isso ressalta a fragilidade das interações mediadas pela tecnologia, que não conseguem competir com a segurança e a autenticidade das interações físicas em cidades que dispõem de espaços como saunas, casas de show e bares/boates para pegação.

Esse cenário, entretanto, apresenta uma configuração bastante distinta nas cidades de menor porte, onde a ausência de um circuito estruturado faz dos aplicativos de encontros a principal – e, em alguns casos, a única – via de expressão e conexão para muitos indivíduos dissidentes, especialmente na busca por relações casuais. Nessas localidades, a territorialização da sexualidade dissidente foi inibida ou sequer conseguiu se firmar, restringindo consideravelmente as possibilidades de sociabilidade para esse público. A repressão social é mais acentuada e as normas cisheteronormativas prevalecem de forma mais rígida, o que empurra muitos a recorrerem às plataformas digitais como forma de refúgio. Em espaços onde a diversidade sexual e de gênero foi historicamente excluída do domínio público, a internet e os aplicativos de encontro surgem como ferramentas imprescindíveis para a sobrevivência social e afetiva (Miskolci, 2013). Nesse sentido, essas plataformas reconfiguram o espaço urbano ao promover uma sobreposição entre os mundos físico e digital, transformando qualquer lugar em um espaço LGBTQIAPN+ temporário, por meio dos encontros facilitados pela geolocalização (Miles, 2021).

A análise dos aplicativos de relacionamento sugere uma complexa teia de usos e significados que ultrapassam a simples busca por encontros casuais. As experiências dos interlocutores refletem uma dinâmica entre anonimato e visibilidade, proteção e exposição,

desejo e vigilância social. Cada pessoa utiliza os aplicativos conforme suas próprias estratégias e inserções socioculturais. Desse modo, múltiplas são as formas pelas quais o ambiente digital se entrelaça com a subjetividade, o desejo e a resistência à cisheteronormatividade. Em cidades menores, onde a vigilância social é intensa, o anonimato se apresenta como um recurso vital, enquanto em grandes centros urbanos os aplicativos atuam como complemento a um circuito presencial mais robusto e seguro para expressões de dissidência.

Ademais, compreendemos que essas plataformas não são apenas mediadoras de encontros, mas espaços de negociação e ressignificação da subjetividade. Elas possibilitam aos usuários adaptarem suas interações, buscar conexões mais profundas ou apenas satisfazer o desejo imediato, sempre em um processo de calibragem entre as expectativas e a realidade. Contudo, mesmo diante das dificuldades, tais como a superficialidade das interações, ou a vigilância constante, os aplicativos se mantêm relevantes por criarem novos territórios de resistência, particularmente em cidades de menor porte e para aqueles cujas sexualidades e expressões de gênero são marginalizadas. Assim, ao compreender os múltiplos usos dos aplicativos de relacionamento, conseguimos também enxergar as tensões e possibilidades inerentes às formas contemporâneas de se viver a sexualidade e de se relacionar no ambiente digital.

5.3 NARRATIVAS COMPARTILHADAS: A DEVOLUTIVA COMO ESPAÇO DE PRODUÇÃO DE SIGNIFICADOS

Inspirado nos pressupostos do (pós)construcionismo e na teoria bakhtiniana, este ensaio propõe a devolutiva como um caminho importante para a construção do conhecimento em parceria com o interlocutor. Sob essa perspectiva, a devolutiva é compreendida como uma ferramenta poderosa para que o diálogo entre pesquisador e participante transcenda a simples coleta de dados, promovendo uma troca que valoriza o protagonismo do participante e suas interpretações. Este ensaio também busca legitimar o potencial dialógico da interação com os participantes, aprofundando discussões sobre gênero e sexualidade. Ao incorporar as perspectivas dos interlocutores, a prática de devolutiva cria espaço para uma pluralidade de significados que desafia interpretações unilaterais e valoriza a experiência vivida dos sujeitos.

A prática de devolutiva ao participante assume, assim, um papel central na abordagem dialógica da pesquisa qualitativa, desenvolvendo uma ética relacional que posiciona o

participante como agente ativo no processo, permitindo-lhe influenciar até o produto final da pesquisa. Inspirados nas reflexões sobre ética de Flávia Trindade e Emerson Raseria (2013), compreendemos que, ao abrir espaço para que o participante acrescente ou ajuste o texto, o pesquisador não apenas respeita o direito à coautoria, mas também reconhece que o conhecimento é construído numa dinâmica de reciprocidade. Esse processo de devolutiva incorpora a perspectiva do participante sobre a narrativa construída, permitindo-lhe desenvolver sua própria versão dos acontecimentos e revisá-la sob novas luzes. Assim, a devolutiva reflete uma prática ética que valoriza o participante como colaborador legítimo e reconhece a possibilidade de múltiplas interpretações e significados na construção do texto.

Além disso, a devolutiva amplia a compreensão do próprio pesquisador sobre o contexto do participante, permitindo que novas camadas de significado se agreguem ao conteúdo inicial. Apostamos na devolutiva para proporcionar um encontro reflexivo que vá além de uma simples confirmação de dados, gerando um espaço em que o participante possa revisitar suas experiências em maior profundidade; essa posição é baseada na leitura de John Shotter (2005), que discute a ética nas práticas comunicativas. Ao retornar o texto para o participante, possibilitamos a co-construção de significados sobre questões anteriormente abordadas, oferecendo-lhe a oportunidade de contar como se sente ao ler a narrativa sobre si mesmo. Esse movimento reflexivo, no qual o participante também pode expandir ou atualizar os temas discutidos, instaura uma dinâmica de diálogo contínuo e evita que a interpretação do pesquisador prevaleça sobre a experiência subjetiva do entrevistado, resultando em uma narrativa que reflete não só o evento passado, mas também as transformações e percepções em constante evolução.

Para destacar as características mais pessoais dos interlocutores neste processo de construção dialógica, tanto na conversa inicial quanto na devolutiva, optamos por apresentá-los aqui separadamente. No caso de Lucas, observamos uma maneira desarmante de se comunicar, que envolve o outro em uma conversa fluida, sem silêncios constrangedores. Sua facilidade de interação e seu estilo comunicativo indicam uma postura destemida, marcada pela desenvoltura para falar sobre si mesmo. Articulado, Lucas traz convicções sólidas e, em alguns momentos, sustenta certa inflexibilidade em relação às suas ideias e posições.

Lucas adota um tom despojado, falando sem pudores sobre suas práticas sexuais, com um jeito mais escrachado. Durante nossa conversa, estimei essa postura, incentivando-o a falar livremente, conforme quisesse. Esse estilo, no entanto, contrasta com um traço também

subjacente em sua maneira de se colocar: posicionamentos fortes e fechados, por vezes irredutíveis, que refletem certa inclinação moralista. A primeira versão de sua narrativa continha alguns termos que caracterizavam esse estilo mais escrachado do interlocutor. Entendi também que essa escolha de palavras não apenas permite que os leitores imerjam na experiência daquela conversa, mas constitui uma posição política, reconhecendo esses termos e temas como relevantes para a ciência. Essa ciência não deve ser higienista, biologicista ou elitista.

Porém, Lucas me pareceu desconfortável ao ler o texto, não em relação ao conteúdo, mas quanto à forma como estava escrito. Ele reclamou de modo enfático sobre o uso da palavra “pau”. Parece que ele buscava adaptar o texto para deixá-lo com características de uma tese de doutorado, refletindo o significado que ele atribui à ciência e ao texto científico. Essa reação exemplifica o conceito de enunciação como um espaço de tensão entre a necessidade de se expressar de forma autêntica e a adequação a um gênero discursivo marcado por expectativas científicas/acadêmicas (Benveniste, 1988).

Além disso, é relevante abordar a maneira como ele se posiciona, empregando jogos de palavras para contar suas histórias. Em determinado momento da nossa conversa, percebi que os termos “foder”, “transar” e “comer”, embora pareçam sinônimos, possuem significados distintos para o participante. A análise de sua narrativa sugere que o ato de falar vai além do simples uso de palavras, manifestando-se como uma construção de significados carregada de intencionalidade e valores pessoais. Em seu discurso, a utilização desses termos ultrapassa categorias meramente linguísticas, envolvendo um sentido intersubjetivo e dialogal, característico das relações entre sujeito-linguagem, onde o sentido se constrói em relação com o outro e com as esferas da experiência vivida (Bakhtin, 1995). Assim, ele empreende nuances com esses termos, que refletem não apenas suas práticas, mas também suas valorações sobre as relações e os atos descritos.

Lucas descreve como percebe esses sentidos em suas práticas, atribuindo significados distintos a cada termo. Para ele, “transar” carrega um elemento sentimental/romântico; ele menciona essa experiência com um tom quase nostálgico, falando de estar fisicamente próximo, agarrado a alguém. Em contraste, “comer” remete a algo mais mecânico – um coito direto, sem preliminares, que ele associa principalmente ao trabalho sexual. Já “foder” é descrito com entusiasmo, como a “transa massa” em que a sintonia entre os dois parceiros atinge seu ápice. Lucas vê o “foder” como uma conexão que não se controla, algo que acontece espontaneamente – um encontro entre pessoas capazes de vibrar na mesma frequência, compartilhando práticas

sexuais igualmente confluentes e prazerosas. Para ele, “foder” significa a possibilidade de alcançar um orgasmo mais intenso ou, em suas palavras, de atingir sua referência máxima de prazer no sexo.

A distinção que Lucas utiliza entre as palavras “foder”, “transar” e “comer” reflete sobre a riqueza da enunciação ao refletir sobre práticas complexas. O sentido não reside apenas no que é dito, mas no modo de articulação da palavra e na relação entre os interlocutores, situando a linguagem como um espaço de negociação entre os diferentes acentos de valor, como descreve Mikhail Bakhtin (1992). A escolha dos termos e a lucidez com que Lucas diferencia esses sentidos reforça a importância da enunciação na compreensão do lugar do outro, traduzindo as nuances pessoais de cada ato mencionado.

Essa forma de expressão está articulada à noção de subjetividade e intersubjetividade, definidas por Émile Benveniste (1989) como constitutivas da linguagem, na qual cada pessoa se define em relação ao outro e se projeta no discurso. A maneira como Lucas fala de “foder” como uma conexão incontrolável e profunda sugere que ele insere o valor pessoal e subjetivo na linguagem, tornando-se um reflexo de sua própria subjetividade. A explicação das diferenças entre as palavras destaca que, ao comunicar suas práticas, Lucas não apenas informa sobre experiências sexuais, mas articula um discurso carregado de sentido e posicionamento pessoal. Esse discurso permite compreender a linguagem como espaço de projeção, em que cada termo escolhido manifesta a vivência subjetiva do falante e a intensidade com que ele valoriza seus encontros.

Outro aspecto relevante a ser explorado é como Lucas estabelece a si mesmo como ponto de referência, definindo práticas e evocando sentidos específicos. Ao falar sobre trabalho sexual, Lucas pontua objetivamente que não se considera um “garoto de programa”, embora admita receber compensações financeiras em troca de sexo. Durante nossa conversa, percebo que, para ele, o “garoto de programa” simboliza alguém com uma maior frequência de trabalho, além de uma clientela fixa – algo que não se aplica a ele, já que só realiza esse tipo de serviço quando a proposta surge, nunca por oferta ou iniciativa dele. Enquanto vê outros profissionais mais abertos a experimentar o que surgir no encontro, Lucas define sua própria atuação com precisão, limitando-se ao ato de “meter” sem performances adicionais.

Em consonância com a perspectiva bakhtiniana, a rejeição ao termo “garoto de programa” indica uma escolha consciente de Lucas em diferenciar sua prática de trabalho

sexual dos significados que ele associa a essa designação. Tal recusa reflete uma tentativa de distanciamento das implicações associadas ao termo, construindo um discurso que afirma suas particularidades no cenário do trabalho sexual, onde regula as interações de acordo com parâmetros pessoais. A linguagem e os signos, ao serem utilizados, não apenas representam, mas também impõem significados às pessoas (Bakhtin, 1995), o que se torna evidente em Lucas ao estabelecer limites para sua prática sexual e, assim, construir uma autoimagem que alinha as descrições à sua compreensão pessoal e aos contextos que vivencia.

É importante notar que as propostas para trabalho sexual parecem estar associadas à narrativa que Lucas constrói em sua conta no *app*, utilizado não apenas para interações profissionais, mas também como plataforma de autoexpressão de sua performatividade sexual. Além disso, Lucas vincula sua presença digital a outras redes, como o *X (Twitter)*, onde compartilha vídeos amadores, reforçando um perfil que explora signos de fetiche, especialmente ao se posicionar como dominador em uma abordagem BDSM. Lucas também desenvolveu o personagem “Seu Uber”, entrelaçando seu trabalho como motorista com um fetiche relacionado à profissão, o que adiciona camadas de interpretação ao seu perfil do *app*.

Nesse aspecto, o que Lucas aponta é que, através de seu perfil e das descrições, símbolos e definições que atribuiu a si mesmo, consegue utilizar seu perfil nos *apps* como meio de capitalizar sobre os desejos alheios. Essa prática de autodesignação e performatividade se alinha ao conceito de enunciação, no qual o locutor constrói uma presença discursiva que articula tanto o eu quanto o outro, respondendo às expectativas da comunidade da qual participa (Benveniste, 1989). No caso de Lucas, a construção do “Seu Uber” permite entrever a forma estratégica com que ele constrói uma apresentação que potencializa suas interações e valoriza economicamente sua performatividade sexual. Esse movimento tem garantido a ele atratividade junto às pessoas que compartilham seus interesses sexuais, além de possibilitar o lucro com as dinâmicas de fetiche e fantasia que surgem nessas interações.

Outro ponto relevante sobre o poder da dialogia é como, ao final da conversa, Lucas entra em uma profunda reflexão sobre suas práticas sexuais e sua concepção de sexo. Não por acaso, minha menção à Profilaxia Pré-Exposição (PrEP) o impacta significativamente; seu interesse pela proposta foi imediato, a ponto de ele pedir que eu o acompanhasse pessoalmente para conhecer o equipamento público que lhe garantiria acesso à profilaxia. Esse diálogo sobre encontros casuais, sua performatividade de gênero e a vulnerabilidade a que se expõe despertou em Lucas a iniciativa de buscar acompanhamento para assegurar sua proteção em relação a

possíveis ISTs. A compreensão ativa e responsiva é fundamental no processo dialógico, pois a troca com o outro pode desencadear reavaliações de comportamentos e percepções pessoais (Bakhtin, 1995). A resposta de Lucas ao tema da PrEP – desde o envolvimento imediato até a busca por informações e cuidados de saúde – sugere como o diálogo não apenas reflete, mas também incita a construção do sujeito, caracterizando a linguagem como instrumento de transformação pessoal e social.

Durante a devolutiva, Lucas reflete novamente sobre suas práticas. Ele explica que, ultimamente, tem estado menos ativo no *Grindr*, explicando que desinstalou o aplicativo há mais de um mês. Ao tentar voltar, percebeu que seu perfil havia sido banido e não conseguiu recuperá-lo. Como alternativa, instalou o *Scruff*, mas, devido ao baixo número de usuários na cidade onde mora, suas interações *online* diminuíram consideravelmente. Assim, ele tem continuado a conhecer pessoas pessoalmente. Em relação à PrEP, Lucas informou que conseguiu acesso e seguiu a profilaxia por dois meses no serviço que indiquei. No entanto, dificuldades com os exames de acompanhamento da função renal e hepática interromperam o uso. Ele enfatiza que gostaria de retomar a PrEP, mesmo tendo tido poucas relações sexuais ultimamente e sempre utilizando preservativo.

A PrEP é uma estratégia biomédica que possibilita uma vivência sexual mais livre para homens homo-orientados, destacando como essa estratégia reduz as tensões de uma “sexualidade atenta” marcada pelo medo da infecção pelo HIV, como discute Mônica Lima (2024). Muitos usuários da PrEP falam sobre uma sensação ampliada de liberdade e satisfação sexual, pois a proteção oferecida pela medicação permite uma vivência sexual com menos preocupações, diferentemente do contexto anterior à PrEP, quando preservativos e outras práticas preventivas eram as únicas alternativas (Lima, 2024).

Além disso, a autora observa que a liberdade promovida pela PrEP incorpora uma dimensão emocional e cultural. Para alguns dos entrevistados, a Profilaxia Pré-Exposição simboliza um “direito ao prazer e à intimidade” que ultrapassa o físico, proporcionando alívio das restrições herdadas de uma “sexualidade atenta”, desenvolvida ao longo de décadas de prevenção focada no HIV, junto ao estigma vinculado à homossexualidade e à aids.

Após ponderarmos sobre as experiências de Lucas, voltamo-nos agora à trajetória de Marcos, cuja narrativa suscita reflexões profundas sobre o racismo no contexto das interações dialógicas em aplicativos de relacionamento. Observa-se, nesse percurso, como determinadas

dinâmicas e realidades emergem dessas interações. A lógica racista, imbricada na construção das masculinidades – como discutido anteriormente – impõe expectativas sobre a maneira como os homens negros devem se apresentar nos perfis e até mesmo sobre o modo como devem se comportar sexualmente. Em uma dimensão mais ampla, tais imposições reverberam no modo como Marcos se posiciona nas relações; ele parece constantemente preparado para o próximo descarte, como se a rejeição fosse uma experiência reiterada e, de certo modo, já internalizada.

Essa reflexão, delineada por diversos aspectos de sua narrativa, traz à tona momentos em que Marcos nomeia como “fútil” o ato de investir nessas interações: devido às expectativas projetadas sobre seu corpo e à forma como é abordado nos aplicativos, ele chega a preferir masturbar-se a sujeitar-se a encontros casuais que apenas reforçam esses padrões. Tal situação se alinha ao conceito de enunciação na perspectiva bakhtiniana, segundo a qual a alteridade se constitui no diálogo que pode impor ao corpo do outro significados pré-determinados (Bakhtin, 1995).

A questão da representatividade também se impõe – especialmente ao observar a ausência de outros homens negros utilizando o aplicativo nas cidades da região sul –, o que suscita questionamentos sobre o uso do *app*. Além disso, a percepção de ser frequentemente procurado para sexo casual, mas raramente valorizado para relacionamentos públicos, aprofunda sua reflexão sobre as relações e as limitações impostas pelo racismo nas plataformas digitais. As pessoas são constituídas nas interações, e a construção do “eu” no discurso é permeada pelas condições de enunciação (Benveniste, 1988). No caso de Marcos, a rejeição a esses encontros casuais reflete o desejo de preservar sua autonomia e dignidade, evitando o desgaste emocional gerado por interações que reiteram o racismo estrutural.

Mais que isso, destaca-se em seu discurso uma estratégia de proteção, pois Marcos menciona repetidamente sua pouca disponibilidade para encontros, justificando-a pela falta de tempo. Essa afirmação parece funcionar como uma forma de resguardo: ao fazer com que os outros busquem saber se ele está disponível, ele mantém o poder de decisão em suas mãos, evitando colocar-se em uma posição de vulnerabilidade ao depender da iniciativa alheia. Essa “proteção” configura-se como uma resposta ativa à percepção de um ambiente preconceituoso, onde a reação à alteridade implica o estabelecimento de barreiras em torno de seu próprio discurso e corpo.

Ainda sobre a escolha de manter o controle sobre sua disponibilidade, a postura de Marcos reflete um ato de resistência que se alinha à ideia de dialogia bakhtiniana, na qual o discurso não é apenas uma resposta, mas um posicionamento em relação às vozes sociais que permeiam a enunciação (Bakhtin, 1992). Assim, ao transferir a responsabilidade para o outro, Marcos subverte a relação de poder implícita no encontro, reafirmando sua agência em um ambiente de relações hostis e contrariando a expectativa de submissão ao desejo alheio. Essa atitude comunica que ele valoriza sua própria disponibilidade e a coloca como condição para o encontro, sinalizando que seu corpo não está automaticamente acessível à exploração dos outros.

Após nossa conversa inicial, Marcos continuou a manter um contato frequente comigo. Nossas trocas se estenderam por diversos temas, que iam dos desafios na vida acadêmica – ele no mestrado, eu no doutorado – até aspectos mais pessoais de sua vida. Em uma dessas conversas, ele confidenciou sobre o término de seu relacionamento, que já vinha enfrentando dificuldades. Marcos namorava um rapaz de outra cidade e, apesar da distância, mantinham uma frequência de contato que ambos consideravam satisfatória, alternando visitas para estarem próximos um do outro. Inclusive, nesse meio tempo, ele chegou a apresentá-lo à sua família, que o acolheu bem, mostrando apoio tanto ao relacionamento quanto à orientação sexual de Marcos, até então um aspecto desconhecido por eles. Porém, a relação se desfez quando Marcos descobriu que o namorado manipulava situações para ocultar traições recorrentes. A partir desse episódio, ele optou por se afastar de compromissos sérios, dedicando mais tempo ao seu autodesenvolvimento.

Com o término do mestrado se aproximando e uma nova tentativa de ingresso no doutorado em vista, Marcos compartilhou suas reflexões sobre como nosso encontro o impulsionou a reavaliar o ritmo de vida que vinha levando, além da maneira como priorizava o trabalho. Essa autoavaliação lhe mostrou a necessidade de equilibrar melhor sua dedicação profissional com momentos de cuidado pessoal. Esse processo não apenas aprofundou nossa comunicação, mas também pôs em destaque a sinceridade e o respeito que sustentavam nosso vínculo.

A continuidade das interações com Marcos destaca a função dialógica do discurso no processo de autocompreensão e transformação do sujeito. De acordo com os conceitos do Círculo de Bakhtin, o desenvolvimento de uma relação dialógica tem o potencial de mobilizar uma reflexão crítica no interlocutor, que passa a revisar suas práticas e valores ao interagir com

o outro (Paula, 2013). Assim, Marcos observa seu próprio comportamento e reorienta suas prioridades, ressaltando o poder da comunicação como ferramenta para a construção do sujeito.

A relação de exotopia é igualmente central para compreender o impacto desse vínculo dialógico, pois uma perspectiva externa (neste caso, a minha) permitiu a Marcos confrontar e reavaliar elementos de sua vida que antes estavam imersos em sua rotina e, portanto, não eram questionados. Para Mikhail Bakhtin, a exotopia fornece uma posição de “exterioridade criativa” que permite ao sujeito ver-se por outro ângulo e reconhecer aspectos de si que estavam obscurecidos pela familiaridade (Amorim, 2006).

Nesse aspecto, inspirados pela proposta de Mônica Lima (2024) ao refletir sobre a psicologia social pós-construcionista, consideramos o poder da desfamiliarização – uma das premissas dessa orientação teórica – como uma ferramenta para reavaliar práticas e significados já naturalizados. Esse processo desafia compreensões estabelecidas, promovendo uma reflexão crítica e contínua. A autora nos conduz a refletir sobre os efeitos da conversa com Marcos, apontando a desfamiliarização como uma via para a construção de novas camadas de significado que, por meio de um distanciamento crítico, permitem questionar as interações e subjetividades envolvidas de maneira mais profunda, considerando seu fator relacional.

Nesse contexto, a exposição dos desafios pessoais nas conversas¹⁹ comigo impulsionou Marcos a adotar uma postura mais crítica em relação ao seu envolvimento excessivo com o trabalho, levando-o a perceber a necessidade de equilibrar sua dedicação acadêmica com momentos de autocuidado. Por outro lado, isso não ocorreu de forma unilateral; afinal, foi algo que também me afetou. A experiência de Marcos e a forma como se dedicava ao trabalho como mecanismo para fugir de suas questões me levou a refletir sobre o quanto também legitimei essa lógica, um reflexo do ritmo de vida imposto pelo capitalismo e das noções de cuidado e masculinidade, pouco (ou quase nunca) legitimadas socialmente. A exotopia, neste contexto, desempenhou um papel necessário para que, tanto Marcos quanto eu, tivéssemos uma visão mais objetiva sobre nossas próprias vidas, possibilitando mudanças concretas em nossos comportamentos.

¹⁹ Algumas vezes, Marcos chegou a mencionar que, sempre que percebia estar ultrapassando o limite de uma dedicação saudável ao trabalho, ele se lembrava das nossas conversas e até “ouvira” minha voz falando sobre a necessidade de olhar para si. Nesse sentido, compreendo que nosso encontro, assim como minha disposição para a pesquisa e para a interação, criaram uma referência para ele.

A influência dessas interações sobre o entendimento do próprio tempo e dedicação também pode ser associada à noção de responsabilidade no discurso, conforme desenvolvida por Mikhail Bakhtin (2010a). Nossa interação evocou não apenas uma revisão da prática de vida, mas também nos instigou a reconhecer a responsabilidade que cada um possui consigo, enquanto sujeito ativo/consciente de suas escolhas. Essa busca por autodesenvolvimento, iniciada na troca dialógica, demonstra como a responsabilidade no discurso pode influenciar diretamente o modo como o sujeito direciona sua trajetória de vida.

Assim, nosso vínculo foi muito além da mera coleta de dados, configurando-se como um espaço de construção de sentido e transformação pessoal. A Análise Dialógica do Discurso, conforme descrita pelo Círculo de Bakhtin, entende que o discurso ultrapassa o plano informativo, englobando uma função ética transformadora, configurando-se como um agente responsivo que contribui para a (re)significação das práticas de vida do outro (Paula, 2013).

Ao dialogar com outro interlocutor, Ferreira, experimentei uma liberdade inesperada; a disposição dele em compartilhar histórias pessoais de forma franca e desarmada despertou em mim uma sensação genuína de confiança. No entanto, ao abordar a violência sexual que havia sofrido – algo que ele sequer imaginava mencionar naquela conversa – foi tomado por uma onda de sentimentos intensos e conflitantes. Reviver essa experiência parecia despertar uma consternação profunda, tornando desafiador para ele prosseguir. Era visível o impacto emocional de revisitar esses detalhes: sua respiração tornou-se ofegante, com os olhos vagando inquietos, uma postura radicalmente distinta daquela que apresentara até então. Rememorar os pormenores desse episódio o colocou em um lugar de vulnerabilidade extrema, deixando transparecer o quanto essa memória ainda reverbera dolorosamente.

Para aprofundar a compreensão dessa história, podemos recorrer à perspectiva de Mikhail Bakhtin, cuja abordagem permite vislumbrar nessa narrativa uma complexidade mais rica, composta por múltiplas camadas. A teoria do dialogismo nos sinaliza que, ao falar, Ferreira não estava meramente narrando uma história isolada; sua fala refletia o eco de múltiplas vozes – internas e externas – que se entrelaçavam naquele instante de confissão (Bakhtin, 1992). A cena da violência sexual, até então quase inominável, surgia não apenas como uma resposta à questão proposta, mas também como uma abertura às vastas possibilidades de seus próprios pensamentos, memórias e emoções. Para Ferreira, falar sobre o abuso era um ato de auto-reconhecimento refratado, em que ele tentava se encontrar entre as camadas de dor que ainda permeiam as marcas dessa história. Esse ato de fala configurava-se como um diálogo não

apenas comigo, mas com ele mesmo, um processo de contínua construção/desconstrução de seu próprio entendimento.

A teoria de Bakhtin sobre a heteroglossia (2010b) ilumina as fricções que transbordam na narrativa de Ferreira. São vozes que se chocam: o silêncio que durante anos tentou esconder o abuso, o recente entendimento de que aquilo foi um abuso, e o diálogo íntimo de uma confissão que ele parecia necessitar fazer, mesmo que não estivesse preparado. A sensação que tive é que, apesar da fala muitas vezes cortada (completada quando eu fazia alguma intervenção), Ferreira parecia perceber a importância devida em falar sobre aquilo naquele contexto.

A confissão espontânea de Ferreira é, portanto, uma enunciação viva, marcada pela imprevisibilidade do momento. Ele parecia atender a um impulso interno que o conduzia àquele instante e àquela fala, mesmo que isso o levasse a se expor de maneira tão intensa e dolorosa. O diálogo comigo serviu como catalisador desse processo de abertura – um fluxo de palavras que ele talvez nunca tivesse planejado, mas que, no fim, precisavam ser ditas. Imagino que essa história contenha outras nuances e camadas ainda não acessadas, mas as que emergiram foram aquelas às quais ele conseguiu chegar naquele momento.

Percebo também que essa história traz diversos desdobramentos, especialmente porque, após essa fase, Ferreira foi lançado de forma abrupta e intensa à vida sexual, o que gerou tensões familiares que perduram até hoje. Um dos eventos críticos desse período foi o momento em que sua mãe o flagrou em uma chamada de vídeo íntima com outro rapaz, situação que o “tirou do armário” e, como consequência, gerou um mal-estar com seu pai que permanece, em grande parte, irresoluto até o presente. Esse momento não pode ser visto como um evento isolado, mas sim como parte de uma rede mais ampla de interações dialógicas que afetam Ferreira e suas relações familiares. A multiplicidade de vozes que permeia sua narrativa – desde a confissão do abuso aos conflitos familiares – reflete a complexidade de seu processo de autocompreensão e o impacto profundo dessas experiências em sua vida (Bakhtin, 1992).

Prosseguindo, é relevante destacar que, ao compartilhar sua narrativa, Ferreira encontra uma via para ressignificar e se reposicionar frente a essa realidade. Esse ato de verbalização transcende a simples externalização de memórias; constitui também um percurso de reconstrução de significados. Ao nomear o abuso, Ferreira não apenas narra, mas recria sua experiência dentro de um novo contexto, um contexto em que ele começa a entender seu próprio

sofrimento a partir de outra posição. Para Bakhtin (1992), esse ato de nomeação é um processo de transformação, de dar forma ao que antes era inominável. E, no caso de Ferreira, essa nomeação não acontece de uma só vez; ela é fragmentada, um processo contínuo, que se desenrola ao longo de suas falas, e talvez só possa ser compreendido de forma mais ampla em um espaço de terapia, como ele próprio intui. Contudo, nota-se que, embora se mostre disposto a essa abertura, ele enfrenta uma resistência ou dificuldade em lidar com certos aspectos mais doloroso

Essa hesitação é compreensível, dado que o processo de autocompreensão junto à elaboração de algo tão violento geralmente se apresenta como um caminho longo e desafiador. No entanto, ao reconhecer a necessidade de acompanhamento psicológico, o participante demonstra abertura para o cuidado, buscando formas de lidar com essas marcas de modo a transcender o confronto doloroso e potencialmente isolador.

Para nos aproximarmos dessa história, consideramos que a criação de um espaço de acolhimento e de reelaboração contínua, como o proporcionado pela terapia, poderia ser benéfica. Por isso, recomendei a psicoterapia como um recurso necessário para a reelaboração, permitindo que, através do discurso, ele transite por essas experiências, reposicionando-se em relação às próprias vivências. Embora tenha sido uma vítima, parece carregar uma culpa que o atormenta profundamente.

Tanto Ferreira, cuja verbalização das memórias dolorosas abre caminhos para a ressignificação de si, quanto Leo, cuja trajetória se pauta na compreensão profunda de suas vivências, compartilham uma busca comum: compreender-se e conferir sentido às experiências vividas. Enquanto a jornada de Ferreira simboliza o esforço de reconstrução interna em relação ao passado, a trajetória de Leo nos apresenta um cenário marcado pela intensificação das dinâmicas familiares, além das tensões entre valores pessoais e sociais.

Entendemos a experiência de Leo como uma verdadeira arena de dialogismo, na qual múltiplos discursos sociais se entrelaçam e se chocam, produzindo um “eu” em constante redefinição, fundamentado na ideia de que todo discurso é um diálogo entre outros discursos (Bakhtin, 2008). Imerso em contextos familiares com fundamentos religiosos rígidos, Leo manifesta o conflito entre o que Bakhtin (2008) denomina “voz autoritária” – as expectativas impostas pelo seu meio – e uma “voz interna”, sua própria enunciação, ainda tímida, mas que busca afirmar sua subjetividade. Esse embate nos permite ponderar sobre o dinamismo de um

sujeito constituído dialogicamente, que, ao incorporar e reagir às vozes externas, se conforma em um contínuo de tensão e mediação.

A narrativa de Leo ilustra o conceito de polifonia de Bakhtin (2008). Essa multiplicidade de vozes emerge não só na interação com o interlocutor, mas também na maneira como Leo negocia diferentes compreensões de si e dos outros. O ambiente dos aplicativos de relacionamento configura-se, nesse contexto, como uma plataforma onde essas vozes se exprimem de forma emblemática. Em um nível, esses aplicativos oferecem um espaço de exposição e reconhecimento do desejo próprio. No entanto, como Leo observa, a interação nesses ambientes é marcada pelo “imediatismo sexual” e por uma objetificação que se chocam com seu desejo de afeto e intimidade – um conflito em que o “eu” precisa responder à multiplicidade de vozes que não são apenas “externas”, mas o constituem “internamente” (Bakhtin, 1995).

Essa polifonia discursiva, segundo Bakhtin (1995), é central para a formação de um sujeito plural, nunca monolítico, que é permeado pela alteridade e se constitui através da tensão com ela. Em Leo, observamos essa tensão na busca por se identificar enquanto homem gay que “não corresponde aos estereótipos da masculinidade” promovidos em seu círculo social/religioso. Esse aspecto é fundamental para entender a natureza intersubjetiva do sentido, na qual o “eu” se torna “responsivo” aos discursos do outro. O discurso organiza-se linguisticamente ao mesmo tempo em que constrói sentido/s em constante movimento, dentro do fluxo enunciativo, linguístico, assim como translinguístico (Bakhtin, 1995). Leo absorve e reformula as normas cisheteronormativas, as expectativas de sua família, as tensões religiosas e a construção da sexualidade nos aplicativos, mostrando um processo reflexivo de construção do “eu”. Essa interação polifônica é mais do que uma soma de vozes; é, como Bakhtin (1995) argumenta, um “evento de criação de sentido” dinâmico, mas inconcluso.

Ao explorar a experiência de Leo de “ser o bom menino” e servir aos desejos dos outros, surgem ecos do conceito bakhtiniano de “discurso monológico” – uma fala que aspira à unidade, eliminando a alteridade para estabelecer um discurso único e inquestionável (Bakhtin, 1986). Leo, aprisionado por expectativas familiares e culturais, acaba sendo o agente de um monólogo internalizado que reprime a voz autêntica de seu desejo, apresentando um “eu” que sacrifica sua individualidade para atender às demandas alheias. Essa opressão simbólica é um reflexo de sua socialização eclesiástica, uma estrutura onde o “discurso sobre o pecado” se projeta sobre ele como alguém que deve ser interditado, exigindo o autoapagamento. A luta de

Leo para se afirmar enquanto sujeito autônomo, ainda assim, emerge de uma fala que se aproxima do “diálogo” bakhtiniano à medida que, ao resistir, busca outra forma de ser, de construir-se como um eu plural.

Um ponto determinante na conversa com Leo ocorreu quando ele me fez repensar meu lugar como pesquisador, a partir da forma assustada e reservada que começou a adotar diante das minhas questões. Leo me colocou em um processo de autoavaliação, sobretudo em relação à ética e ao seu papel na abertura de caminhos para o diálogo. Naquele instante, compreendi como seria oportuno também me vulnerabilizar frente ao participante, afinal, suas histórias me afetavam em um lugar pessoal, de quem já havia vivenciado algo semelhante. Quando isso aconteceu, percebi uma mudança considerável no modo como o participante interagiu comigo; a conversa tornou-se leve. Acredito que, naquele momento, ao sair da posição confortável para mim – porque me blindava da exposição – e desconfortável para Leo – porque o coloca em questão, fazendo-o se expor para um desconhecido apenas pelo respeito à ciência – possibilitou que ele me reconhecesse como alguém que não o julgaria, algo a que ele já estava acostumado. Nesse sentido, parece-me que os resguardos éticos tradicionais são mais voltados ao pesquisador do que propriamente ao participante.

Essa mudança de postura foi fundamental para que Leo pudesse colaborar conosco; em sua devolutiva, ele ressaltou o quanto foi importante que isso acontecesse dessa forma, para que se sentisse seguro e protegido ao se posicionar. Outrossim, o diálogo só foi possível diante de um reposicionamento ético em relação ao participante e à sua história.

Ao invés de adotar prescrições éticas universais, a ética relacional propõe uma construção conjunta de sentidos, onde cada participante de uma interação contribui ativamente para a definição do que é ético, dependendo das particularidades do contexto, segundo Flávia Trindade e Emerson Rasera (2013). Esse movimento fomenta uma troca dialógica que, ao acolher a subjetividade do outro, favorece maior abertura e responsividade. Assim, a ética relacional se configura menos como um conjunto de regras e mais como uma prática sensível às interações específicas e aos significados compartilhados que emergem em cada situação de diálogo (Trindade; Rasera, 2013).

Essa abordagem sublinha que a construção ética se manifesta na prática comunicativa, não se limitando às intenções ou normas externas que o pesquisador carrega. Em um contexto de pesquisa como o vivenciado com Leo, onde o participante reage com receio/reservas, cabe

ao pesquisador refletir sobre o próprio posicionamento, reconhecendo que o diálogo ético depende de sua capacidade de flexibilizar e negociar posições no jogo da conversa. Essa postura exige um deslocamento do foco de controle e julgamento, promovendo um ambiente no qual o participante se sinta protegido, valorizando suas experiências e sentimentos, conforme Flávia Trindade e Emerson Raser (2013).

Ao me permitir vulnerabilizar, sinalizei um compromisso com a criação de uma relação menos hierárquica, importante para a co-construção do conhecimento e o respeito genuíno às histórias compartilhadas. Esse comprometimento foi fundamental para que Leo se sentisse seguro em participar e compartilhar sua história. Está implícita, contudo, uma outra dimensão: havia uma empatia significativa em relação ao que era narrado. O fato de eu me posicionar como homem gay, pesquisador, psicólogo e alguém que já enfrentou dilemas semelhantes, construiu uma atmosfera em que Leo compreendeu que ali não haveria espaço para julgamento ou invalidação, mas sim para o acolhimento genuíno de sua vivência.

A teoria bakhtiniana enfatiza que o verdadeiro diálogo ocorre quando há espaço para a multiplicidade de vozes, uma condição que Leo busca ao final de sua narrativa. A experiência de um encontro casual com o outro, em que este lhe oferece compreensão, surge como uma estratégia de superar o monologismo moralista imposto por seu contexto familiar. Esse movimento simboliza a condição de possibilidade do ser dialógico: a unidade do “eu” se reconhece por meio da consciência do outro (Bakhtin, 2008).

Nesse contexto de abertura ao outro, torna-se fundamental refletir sobre os efeitos dessa consciência externa no processo de identificação, especialmente quando o “outro” está imerso em noções cisheteronormativas que configuram a compreensão/construção social das masculinidades. As histórias de Leo ultrapassam o âmbito dos relatos pessoais, constituindo-se como atos performativos de resistência e afirmação que desafiam e ressignificam as noções tradicionais de masculinidade. Observa-se, assim, uma não conformidade do participante com esse processo normativo, sublinhada em seu reconhecimento e na intersecção dessas normas com sua própria forma de compreender a si mesmo até então. Contudo, de maneira dialética, ele também se aproxima desse modelo ideal de masculinidade (mencionado aqui no singular para simbolizar o modelo hegemônico de gênero), ao mesmo tempo que o subverte.

Dessa forma, o que se depreende e reflete a partir das narrativas é um ponto de inflexão, visto que os significados não estavam, nem estão, fixos. Trata-se de um processo contínuo de

autoconstrução, atravessado pelas noções de ser homem; ou seja, uma produção de gênero, conforme ressaltam Antar Martínez-Guzmán e Marisela Montenegro (2010) ao abordarem o entrelaçamento das narrativas com as questões de gênero.

As reflexões que Leo produziu ao longo de sua vida e as construções dialógicas estabelecidas em nosso encontro possibilitaram que os sentidos sobre si ganhassem novos contornos, desnaturalizando as noções cis-hetero-sexistas tão arraigadas no participante. O encontro com Leo girou em torno, sobretudo, de tensionar o lugar de solidão em que ele havia sido colocado, buscando lidar com as expectativas hegemônicas sobre quem ele deveria ser. O que nos leva a pensar dessa forma não foi apenas a postura reflexiva que ele assumiu sobre suas fragilidades durante nossa conversa, mas também o que Leo foi capaz de construir após o encontro.

Na devolutiva, o participante, com muita gratidão pela conversa que tivemos, reconheceu o quanto esse momento o levou a repensar diversos aspectos de sua vida. Cerca de dois meses depois, ele tomou a decisão de sair da casa da tia e passou a morar sozinho. Nesse sentido, ele fala que conseguiu impor limites à maneira como seus familiares interferem em sua vida. Conta que, apesar de ainda não ter se assumido, tem levado a vida com muito mais leveza, sem o peso constante da opinião alheia, pois agora está mais focado em garantir seu próprio bem-estar.

Senti que garantir a devolutiva proporcionou aos participantes uma sensação profunda de gratidão, até de carinho. Todos, sem exceção, demonstraram apreço pela forma respeitosa com que foram tratados, além do alívio ao perceberem que seus depoimentos foram preservados de maneira cuidadosa, especialmente no que se refere à privacidade. A possibilidade de adicionar ou ajustar detalhes reforçou neles a sensação de serem mais do que sujeitos de análise, mas verdadeiros interlocutores, valorizando a riqueza de suas experiências.

Ao retornar os textos, a prática da dialogia emergiu com intensidade. Inspirada nas teorias bakhtinianas, a devolutiva transformou-se em um espaço de múltiplas vozes, permitindo que cada participante reconhecesse suas próprias narrativas e reposicionasse suas compreensões, consolidando a coautoria. Esse processo de escuta ativa e troca contínua possibilitou a revisão de cada história individual enquanto contribuía para a construção de novos significados. A prática dialogada, desse modo, enriqueceu o percurso, convertendo a pesquisa em um movimento contínuo de aprendizado e respeito mútuo, no qual a voz de cada

sujeito foi acolhida, consolidando a ética relacional como um pilar indispensável da pesquisa qualitativa.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta tese, exploramos os intrincados processos de construção de sentidos sobre masculinidades em contextos atravessados por marcadores sociais e dinâmicas territoriais específicas, especialmente em cenários marcados por normas cisheteronormativas e pela tensão entre invisibilidade e visibilidade. Nesse percurso, articulamos discussões que nos permitiram problematizar as relações entre corpo, desejo, território e poder, apontando como a conectividade digital reconfigura as experiências afetivo-sexuais e desafia os padrões tradicionais de gênero.

As reflexões aqui apresentadas não pretendem encerrar as questões levantadas, mas, ao contrário, expandir o debate acadêmico-social acerca das masculinidades e das práticas sexuais entre homens. A partir de uma perspectiva situada, reconhecemos que as performatividades de gênero e sexualidade são construídas em constante negociação com os contextos socioculturais, ressaltando os desafios e as possibilidades de resistência e subversão diante das normatividades impostas. Assim, as considerações finais constituem-se como um convite à continuidade, enfatizando a relevância de revisitar e produzir novos sentidos sobre essas discussões à medida que outros atravessamentos e experiências emergem na trama das experiências.

As histórias de Leo, Marcos, Ferreira e Lucas iluminam as nuances das interações entre o espaço físico e o digital, sinalizando como essas dinâmicas permeiam suas experiências e orientam modos de subjetivação. Neste movimento de encerramento, retomamos nossos objetivos²⁰ como bússola para tecer as considerações finais, entrelaçando os saberes construídos com reflexões e diálogos que ampliam os fins deste percurso.

Nesse processo, desvelamos o primeiro objetivo específico, que nos conduz à territorialização do desejo. As cidades, aqui concebidas como complexos dispositivos de controle, assumem o papel de agentes na articulação de subjetividades dissidentes, especialmente em cenários atravessados pela cisheteronormatividade e pelas dinâmicas de exclusão. Esses processos de territorialização manifestam-se em um delicado jogo de forças,

²⁰ Optamos por desenvolver esta seção em diálogo direto com os objetivos específicos, pois compreendemos que essa abordagem permite uma análise mais detalhada das questões centrais da pesquisa. Ao tratar cada objetivo específico de forma articulada, conseguimos aprofundar a discussão de elementos que, em última instância, convergem para o alcance do objetivo geral. Essa estratégia nos possibilita abordar, de modo integrado, os diferentes aspectos propostos na apresentação inicial desta tese, promovendo uma reflexão coerente que sustenta a construção do conhecimento aqui apresentado.

entre anonimato e visibilidade, desejo e repressão, controle e emancipação, tecendo complexas relações que transitam entre territórios físicos e digitais.

Nessa trama, as narrativas de nossos interlocutores apontam para um enfrentamento singular: uma regulação dupla que ora invisibiliza, ora expõe, ora cerceia. A materialidade urbana impõe fronteiras invisíveis, enquanto os aplicativos de relacionamento, promotores de uma aparente liberdade, frequentemente mascaram dinâmicas que perpetuam exclusões e reforçam normas, desnudando o ilusório em suas promessas de emancipação. Entretanto, os interlocutores utilizam estratégias de resistência que subvertem as limitações impostas. Essas práticas articulam controle e agência, abrindo espaço para vidas mais autênticas. A pluralidade dos modos de existência se manifesta por meio de práticas coordenadas, possibilitando a resistência frente às imposições normativas e a reconfiguração das formas de viver (Mol, 2002).

No contexto citadino, as normas locais configuram os modos como o desejo é manifesto ou reprimido. A experiência de Leo, um homem gay residente em um ambiente marcado por códigos sociais conservadores, demonstra como o medo da exposição rege suas interações nos aplicativos. A promessa de anonimato oferecida pelos aplicativos é constantemente ameaçada pela vigilância social, que regula os corpos mesmo em ambientes digitais. Assim, o território, com suas normas tácitas, condiciona tanto a vivência do desejo quanto as formas de relacionamento, ilustrando como o desejo é territorializado em múltiplas camadas de sociabilidade.

Os usos dos aplicativos em contextos urbanos de médio e pequeno porte destacam como a territorialidade impõe práticas e noções de sociabilidade. Em cidades grandes, onde o circuito LGBTQIAPN+ está consolidado, os aplicativos operam como ferramentas complementares, ampliando redes em um ambiente que já oferece espaços seguros e diversificados para vivências dissidentes. Em contraste, nas cidades menores, essas plataformas assumem um protagonismo na formação de redes sociais e afetivas para homens homo-desejantes. A ausência de espaços físicos voltados à sociabilidade LGBTQIAPN+ faz dos aplicativos refúgios, permitindo a exploração de desejos e relações sob a constante vigilância social. Essa dinâmica sugere como os aplicativos redesenham os territórios, criando geografias digitais que interagem e se entrelaçam com o espaço físico.

O que emerge dessas histórias não é apenas a denúncia das opressões impostas pelo território físico e digital, mas também a afirmação de novas formas de masculinidades que

contestam e transformam as normas sociais. Assim, os territórios de ocultamento tornam-se, paradoxalmente, espaços de possibilidade, onde a resistência é uma prática cotidiana que redefine o que significa ser homem em contextos marcados pela exclusão e pelo controle.

Ao avançarmos para o segundo objetivo específico, somos convidados a explorar os múltiplos usos dos aplicativos de encontros. Esses espaços digitais emergem como ferramentas de negociação, nas quais sujeitos como Ferreira, que transita entre sua cidade natal e outra de maior porte, ajustam sua visibilidade e suas relações conforme os contextos sociais. Na cidade natal, de menor porte, Ferreira opta por um perfil mais reservado, ocultando sua imagem e seus desejos. Já na cidade de maior porte, ele experimenta certa segurança para se apresentar de forma mais autêntica, sugerindo como a territorialização do desejo é orientada pelas dinâmicas sociais e culturais. Embora ambas as cidades sejam de menor porte em comparação às grandes metrópoles, os níveis de vigilância social e as possibilidades de anonimato variam consideravelmente, o que põe em relevo o papel dos territórios como agentes constitutivos dessas interações.

Essa dinâmica sublinha que os aplicativos transcendem sua função de espaços de expressão, tornando-se arenas de negociação, onde o desejo é cuidadosamente gerido frente às limitações do território físico. Por outro lado, Marcos e Lucas discutem sobre usos que oscilam entre a busca por prazer e estratégias de controle. Marcos, ao enfrentar o racismo e a hipersexualização de seu corpo negro, vivencia o aplicativo como um espaço de exclusão e resistência. Lucas, por sua vez, o utiliza como ferramenta de exploração pessoal e econômica. Essas experiências expõem os aplicativos como lugares onde encontros casuais coexistem com dinâmicas complexas de poder, controle e resistência, fazendo emergir a ideia de que, nesses espaços, o desejo nunca é desprovido de negociações e enfrentamentos.

Quanto ao terceiro objetivo específico, que discute as dinâmicas de poder que se atravessam nessas interações, percebemos o quanto elas estão profundamente enredadas nos sentidos construídos sobre masculinidades. Homens como Marcos enfrentam hipersexualização e expectativas sociais sobre seu corpo que restringem suas possibilidades de expressão e conexão. Essa realidade expõe como as masculinidades dissidentes são reguladas por normas sociais que perpetuam desigualdades raciais e de gênero. Marcos reflete sobre o impacto do racismo em sua vivência, problematizando como o corpo negro é objetificado e associado a performances sexuais específicas. Essa experiência de fetichização racial ilustra como as dinâmicas de poder operam para regular o desejo e reforçar padrões opressivos.

Algo que emerge da reflexão das narrativas e cuja consideração ao fim desta tese se faz necessária é o enredamento da raça nas dinâmicas afetivo-sexuais-sociais, que, portanto, não podem ser recortadas de maneira isolada por gênero e sexualidade. As narrativas refletem o entrelaçamento contingencial entre raça, gênero, sexualidade e subjetividade, proporcionando uma discussão densa para compreender as masculinidades negras contemporâneas em sua plasticidade.

Ao longo do estudo, tornou-se evidente que as masculinidades negras não são categorias fixas, mas processos contínuos de negociação, resistência e reinvenção. Esses processos são tangenciados tanto pelas imposições morais do racismo e da cisheteronormatividade quanto pelas estratégias cotidianas de subversão e sobrevivência. O uso dos aplicativos, por exemplo, emerge como contexto ambíguo, onde as expectativas de conformidade às normas de gênero e sexualidade coexistem com a possibilidade de experimentar formas alternativas de existência.

Ao valorizar as histórias individuais de Leo, Marcos, Ferreira e Lucas, nosso escrito recusa a homogeneização e privilegia uma perspectiva que avança nas discussões sobre gênero ao afirmar a centralidade da raça como um marcador indispensável na análise das masculinidades. Convém atentar para a possibilidade de a literatura sobre gênero não abarcar plenamente as singularidades das experiências negras, ao passo que os estudos sobre raça podem, de maneira inadvertida, perpetuar concepções de masculinidade que deixam de lado a fluidez e as contradições que permeiam as vivências de homens negros. Esta tese se posiciona no entremeio, junto a outras/os autoras/es, argumentando que raça e gênero não podem ser abordados separadamente.

Outro ponto que se entrelaça nessa trama é o fator geracional, que emerge como uma lente interpretativa para discutir como diferentes posições tempo-históricas ressignificam o corpo, o desejo e as normas de gênero. As histórias de Lucas e Ferreira, ao serem examinadas, permitem compreender de que modo os contextos de vida orientam essas vivências, produzindo nuances que ampliam os sentidos atribuídos às masculinidades. Lucas, ancorado em um senso de autonomia sobre seus desejos, construiu uma relação com o sexo marcada por limites definidos e escolhas criteriosas. Em contraste, Ferreira vivencia o sexo com certa compulsividade, confrontando-se com questões sobre frequência e critérios. Esse movimento o leva a refletir se sua busca incessante por encontros não seria uma tentativa de preencher lacunas emocionais ou de afirmar-se em um cenário de novidade e experimentação.

As narrativas de resistência e reinvenção articuladas pelos interlocutores erodem os alicerces da masculinidade hegemônica, expondo um processo contínuo de transformação e insurgência. Nessas práticas, as masculinidades dissidentes se reconfiguram incessantemente, em diálogo com as limitações impostas pelos contextos físico e digital. A análise do uso de aplicativos em cidades de menor porte faz emergir uma miríade de significados, nos quais as dinâmicas de poder, desejo e gênero se entrelaçam em tensões constantes entre controle/liberdade.

No horizonte de estudos sobre masculinidades em ambientes digitais, a análise de grupos no *Telegram* apresenta-se como uma via promissora, especialmente diante da crescente popularidade dessa plataforma para interações sexuais entre homens. Distinta de outras redes, o *Telegram* possibilita a formação de grupos e canais que operam sob camadas variadas de acesso e controle, fomentando sociabilidades que ora corroboram, ora desafiam normas de gênero estabelecidas. O *Telegram*, entre outros aspectos, posiciona-se como uma alternativa ou concorrente ao *WhatsApp*, oferecendo, contudo, a possibilidade de ocultar informações como o número de contato, o que assegura um nível adicional de privacidade. Nesse contexto, as práticas sexuais mediadas pelos canais do *Telegram* abrangem desde o compartilhamento de materiais pornográficos até a participação em clubes de masturbação via chamadas de vídeo e interações baseadas em atributos específicos definidos pelos grupos. Tais dinâmicas intensificam os processos de visibilidade/invisibilidade e de vigilância coletiva, ao mesmo tempo que promovem novas formas de pertencimento e mecanismos de regulação. Analisar como esses espaços forjam hierarquias internas e, simultaneamente, abrem brechas para práticas de resistência constitui um campo de investigação cientificamente instigante.

A ascensão de Donald Trump à presidência dos Estados Unidos tem sido associada à intensificação de discursos discriminatórios e à exclusão de minorias, com a implementação de políticas que evocam elementos de regimes autoritários e fascistas (El País, 2025). Esse cenário reflete-se não apenas no ambiente político, mas também no digital, especialmente nas plataformas administradas por grandes corporações como a Meta (*Facebook*, *Instagram* e *Threads*) e o X (antigo *Twitter*). Recentemente, a Meta revisou suas políticas de moderação de conteúdo, permitindo que publicações associem doenças mentais a gênero ou orientação sexual, o que levantou preocupações sobre a amplificação de discursos de ódio contra pessoas LGBTQIAPN+ e negras (G1, 2025a). Paralelamente, Elon Musk, CEO do X, gerou controvérsia ao realizar um gesto amplamente interpretado como uma saudação nazista durante a posse de Trump, intensificando os debates sobre a responsabilidade das lideranças digitais na

propagação de ideologias extremistas (BBC News, 2025). Essas mudanças políticas e sociais reforçam a necessidade de investigar como as plataformas digitais não apenas ampliam as possibilidades de interação e conexão, mas também reproduzem dinâmicas de exclusão e vigilância. As relações estabelecidas nesses ambientes estão profundamente interligadas às interações presenciais, criando um cenário em que tensões e resistências refletem desigualdades e debates sobre pertencimento nos espaços contemporâneos.

Ademais, pesquisas futuras poderiam se debruçar sobre metodologias no ciberespaço que permitam refletir acerca das interações e a circulação de discursos dentro dessas comunidades *online*, sem desconsiderar as especificidades territoriais e as trajetórias individuais dos participantes. Tal abordagem aprofundaria o debate sobre a reconfiguração das relações de poder em ambientes digitais, a plasticidade das práticas afetivo-sexuais e os deslocamentos nas fronteiras entre visibilidade, anonimato e regulação social. Além disso, esses estudos contribuiriam para compreender como as masculinidades se manifestam em estratégias cotidianas de resistência, desafiando padrões de gênero e delineando espaços de reconhecimento que transcendem dicotomias hierarquizantes.

Ao longo desta investigação, buscamos considerar as masculinidades como práticas fluidas, constantemente negociadas em tramas de poder que conectam corpo, desejo e território, atravessadas por marcadores sociais como raça, geração e classe. A análise das experiências de Leo, Marcos, Ferreira e Lucas permitiu entrever como as dinâmicas de controle, exclusão e reinvenção se estruturam em espaços simultaneamente físicos e digitais, subvertendo as normas cisheteronormativas por meio da agência dos sujeitos. Todavia, reconhece-se que o ciberespaço, embora amplie possibilidades de expressão, também pode reproduzir ou intensificar violências simbólicas, raciais e de gênero, exigindo uma reflexão crítica sobre as ambiguidades que permeiam esses ambientes.

Ao final, a complexidade das narrativas apresentadas reforça a necessidade de compreender as masculinidades como processos em permanente construção, balizados pelas interações entre corpo, temporalidade e contexto. Conclui-se, portanto, que o estudo das masculinidades requer um olhar que integre as dimensões íntima e coletiva, o passado e o presente, em um movimento constante de análise e ressignificação.

Assim, o convite que permanece é o de aprofundar os estudos sobre masculinidades sob uma perspectiva interseccional e situada, reconhecendo que cada contexto – seja urbano ou

online – demanda abordagens específicas para apreender as múltiplas estratégias de existência. A continuidade desse debate exige uma análise mais refinada das interseções entre raça, sexualidade, território e novas tecnologias, garantindo que as experiências dos sujeitos não sejam reduzidas a categorias estanques, mas compreendidas como processos dinâmicos e em constante mudança. Desta maneira, esta tese se encerra reafirmando o compromisso com a manutenção de caminhos investigativos abertos, de forma que o conhecimento produzido sobre masculinidades acompanhe as transformações sociais e políticas, permanecendo atento à pluralidade e à potência das vozes que o constituem.

6.1 A CARTA

Caríssimos interlocutores,

Neste instante, não me dirijo apenas a Leo, Marcos, Ferreira e Lucas, cujas trajetórias encontram maior profundidade nas páginas desta tese. Estendo-me também a Zé, Mateus, Dominic, Ariel, Pedro e Gabriel, que, embora não estejam diretamente evocados aqui – devido aos contornos formais do texto acadêmico –, são parte indispensáveis da construção deste percurso. Cada um de vocês, em sua singularidade, contribuiu para os alicerces deste trabalho, deixando marcas que, embora silenciosas no texto, ressoam profundamente em cada linha escrita.

Não sem dor, chegamos aqui. Acessar as narrativas de vocês e mergulhar nas reflexões que emergiram desse contato foi um trajeto delicado, que produziu atravessamentos e reveses. No entanto, foi algo mais do que esperado; nós nos propusemos a adentrar nisso, conscientes das possibilidades de afetação, já que é a partir desse caminho que apostamos ser possível construir algo devidamente respeitoso e que mais conserva a grandeza da construção coletiva. As dores dizem também da minha implicação neste trabalho, algo que garanti a vocês que aconteceria, não somente porque se trata de um trabalho guiado pelo padrão de uma universidade federal e renomada, mas também pela ética dialógica, pelo cuidado que construímos mutuamente e que lubrificou a produção.

Agora, o que antes era mobilização interna – minha e das pessoas que me apoiaram neste percurso – transforma-se em algo coletivo. Este trabalho, ao tornar-se público, ganha vida além de mim, além de vocês. O ponto final desta tese não encerra, mas inaugura a abertura aos

sentidos e significados que serão produzidos nos outros e em vocês mesmos. Esta tese é um documento público, e os deslocamentos que cada narrativa produz estarão disponíveis como sementes de novos cruzamentos, novos sentidos. Para que, assim, se desloquem, transformem e desemboquem em narrativas inéditas, em histórias reescritas, em vidas ressignificadas.

Por isso, neste momento de despedida que também é um recomeço, decidi escrever diretamente a vocês. Trago aqui, de maneira mais íntima e crua, a pessoalidade que vocês tão generosamente me ofereceram. Pois acredito que o verdadeiro ouro deste trabalho está precisamente nisso: na possibilidade de olhar para histórias tão únicas e, ainda assim, profundamente entrelaçadas em nós coletivos. Histórias que, ao serem contadas, ampliam os horizontes da Psicologia – como ciência e profissão – e da própria ciência em sua inteireza, considerando corpos, subjetividades e itinerários muitas vezes invisibilizados.

Eu sinto que muito do que se organiza e se entende sobre os nossos corpos – em algum momento sem nos consultar e, em outro, com uma autorização quase automática – tirou de nós e, de certa forma, continua tirando a espontaneidade e a autonomia sobre nós mesmos, sobre nosso desejo. Partes tão genuinamente minhas, mas também enredadas no mundo e, por isso, implicadas/atravesadas nas expectativas e nos jogos morais do todo.

Eu, que sempre me percebi como alguém bem posicionado em relação aos meus desejos, seguro de quem sou e distante das culpas que um dia tentaram me impor, me vi, recentemente, fraquejar. Foi uma experiência breve, mas que trouxe consigo uma espiral de pensamentos e memórias. Tudo começou com um rosto familiar da academia, um rapaz que eu notava sempre acompanhado de outro. Não sabia se eram um casal, apesar do outro ser alguém socialmente entendido como afeminado, o rapaz em questão tinha passabilidade hétero. Entretanto, tinha o olhar de quem parecia buscar algo em mim. Um amigo chegou a comentar, dizendo que ele sempre que passava me olhava “notando a minha presença”. Nos pareceu alguém interessado.

Já era um horário avançado da noite quando recebi uma solicitação dele para seguir meu perfil no *Instagram*. Aceitei quando vi e, em um gesto quase automático, enviei uma solicitação de volta já que ambos os perfis eram privados – o que adicionava certa expectativa ao gesto. Na manhã seguinte, a notificação de que ele havia aceitado apareceu enquanto eu estava ocupado, mas não demorou para que eu fosse ao perfil dele, curioso, buscando detalhes, pistas que sugerissem algo a mais sobre quem era aquele homem.

Entretanto, pouco depois, ao acessar seu perfil, percebi que ele havia me removido como seguidor e deixado de me seguir. Tudo isso em questão de minutos. Fiquei espantado, não apenas pela brusquidão, mas pela ausência de qualquer gentileza já que havia partido dele o interesse e a atitude de seguir meu perfil. De repente, me vi questionando o que havia de tão errado nas coisas que posto. O que ele viu ali que o levou a apagar qualquer possibilidade de interação comigo tão rapidamente? Essa dúvida, um tanto amarga, me levou até mesmo a perguntar a um amigo, buscando algum tipo de explicação que aliviasse o desconforto.

Mas, quase como um movimento pendular, voltei a mim. Relembrei os passos que percorri, as lutas internas que travei e os sentidos que construí sobre mim mesmo, sobre os outros, sobre o desejo e as masculinidades para que, hoje, eu pudesse ser minimamente livre e estar em paz comigo. Nesse processo, lembrei o quanto precisei me posicionar e elaborar esse asco do outro à minha singularidade. Também recordei vocês, as narrativas de vocês e esta tese. E, ainda assim, aquele breve gosto de vulnerabilidade me tocou – o sentimento de ser observado, julgado, controlado. Essas verdades socialmente construídas sobre o que é ser homem – ou, mais especificamente, como um homem deve se comportar em um aplicativo de relacionamento – acabam nos fraturando em locais que nem mesmo conseguimos identificar. Mas algo me parece certo: é natural que a fratura demore a virar cicatriz, mas ela vira. Era um eco distante, mas ainda reconhecível, de algo que pensei ter deixado para trás com os traços da adolescência.

Diante desse episódio, foi inevitável refletir sobre por que a imagem, a aparência, ocupa um lugar tão central para nós, homens não-heterossexuais. Por que tantos de nós se dedicam à procura de um corpo modelado por músculos meticulosamente definidos? Por que carregamos a obsessão pela foto perfeita nos perfis de aplicativos de relacionamento? Lembrei das minhas amigas heterossexuais comentando, quase em tom de constatação irônica, que os homens mais bonitos e interessantes geralmente não são heterossexuais. E, enquanto isso, nós seguimos submetidos a um regime de controle.

Sempre tentaram nos controlar pela imagem – e continuam tentando. A forma como nos movemos, como gesticulamos, como falamos e até como desejamos. Tudo é observado, ditado, reprimido. Romper com isso é um processo árduo, muito mais complexo do que as pessoas de fora costumam imaginar. Não se trata apenas de "sair do armário", como se isso, por si só, fosse uma libertação definitiva. Eles sempre souberam quem somos antes de qualquer saída do

armário. Desde cedo, souberam tanto que se apressaram em tentar nos corrigir, nos tolher, nos reduzir.

Ainda assim, estamos aqui. E cada questionamento, cada momento de fraqueza, também é uma reafirmação de que resistimos. Não somos apenas o que tentaram fazer de nós. Mesmo diante de olhares que me atravessam, minha história continua sendo minha, e a cada dia reafirmo a potência em existir por inteiro, à revelia de qualquer tentativa de controle. E é isso que me lembra que sigo em frente – mesmo quando tropeço, mesmo quando, por um instante o fascínio hegemônico me faz duvidar.

Essa reflexão abriu espaço para uma memória antiga, mas sempre latente, de um período escolar marcado pelo peso do *bullying* homofóbico. Naquele tempo, eu era presença constante na coordenação da escola, levado pelas mesmas razões de sempre, e o mundo parecia um palco onde minha existência incomodava pelo simples fato de ser. Hoje, ao olhar para trás, reconheço o silêncio que preenchia as lacunas daquela época – não o silêncio da tranquilidade, mas o silêncio que sufoca, que apaga.

Estávamos nos anos 2000, se hoje já é difícil tratar sobre diversidade e inclusão nas escolas, mesmo com discussões mais acessíveis graças ao entrelaçamento das mídias digitais na vida cotidiana, nessa época isso sequer estava em pauta. Eu estudava em uma escola particular, majoritariamente branca, fundamentada em valores católicos que legitimavam uma postura rígida e, por vezes, indiferente. Os coordenadores e diretores não enfrentavam o problema, preferindo contorná-lo com medidas paliativas, quando não podiam mais ignorá-las. Era um contexto de silêncios impostos e silenciamentos calculados.

Lembro-me de um dia em particular, que se inscreveu em mim como um marco. Não sei exatamente qual havia sido a violência do momento – talvez, inconscientemente, eu tenha decidido apagar –, mas foi algo grave, disso não há dúvidas. A professora de artes, querida por todos, rompendo a rotina, pediu licença à professora que estava em sala. Entrou, se posicionou diante da turma e, com a voz firme e calorosa, disse algo que ecoa em mim até hoje: “Estou aqui para entender por que vocês têm tratado Neto dessa forma. Ele é um menino que ainda está descobrindo quem é, assim como todos nós. E, independente de quem ele seja, isso não diz respeito a ninguém! Isso não fere ninguém!”

Enquanto escrevo essas palavras, não consigo conter a sensação de recordar e o quanto isso me mobiliza. Recordo o silêncio que tomou conta da sala, um silêncio diferente dos outros,

um silêncio carregado de impacto e significado. Pela primeira vez, alguém havia quebrado a ordem tácita de negligência, alguém havia falado – por mim, comigo. Foi como se, por um momento, minha existência tivesse sido reafirmada. Pela primeira vez, senti que havia uma defesa pública de quem eu era. Foi ali que, por um instante, me senti visto, reconhecido.

Não é por acaso que aquele Neto, de quem falo agora, tornou-se psicólogo. Não é por acaso que este mesmo Neto apresenta sua tese de doutorado em Psicologia, sendo agora também professor. Relembrar esses momentos enquanto finalizo esta tese, especialmente ao escrever esta carta para vocês, me ajuda a constatar de onde este trabalho parte e o que ele evoca. Essas memórias me ajudam a entender que este trabalho não é apenas acadêmico; ele é uma declaração de posicionamento, um compromisso com uma ciência plural, diversa, aberta ao diálogo e profundamente ética.

Nossos corpos – o que temos de mais íntimo e singular – são marcados por narrativas que não escolhemos, cooptados por verdades sociais que nos precedem. Somos controlados antes mesmo de termos a chance de nos afirmarmos. Mas resistir a isso é um ato de criação, e ocupar espaços de saber é parte desse processo subversivo. É por isso que reitero: desde o início, as histórias de vocês foram tratadas com o devido respeito. Estas narrativas são mais que registros; são estratégias de enfrentamento e resistência a uma dinâmica racista e cisheteronormativa que insiste em silenciar.

E assim, ao final deste caminho, é necessário lembrar: ocupar esses espaços é resistir. É garantir que a ciência, a educação, o mundo, nunca mais sejam lugares de exclusão. Escrevo isso como quem sabe que cada palavra é um elo que reconecta o passado ao presente, um ponto de ancoragem para o futuro. Somos mais do que nos disseram que poderíamos ser. E, em cada passo, afirmamos isso.

Que estas palavras sejam não apenas um gesto de encerramento, mas uma abertura para tudo o que ainda pode ser construído. Que elas sirvam como um convite ao movimento, à transformação e ao constante reinventar.

Com profunda gratidão e respeito,

José Gomes de Oliveira Neto.

7. REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcio de; LIMA, Mônica. Corpo, cultura e subjetividade: uma abordagem psicológica da normatividade branca. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 40, n. spe, p. e230057, 2020.
- ADRIÃO, Maria Antônia Veiga. **Os caminhos dos sol: atravessar veredas na cidade escurece a vista (Migração Sertão–Cidade de Sobral 1950–1980)**. Tese (Doutorado em História). Fortaleza: UFC, 2017.
- ALBUQUERQUE, Elisabeth Maciel de. **Avaliação da técnica de amostragem “Respondent-driven Sampling” na estimação de prevalências de Doenças Transmissíveis em populações organizadas em redes complexas**. Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca – ENSP; Rio de Janeiro: Ministério da Saúde – Fiocruz, 2009.
- ALCANTARA, João André da Silva. **As (des)construções do macho nordestino em videoclipes: um estudo das performances de Daniel Peixoto e Johnny Hooker**. 116f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação. Recife, 2017.
- ALENCAR, Venan Lucas de Oliveira. **Aplicativos de Encontros Gays: traços identitários de seus usuários em Belo Horizonte**. 130 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2017.
- ALVES, Jorge Luiz da Silva. **Meditações antinormativas: neoliberalismo, homonormatividade, grindr, tinder e a gestão da diversidade (2019-2021)**. 2023. 175 f. Dissertação (mestrado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2023.
- AMORIM, Marília. Cronotopo e exotopia. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006.
- ARAGAKI, Sérgio S.; PIANI, Pedro P.; SPINK, Mary J. Uso de repertórios linguísticos em pesquisas. In: SPINK, Mary Jane P. *et al.* (org.). **A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas**. 1. ed. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014, p. 229-246.
- ASSIS, Joanna de. **Pelo direito de ser quem é: Richarlyson declara bissexualidade em podcast inédito sobre homofobia no futebol**. Globo Esporte. 24/06/2022. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/noticia/2022/06/24/pelo-direito-de-ser-quem-e.ghtml> Acesso em: 20/07/2022.
- AVEYARD, Helen. **Doing a literature review in health and social care: a practical guide**. 5 ed. Maidenhead: Open University Press, 2023.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 1995.

BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010a.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução Paulo Bezerra. 4ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

BAKHTIN, Mikhail. **Speech Genres and Other Late Essays**. Traduzido por Vern W. McGee e editado por Caryl Emerson e Michael Holquist. Austin: University of Texas Press, 1986.

BAKHTIN, Mikhail. **The dialogic imagination: Four essays**. University of Texas Press, 2010b.

BALASCH, Marcel; MONTENEGRO, Marisela. Una propuesta metodológica desde la epistemología de los conocimientos situados: las producciones narrativas. **Encuentros en Psicología Social**, [s.l.], v. 1, n. 3, p. 44-48, 2003.

BAMBERG, M. Narrative analysis. In: COOPER, H (Ed.), **APA handbook of research methods in psychology**. Washington, DC: APA Press, 2012, p. 77-94. Disponível em: <http://www.clarku.edu/~mbamberg/publications.html> acesso em: 02 ago. 2024.

BARNS, Sarah *et al.* Digital infrastructures and urban governance. **Urban Policy and research**, v. 35, n. 1, p. 20-31, 2017.

BARRETO, Victor Hugo de Souza. **Festas de orgias para homens: territórios de intensidade e socialidade masculina**. Salvador: Editora Devires, 2017.

BASTOS, Gustavo Grandini. **Os sujeitos-gays nas tramas da(s) rede(s): o discurso sobre os aplicativos de relacionamento**. (Tese de Doutorado). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto. 2018.

BAUMAN, Zygmunt. **O medo líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BAYDOUN, Mahamoud. **“Não sou nem curto afeminados”**: reflexões viadas sobre a masculinidade hegemônica e a efeminofobia no Grindr. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Rondônia. Porto Velho, 2017.

BBC NEWS. **As reações ao controverso gesto de Elon Musk, criticado por semelhança à 'saudação' nazista**. BBC News. 21/01/2025. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cvg8nd40lvzo> Acesso em: 22.01.2025

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. Campinas: Pontes Editores, 1988.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral II**. Campinas: Pontes Editores, 1989.

BIRNHOLTZ, Jeremy *et al.* Layers of marginality: an exploration of visibility, impressions, and cultural context on geospatial apps for men who have sex with men in Mumbai, India. **Social Media+ Society**, v. 6, n. 2, 2020.

BRAÚNA, Luiz. **Festa no gueto? Memórias e discursos em torno do “Mercado GLS” em Recife/PE**. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Universidade Federal de Pernambuco, 2016.

BRILHANTE, Aline Veras Morais *et al.* Construção do estereótipo do “macho nordestino” nas letras de forró no Nordeste brasileiro. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**. v. 22, n. 64. pp. 13-28, 2018.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2013.

CABRUJA, Teresa; IÑIGUEZ, Lupicínio; VÁSQUEZ, Félix. Cómo construimos el mundo: relativismo, espacios de relación y narratividad. **Analisi: Quaderns de Comunicació i Cultura**, Barcelona, n. 25, p. 61-94, 2000.

CAMPOS, Andrea Almeida. A cultura do estupro como método perverso de controle nas sociedades patriarcais. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 16, n. 183, p. 01-13, 2016.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede: do Conhecimento à Acção Política**. Belém/Pt: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2005.

CHRIST, Adriel Giordani. **Grindr e processos de subjetivação: uma deriva cartográfica pela produção de corpos**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

CHRIST, Adriel Giordani; HENNIGEN, Inês. Apenas um perfil no Grindr? Montando um corpo marcado. **Sexualidad, Salud y Sociedad**. Rio de Janeiro, n. 38, 2022.

CONNELL, Raewyn. **Masculinities**. Berkeley: University of California Press, 1995.

CORDEIRO, Mariana Prioli *et al.* **Diálogos sobre Construcionismo Social: Entrevistas com Kenneth Gergen, Lupicínio Íñiguez-Rueda, Mary Jane Spink e Tomás Ibáñez**. Coleção: Estudos Avançados em Psicologia Social, v. 1. Curitiba: CRV; IPUSP, 2023.

CORDEIRO, Rosineide de Lourdes Meira. **Além das secas e das chuvas: os usos da nomeação mulher trabalhadora rural no Sertão Central de Pernambuco**. 2004. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Programa de estudos Pós Graduated em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2004.

CORRÊA, Tiago Matheus. **Escuta psicológica a meninas e mulheres em situação de violência sexual: narrativas entre inteligibilidades, ética e jogos de poder**. 2020. 181 f.: il.; 30 cm. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Recife, 2020.

COSTA NETO, Francisco Sales da. **Banheiros Públicos: Os bastidores das práticas sexuais**. 125 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional; Cultura e Representações) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. Neoliberalismo e subjetivação capitalista. **Revista Olho da História**, v. 22, 2016.

DEFENSORIA PÚBLICA DO ESTADO DO CEARÁ. **STJ decide que xenofobia é crime de racismo**. 06/12/2022. Disponível em: <https://www.defensoria.ce.def.br/noticia/stj-decide-que-xenofobia-e-crime-de-racismo/> Acesso em: 09 out. 2024.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Ano Zero: Rostidade. *In*: Deleuze, Gilles; Guattari, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 1996. v. 3, p. 31-62.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. *In*: **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**, v. 2, p. 15-41, 2006.

DERRIDA, Jacques. **Posições**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

DESLANDES, Suely; COUTINHO, Tiago. Pesquisa social em ambientes digitais em tempos de COVID-19: notas teórico-metodológicas. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 36, 2020.

DICICCO-BLOOM, Barbara; CRABTREE, Benjamin F. The qualitative research interview. **Medical education**, v. 40, n. 4, p. 314-321, 2006.

DRESCH, Aline; LACERDA, Daniel Pacheco; ANTUNES JÚNIOR, José Antônio Valle. **Design Science Research: método de pesquisa para avanço da ciência e tecnologia**. Porto Alegre: Bookman, 2015.

EL PAÍS. **Trump fulmina os programas de diversidade no emprego público nos Estados Unidos**. 2025. Disponível em: <https://elpais.com/internacional/2025-01-22/trump-fulmina-los-programas-de-diversidad-en-el-empleo-publico-en-estados-unidos.html> Acesso em: 22 jan. 2025.

ERIBON, Didier. **Reflexões sobre a questão gay**. Trad. Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Être affecté. **Gradhiva: Revue d'Histoire et d'Archives de l'Anthropologie**, v. 8, n. 1, p. 3-9, 1990.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Être affecté. **Gradhiva: Revue d'Histoire et d'Archives de l'Anthropologie**, v. 8, n. 1, p. 3-9, 1990.

FAVRET-SAADA, Jeanne. **Les mots, la mort, les sorts: la sorcellerie dans le bocage**. Paris: Gallimard, 1977.

FERRAZ, Cláudia Pereira. A etnografia digital e os fundamentos da Antropologia para estudos em redes on-line. **Aurora: revista de arte, mídia e política**, São Paulo, v.12, n.35, p. 46-69, jun.-set.2019.

FERREIRA NETO, João Leite. Processos de subjetivação e novos arranjos urbanos. **Rev. Dep. Psicol.**, UFF, v. 16, n. 1, p. 111-120, 2004.

FERREIRA, João Paulo; MISKOLCI, Richard. O desejo homossexual após a AIDS: uma análise sobre os critérios acionados por homens na busca por parceiros do mesmo sexo. **Ciência & Saúde Coletiva**. v. 25, n. 3, pp. 999-1010, 2020.

FÍGARI, Carlos Eduardo; DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira. Introdução. Sexualidades que importam: entre a perversão e a dissidência. *In*: DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira; FÍGARI, Carlos Eduardo. **Prazeres dissidentes**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa-3**. Artmed editora, 2008.

FOLHA DE S.PAULO. **A xenofobia contra nordestinos e o ódio contra nós mesmos.** 06/10/2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2022/10/a-xenofobia-contra-nordestinos-e-o-odio-contra-nos-mesmos.shtml> Acesso em: 09 out. 2024.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber.** Rio de Janeiro: Forense, 1987.

FOUCAULT, Michel. **A Hermenêutica do Sujeito.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder.** Rio de Janeiro: Graal, 1993.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, Território e População.** São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir:** o nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramallete. 30 ed. Petrópolis, Vozes, 2004.

FRAGOSO, Paulo Alan Deslandes. **Gayfaceless:** da rostidade homossexual à heteroplastia. 2018. 133 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.

FURTADO, Juarez Pereira; ODA, Wagner Yoshizaki; BORYSOW, Igor da Costa; KAPP, Silke. A concepção de território na Saúde Mental. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 32, n. 9, e00059116, 2016.

G1. Meta passa a permitir que público LGBTQIA+ seja associado a doenças mentais em posts no Facebook, Instagram e Threads. G1. 7/01/2025a. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2025/01/07/meta-passa-a-permitir-que-doenca-mental-seja-vinculada-a-genero-ou-orientacao-sexual-em-posts-no-facebook-instagram-e-threads.ghtml>. Acesso em: 22 jan. 2025.

G1. Usuários reclamam por seguir automaticamente perfil de Trump como presidente; Meta responde. G1. 22/01/2025b Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2025/01/22/usuarios-reclamam-por-seguir-automaticamente-perfil-de-trump-como-presidente-meta-responde.ghtml> Acesso em: 08.02.25

G1. Varíola dos macacos: OMS aconselha homens que fazem sexo com homens a 'no momento, reduzir o número de parceiros'. 27/07/2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/saude/noticia/2022/07/27/homens-sexo-homens-oms-variola-macacos.ghtml> Acesso em: 28/07/2022.

G1. Xenofobia contra nordestinos na época da eleição fez número de denúncias disparar na internet, mostra pesquisa. 08/02/2013. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2023/02/08/xenofobia-contra-nordestinos-na-epoca-da-eleicao-fez-numero-de-denuncias-disparar-na-internet-mostra-pesquisa.ghtml> Acesso em: 09 out. 2024.

GALDEA, João Gabriel. Desde quando a Bahia é Nordeste. **Correio***. 14/05/2022. Disponível em: <<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/desde-quando-a-bahia-e-nordeste/>> acesso em: 18/05/2022.

GALVÃO, Maria Cristiane Barbosa; RICARTE, Ivan Luiz Marques. **Revisão sistemática da literatura:** conceituação, produção e publicação. Logeion: Filosofia da Informação, [S. l.], v.

6, n. 1, p. 57–73, 2019. DOI: 10.21728/logeion.2019v6n1.p57-73. Disponível em: <https://revista.ibict.br/fiinf/article/view/4835> Acesso em: 17 jun. 2022.

GEERTZ, Clifford. **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

GERGEN, Kenneth J. Exploring the postmodern: Perils or potentials?. **American psychologist**, v. 49, n. 5, p. 412, 1994.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**; tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis, Vozes, 1983.

GOIKOETXEA, Itziar Gandarias; FERNÁNDEZ, Nagore García. Producciones narrativas: una propuesta metodológica para la investigación feminista. **Otras formas de (re) conocer**, p. 97, 2014.

GOMES, Emilly Sales Sala; LIMA, Mônica. Aspectos teórico-metodológicos e éticos na pesquisa qualitativa em psicologia social de base construcionista. **Quaderns de Psicologia**, v. 22, n. 3, p. e1640-e1640, 2020.

GOODMAN, Leo. Snowball Sampling. **Annals of Mathematical Statistics**, 32:148-170, 1961.

GRANJA, Edna Mirtes dos Santos. **Gênero, Masculinidades e Drogas**: trilhas, obstáculos e atalhos nos caminhos para a atenção integral aos homens jovens na saúde. 2015. 148 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Curso de Doutorado em Saúde da Mulher e da Criança, Instituição Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira, Rio de Janeiro, 2015.

GREEN, James. **Além do carnaval**: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX. 3ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2022.

GRINDR (2020) www.grindr.com Acesso em: 20 nov. 2020.

GROLLMUS, Nicolas Schongut. Perspectiva narrativa e investigación feminista: posibilidades y desafíos metodológicos. **Psicología, conocimiento y sociedad**, Montevideu, v. 5, n. 1, p. 110-148, maio/nov. 2015. Disponível em: <https://revista.psico.edu.uy/index.php/revpsicologia/article/view/233> Acesso em: 10 jun. 2024.

GROSSI, Miriam Pillar. Identidade de Gênero e Sexualidade. **Antropologia em Primeira Mão**. Florianópolis, v. 24, p. 1-18, 1998.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HAN, Byung-Chul. **No enxame**: Perspectivas do digital. Petrópolis: Editora Vozes, 2018.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n.5, p. 07-41, 1995.

HINE, Christine. **Virtual Ethnography**. London: Sage, 2000.

HONÓRIO, Maria das Dores. **Cachaceiro e raparigueiro, desmantelado e largadão!**: uma contribuição aos estudos sobre homens e masculinidades na região nordeste do Brasil. 2012.

187 f. Tese (doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2012.

IBÁÑEZ GRACIA, Tomás. El giro lingüístico. In: ÍÑIGUEZ-RUEDA, Lupicínio. **Análisis del discurso**: manual para las ciencias sociales. (Manuales; 15), p. 21-42, 2012.

ÍÑIGUEZ, Lupicínio. Nuevos debates, nuevas ideas y nuevas prácticas en la Psicología social de la era " post-construccionista". **Athenea Digital**. Revista de pensamiento e investigación social, n. 8, 2005.

ÍÑIGUEZ-RUEDA, Lupicínio; BRIGAGÃO, Jacqueline. Diálogo com Lupicínio Íñiguez-Rueda. In: CORDEIRO, Mariana Prioli et al. **Diálogos sobre Construcionismo Social**: Entrevistas com Kenneth Gergen, Lupicínio Íñiguez-Rueda, Mary Jane Spink e Tomás Ibáñez. Coleção: Estudos Avançados em Psicologia Social, v. 1. Curitiba: CRV; IPUSP, 2023.

JOHANSSON, Thomas. **The transformation of sexuality**: Gender and identity in contemporary youth culture. Routledge, 2016.

KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo. Cartografar é traçar um plano comum. **Fractal**: Revista de Psicologia, v. 25, p. 263-280, 2013.

KIMMEL, Michael S. Masculinidade como homofobia: medo, vergonha e silêncio na construção da identidade de gênero. **Revista Equatorial**, v. 3, n. 4, p. 97-124, 2016.

LIMA, Danillo Mota. **Nada contra, apenas não curto**: educações e construções do corpo afeminado no/pelo Scruff'. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2017.

LIMA, Mônica. Desenho, Reflexividade e Produção de Sentidos: uma proposta teórico-metodológica em Psicologia Social Pós-Construccionista. **New Trends in Qualitative Research**, v. 20, n. 3, p. e1084-e1084, 2024.

LOVELUCK, Benjamin. **Redes, liberdades e controle**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2018.

MARACCI, João Gabriel *et al.* Imagem, corpo e linguagem em usos do aplicativo Grindr. **Psicologia USP**, v. 30, 2019.

MARKHAM, Anette. Ethic as method, method as ethic. **Journal of Information Ethics**, vol. 15, n. 2, p. 37-54, 2006.

MARTÍNEZ-GUZMÁN, Antar; MONTENEGRO, Marisela. La producción de narrativas como herramienta de investigación y acción sobre el dispositivo de sexo/género: construyendo nuevos relatos. **Quaderns de Psicologia**, Barcelona v. 16, n. 1, p. 111-125, 2014.

MARTÍNEZ-GUZMÁN, Antar; MONTENEGRO, Marisela. Narrativas en torno al trastorno de identidad sexual: de la multiplicidad transgénero a la producción de trans-conocimientos. **Prisma Social**, Madri, n. 4, p. 1-44, jun. 2010.

MARTINS, Livia; KOYAMA, Natália; TV Globo; G1 SP. **Jovem é baleado e morre após marcar encontro por aplicativo de relacionamento gay em SP**. G1. 14/06/2024.

Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2024/06/14/jovem-e-baleado-e-morre-apos-marcar-encontro-por-aplicativo-gay-na-zona-sul-de-sp.ghtml> Acesso em: 25.07.2024

MASI, Domenico. **A Sociedade Pós Industrial**. São Paulo: Senac São Paulo, 2003.

MATTOS, Amana; CIDADE, Maria Luiza. Para pensar a cisheteronormatividade na psicologia: lições tomadas do transfeminismo. **Periódicus**, Salvador, n. 5, v. 1, maio-out.2016.

MCGRATH, Cormac; PALMGREN, Per J.; LILJEDAHN, Matilda. Twelve tips for conducting qualitative research interviews. **Medical teacher**, v. 41, n. 9, p. 1002-1006, 2019.

MEDEIROS, Ettore Stefani de. **Textos verbo-visuais de homens que se relacionam afetivo-sexualmente com homens**: te(n)sões entre masculinidades no aplicativo GRINDR. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2018.

MEDEIROS, Ettore Stefani. **Te(n)Sões entre Homens**: Homofobias e Preconceitos entre Masculinidades em Aplicativos de Encontro Gay. Editora Appris, 2022.

MEDRADO, Benedito *et al.* Literatura científica sobre gravidez na adolescência como dispositivo de produção de paternidades *In*: TONELI, Maria Juracy. *et al.* **O pai está esperando?** Políticas públicas de saúde para a gravidez na adolescência. Florianópolis: Mulheres; 2011.

MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. Entrevistas e outros textos: compartilhando estratégias de análise qualitativa. *In*: LANG, Charles E. L. et al (Org.). **Metodologias**: pesquisas em saúde, clínica e práticas psicológicas. 1ed. Maceió: EDUFAL, 2015, v. 1, p. 85-118.

MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. **Revista estudos feministas**, Florianópolis. 2008.

MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. Princípios ou simplesmente pontos de partida fundamentais para uma leitura feminista de gênero sobre os homens e as masculinidades. *In*: BLAY, Eva. **Feminismos e masculinidades**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014, v.1. p.55-74.

MELLO, Lúcio Pereira. **Os usos do território**: uma releitura de Milton Santos na era da midiaticização. *In*: INTERCOM – SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO, 45., 2022, João Pessoa. Anais... João Pessoa: UFPB, 2022. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2022/resumo/0720202217395662d8681c42c22.pdf>. Acesso em: 04 nov 2024.

MIAO, Weishan; CHAN, Lik Sam. Social constructivist account of the world's largest gay social app: Case study of Blued in China. **The Information Society**, v. 36, n. 4, p. 214-225, 2020.

MILES, Sam. Let's (not) go outside: Grindr, hybrid space, and digital queer neighborhoods. *In*: BITTERMAN, Alex; HESS, Daniel Baldwin. **The life and afterlife of gay neighborhoods**: Renaissance and resurgence. Springer Nature, 2021.

MILLER, Victor. **Vídeos registram aglomeração no Posto 9, em Ipanema, mesmo depois do pôr do sol.** Gay Blog Br. 30/12/2020. Disponível em: <https://gay.blog.br/noticias/videos-registram-aglomeracao-no-posto-9-em-ipanema-mesmo-depois-do-por-do-sol> Acesso em: 20/07/22.

MISKOLCI, Richard. “Discreto e fora do meio”: Notas sobre a visibilidade sexual contemporânea. **Cadernos Pagu**, 44:61-90, 2015.

MISKOLCI, Richard. **Desejos digitais**: Uma análise sociológica da busca por parceiros on-line. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

MISKOLCI, Richard. Machos e "Brothers": uma etnografia sobre o armário em relações homoeróticas masculinas criadas on-line. **Revista Estudos Feministas**, p. 301-324, 2013.

MISKOLCI, Richard. Novas conexões: notas teórico-metodológicas para pesquisas sobre o uso de mídias digitais. **Cronos: Revista da Pós Graduação em Ciências Sociais**, vol. 12, n. 2, UFRN, Natal, jul./dez., 2011, pp. 9-22.

MOL, Annemarie. **The body multiple: Ontology in medical practice.** Duke University Press, 2002.

MONTUORI, Alfonso. Literature Review As Creative Inquiry: Reframing Scholarship As a creative process. **Journal of Transformative Education**, v. 3, n. 4, p. 374–393, 2005.

MORELLI, Fábio. **Não existe amor em APP?** Pistas sobre o processo de subjetivação entre homens por meio de aplicativos voltados ao público gay. Dissertação (mestrado em Psicologia) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Assis, 2017.

MORELLI, Fábio; SOUZA, Leonardo Lemos. Entre regimes de (in) visibilidade: mídias rizomáticas e ciberativismos. **Verso e Reverso**, v. 30, n. 74, p. 135-146, 2016.

MOURA, Cleson Oliveira de et al. Percurso metodológico para alcance do grau de saturação na pesquisa qualitativa: teoria fundamentada. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 75, 2021.

MOUTINHO, Karina; CONTI, Luciane De. Análise narrativa, construção de sentidos e identidade. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 32, p. 1-8, 2016.

NASCIMENTO, Emerson Oliveira. Colonialidade, Modernidade e Decolonialidade: Da Naturalização da Guerra à Violência Sistêmica. **Intellèctus**, v. 20, n. 1, p. 54-73, 2021.

OLIVEIRA NETO, José Gomes de *et al.* **Aplicativos de encontros homoeróticos e masculinidades normativas.** In: DESFAZENDO GÊNERO, 4., 2019, Recife. Anais... Campina Grande: Realize, 2019.

OLIVEIRA NETO, José Gomes de. **“Onde há viado não há sossego, prefiro os machos”** : construindo sentidos sobre masculinidades e hetero(homo)normatividade junto a usuários de app de pegação. 111 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH, Recife, 2021.

OLIVEIRA, Thiago de Lima. **Engenharia erótica, arquitetura dos prazeres**: cartografias de pegação em João Pessoa, Paraíba. 180 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal da Paraíba, CCHLA, João Pessoa/Rio Tinto, 2016.

OLIVEIRA, Thiago de Lima; NASCIMENTO, Silvana de Souza. Corpo aberto, rua sem saída. Cartografia da pegação em João Pessoa. **Sexualidad, Salud y Sociedad**. v. 00, n. 19, pp. 44-66, 2015.

PADILHA, Felipe. **O segredo é a alma do negócio**: mídias digitais móveis e a gestão do desejo homoerótico entre homens na região de São Carlos. 120 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015.

PAULA, Luciane de. Círculo de Bakhtin: uma Análise Dialógica de Discurso. **Revista de Estudos da Linguagem**, [S. l.], v. 21, n. 1, p. 239–258, 2013.

PEIRANO, Mariza GS. A favor da etnografia. **Anuário antropológico**, v. 17, n. 1, p. 197-223, 1993.

PINHO, Osmundo. “Putaria”: masculinidade, negritude e desejo no pagode baiano. **Maguaré**, v. 29, n. 2, p. 209-238, 2015.

PORTO, Renan; MOLINA, Thomaz. **Morte em date via app gay**: usuários relatam emboscadas no mesmo bairro. Metrôpoles. 15/06/2024. Disponível em: <https://www.metropoles.com/sao-paulo/morte-em-date-via-app-gay-usuarios-relatam-emboscadas-no-mesmo-bairro> Acesso em: 25/07/2024

QUEIROZ, Artur Acelino Francisco Luz Nunes *et al.* Infecções sexualmente transmissíveis e fatores associados ao uso do preservativo em usuários de aplicativos de encontro no Brasil. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 32, n. 5, p. 546-553, 2019.

QUINALHA, Renan Honório. **Contra a moral e os bons costumes**: a ditadura e a repressão à comunidade LGBT. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. v. 1. 380p.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do poder**. São Paulo: Editora Ática, 1993.

RASERA, Emerson Fernando; JAPUR, Marisa. Os sentidos da construção social: o convite construcionista para a Psicologia. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 15, n. 30, p. 21-29, abr. 2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2005000100005> Disponível em: <https://www.scielo.br/j/paideia/a/hGPw8rKQXkBmJ6kqL9mg3qr/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 02 set. 2024.

REIS, Aparecido Francisco dos; FERRO, Angelo Luiz de; RODRIGUES, Felipe de Moraes. “GOSTO DE HOMEM COM JEITO DE HOMEM”: CONFIGURAÇÕES DO DESEJO, DA ATRAÇÃO E DA SEXUALIDADE NA BUSCA PELA MASCULINIDADE IDEAL. **RECIMA21-Revista Científica Multidisciplinar-ISSN 2675-6218**, v. 3, n. 2, p. e321192-e321192, 2022.

RIESSMAN, Catherine Kohler. Narrative Analysis. *In*: KELLY, N.; HORROCKS, C.; MILNES, K.; ROBERTS, B.; ROBINSON, D (Eds.), **Narrative, memory & everyday life**. Huddersfield, England: University of Huddersfield, 2005, p. 1-7.

ROCHA, Eduardo da Silva; OLIVEIRA, Maria Amalia Silva Alves de. Memória e algoritmo: notas sobre a manutenção da identidade e consciência coletiva no ciberespaço. **Diálogo**, n. 48, p. 1-7, 2021.

ROLNIK, Suely. Pensamento, corpo e devir: uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. **Cadernos de Subjetividade**, São Paulo, v.1, n. 2, p. 241-251, set./fev. 1993.

ROSENFELD, Michael J.; THOMAS, Reuben J.; HAUSEN, Sonia. Disintermediating your friends: How online dating in the United States displaces other ways of meeting. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, v. 116, n. 36, p. 17753-17758, 2019.

RUANI, Ruann Moutinho; JUNIOR, Dilton Ribeiro Couto; BRITO, Leandro Teofilo de. Sentidos de masculinidades dissidentes através do uso do emoji de berinjela no Grindr. **INTERthesis: Revista Internacional Interdisciplinar**, v. 18, n. 1, p. 1-20, 2021.

RUBIN, Gayle. El tráfico de mujeres: notas sobre la economía política del sexo. **Nueva Antropología**, Cidade do México, v. VIII, n. 30, p. 157-209, nov. 1986.

RUBIN, Gayle. Pensando sobre Sexo: Notas para uma teoria radical da política da sexualidade. **Cadernos Pagu**, Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu UNICAMP, nº. 21. pp. 01-88, 2003.

SANTOS, Danillo Bitencourt; SOUZA, Marcos Lopes. Quanto mais me sinto, mais vejo que sou flor e ave e estrela e universo: histórias de Tieta, uma travesti que se fez em trânsitos. **Revista Periódicus**, v. 1, n. 12, p. 245-256, 2019.

SANTOS, Diego Couto dos. “Mas e você, tá a fim de que?!”. **Encenando no Grindr e Hornet**: análise da sociabilidade masculina na rede dos aplicativos. 155 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica - RJ, 2018.

SANTOS, Milton. O retorno do território. *In*: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia; SILVEIRA, María Laura. **Território**: globalização e fragmentação. São Paulo: Hucitec, 1994.

SANTOS, Milton. **Natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Edusp, 2008.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2023.

SARAIVA, Luiz Alex Silva; SANTOS, Leonardo Tadeu dos; PEREIRA, Jefferson Rodrigues. Heteronormativity, Masculinity and Prejudice in Mobile Apps: The Case of Grindr in a Brazilian City. **BBR. Brazilian Business Review**. v. 17, n. 1, pp. 114-131, 2020.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil para a análise histórica. Recife: SOS Corpo, 1995.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A Epistemologia do Armário. *In*: **Cadernos Pagu**. Tradução de Plínio Dentzien. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, 2007.

SEIDLER, Victor. **Masculinidades**: culturas globales y vidas íntimas. Barcelona: Montesinos ensayos, 2006.

SENNETT, Richard. **A Corrosão do caráter**: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Trad. Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SHOTTER, John. Acknowledging unique others: Ethics, “expressive realism,” and social constructionism. **Journal of Constructivist Psychology**, v. 18, n. 2, p. 103-130, 2005.

SILVA, André Álisson Grigório; OLIVEIRA NETO, José Gomes de. **As mídias digitais como dispositivo de saída do armário de homens gays**: Uma revisão de literatura. *In*: V DESFAZENDO GÊNERO – V SEMINÁRIO INTERNACIONAL DESFAZENDO GÊNERO, Online, 2021. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/79208> Acesso em: 20/07/2021.

SILVA, Luís Augusto Vasconcelos da. A cibersexualidade e a pesquisa online: algumas reflexões sobre o conceito de barebacking. **Interface** – Comunicação, Saúde, Educação, v. 14, n.34, p.513-27, julho-setembro 2010.

SOUSA, Felipe. **Governo Lula fecha parceria com o Grindr para facilitar acesso a testes rápidos de HIV**. Site Pheeno. 02/12/2024. Disponível em: <https://pheeno.com.br/2024/12/governo-lula-fecha-parceria-com-o-grindr-para-facilitar-acesso-a-testes-rapidos-de-hiv/> Acesso em: 29/12/2024.

SOUSA, Rolf Ribeiro de. As representações do homem negro e suas consequências. **Forum Identidades**, v. 3, n. 6, p. 97-107, 2009.

SOUZA NETO, Epitácio Nunes. **Entre boys e frangos**: análise das performances de gênero dos homens que se prostituem em Recife. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

SOUZA, Marcelo Lopes. “Território” da divergência (e da confusão): em torno das imprecisas fronteiras de um conceito fundamental. *In*: SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, Eliseu Savério. (org.). **Territórios e territorialidades**: teorias, processos e conflitos. 2. ed. Rio de Janeiro: Consequência, 2015. p. 57-72.

SOUZA, Túlio Vinícius Andrade. **Atenção psicológica online para pessoas LGBT no contexto da pandemia de Covid-19**: narrativas com profissionais de psicologia. / Túlio Vinícius Andrade Souza. 2022. 135 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Recife, 2022.

SPINK, Mary Jane P.; MEDRADO, Benedito. Produção de sentido no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. *In*: SPINK, Mary Jane P. (Org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**: Aproximações teóricas e metodológicas. Rio de Janeiro. 2013.

SPINK, Mary Jane P.; MENEGON, Vera Mincoff A pesquisa como prática discursiva: superando os horrores metodológicos. *In*: SPINK, Mary Jane P. (Org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**: Aproximações teóricas e metodológicas. Rio de Janeiro. 2013.

SPINK, Mary Jane; CORDEIRO, Mariana Prioli. Diálogo com Mary Jane Spink. *In*: CORDEIRO, Mariana Prioli et al. **Diálogos sobre Construcionismo Social**: Entrevistas com Kenneth Gergen, Lupicinio Íñiguez-Rueda, Mary Jane Spink e Tomás Ibáñez. Coleção: Estudos Avançados em Psicologia Social, v. 1. Curitiba: CRV; IPUSP, 2023.

SPINK, Mary Jane; FREZZA, Rose Mary. Práticas discursivas e produção de sentido: A perspectiva da psicologia social. *In*: SPINK, Mary Jany P. (org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. São Paulo: Cortez, 2013. p. 22-41.

SPINK, Peter Kevin. Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista. **Revista Psicologia & Sociedade**. Porto Alegre, v. 15, n. 2, pp. 18-42, dez. 2003.

STACK, Daniel da Silva. **“Tudo começa na internet”?** Homossexualidades em contextos interioranos no Rio Grande do Sul. 2022. 194 f. Dissertação (mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, RS, 2022.

TEDESCO, Sílvia. As práticas do dizer e os processos de subjetivação. **Interação em Psicologia**, 10(2), p. 357-362, 2006.

TEIXEIRA, Marcelo Augusto de Almeida. “Metronormatividades” nativas: migrações homossexuais e espaços urbanos no Brasil. **Áskesis-Revista des discentes do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar**, v. 4, n. 1, p. 23-23, 2015.

TRINDADE, Flávia Miranda Oliveira; RASERA, Emerson Fernando. Considerações sobre uma ética relacional. **Psico**, v. 44, n. 1, 2013.

UNIÃO INTERNACIONAL DE TELECOMUNICAÇÕES. **Relatório sobre o estado da conectividade global**. Genebra: UIT, 2023. Disponível em: <https://www.itu.int/en/ITU-D/Statistics/Pages/stat/default.aspx> Acesso em: 18 set. 2024.

VASCONCELOS, Cláudia Pereira. **Ser-Tão Baiano: o lugar da sertanidade na configuração da Identidade Baiana**. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade). Salvador: UFBA, 2007.

VASCONCELOS, Mário Fellipe Fernandes Vieira. **“Direto ao ponto”**: uma análise das buscas por parceiros no Grindr e no Scruff no contexto do neoliberalismo. 2023. 197 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-graduação em Sociologia, Fortaleza, 2023.

VELASCO, Honório Maillo; DÍAZ DE RADA, Ángel Díaz. **La lógica de la investigación etnográfica: um modelo de trabajo para etnógrafos de la escuela**. Madrid: Trotta, 2006.

VIANA, Normando José Queiroz Viana. **É tudo psicológico/dinheiro/pruuu e fica logo duro!** : desejo, excitação e prazer entre boys de programa com práticas homossexuais em Recife. 2010. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

VIANA, Normando José Queiroz. **É tudo psicológico/dinheiro/pruuu e fica logo duro!**: desejo, excitação e prazer entre boys de programa com práticas homossexuais em Recife. 2010. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

VISSER, Gustav. Challenging the gay ghetto in South Africa: Time to move on?. **Geoforum**, v. 49, p. 268-274, 2013.

WALKER, Sharon. Literature Reviews: Generative and Transformative Textual Conversations. **Forum Qualitative Sozialforschung/Forum: Qualitative Social Research**, v. 16, n. 3, 2015.

WU, Shangwei; WARD, Janelle. The mediation of gay men's lives: A review on gay dating app studies. **Sociology Compass**, v. 12, n. 2, p. e12560, 2018.

YAMADA, Vinícius. **Buscas por “Como saber se sou gay” teve alta de 30% no Google.** Gay Blog Br. 20/06/2022. Disponível em: <https://gay.blog.br/noticias/buscas-por-como-saber-se-sou-gay-teve-alta-de-30-no-google/> Acesso em: 20/07/2022.

APÊNDICE A – LISTA DE PUBLICAÇÃO SELECIONADA NA REVISÃO DE LITERATURA

ARTIGO CIENTÍFICO

BRILHANTE, Aline Veras Moraes *et al.* Construção do estereótipo do “macho nordestino” nas letras de forró no Nordeste brasileiro. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**. v. 22, n. 64. pp. 13-28, 2018.

CHRIST, Adriel Giordani; HENNIGEN, Inês. Apenas um perfil no Grindr? Montando um corpo marcado. **Sexualidad, Salud y Sociedad**. Rio de Janeiro, n. 38, 2022.

FERREIRA, João Paulo; MISKOLCI, Richard. O desejo homossexual após a AIDS: uma análise sobre os critérios acionados por homens na busca por parceiros do mesmo sexo. **Ciência & Saúde Coletiva**. v. 25, n. 3, pp. 999-1010, 2020.

MARACCI, João Gabriel *et al.* Imagem, corpo e linguagem em usos do aplicativo Grindr. **Psicologia USP**, v. 30, 2019.

OLIVEIRA, Thiago de Lima; NASCIMENTO, Silvana de Souza. Corpo aberto, rua sem saída. Cartografia da pegação em João Pessoa. **Sexualidad, Salud y Sociedad**. v. 00, n. 19, pp. 44-66, 2015.

PINHO, Osmundo. “Putaria”: masculinidade, negritude e desejo no pagode baiano. **Maguaré**, v. 29, n. 2, p. 209-238, 2015.

QUEIROZ, Artur Acelino Francisco Luz Nunes *et al.* Infecções sexualmente transmissíveis e fatores associados ao uso do preservativo em usuários de aplicativos de encontro no Brasil. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 32, n. 5, p. 546-553, 2019.

REIS, Aparecido Francisco dos; FERRO, Angelo Luiz de; RODRIGUES, Felipe de Moraes. “GOSTO DE HOMEM COM JEITO DE HOMEM”: CONFIGURAÇÕES DO DESEJO, DA ATRAÇÃO E DA SEXUALIDADE NA BUSCA PELA MASCULINIDADE IDEAL. **RECIMA21-Revista Científica Multidisciplinar-ISSN 2675-6218**, v. 3, n. 2, p. e321192-e321192, 2022.

RUANI, Ruann Moutinho; JUNIOR, Dilton Ribeiro Couto; DE BRITO, Leandro Teofilo. Sentidos de masculinidades dissidentes através do uso do emoji de berinjela no Grindr. **INTERthesis: Revista Internacional Interdisciplinar**, v. 18, n. 1, p. 1-20, 2021.

SARAIVA, Luiz Alex Silva; SANTOS, Leonardo Tadeu dos; PEREIRA, Jefferson Rodrigues. Heteronormativity, Masculinity and Prejudice in Mobile Apps: The Case of Grindr in a Brazilian City. **BBR. Brazilian Business Review**. v. 17, n. 1, pp. 114-131, 2020.

SILVA, André Álisson Grigório; OLIVEIRA NETO, José Gomes de. **As mídias digitais como dispositivo de saída do armário de homens gays: Uma revisão de literatura**. In: V DESFAZENDO GÊNERO – V SEMINÁRIO INTERNACIONAL DESFAZENDO GÊNERO, Online, 2021. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/79208> Acesso em: 20/07/2021.

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

ALCANTARA, João André da Silva. **As (des)construções do macho nordestino em videoclipes**: um estudo das performances de Daniel Peixoto e Johnny Hooker. 116f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação. Recife, 2017.

ALENCAR, Venan Lucas de Oliveira. **Aplicativos de Encontros Gays**: traços identitários de seus usuários em Belo Horizonte. 130 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2017.

ALVES, Jorge Luiz da Silva. **Meditações antinormativas**: neoliberalismo, homonormatividade, grindr, tinder e a gestão da diversidade (2019-2021). 2023. 175 f. Dissertação (mestrado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2023.

BAYDOUN, Mahamoud. **“Não sou nem curto afeminados”**: reflexões viadas sobre a masculinidade hegemônica e a efeminofobia no Grindr. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Rondônia. Porto Velho, 2017.

CHRIST, Adriel Giordani. **Grindr e processos de subjetivação**: uma deriva cartográfica pela produção de corpos. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

COSTA NETO, Francisco Sales da. **Banheiros Públicos**: Os bastidores das práticas sexuais. 125 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional; Cultura e Representações) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.

LIMA, Danillo Mota. **Nada contra, apenas não curto**: educações e construções do corpo afeminado no/pelo Scruff. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2017.

MEDEIROS, Ettore Stefani de. **Textos verbo-visuais de homens que se relacionam afetivo-sexualmente com homens**: te(n)sões entre masculinidades no aplicativo GRINDR. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2018.

MORELLI, Fábio. **Não existe amor em APP? Pistas sobre o processo de subjetivação entre homens por meio de aplicativos voltados ao público gay**. Dissertação (mestrado em Psicologia) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Assis, 2017.

OLIVEIRA, Thiago de Lima. **Engenharia erótica, arquitetura dos prazeres**: cartografias de pegação em João Pessoa, Paraíba. 180 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal da Paraíba, CCHLA, João Pessoa/Rio Tinto, 2016.

OLIVEIRA NETO, José Gomes de. **“Onde há viado não há sossego, prefiro os machos”** : construindo sentidos sobre masculinidades e hetero(homo)normatividade junto a usuários de app de pegação. 111 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH, Recife, 2021.

PADILHA, Felipe. **O segredo é a alma do negócio**: mídias digitais móveis e a gestão do desejo homoerótico entre homens na região de São Carlos. 120 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015.

SANTOS, Diego Couto dos. **“Mas e você, tá a fim de que?!”**. Encenando no Grindr e Hornet: análise da sociabilidade masculina na rede dos aplicativos. 155 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica - RJ, 2018.

SOUZA NETO, Epitácio Nunes. **Entre boys e frangos**: análise das performances de gênero dos homens que se prostituem em Recife. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

STACK, Daniel da Silva. **“Tudo começa na internet”? Homossexualidades em contextos interioranos no Rio Grande do Sul**. 2022. 194 f. Dissertação (mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Santa Maria - RS, 2022.

VIANA, Normando José Queiroz Viana. **É tudo psicológico/dinheiro/pruuu e fica logo duro!** : desejo, excitação e prazer entre boys de programa com práticas homossexuais em Recife. 2010. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

TESE DE DOUTORADO

BASTOS, Gustavo Grandini. **Os sujeitos-gays nas tramas da(s) rede(s)**: o discurso sobre os aplicativos de relacionamento. (Tese de Doutorado). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto. 2018.

HONÓRIO, Maria das Dores. **Cachaceiro e raparigueiro, desmantelado e largadão!**: uma contribuição aos estudos sobre homens e masculinidades na região nordeste do Brasil. 2012. 187 f. Tese (doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2012.

VASCONCELOS, Mário Fellipe Fernandes Vieira. **“Direto ao ponto”**: uma análise das buscas por parceiros no Grindr e no Scruff no contexto do neoliberalismo. 2023. 197 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-graduação em Sociologia, Fortaleza, 2023.

REPORTAGENS E POSTAGENS

ASSIS, Joanna de. **Pelo direito de ser quem é**: Richarlyson declara bissexualidade em podcast inédito sobre homofobia no futebol. Globo Esporte. 24/06/2022. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/noticia/2022/06/24/pelo-direito-de-ser-quem-e.ghtml> Acesso em: 20/07/2022.

G1. **Variola dos macacos**: OMS aconselha homens que fazem sexo com homens a 'no momento, reduzir o número de parceiros'. 27/07/2022. <https://g1.globo.com/saude/noticia/2022/07/27/homens-sexo-homens-oms-variola-macacos.ghtml> Acesso em: 28/07/2022.

MARTINS, Livia; KOYAMA, Natália; TV Globo; G1 SP. **Jovem é baleado e morre após marcar encontro por aplicativo de relacionamento gay em SP**. G1. 14/06/2024. <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2024/06/14/jovem-e-baleado-e-morre-apos-marc-ar-encontro-por-aplicativo-gay-na-zona-sul-de-sp.ghtml>> Acesso em: 25.07.2024

MILLER, Victor. **Vídeos registram aglomeração no Posto 9, em Ipanema, mesmo depois do pôr do sol.** Gay Blog Br. 30/12/2020. Disponível em: <https://gay.blog.br/noticias/videos-registram-aglomeracao-no-posto-9-em-ipanema-mesmo-depois-do-por-do-sol> Acesso em: 20/07/22.

PORTO, Renan; MOLINA, Thomaz. **Morte em date via app gay: usuários relatam emboscadas no mesmo bairro.** Metrôpoles. 15/06/2024. Disponível em: <https://www.metropoles.com/sao-paulo/morte-em-date-via-app-gay-usuarios-relatam-emboscadas-no-mesmo-bairro> Acesso em: 25/07/2024.

SOUSA, Felipe. **Governo Lula fecha parceria com o Grindr para facilitar acesso a testes rápidos de HIV.** Site Pheeno. 02/12/2024. Disponível em: <https://pheeno.com.br/2024/12/governo-lula-fecha-parceria-com-o-grindr-para-facilitar-acesso-a-testes-rapidos-de-hiv/> Acesso em: 29/12/2024.

YAMADA, Vinícius. **Buscas por “Como saber se sou gay” teve alta de 30% no Google.** Gay Blog Br. 20/06/2022. Disponível em: <https://gay.blog.br/noticias/buscas-por-como-saber-se-sou-gay-teve-alta-de-30-no-google/> Acesso em: 20/07/2022.

LIVRO

BARRETO, Victor Hugo de Souza. **Festas de orgias para homens: territórios de intensidade e socialidade masculina.** Salvador: Editora Devires, 2017.

MEDEIROS, Ettore Stefani. **Te(n)Sões entre Homens: Homofobias e Preconceitos entre Masculinidades em Aplicativos de Encontro Gay.** Editora Appris, 2022.

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

1º Bloco – Antes de iniciarmos nossa conversa seria importante uma breve apresentação:

Nome

Idade

Local onde mora

Como se define em relação à identidade de gênero?

Como se define em relação à identificação étnica/raça?

Como se define em relação à orientação sexual?

Qual grau de escolaridade?

Atualmente trabalha com quê?

2º Bloco – agora iniciaremos um momento com questões mais específicas para aprofundar mais sobre o uso do *app* e as noções de masculinidades e sexualidade difundida nas interações

Quando começou a usar o *app*? Você geralmente usa para qual fim? Você acredita que tenha como usá-lo para outras funções além da pegação?

Me conta uma história sobre algum encontro que não deu certo?

Houve alguém que você se sentiu muito atraído, mas não rolou? O que acabou impedindo?

Quais critérios você utiliza para escolher alguém para ficar?

Existe algum tipo de perfil/usuário que você ignora ou não mantém nenhum tipo de contato?

Me conta uma história sobre um encontro que surpreendentemente deu certo? Alguém que você jurou que não seria nada demais, mas foi muito bom?! O que houve que fez com que você curtisse tanto?

Em relação aos perfis, o que você acredita que mais se destaca no seu perfil? Quais característica você decidiu colocar em destaque? De modo mais geral, essa é uma característica que sobressai em você ou escolheu por acreditar ser a mais atraente?

Você manda nudes? Qual a função da nudes nesses momentos de flerte? Há dicas de como compor uma nudes legal? Você utiliza alguma estratégia na hora de tirar nudes?

Quais as maiores frustrações que já rolaram em encontros?

Existe alguma estratégia para se prevenir de encontros ruins?

Já utilizou o *app* em outro lugar? Quais? Percebe alguma diferença nos perfis daqui de Itabuna?

Qual tipo de perfil é mais comum encontrar aqui?

Se você pudesse aconselhar alguém que chegou hoje na cidade e baixou o *app*, o que diria?

Quais características essa pessoa precisaria ter ou dizer ter para se dar bem aqui?